

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DAS SOCIEDADES IBÉRICAS E AMERICANAS

DANIEL WAISMAN IGOR

ENTRE O DÓLAR E A CRUZ: A DOCTRINA SOCIAL CATÓLICA NOS EUA NO CONTEXTO
DO NEW DEAL A PARTIR DAS IDEIAS DO PADRE JOHN RYAN E DA REVISTA CATÓLICA
COMMONWEAL

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

DANIEL WAISMAN IGOR

**ENTRE O DÓLAR E A CRUZ: A DOCTRINA SOCIAL CATÓLICA NOS EUA NO
CONTEXTO DO NEW DEAL A PARTIR DAS IDEIAS DO PADRE JOHN RYAN E DA
REVISTA CATÓLICA COMMONWEAL**

Dissertação apresentada como
requisito para a obtenção do grau de
Mestre em História pelo Programa de
Pós-Graduação em História da Escola
de Humanidades da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Área de Concentração: História
das Sociedades Ibéricas e Americanas

Orientador: Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu

Porto Alegre

2024

Ficha Catalográfica

I24e Igor, Daniel Waisman

Entre o dólar e a cruz : A doutrina social católica nos EUA no contexto do New Deal a partir das ideias do padre John Ryan e da revista católica Commonweal / Daniel Waisman Igor. – 2024.

228.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu.

1. História e imprensa. 2. New Deal. 3. Doutrina Social Católica. 4. Commonweal. 5. John A. Ryan. I. Abreu, Luciano Aronne de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

DANIEL WAISMAN IGOR

ENTRE O DÓLAR E A CRUZ:

A DOCTRINA SOCIAL CATÓLICA NOS EUA NO CONTEXTO DO NEW DEAL A
PARTIR DAS IDEIAS DO PADRE JOHN RYAN E DA REVISTA CATÓLICA
COMMONWEAL

Dissertação apresentada como
requisito para a obtenção do grau de
Mestre em História pelo Programa de
Pós-Graduação em História da Escola
de Humanidades da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Área de Concentração: História
das Sociedades Ibéricas e Americanas

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu - PUCRS

Prof. Dr. Bryan McCann – Georgetown University

Profa. Dra. Nathália Henrich – CUA

AGRADECIMENTOS

Em março de 2020, no primeiro dia de aula, um professor substitui a professora do primeiro período, que não pôde comparecer. Antes de começar a ler o cronograma da disciplina, este professor colocou seu e-mail no quadro e disse que, caso alguém desejasse ser bolsista de iniciação científica em seu projeto sobre Portugal, poderia enviar um e-mail manifestando interesse.

Eu queria muito pesquisar sobre História e Política dos Estados Unidos, este sendo um grande interesse meu já desde antes de entrar no curso de História da Escola de Humanidades da Pucrs. Porém, pensei que seria uma oportunidade interessante começar pesquisando sobre Portugal, então decidi enviar.

Alguns dias depois, estávamos todos em casa em Lockdown. A pandemia da Covid-19 havia começado, fazendo as aulas e as pesquisas, depois de um período de adaptação, serem realizadas virtualmente pelo Zoom. Foi neste contexto que recebi um e-mail sobre a pesquisa de Portugal, e depois de alguns dias já estava pesquisando sobre este assunto.

Esta pesquisa estava inserida dentro de um projeto maior, o que eu não sabia até aquele momento, chamado “Autoritarismo e corporativismo em perspectiva comparada”. Na primeira reunião do grupo de pesquisa, eis que descubro que, dentro deste projeto, havia também um núcleo que pesquisava justamente sobre EUA. Quando ouvi isso, sabia que iria querer com certeza ir para este núcleo. Porém, como havia a recém entrado no grupo, decidi primeiramente continuar pesquisando sobre Portugal. Depois de um primeiro momento, perguntei para o professor coordenado do grupo, o Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu (PUCRS), se eu poderia pesquisar, junto com a pesquisa de Portugal, sobre os EUA. Ele prontamente respondeu que sim, que ficariam muito felizes em me ter no Núcleo de Pesquisa sobre os EUA.

Foi assim que esta pesquisa começou. Fui inicialmente bolsista de iniciação científica durante alguns anos, realizei meu TCC sobre este assunto, fiz o projeto de pesquisa para o Mestrado, a seleção, e agora entrego esta dissertação dentro de um assunto que gosto muito. Pesquisar sobre temas como história, política, religião, sociedade, economia, entre outros, dentro do contexto norte-americano, está sendo muito prazeroso. Espero poder continuar, ao longo da minha carreira acadêmica,

pesquisando sobre assuntos que tanto me interessam, com pessoas e em lugares os quais gosto muito.

Então, gostaria de agradecer ao professor Luciano, por ter me aceitado tão prontamente no Núcleo de Pesquisa sobre os EUA, me guiar dentro da carreira acadêmica, mostrando sempre os caminhos certos a serem perseguidos. Sempre aprendo muito contigo, e desejo que assim continue sendo. Muito obrigado, professor.

Quero agradecer também aos professores e doutores Luís Rosenfield (PUCRS), também presente nas reuniões do núcleo de EUA, Nathália Henrich (CUA) e Bryan McCann (Georgetown), por sempre mostrarem interesse e acompanharem meu trabalho, e à Daniela Petró Maria (PUCRS), por todos os auxílios sobre questões administrativas, tornando sempre a experiência do mestrado mais fácil e prazerosa. Gostaria de agradecer também ao Prof. Dr. Helder Volmar Gordim da Silveira, pelas maravilhosas aulas sobre EUA e pelo livro com o qual me presenteou (MCGERR, 2003), muito presente ao longo deste trabalho.

Um forte muito obrigado à minha família, a qual eu amo muito, por sempre me amar e apoiar, e aos meus amigos, os quais proporcionam sempre momentos de leveza, descontração e diversão entre as datas das entregas acadêmicas. Amo muito todos e todas vocês.

Agradeço também a todas as outras pessoas que contribuíram de alguma forma nesta pesquisa e em minha jornada. Vocês sabem quem são.

All are agreed that, as the President expresses it, the United States should be kept “God’s country,” but there is a decided difference of opinion as to what kind of country God would have it.¹ (MURPHY, 1934, p. 379)

¹ Tradução do autor: Todos estão de acordo que, como o presidente expressa, os Estados Unidos devem continuar sendo um “país de Deus”, mas há uma grande diferença de opinião sobre qual tipo de país Deus deseja que este seja.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre o debate católico referente a questão social nos EUA no contexto da Grande Depressão (1929-1934), tendo por referência o periódico católico *Commonweal*. Seu objetivo consiste em identificar e analisar as principais questões discutidas pelos intelectuais católicos a respeito da chamada questão social nos EUA no contexto da Grande Depressão, as soluções por eles propostas e o papel do Estado na sua superação. A investigação dos editoriais e das colunas de opinião do principal periódico católico daquele período permite compreender melhor esse debate e entender a participação da Igreja, revelando também divergência de opiniões existentes. Em termos metodológicos, vamos nos utilizar ao longo deste estudo da análise textual discursiva, ou análise de conteúdo, com as cinco etapas propostas por Moraes (1999). Para ele, a primeira etapa seria a preparação das informações, seguida da Unitarização, Categorização, Descrição e, pôr fim, a Interpretação. Os editoriais e as colunas de opinião escolhidas para análise estarão separados em três categoriais, sendo elas “Política”, “Economia” e “Questão Social”.

Palavras-chave: História e imprensa. New Deal. Franklin Roosevelt. *Commonweal*. John A. Ryan. Doutrina Social Católica.

ABSTRACT

The present work is a study of the Catholic debate regarding social issues in the USA in the context of the Great Depression (1929-1934), taking as reference the Catholic periodical *Commonweal*. Its objective is to identify and analyze the main issues discussed by Catholic intellectuals regarding the so-called social issue in the USA in the context of the Great Depression, the solutions they proposed and the role of the State in overcoming it. The investigation of the editorials and opinion columns of the main Catholic periodical of that period allows us to better understand this debate and understand the participation of the Church, also revealing divergences in existing opinions. In methodological terms, throughout this study we will use discursive textual analysis, or content analysis, with the five stages proposed by Moraes (1999). For him, the first stage would be the preparation of information, followed by Unitarization, Categorization, Description and, finally, Interpretation. The editorials and opinion columns chosen for analysis will be separated into three categories, namely "Politics", "Economy" and "Social Issues".

Keywords: History and press. New Deal. Franklin Roosevelt. *Commonweal*. John A. Ryan. Catholic Social Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A QUESTÃO SOCIAL NOS ESTADOS UNIDOS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	18
1.1.1 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INDUSTRIAL DOS EUA EM TEMPOS DE LIBERALISMO E A CRISE DE 1929.....	19
1.1.2 NOVA ORDEM SOCIAL E ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES COMO RESPOSTA À CRISE SOCIAL.....	27
1.2 NEW DEAL COMO RESPOSTA ÀS CRISES ECONÔMICA E SOCIAL	
2 O DEBATE CATÓLICO NOS ESTADOS UNIDOS	64
2.1 A RECATOLIZAÇÃO AO REDOR DO MUNDO E A IGREJA NA POLÍTICA	65
2.2 O CATOLICISMO E A RECATOLIZAÇÃO NOS EUA	75
2.3 O DEBATE DENTRO DOS PERIÓDICOS CATÓLICOS	86
3 A DOCTRINA SOCIAL CATÓLICA NOS EUA ANALISADA NOS EDITORIAIS DA REVISTA COMMONWEAL	101
3.1 POLÍTICA	103
3.1.1 A RELIGIÃO CATÓLICA E SEUS PRINCÍPIOS NA POLÍTICA AMERICANA.....	103
3.1.2 ELEIÇÕES, GOVERNO ROOSEVELT E A POLÍTICA PARTIDÁRIA...	106
3.1.3 OS MECANISMOS POLÍTICOS DO NEW DEAL E SUA CONSTITUCIONALIDADE	113
3.2 ECONOMIA	119
3.2.1 DESEMPREGO: CAUSAS E SOLUÇÕES PROPOSTAS	119
3.2.2 A APLICAÇÃO DAS ENCÍCLICAS NA ECONOMIA AMERICANA	123
3.2.3 A GRANDE DEPRESSÃO ECONÔMICA E OS NOVOS PROGRAMAS DO NEW DEAL	133
3.3 QUESTÃO SOCIAL	138
3.3.1 O CORPORATIVISMO CATÓLICO COMO SOLUÇÃO PARA A QUESTÃO SOCIAL E PARA A RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES	139
3.3.2 AÇÃO SOCIAL CATÓLICA	148

4	A DOUTRINA SOCIAL CATÓLICA NOS EUA ANALISADA NAS COLUNAS DE OPINIÃO DA REVISTA COMMONWEAL	156
4.1	POLÍTICA	156
4.1.1	A RELIGIÃO CATÓLICA E SEUS PRINCÍPIOS NA POLÍTICA AMERICANA.....	155
4.1.2	ELEIÇÕES, GOVERNO ROOSEVELT E A POLÍTICA PARTIDÁRIA...	158
4.1.3	OS MECANISMOS POLÍTICOS DO NEW DEAL E SUA CONSTITUCIONALIDADE	160
4.2	ECONOMIA	166
4.2.1	DESEMPREGO: CAUSAS E SOLUÇÕES PROPOSTAS	166
4.2.2	A APLICAÇÃO DAS ENCÍCLICAS NA ECONOMIA AMERICANA	179
4.2.3	AS CAUSAS DA GRANDE DEPRESSÃO ECONÔMICA E OS NOVOS PROGRAMAS DO NEW DEAL	186
4.3	QUESTÃO SOCIAL	195
4.3.1	O CORPORATIVISMO CATÓLICO COMO SOLUÇÃO PARA A QUESTÃO SOCIAL E PARA A RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES	196
4.3.2	AÇÃO SOCIAL CATÓLICA	207
5		218
6	REFERÊNCIAS.....	222

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o debate católico sobre a questão social nos EUA no contexto da Grande Depressão (1929-1934), tendo por referência o periódico católico *Commonweal*. Inicialmente, o plano era analisar também os jornais católicos *Social Justice*, de extrema-direita, e o *The Catholic Worker*, de extrema-esquerda. Porém, ao constatar a riqueza de opiniões presentes na *Commonweal*, decidi me debruçar somente neste ao longo desta pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho é identificar e analisar as principais questões discutidas pelos intelectuais católicos a respeito da chamada questão social nos EUA no contexto da Grande Depressão, as soluções por eles propostas e o papel do Estado na sua superação. Já os específicos envolvem descrever as características do periódico *Commonweal*, o perfil das suas publicações e dos autores por eles publicados, bem como a frequência de suas contribuições. São também objetivos específicos identificar as principais questões discutidas no periódico sobre a chamada questão social e comparar as possíveis convergências e/ou divergências de abordagem entre os autores, e entre esses e a opinião da revista contida em seus editoriais. Pretendo identificar as soluções propostas pela *Commonweal* para a chamada questão social, bem como o papel do Estado atribuído para sua solução e comparar as possíveis convergências e/ou divergências de posições.

No contexto de grandes transformações e desenvolvimento o qual está focado este trabalho, percebe-se também grande insegurança social, exploração do trabalho, conflitos, e, como consequência, grande debate a respeito de possíveis soluções e alternativas para essas questões. É nesse sentido que entra este trabalho. O que me proponho a discutir aqui, e por isso sua relevância, é justamente discutir e compreender melhor esse debate.

Dentro deste contexto, os debates foram muito amplos, variados, e envolviam diferentes setores mais progressistas, mais conservadores, a Igreja, os socialistas, entre outros. Temos uma historiografia que já nos aponta sobre as grandes transformações que ocorreram naquele contexto, os problemas trabalhistas decorrentes disso, as ações desenvolvidas pelo Estado com o New Deal, entre outros.

Sobre a participação da Igreja neste debate temos poucos estudos. São ainda pouco estudados os debates católicos, sendo que a Igreja nesse período teve um

papel fundamental e estava muito presente.

Justamente sobre esse debate, e mais especificamente sobre o importante papel da Igreja apontado pela historiografia, a historiografia não analisa em detalhes, não aprofunda sobre as divergências de opiniões e soluções que existiam dentro deles. Ainda que a historiografia nos mostre importantes características do papel da Igreja Católica e de intelectuais católicos naquele contexto, não havia um consenso sobre as soluções propostas. Não era um debate simples, gerava grandes discordâncias, conflitos, soluções. É justamente aí que este trabalho pretende avançar, se propondo a discutir esta divergência de opiniões.

Ao se dedicar especificamente ao estudo do debate católico e das soluções propostas por esses intelectuais, o presente trabalho vai representar um avanço na historiografia e contribuir para um melhor entendimento sobre este período e sobre este tema. Portanto, se a historiografia avança em várias questões, mas não avança nestas outras, é aqui que entra meu trabalho, se propondo a contribuir justamente neste ponto pouco explorado por ela.

O periódico selecionado mostra uma variedade de visões sobre os acontecimentos da época, possuindo diferentes opiniões em suas colunas sobre a questão social e sobre a Doutrina Social Católica. É, portanto, uma ótima fonte para conseguir atingir o objetivo geral e os específicos propostos. Sobre a justificativa temporal, escolhi analisar entre 1929 e 1934 pois este foi um momento na história norte-americana em que os debates sobre a questão social estavam particularmente intensos, pois, além das mudanças que ocorriam na sociedade americana, ocorreu a crise iniciada em 1929 e, posteriormente, às medidas tomadas por Roosevelt para tentar aliviar as consequências da Grande Depressão, que compunham o New Deal, o que tornavam os debates ainda mais intensos.

É importante destacar a importância da pesquisa em periódicos e suas características, o que a historiografia afirma sobre a pesquisa em periódicos e alguns cuidados metodológicos que devemos ter. Isto porque, neste trabalho, o periódico é fonte e objeto. Portanto, torna-se fundamental trazer aqui questões que conceitualmente e metodologicamente precisam ser observadas para este trabalho. Para atingir os objetivos propostos para esta pesquisa, irei realizar uma análise em periódicos. Os periódicos são importantes objetos de estudo pois, como afirma Barbosa (2007), eles eram, durante o período que este estudo tem como objetivo estudar, o centro principal de toda informação e divulgação, e um dos veículos de

comunicação mais importantes. Esta autora afirma também que os jornais possuem grande capacidade de intervenção social.

Porém, mesmo com esta importância, de acordo com Luca (2005) os historiadores viam os periódicos com certa desconfiança até a década de 70. O motivo seria, de acordo com a autora, que consideravam os periódicos registros fragmentários do presente, elaborados por interesses específicos. Ela afirma que a imprensa era considerada altamente subjetiva, por isso não era utilizada como fonte de pesquisa, além de estar conectada aos interesses de grupos políticos específicos. Luca (2005) diz que atualmente a situação está diferente. Ela afirma que, devido ao fato de os historiadores atuais considerarem não existir nenhum documento imparcial, estes consideram que os periódicos podem contribuir com a pesquisa histórica, tendo se tornado uma fonte cada vez mais utilizada em pesquisa. A autora ressalta que os periódicos devem ser lidos de maneira crítica, assim como qualquer outra fonte histórica. Alguns dos métodos sugeridos por Luca (2005) para realizar uma análise em periódicos serão utilizados nesta pesquisa, como por exemplo identificar os responsáveis pela linha editorial, os poderes e interesses financeiros que podem estar nos bastidores influenciando cada periódico, a escolha por determinadas notícias e a exclusão de outras, e compreender a função social de cada periódico.

Para Bezerril (2001), a história começou a utilizar os jornais para pesquisas no final do século XX. Ela diz que “Além de se constituírem em fontes riquíssimas para o pesquisador, os jornais também podem ser vislumbrados como agentes da própria história” (BEZERRIL, 2001, p.6). Para isso, é necessário rigor na pesquisa e tentar entender a conjuntura social e histórica do periódico pesquisado. A autora também afirma que usar periódicos como objeto de pesquisa pode ajudar a entender manifestações ideológicas, comportamentos sociais e práticas culturais.

Dito isso, é importante também definirmos o que se entendia na época por questão social, considerando-se como referência o que se entendia na época. Para Barzotto (2017) a questão social naquela época era “os problemas emergentes da classe trabalhadora” (BARZOTTO, 2017, p.35). Mas, Wanderley (2011) lembra-nos de que uma questão se torna uma questão social apenas “quando é percebido e assumido por um setor da sociedade que tenta por algum meio equacioná-lo, torná-lo público, transformá-lo em demanda política, o que implica em tensões e conflitos.” A Igreja Católica, na época em questão, foi um dos setores que realizou isto que Wanderley (2011) afirma, e por ser parte fundamental do entendimento deste trabalho,

é necessário considerar aqui como a Igreja Católica pensava a questão social. Ela define seu pensamento na seguinte frase da Encíclica Rerum Novarum:

[. . .] os processos incessantes da indústria, os novos caminhos em que entram as artes, a alteração das relações entre os operários e os patrões, a afluência da riqueza nas mãos de um pequeno número do lado da indigência da multidão, a opinião enfim mais avantajada que os operários formam a si mesmos e a sua união mais compacta, tudo isso sem falar na corrupção dos costumes deu em resultado final um terrível conflito.

A Igreja, mostrando como pensava a relação entre concentração de riqueza e de poder na mão de poucos com a questão social afirma, também na Rerum Novarum, que

[. . .] a usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância e de insaciável ambição. A tudo isso deve-se acrescentar o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito que se tornaram o quinhão de um pequeno número de ricos e opulentos, que impõem, assim, um jugo quase servil à imensa multidão de proletários.

É nesses termos que vamos entender questão social aqui e buscar identificar as questões discutidas pelos intelectuais católicos no contexto da Grande Depressão. Para isso, deve-se também definir o que se entende aqui por intelectual católico. Para isso, iremos utilizar a definição de intelectual católica proposta por Moura (2018). Este autor inclui no grupo de intelectuais católicos tanto religiosos quanto leigos. Para ele, o que define um intelectual católico seria estar dentro da estrutura da Igreja e basear suas propostas na tradição e no conservadorismo. Ao descrever um intelectual católico, ele afirma que “Observamos o intelectual católico como um indivíduo militante dos projetos e instituições confessionais, comprometidos com as ações políticas e sociais da Igreja romana.” (MOURA, 2018, p. 76) É importante apontar que os religiosos também são classificados como intelectuais por este autor “por se apresentarem como guias de um amplo projeto para as mudanças sociais e de propostas para a formação de uma identidade nacional” e por serem “propositores de ideias.” (MOURA, 2018, p.76) Já em relação a inserção de leigos como intelectuais

católicos, estes estariam inseridos dentro desta categoria pois “nas suas ações são propositivos, com a formação de estratégias para a construção do pensamento social e da identidade nacional com base nos projetos eclesiais.” (MOURA, 2018, p.76)

Democracia social é outro conceito importante para esta pesquisa que precisa ser definido. De acordo com Jackson (2013) a democracia social é um meio termo entre o capitalismo e o socialismo. Este autor afirma que a democracia social nasceu em uma época de forte polarização ideológica e conflitos sociais intensos, se apresentando como um meio termo pragmático. Afirma também que a democracia social é uma ideologia que utiliza a ação coletiva democrática para garantir que a liberdade e igualdade da esfera política também estejam presentes na sociedade e na economia, se opondo à opressão e às desigualdades criadas pelo capitalismo. Para Kolakowski (1982) a democracia social oferece um caminho lento para solucionar questões como fome, ódio, desigualdades, entre outras, sem o entusiasmo das ideologias totalitárias, que conseguem, de acordo com este autor, agradar mais os jovens sonhadores ao afirmarem que possuem todas as respostas para todas as questões e que conseguiriam solucioná-las rapidamente. A democracia social, por outro lado, vai de forma mais lenta tentando resolver de verdade cada problema existente.

As constituições pós Primeira Guerra Mundial institucionalizam os direitos econômicos e sociais. Bercovici (2004) afirma que estas constituições inauguram “uma democracia social, abrangendo dispositivos sobre a ordem econômica e social, família, educação e cultura, bem como instituindo a função social da propriedade. As concepções sociais ou socializantes, assim como a determinação de princípios constitucionais para a intervenção estatal nos domínios social e econômico, são, assim, consideradas fundamentos do novo 'constitucionalismo social'. (BERCOVICI, 2004, p. 25)

Em termos metodológicos, vamos nos utilizar ao longo deste estudo da análise textual discursiva, ou análise de conteúdo. Esta metodologia é muito pertinente para este trabalho pois, como nos aponta Moraes (1999), “esta metodologia de análise de dados está atingindo novas e mais desafiadoras possibilidades na medida em que se integra cada vez mais na exploração qualitativa de mensagens e informações.” (MORAES, 1999, p.1) É com essa

exploração qualitativa que acreditamos ser pertinente a este trabalho a análise de conteúdo, auxiliando na exploração do periódico selecionado. Moraes (1999) afirma que a análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa “usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos” (p.2) e que possibilita “reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.” (p. 2). Iremos utilizar para esta pesquisa as cinco etapas da análise de conteúdo propostas por Moraes (1999). Para ele, a primeira etapa seria a preparação das informações, seguida da Unitarização, Categorização, Descrição e, pôr fim, a Interpretação. Seguir estas etapas beneficiará muito esta pesquisa. Começarei com a leitura identificando as questões abordadas e discutidas pelo periódico, realizando um mapeamento destas. Após completar este mapeamento, voltarei para o texto buscando as questões identificadas, buscando o que ele fala sobre cada questão, como a questão do salário, por exemplo. O que diz sobre isso. Vamos então classificar, categorizar, criar categorias para as questões encontradas. Depois, buscarei os argumentos sobre cada um dos assuntos. Para concluir, realizarei indagações, como encontrar elementos e pontos de contato entre elas, pontos de divergências, se são variadas, etc. Moraes afirma também a necessidade de compreender o contexto em que o texto foi escrito: “Ao longo desta evolução, cada vez mais, a compreensão do contexto evidencia-se como indispensável para entender o texto. A mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração.” E complementa que “é preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem.” Estas complementações de Moraes (1999) serão sempre levadas em consideração ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Ao longo deste trabalho estruturamos este estudo com, primeiramente, um capítulo inicial sobre o contexto de modernização dos Estados Unidos em princípios do século XX, com todas as questões que surgem neste período. Após, no capítulo 2, será apresentada a inserção da Igreja Católica nos debates referentes à estas questões nos EUA, com a nova força que a Igreja recebe devido ao grande número de católicos que vão em direção aos EUA de países como Itália e Irlanda. Os capítulos 3 e 4 serão os capítulos onde irá ocorrer a análise dos editoriais da Commonweal, no capítulo 3, e das colunas de opinião,

no 4. Cada um destes capítulos será dividido em categorias, que serão explicadas no início de cada um.

1 A QUESTÃO SOCIAL NOS ESTADOS UNIDOS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

As primeiras décadas do século XX levaram grandes mudanças econômicas e sociais para o mundo todo, inclusive para os Estados Unidos, num contexto de grande expansão econômica e industrial do país. Com estas mudanças, surgiram também novos debates relacionados a questões sociais e industriais, que envolviam as diferentes classes e setores da sociedade americana.

Ao pensar sobre essas grandes mudanças políticas e econômicas ocorridas na segunda metade do século XIX e início do século XX, Postel (2007) diz que estas alteraram fortemente as relações entre capital e trabalho nos EUA. Para ele, o movimento populista do final dos anos 1800 foi um protesto contra o empobrecimento e contra o poder da elite corporativa, causando uma união política entre fazendeiros e trabalhadores que se uniram em um momento de depressão econômica. Eram milhões de homens e mulheres unidos para tentar guiar as instituições econômicas e políticas em um contexto cada vez mais moderno, tecnológico e conectado globalmente. No início do século XX, quando a economia dos EUA volta a crescer depois de uma crise no final do século XIX, este autor escreve que mesmo com a expansão da economia e da produtividade, os salários permaneceram estagnados.

Postel (2007) afirma que as relações entre capital, trabalho e Estado não são uma relação simples e que sempre ocorre de maneira pacífica. Na verdade, elas foram se desenvolvendo ao longo de séculos sendo influenciadas por diferentes interesses e grupos sociais que tinham diferentes objetivos, como a aristocracia, a burguesia, os trabalhadores e os profissionais liberais. Estes grupos em alguns momentos cooperavam de maneira corporativa, e em outros se envolviam em diferentes conflitos. Isto é algo comum a muitos países, incluindo os Estados Unidos. Neste capítulo tenho como objetivo realizar uma síntese histórica ao analisar primeiramente estas mudanças e o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural nos EUA de fins do século XIX e princípios do XX. A partir disto estudarei as consequências decorrentes destas mudanças primeiramente na política americana, com o advento do governo corporativista de Franklin Delano Roosevelt, para depois estudar as mudanças

sociais promovidas por este governo, através de seu principal e mais famoso programa de medidas, o New Deal. Será analisado a nova relação entre o capital, trabalho, e o Estado, assim como a transformação pela qual passaram os sindicatos ao longo deste período de mudanças nos Estados Unidos, de uma posição menosprezada para uma de grande relevância política.

1.1 Desenvolvimento econômico e industrial dos EUA em tempos de liberalismo e a Crise de 1929

Os anos 1920 foram para grande parte da população uma época de esplendor, grande crescimento econômico, consumo, fazendo inclusive o presidente Calvin Collidge afirmar, em 1928, que “Nenhum presidente dos Estados Unidos já reunido até hoje para apreciar o estado da União viu-se diante de uma perspectiva mais agradável do que a que se apresenta no momento atual.” (Apud GALBRAIGHT, 1972, p. 37) Limoncic (2009) afirma, porém, que pouco tempo depois, com o surgimento da crise de 1929 decorrente da quebra da bolsa de Nova Iorque, ficou evidente que havia algo muito errado com a economia americana. Este autor traz os dados de que em 1929 somente 3% da população estava desempregada, número que passou para 30,5% em 1933, ano em que Roosevelt chega ao poder e lança o New Deal.

Ao examinarmos a década de 20 mais atentamente, podemos observar como esta levou grande prosperidade aos EUA, com grande crescimento industrial de produção em massa. Houve também grande aumento da demanda de produtos industriais, diminuição de preços, crescimento de renda da população e maior e novas ofertas de crédito (Starr, 2008). Um dos maiores símbolos deste crescimento e dinamismo econômico americano da década de 20 é a construção dos grandes arranha-céus de Nova Iorque, seu maior exemplo sendo o Empire State (Lorant, 1967). Brogan (1985) escreve sobre a vida cultural deste período, também muito importante para sua compreensão, e afirma que,

mesmo com a Lei Seca², Nova Iorque e Chicago apresentavam agitada vida cultural e a indústria cinematográfica e outras formas de expressões culturais aumentavam. Afirma também ser esta a “Era do Jazz”, descrita por autores como F. Scott Fitzgerald. De acordo com Chandler e Galambos (1970) grandes corporações controlavam a economia norte americana naquela época. Estes autores afirmam que havia pouca regulação de órgãos públicos no meio empresarial e quase nenhuma interferência estatal, situação que iria mudar muito depois da Grande Depressão. Os anos 20 também não eram favoráveis para os sindicatos. Foi um período em que os trabalhadores das indústrias de aço e de mineração se uniram para greves, porém perderam e não conquistavam seus direitos. Estas perdas foram grandes golpes para o movimento sindical e levaram a perda de membros em sindicatos ao longo dos anos 20 (BRODY, 1960), como será explorado mais a frente neste capítulo.

Starr (2008), por outro lado, afirma que na década de 1920 a produção industrial cresceu 5% ao ano, os salários aumentavam e novos produtos eram lançados e esgotavam rapidamente de tanta demanda. O padrão de vida americano mudou em todas as suas dimensões, com o surgimento dos novos produtos e novos hábitos sociais.³

Trachtenberg (1997) explica com mais aprofundamento este crescimento econômico e industrial nos EUA, e afirma que, mesmo antes da Guerra Civil (1861-1865) um grande crescimento industrial ocorria nos Estados Unidos, principalmente nos estados do norte. A guerra, e a posterior Reconstrução (1865-1877), aceleraram a construção de estradas de ferro, um dos principais setores industriais do país (e que posteriormente vai ter muita importância nos debates do período estudado por este trabalho sobre o início do século XX), e desenvolveu também os meios de comunicação, principalmente o telégrafo. Essa expansão industrial causada pela guerra e pela Reconstrução favoreceram principalmente os territórios do Oeste, mais especificamente a região dos

² Lei que fez um banimento da produção, importação, transporte e venda de bebidas alcoólicas nos EUA entre 1920 e 1933. (Brittanica, 2021)

³ Sobre isto, Starr (2008) exemplifica mostrando que entre 1920 e 1929 o número de veículos comprados subiu de 1.9 milhões para 4.5 milhões, o número de casas com eletricidade aumentou de 35 para 68 por cento, o número de casas com rádio subiu de 60,000 para mais de 10 milhões, a produção de cigarro foi de 48 para 123 milhões e o público dos cinemas mais que dobrou.

Grandes Lagos, incluindo a cidade de Chicago, transformando aquela região em um novo centro econômico do país. (CASHMAN, 1993)

Para entendermos o momento que os EUA estavam vivendo no período do século XX, é necessário analisarmos também o final do século XIX e o que este representou para aquele país. Foi no final daquele século que os Estados Unidos começaram a surpreender o mundo com todo o seu potencial econômico e industrial, aumentando sua influência mundial. Gimenes (2017) aponta como este potencial ficou aparente na Exposição Universal de Chicago, de 1893, na qual os EUA queriam demonstrar para o mundo o sucesso econômico e industrial pelo qual passavam.

Este desenvolvimento se deu nas décadas de 1870 e 1880, período conhecido pela historiografia norte-americana como Gilded Age, a qual alavancou os EUA para uma nova posição geopolítica de grande importância mundial. Tudo isto foi demonstrado na feira de Chicago, um evento internacional grandioso que impactou o imaginário sobre os EUA no mundo e o papel que este país deveria ter no cenário mundial. Chicago, conhecida como a grande metrópole gelada do Oeste, foi escolhida para celebrar também o quadringentésimo ano da chegada de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo. A modernidade dos EUA era apresentada para todo o planeta: “a narrativa evocava uma ideia de Estados Unidos modernos, como se o país fosse o exemplo de sucesso distante das terras da Europa.” (GIMENES, 2017, p.148) Era a construção do imaginário relativo ao Novo Mundo.

De acordo com Schlereth (1992), o motivo de uma celebração de Colombo daquela proporção nos EUA era devido ao fato deste ser um símbolo da independência dos países americanos. Foi no período da Independência dos EUA que Colombo foi resgatado por poetas, intelectuais e artistas como símbolo para os colonos americanos se dissociarem dos britânicos. Colombo deixa de ser de Gênova, na península italiana, para ser o primeiro norte-americano. Ao longo do século XIX, Colombo passa por uma transformação imaginária para ser Columbia, a nação norte-americana representada por esta alegoria feminina. Schlereth (1992) também afirma que a sociedade civil começou a pressionar o governo ao longo do século XIX para criar um feriado nacional em homenagem a Colombo, sendo assim criado o Columbus Day, em 1892, data de exposição patriótica para muitos americanos.

As exposições universais, como a de Chicago, surgiram na metade do século XIX juntamente com a Segunda Revolução Industrial. Para Hardman (2005), elas eram uma representação do novo mundo burguês, enaltecendo as máquinas e as mercadorias. Eram como um espetáculo do capitalismo, valorizando os aspectos mais positivos da industrialização que se espalhava pelo mundo, enquanto a questão social era propositalmente colocada de lado e ignorada. Everdell (2000) afirma inclusive que a exposição universal de Chicago foi utilizada como uma arma cultural do capitalismo no século XIX para propagar ideias e valores, como concepções sobre raça, cultura, progresso e modernidade. Pesavento (1997) explica como se deu este processo neste tipo de exposições em geral, ao mostrar que tinham como objetivo conquistar corações e mentes do público ao causar estupor e fascínio. Para esta autora, as exposições promoviam a mobilidade de pensamentos científicos, culturais e políticos entre o meio acadêmico, as camadas dirigentes e disseminavam esses pensamentos para a população em geral. Isto acontecia inclusive para operários de fábricas, com o objetivo pedagógico de evitar que estes fossem atraídos por ideologias ameaçadoras, em um período em que começavam a emergir tensões nas relações trabalhistas.

Uma importante distinção entre o chamado século XX econômico e o século XX político é feita por Almeida (2001). O século XX econômico teria iniciado na década final do século XIX, em que o capitalismo manchesteriano daquele século entra em uma fase madura de industrialização e inovação na segunda fase da Revolução industrial. Esta revolução, que em sua primeira fase havia sido marcada pela máquina à vapor, passa a ser marcada pela eletricidade, pelo motor a explosão e pela química. De acordo com o autor, este é o momento em que começam a ser formados trustes e cartéis, debates sobre leis de concorrência, laissez-faire doutrinal dando lugar para o protecionismo e nacionalismo econômico, tarifas diferenciadas e desenvolvimento de zonas geográficas de exclusão. Ele ressalta que mesmo com tudo isso podemos observar neste período “uma liberalização inédita no que respeita os fluxos de pessoas (imigrações transcontinentais) e os movimentos de capitais (unificados sob o regime do padrão ouro).”

Sobre estes movimentos de capitais sob o padrão ouro, Almeida (2001) afirma que o padrão monetário internacional passou em seguida por mudanças

radicais e abandonou este padrão como garantia, passando para formas variadas de flutuação. Os sistemas financeiros nacionais interagiam de diferentes maneiras com os processos de produção, o comércio e os movimentos de capital. A Primeira Guerra Mundial encerrou por completo a primeira idade do ouro do capitalismo, e as tentativas de voltar a este padrão encerraram-se com a crise de 1929 e as desvalorizações cambiais. Já nos anos 1930, os movimentos de capitais deixam de ser livres, com os governos tentando controlar a especulação assim como pretendiam evitar efeitos negativos de choques vindos do exterior para a economia doméstica, atuando sobre juros e a demanda para tentar diminuir o desemprego. A conferência de Bretton Woods, no final da segunda guerra mundial, começa a reorganizar a economia e cria o padrão ouro-dólar e um regime de paridades fixas, mas ajustáveis, que funcionaram durante muitos anos. A onça de ouro valia então aproximadamente 35 dólares. É neste contexto também que surge o Fundo Monetário Internacional (FMI) para corrigir desequilíbrios temporários na balança de pagamentos e para gerenciar o regime de paridades relacionadas entre si (BERNSTEIN, 2000)

Ao falar especificamente sobre a economia dos EUA, Almeida (2001) afirma que os Estados Unidos, na transição para o século XX, passam de país exportador de produtos primários para o nível de primeira potência industrial, sendo que a partir dos anos 30 se tornam também a principal potência financeira. Isto se deu devido a suspensão da conversibilidade da libra em 1931, levando ao início da hegemonia do Dólar no mercado financeiro internacional. Este autor também diz que após a Primeira Guerra Mundial, mudanças econômicas começam a operar no mundo, como o intervencionismo estatal, crescimento do socialismo, crise de 1929 com a posterior depressão econômica e social, protecionismo comercial e desvalorização cambial em larga escala. Para ele, a globalização que estava ocorrendo no mundo foi dificultada pelas crises do entre-guerras e pela adoção do socialismo nos países que optaram por este modelo, enquanto o fascismo e o nacional-socialismo representavam um desafio para o liberalismo político. Os regimes corporativistas daquele período valorizavam o nacionalismo econômico e autarquias, porém não modificaram as bases da propriedade, o sistema de mercado ou as relações sociais de produção, como tentavam fazer o socialismo. Este conseguiu ter desempenho positivo nas etapas iniciais do processo de industrialização, mas foi menos eficiente na

agricultura e na inovação tecnológica. Este tipo de inovação estava para o socialismo “essencialmente vinculado ao complexo industrial-militar, que era movido mais pela competição estratégica do que pela necessidade de satisfazer os desejos dos consumidores.” (ALMEIDA, 2001, p.117)

Almeida (2001) explica que o socialismo era mais autocentrado e autárquico do que as econômicas fascistas, e se manteve à margem da economia mundial. Para ele, as economias baseadas no planejamento estatal centralizado possuíram muita influência no pensamento econômico do século XX “contribuindo para moldar políticas econômicas que tiveram uma certa ascendência no imediato pós-guerra, como a indução pública dos investimentos, o controle estatal da oferta de bens públicos e os novos monopólios nacionais nas esferas de transportes, comunicações, energia, notadamente.” (ALMEIDA, 2001, p. 117) Ele afirma em seguida, porém, que o controle estatal e a maior intervenção estatal em economias capitalistas foram mais devido às consequências da guerra, “quando setores inteiros da economia possuindo algum significado estratégico tiveram de ser mobilizados e controlados pelo Estado, do que a algum compromisso ideológico com os sistemas econômicos de tipo nacional-socialista ou comunista.” (ALMEIDA, 2001, p.118) Para ele, o Welfare State começa a ter mais força depois da Primeira Guerra Mundial. Questões de ordem prática dos estadistas, baseados na depressão dos anos 30, geraram também mudanças políticas para levar maior controle governamental no sentido macroeconômico.

Sobre a história institucional da economia mundial desde o século XIX, Bernstein (2000) explica que esta é, basicamente, uma história de organizações intergovernamentais de cooperação para regulação industrial, dos transportes e comunicações, do comércio, das questões sociais, jurídicas, de higiene pública, direitos e educação e pesquisa. Estas organizações, concebidas com a segunda Revolução Industrial, sendo a primeira tendo sido a União Telegráfica Internacional, em 1865, prosperaram desde aquele momento e contribuíram para aumentar a governança global. Essas entidades intergovernamentais ajudaram na criação de mercados mundiais para os produtos manufaturados pois criaram melhores meios de comunicação, como uniões postal e telegráfica, interconexão física dos transportes com escritórios de ligações ferroviárias ou marítimas, proteção da propriedade intelectual na união de Berna sobre direito

autoral e industrial na união de Paris para a propriedade industrial e reduzindo barreiras ao comércio com a união para a publicação das tarifas e o escritório de cooperação aduaneira. O comércio naquele período era feito com acordos bilaterais de comércio, amizade e navegação, que possuía uma cláusula de nação-mais-favorecida, mas normalmente de forma condicional e restrita. Essas organizações tinham na Europa suas sedes, devido ao fato de que as “potências europeias controlavam, até a primeira metade do século XX, a maior parte do mundo civilizado (e o não civilizado).” (ALMEIDA, 2001, p.130) É importante ressaltar que esta distinção entre “mundo civilizado” e “não civilizado” é o modo como o autor se refere às nações industrializadas e as zonas coloniais, pelo fato de ser esta uma expressão da época.

Ocorriam também conferências europeias ou mundiais anuais, que constituíam um sistema global de coordenação e consulta entre representantes governamentais e de associações empresariais que definiriam a agenda econômica mundial. Durante esta era clássica do *laissez-faire*, o capital circulava de maneira livre e não havia limites nas transações bancárias e com ouro, “o que facilitava a interdependência dos mercados capitalistas e dispensava qualquer organismo para intermediar as relações entre os bancos centrais. Ainda assim, no período anterior à Guerra, foram realizadas conferências para a unificação de letras de câmbio e cheques.” (ALMEIDA, 2001, p.130)

Esta ordem liberal durou até o início da Primeira Guerra Mundial, que trouxe também o protecionismo comercial e restrições das mais variadas. Acordos comerciais negociados neste momento obtiveram pouco sucesso. Após a guerra, o tratado de Versalhes e as novas instituições, como a Liga das Nações e a Oficina Internacional do Trabalho, “tentaram reduzir o potencial de conflitos embutido no sistema discriminatório então existente, baseado nos sistemas coloniais de reservas de mercado e de preferências tarifárias.” (ALMEIDA, 2001, P.130) Para Almeida (2001) um terço das uniões multilaterais criadas na segunda metade do século XIX não sobreviveu à Primeira Guerra Mundial: “As uniões relativas à infra-estrutura, à indústria, à propriedade intelectual e ao comércio sobreviveram, muito embora algumas tiveram seu potencial diminuído com o desaparecimento de alguns de seus patrocinadores (reis e príncipes).” (ALMEIDA, 2001, p.130) Poucas entidades intergovernamentais foram criadas com a ascendência do nacionalismo econômico e da autossuficiência, algumas

delas foram o Instituto Internacional de Refrigeração (1920) e os escritórios internacionais de epizootias, da uva e do vinho (1924) e de feiras e exposições (1931). Em 1930 surgiu o Banco de Compensações Internacionais, na Basileia, porém não era um organismo multilateral, mas sim um órgão para administrar as dívidas de guerra alemãs. Almeida (2001) afirma que no período do entre-guerras não foi restabelecida uma ordem internacional aceita por todos, principalmente por “atitudes defensivas por parte de algumas potências europeias e o prosseguimento de políticas coloniais.” (ALMEIDA, 2001, p.131) Em relação ao comércio, uma conferência da Liga das Nações, em 1927, tentou promover um tratado para redução de tarifas, mas não deu certo “inclusive porque os EUA, que não faziam parte da Liga e aderiam ao nacionalismo econômico, não reduziram substancialmente suas tarifas.” (ALMEIDA, 2001, p.131)

De acordo com Cameron (1989) a crise desencadeada em 1929 e a depressão da década de 30 finalizaram soluções cooperativas para questões do comercio mundial e de pagamentos, com políticas como de exportação do desemprego, desvalorizações competitivas, sistemas discriminatórios de intercâmbio e de controle de capitais, levando o sistema capitalista para uma grande crise econômica. Durante a segunda guerra, as potências aliadas tentaram reconstruir a ordem econômica internacional, diminuir o bilateralismo discriminatório, criar um sistema multilateral “dotado de regras transparentes e não-discriminatórias e aberto à adesão contínua de um número cada vez mais amplo de parceiros, desenvolvidos ou em desenvolvimento.” (ALMEIDA, 2001, p.131).

Portanto, para Almeida (2001) houve uma configuração liberal na ordem econômica internacional no século XIX e, inversamente, tendências estatizantes, intervencionistas e protecionistas observadas no século XX. Multilateralismo econômico no século XX, começando após a Primeira Guerra Mundial, e principalmente depois da crise de 1929, o que é um avanço sobre os tratados desiguais do século XIX.

1.2 Nova ordem social e organização dos trabalhadores como resposta à crise social

Todas as mudanças mencionadas ocorridas neste período nos Estados Unidos levaram a uma nova ordem social com uma nova relação, como já foi mencionado, entre capital, trabalho e Estado. O sindicalismo passa a ter papel fundamental na sociedade e política americana, sendo um ator político valorizado. Para entender este novo papel do trabalhismo nos EUA é necessário primeiramente fazer uma retrospectiva da organização trabalhista neste país.

De acordo com McGerr (2003) na Era Progressista⁴ o sistema de governo nos EUA foi modernizado com novas formas de distribuição e de relações trabalhistas. A economia estava se tornando, anteriormente, cada vez mais descentralizada, o que funcionava para o modelo de Estado vigente pois estimulava a livre competição e o menor intervencionismo estatal. Porém, com o aumento da concentração corporativa e o crescimento de uma economia e sociedade nacionais, este sistema começa a se tornar inadequado para lidar com as novas questões que surgiam. Os progressistas entendiam ser necessário proteger os indivíduos, as comunidades e os governos locais do poder excessivo das grandes corporações. Defendiam intervenção estatal para garantir um nível básico de subsistência e de dignidade para a população. Assim, uma nova ordem governamental surgia, com maior intervenção federal, novas elites e organizações nacionais, diminuição do poder dos partidos em políticas locais, e uma forte expansão da administração do Estado nacional.

Para McGerr (2003) neste contexto, os trabalhadores americanos começaram campanhas por maiores salários e melhores condições de trabalho. Tentaram se organizar, porém não conseguiam sustentar uma união forte nacional devido a fraquezas em suas organizações, resistências dos empregadores e recessão econômica forte.

⁴ A Era Progressista (1896–1920) foi um período de grande ativismo social e reformas na política americana. (MCGERR, 2003)

Mesmo sem ter tido o sucesso esperado, este início de organização dos trabalhadores mencionadas por McGerr (2003), foi, de acordo com Cabrera e Ragland (2016) os fundamentos para alianças corporativistas mais estáveis no futuro, as quais incluíam os trabalhadores. Um exemplo inicial disto foi a greve de uma mina de carvão na Pennsylvania em 1902, em que trabalhadores da United Mine Workers of America ameaçaram levar miséria nacional para os EUA pois o país ficaria, com uma grande greve nas minas, sem formas de se aquecer no rigoroso inverno. Theodore Roosevelt⁵ primeiramente havia decidido pela não intervenção, pois este era, segundo ele, um conflito privado entre trabalhadores e seus empregadores. Como um acordo não era encontrado ao longo de meses e a greve foi ficando cada vez mais violenta, Theodore Roosevelt, com seu pensamento progressista⁶, afirmou que aquele era o momento de o Estado intervir e controlar as grandes corporações que precisavam ser regulamentadas. O presidente uniu em Washington os líderes trabalhistas com os líderes da indústria, criando uma comissão para lidar exclusivamente com esta greve. Um acordo foi feito, com aumento de salário para os trabalhadores de 10% e diminuição das horas de trabalho semanais. As greves pararam, porém os empregadores ainda não viam os trabalhadores como legítimos negociadores. Theodore Roosevelt estabeleceu com isto um precedente para novas formas de intervenção do governo federal em conflitos entre trabalhadores e empresários como sendo algo do interesse público. O *The Times of London* reportou sobre toda esta situação na época, mostrando a magnitude do que havia ocorrido: “In a most quiet and unobtrusive manner, the President has done a very big and entirely new thing. We are witnessing not merely the ending of the coal strike, but the definite entry of a powerful government upon a novel sphere of operation.”⁷

Andrews (1991) afirma que, depois desse precedente de Theodore Roosevelt, foi durante a Primeira Guerra Mundial que o corporativismo negociador teve sua maior expressão nos EUA até aquele momento, ainda

⁵ Parente distante republicano do democrata FDR, que era casado com a sobrinha de Theodore, a primeira-dama Eleanor Roosevelt

⁶ De acordo com Cabrera e Ragland (2016) Theodore Roosevelt possuía um pensamento progressista, tendo a reputação de ser um “trust buster” e acreditava que o Estado deveria controlar as grandes corporações.

⁷ Tradução do autor: De maneira muito silenciosa e discreta, o Presidente fez algo muito grande e totalmente novo. Estamos presenciando não somente o fim da greve do carvão, mas também a entrada definitiva de um governo poderoso em uma nova esfera de operação.

dentro da Era Progressista. Era muito utilizado o aparato político do Estado para resolver conflitos, dando muitas vezes concessões para os trabalhadores. Como os EUA estavam em guerra, a produção industrial não poderia ser interrompida, o que levou a um grande aumento de cooperação entre trabalho, capital e o Estado. Ele ainda afirma que esta cooperação também foi encorajada na política internacional, com o presidente Woodrow Wilson concordando em estender para o campo internacional o mesmo tipo de cooperação entre governo, capital e trabalho que parecia trabalhar muito bem nas questões domésticas. O governo americano, ao declarar guerra contra a Alemanha, precisava do presidente da AFL, Samuel Gompers, para garantir o apoio dos trabalhadores naquele momento.

Para Cabrera e Ragland (2016), Gompers inicialmente acreditava em um sindicalismo puro e simples, que desejava reformas econômicas ao invés de políticas, acreditando que estas levariam a uma maior conquista de direitos para trabalhadores e seu maior bem-estar. Depois, ficou mais inclinado a focar mais nas questões políticas. Durante a Primeira Guerra Mundial, as autoras afirmam que Woodrow Wilson o nomeou para o Conselho de Defesa, com a missão de mobilizar trabalhadores para apoiarem a causa dos Aliados. Na Conferência de Versalhes, já no final da guerra, o presidente apontou Gompers para a Comissão Internacional de Legislação Trabalhista e Gompers participou da criação da Organização Internacional do Trabalho. McCartin (1997) observa que não era um consenso dentro do Partido Democrata o apoio a AFL, Gompers e ao Departamento de Trabalho dos EUA. Este autor afirma que democratas conservadores do sul dos EUA promoveram uma forte contraofensiva para a influência de trabalhadores. Ele mostra também que 38 de 42 democratas votaram contra um projeto de lei proposto pela AFL em 1915 que proibiria o trabalho infantil, e que muitos destes 38 que votaram contra representavam membros que antes pertenciam aos Estados Confederados da América.

Cabrera e Ragland (2016) dizem que uma das metas de cooperação mais importantes para o governo Wilson era criar uma integração econômica na América Latina com medidas econômicas coordenadas. Assim, ocorreria progresso internacional ao mesmo tempo pensando nas necessidades de exportação da economia dos EUA. O presidente utilizou a AFL para auxiliar na criação desta relação estratégica, criando assim uma nova organização

trabalhista hemisférica: a Pan-American Federation of Labor. Porém, estas autoras observam que a década de 1920 foi uma década em que estava presente um sentimento muito forte de anti-sindicalismo nos EUA. Com a eleição do republicano Warren G. Harding em 1920, a influência de Gompers foi fortemente diminuída. A AFL foi praticamente excluída de qualquer papel importante em Washington, e o número de seus membros teve forte queda, só se recuperando em meados da década de 1930. Todos os ganhos de união e sindicalismo ocorridos durante a Primeira Guerra Mundial foram apagados com repressão feita pelo governo e por empregadores, com medidas como os contratos “yellow dog⁸”, em que os empregados só seriam contratados caso não participassem de sindicatos e dissessem que nunca iriam se juntar a algum. Aumentou muito nesta época também a defesa do “Welfare Capitalism⁹”, em que os trabalhadores não precisariam entrar em sindicatos pois as empresas iriam cuidar de seus interesses e prover o que necessitavam. A Grande Depressão, porém, fez com que o Welfare Capitalism não pudesse ser aplicado daquela maneira nos EUA, fazendo com que os trabalhadores ficassem de fora tanto do sindicalismo quanto da política nacional.

Além disso, para Bernstein (1966) a Grande Depressão, que fez a década de 1930 começar com uma grande recessão devido à quebra da bolsa de 1929, teve como um dos efeitos a grande diminuição dos salários e o forte aumento do desemprego. Tudo isto acabou por diminuir ainda mais os sindicatos e sua influência, e durante o início da Grande Depressão, os trabalhadores estavam totalmente sem representações políticas.

Cabrera e Ragland (2016) afirmam que a miséria causada pela Grande Depressão reforçou a noção de que a economia iria voltar a crescer com a volta do consumo em massa, muito reduzido pela crise econômica e pela pobreza de grande parte da população. Para estas autoras, muitos líderes políticos acreditavam que aumentar o poder de compra dos trabalhadores seria um dos fatores fundamentais para a recuperação econômica. Portanto, medidas estavam sendo pensadas no sentido de aumentar os salários desses

⁸ Tipo de contrato no qual o empregado concorda, antes de receber o emprego do seu empregador, a não se juntar a nenhum tipo de sindicato. (CUSHMAN, 1992)

⁹ Para Brandes (1976), este é um modelo de capitalismo que inclui políticas de bem estar social e práticas de negócios nos quais as empresas providenciam serviços de bem estar para seus empregados.

trabalhadores e seu poder de consumo de mercadorias e serviços. Assim, defender os sindicatos e criticar a exploração dos trabalhadores voltou a ser algo aceito pela sociedade, como parte da estratégia de recuperação econômica. Outro ponto fundamental era o fato de que analistas, políticos e economistas começavam a falar cada vez mais da importância de um planejamento em larga escala nacional, regulamentações econômicas e reforma social, tudo isto junto conseguiria aumentar o consumo e estimular a economia americana. Portanto, os trabalhadores começam a ser visto como peça fundamental da máquina capitalista através de seu poder conjunto de consumo que deveria ser restabelecido.

Os próprios trabalhadores tentavam muitas vezes tomar medidas, da maneira que podiam, para intervir de alguma maneira no processo produtivo, criando formas informais de influenciar na produção e nos resultados. Vieira e Hidaka (2019) trazem como exemplo o caso da Midvale Steel Company, uma empresa industrial de construção de máquinas. Eles afirmam que existiam formas de organização com dinâmica psicossocial por trás das relações informais dos trabalhadores. No final do século XIX, os operários desta empresa recebiam por peça o seu pagamento, então decidiram se organizar informalmente para diminuir o referencial nivelador que definia o número de peças que cada empregado deveria produzir. Uma citação do famoso Frederick Taylor (2012) demonstra como isto ocorria: “Os operários, em seu conjunto, tinham cuidadosamente planejado como os trabalhos deviam ser executados e estabelecidos o ritmo para cada máquina que correspondia, mais ou menos, a um terço de razoável produção diária. Todo novo trabalhador, ao ingressar na fábrica, era instruído por companheiros sobre sua função no trabalho que ele devia fazer e advertido de que, se não obedecesse a essas instruções, podia estar certo de que seria substituído dentro de pouco tempo (TAYLOR, 2012, p.47).” Podemos ver com esta citação que Taylor sabia sobre estas relações informais entre os trabalhadores e as formas como estes se organizavam para definir o nivelamento da produção, tendo levado isto em consideração para desenvolver sua obra clássica *Princípios de Administração Científica*. Taylor assumiu algum tempo depois um cargo maior na Midvale Steel Company, e seus companheiros operários parabenizaram-no e pensaram ser muito positivo para eles ter um aliado em um cargo maior. Taylor respondeu, porém, que iria a partir

daquele momento, servir à direção, então a relação que era amistosa entre Taylor e os operários se transformou em uma relação de conflito, com Taylor demitindo os trabalhadores que continuavam persistindo em realizar estas estratégias informais, ou diminuindo seus salários. Isto levou a um aumento do rendimento da empresa e a uma nova promoção para ele, e os conflitos entre empregados e Taylor continuavam aumentando.

Mesmo com todas as questões relacionadas à questão social, ao trabalhismo e ao desemprego, Rodrigues (2009) afirma que as doutrinas socialistas tiveram pouquíssima influência nos EUA, o que é interessante, para este autor, pois neste país o processo de industrialização superou em muito o da Europa ocidental (que tinha movimento sindicais mais ativos), mas mesmo assim não foi suficiente para fazer emergir uma classe operária organizada nacionalmente. O autor questiona: “Por que não ocorreu a formação de partidos operários nem sequer semelhantes ao Labour Party inglês?” (RODRIGUES, 2009, p. 36) Para este autor, não é somente a existência de uma classe operária organizada que necessariamente leva a criação de partidos operários, é necessária uma “complexidade de condições técnicas econômicas, sociais, políticas e culturais que precisam confluir para possibilitar a emergência de um movimento operário socialista orientado por concepções de luta de classes.” (RODRIGUES, 2009, p. 37) Ele discorda da opinião de que seria o êxito da economia capitalista e padrões de vida elevados nos EUA que fizeram a inexistência de uma consciência socialista dos trabalhadores naquele país, até mesmo porque, como já foi visto aqui, os efeitos da crise de 1929 sobre os trabalhadores foram muito profundos, e mesmo assim o proletariado americano continuou dentro dos limites do New Deal e do Partido Democrata, sem ir mais para a esquerda. Como iremos observar neste trabalho, Roosevelt realizou um grande esforço para conciliar as classes em um modelo corporativista, com todos trabalhando para o bem da nação, incluindo também os intelectuais católicos para conquistar este objetivo. Estes dois assuntos serão tratados nos capítulos seguintes.

De acordo com Rodrigues (2009) a expansão do sindicalismo e do socialismo não são determinadas pela miséria, diferentemente da visão de outros autores que observam uma relação direta. Para ele, o sindicalismo requer trabalhadores com emprego estável na indústria, o que explica o motivo de

mesmo com o já mencionado desemprego causado pela crise de 1929, o socialismo e o comunismo, tão temidos por muitos nos EUA, não terem desabrochado. O autor afirma que “os momentos de crise e de recessão não são, é certo, os mais propícios para a expansão do sindicalismo.” (RODRIGUES, 2009, p. 37). Eles podem sim difundir estas ideias, mas precisam de partidos e sindicatos já existentes. Caso estes ainda não existam, o que pode surgir com a miséria ou o desemprego são “lideranças caudilhescas ou carismáticas, provenientes muitas vezes das camadas médias ou superiores.” (RODRIGUES, 2009, p. 37). Este autor também afirma que todas as condições para a emergência do socialismo estavam presentes, aparentemente, como ter uma nação constituída, grande indústria com grande mercado nacional, proletariado concentrado em grandes empresas, sindicatos estruturados nacionalmente e com recursos para financiar a formação de um partido político, tais como os britânicos. A crise de 1929 mostrou como o mercado não estava conseguindo levar à recuperação econômica, tendo sido criado o National Labour Relation Board, com garantias legais para a sindicalização de trabalhadores de grandes empresas. A influência socialista dentro dos sindicatos foi bastante fraca, nenhum partido político socialista tinha resultados expressivos, e os sindicatos não desejavam criar um partido político próprio. O autor ressalva, porém, que “Isto não significa que o sindicalismo americano – diferentemente da opinião bastante difundida – se mantivesse inteiramente indiferente ao processo político nacional, num estilo de business-unionism. “ Na verdade, o sindicalismo muitas vezes interferia na política, tanto local quanto nacionalmente, apoiando e financiando candidatos. Porém, os sindicatos e os trabalhadores não eram independentes nem autônomos, muito menos classistas, e apoiavam candidatos que as agremiações políticas maiores recomendavam.

A AFL participava ativamente do processo eleitoral apoiando candidatos. A diferença entre os sindicatos europeus e os americanos estava então na forma e no conteúdo que ela assumia, não estava na participação ou rejeição da atuação política, nisso os dois concordavam. Na Europa os trabalhadores se viam como uma classe diferente, este era o fato fundamental que tinha repercussões na vida social e nas ações, influenciando muito na política e na economia, baseadas na luta de classes. Já nos EUA, os trabalhadores não possuíam uma visão classista de sociedade, com conflitos. Porém, mesmo

assim, é importante lembrar que houve e ainda existem algumas tentativas de criar partidos de trabalhadores baseados na visão de luta de classes e de remodelação social (RODRIGUES, 2009).

Alguns agrupamentos partidários socialistas existiram nos EUA principalmente no início do século XX (RODRIGUES, 2009). Sempre tiveram, porém, influência muito menor do que na Europa. Em 1901 foi criado o partido socialista norte-americano, com 150 mil membros e 1 milhão de votos nas eleições de 1921. Logo, porém, começou a decair. Os sindicatos operários que possuíam uma visão de luta de classes não tinham forças para influenciar em um momento totalmente dominado pela AFL, com sua visão pragmática e adaptada ao sistema de valores dominantes nos EUA. De acordo com Marjolin (2009) o sindicalismo estável da AFL teve mais êxito do que outros sindicalismos pelo fato deste rejeitar o socialismo e aceitar o capitalismo americano. Ele explica que as condições econômicas e sociais favoreciam este tipo de sindicalismo, associações entre operários e fazendeiros fracassaram, e a AFL estava baseada em uma ideologia com raízes urbanas, o que era muito importante na vida social americana. Para Perlman (1919) a AFL triunfou pois abandonou a ideologia do produtor que caracterizava outros movimentos operários nos EUA. Mills (1962), afirma que ao abandonar as ideias socialistas, e substituí-las por ideias corporativistas, isso não foi algo positivo para os sindicatos mesmo analisando pragmaticamente. Para este autor, isto acabou por enfraquecer a influência que os operários, enquanto classe, poderiam ter na sociedade pois a organização sindical era o único instrumento de pressão que possuíam.

Louis (1946) mostra como depois de um auge no ano de 1920, nesta década do século XX o sindicalismo começou a diminuir ao redor do mundo, como na França, por exemplo, onde o número de trabalhadores filiados a sindicatos diminuiu muito. Nos EUA, como nos outros países, isto também aconteceu. Foi somente depois, na década de 1930, com as facilidades do National Labour Relation Board do New Deal de Roosevelt, que houve crescimento sindical novamente. Por tudo isto que mencionamos sobre o fato de nos EUA não haver partidos socialistas como na Europa, Peterson (1953) afirma que os trabalhadores americanos durante a depressão econômica não tinham como realizar pressão política como nos países europeus.

Rodrigues (2009) explica claramente o motivo de nos EUA os operários não possuírem uma visão de classe, ao contrário dos europeus. A AFL teve êxito devido às transformações que se deram muito cedo na sociedade dos EUA, e que diminuíram as chances de sindicalismo classistas e políticas socialista de terem êxito. Estas transformações foram dadas principalmente pelo compasso rápido entre a industrialização e o surgimento da democratização, ao contrário da Europa com sua industrialização em descompasso com a modernização política e social, o que acabou por criar no continente europeu uma grande classe operária marginalizada em uma sociedade aristocrática. Enquanto isso, nos EUA, com o avanço conjunto da industrialização e da modernidade social e política, as ideias socialistas foram deixadas para trás.

Porém, nem mesmo por isso a chamada “questão social” foi deixada de lado nos EUA capitalista. Sobre o termo “questão social”, Pastorini (2004) afirma que esta possui diferentes versões em cada estágio capitalista, o que resulta em diferentes respostas para esta questão ao longo da história. Porém, a autora diz que os elementos da busca de uma estabilidade e manutenção da ordem, a reprodução de antagonismos e contradições do capitalismo, e legitimação social são denominadores comuns em qualquer versão de questão social em qualquer localidade e tempo. Para esta autora, a questão social é uma expressão das contradições e dos antagonismos existentes nas relações entre as classes, e entre as classes e o Estado. Segundo ela, a questão social de cada tempo e local é determinada pelas particularidades históricas de cada formação econômica e social, como por exemplo conformação social, socialização da política, organização do capital e características do Estado. Algumas dessas características, observadas nesta pesquisa sobre os EUA, incluindo a questão social naquele país, são por exemplo a questão do sindicalismo específico dos EUA, a socialização da política naquele país, entre outros.

Dentro dessa visão de questão social norte-americana, Cabrera e Ragland (2016) trazem a importância do líder sindicalista Samuel Gompers na criação da nova ordem política do New Deal nos EUA. As ideias e o pensamento deste imigrante judeu tiveram grande influência na presidência de Roosevelt, transformou o cenário político dos EUA, auxiliou o aumento das organizações trabalhistas que modificaram as relações entre Estado, negócios e trabalhadores. Para elas, o papel dos sindicatos se tornou central nas grandes

mudanças institucionais e políticas nos EUA, e também desenvolveu conexões em relações trabalhistas domésticas e internacionais, com os trabalhadores se tornando um forte ator político neste período nos EUA e ao redor do mundo e tendo se tornado crucial neste momento para o Estado e para as empresas manter alianças com os trabalhadores, mesmo que em momentos anteriores isto fosse ignorado. Tudo isso, para estas autoras, contribui para o entendimento dos sindicatos e dos regimes políticos nos EUA.

Para Cabrera e Ragland (2016) os EUA buscavam estabilidade econômica e se desenvolver em um período tumultuoso pós-Primeira Guerra Mundial, e com uma outra guerra mundial começando a tomar forma lentamente. De acordo com elas, dentro dos EUA surgiram diferentes organizações trabalhistas que foram utilizadas para promover estabilidade e aumentar o crescimento econômico e a hegemonia dos EUA, e com isso, os sindicatos, historicamente mantidos isolados e fora do poder, se tornam convenientemente positivos para os governos utilizarem com o objetivo de buscar o desenvolvimento e a harmonia no país.

Estas autoras fazem uma revisão da trajetória dos sindicatos nos EUA, dizendo que no final do século XIX os sindicatos começaram a ter proeminência nacional. Em 1886 foi criada a AFL, composta principalmente por trabalhadores de ofício. O novo movimento trabalhista nos EUA surge com muitos desafios para lidar, pois as novas tecnologias e especializações necessárias para os trabalhadores criaram divisões nas indústrias e nos sindicatos. As autoras exemplificam: “Internal fragmentation in the publishing business posed critical interests that must be kept in balance for the nation’s primary mass communication of the day, newspapers, to provide information upon which a democratic society made its political decisions while, at the same time, addressing workers’ demands for fairness.” (CABRERA E RAGLAND, 2016, p.625) Emery (1972) observa que a AFL possuía organizações trabalhistas de profissionais como tipógrafos, impressores e gravadores, e estes exigiam diminuição das horas de trabalho e aumento de salário em todas as indústrias, buscando diferentes meios para conquistar seus objetivos.

Após realizar esta retrospectiva da organização trabalhista nos EUA, podemos entrar mais especificamente nas alterações que esta passou em

decorrência das novas legislações do New Deal e nas consequências que estas tiveram para a sociedade americana.

Limoncic (2009) mostra como a historiografia sobre os trabalhadores e sindicatos nos EUA foi sendo marcada pela época em que é escrita (como geralmente é o caso em todos os assuntos) e como a visão desta sobre os movimentos trabalhistas é variada. Ele analisa a relação entre Estado e sindicatos nos anos 1930 e 1940 nos EUA, realizando uma crítica à historiografia que promoveu a ideia de que a sociedade dos EUA tinha como base um consenso entre as diferentes classes e grupos sociais, explicando que esta vertente da historiografia se desenvolveu a partir dos anos 1950, época em que havia ganhos decorrentes de uma grande prosperidade econômica e paz industrial. A historiografia então colocou esta situação também nas décadas anteriores, ignorando os movimentos trabalhistas que promoveram grandes mudanças ou que lutavam nas décadas de 20 e 30 exigindo melhores condições. Já na década de 1960, porém, com questões como os direitos civis e a Guerra do Vietnã, surge uma nova historiografia com uma nova visão do trabalho, inspirada pela história social inglesa, com autores como Christopher Hill e Eric Hobsbawm. Surge então, como consequência disto, uma nova classe trabalhadora das décadas de 20 e 30, heterogênea, com pouca identidade comum devido ao tamanho e diversidade do país, porém em grande parte, mesmo com essa diversidade, marcada pela vontade de reformas ou inclusive utopias religiosas, anarquistas ou socialistas.

No período entre-guerras, e antes da crise de 1929, os sindicatos estavam com muitas dificuldades, como já foi visto. Gordon (1994) diz que a National Association of Manufacturers (NAM), principal associação industrial deste período, possuía uma atitude anti-sindical, assim como o Poder Judiciário. O United Mine Workers (UMW), único grande sindicato industrial daquela época, recebia durante a década de 1920 sentenças condenatórias em todas suas ações jurídicas.

Além disso, a competição entre as empresas estava sendo muito prejudicial para a economia dos EUA, o que fez Herbert Hoover, então presidente, dar uma resposta a este problema através de mecanismos institucionais que tinham como objetivo estimular as próprias empresas a criarem acordos para regulamentar as horas de trabalho, salários, etc. (TOMLINS, 1995)

O Estado não iria intervir, apenas estimular este processo. Esta tentativa fracassou, pelo fato de as empresas não terem conseguido criar e respeitar regras coletivas e por não haver nenhuma forma governamental de fiscalização destes acordos.

Depois de iniciada a crise de 1929, muitas empresas, como a General Electric, começam a exigir algum tipo de lei federal que obrigasse o meio empresarial a respeitar acordos de competição: “P. W. Litchfield, presidente da Goodyear Tire and Rubber Co., em discurso dirigido à Câmara de Comércio dos Estados Unidos, responsabilizou os empresários por terem falhado em concertar ações coletivas e declarou que a contínua queda dos níveis de emprego e do poder de compra dos assalariados estava levando os Estados Unidos ao socialismo ou à anarquia.” (LIMONCIC, 2009, p.109) Para evitar estas duas opções, defendia intervenção estatal em pequena escala. Para Tomlins (1995), o empresariado americano não estava preparado para ações coletivas no início da década de 1930, o que os fez continuar com a repressão aos sindicatos.

Já em 1934, com os efeitos da Grande Depressão espalhados por todo o país e evidente para todos, grande parte da população acreditava ser necessário um novo modelo econômico e social para tirar o país da crise em que se encontrava. Neste novo modelo, os sindicatos e os trabalhadores também teriam um papel central. O senador Robert Wagner (1934), naquele ano, afirmou que uma das funções primordiais do governo deveria ser a de estabilizar a distribuição da renda nacional para tornar os trabalhadores mais aptos ao consumo. Para ele, era o momento de transformar a organização social ao mesmo passo da atividade mecânica, para assim acabar com o paradoxo entre progresso e pobreza: “Trago para o primeiro plano o problema da coordenação entre produção e salários porque nele recai o principal desafio econômico que se nos defronta. Todos reconhecem isso, e todos admitem que de uma solução satisfatória desse desafio depende o bem-estar de todos.” (WAGNER, 1934, p.18) A solução necessariamente estava conectada ao papel dos sindicatos, como chegou à conclusão o Congress of Industrial Organizations, em 1938: “O período presenciou o crescimento rápido dos lucros e das rendas dos proprietários em relação aos salários. Isto se deveu, em boa parte, ao fato de que o movimento sindical, até aquele momento, havia falhado em ajustar-se aos fatos da indústria americana. Por outro lado, as políticas governamentais

contribuíram para tal desajuste.” (CONGRESS OF INDUSTRIAL ORGANIZATIONS, 1938, p. 52) Seria, portanto, papel do governo realizar novos ajustes em relação aos sindicatos. Juntamente com o grande Capital, deveria haver um grande Trabalho e um grande Estado, para juntos construir um novo equilíbrio de forças. Aqui, de acordo com Tomlins (1995), entra o New Deal com o objetivo de promover um novo tratamento ao trabalho organizado, principalmente na esfera jurídica.

Um grande exemplo deste novo tratamento dado aos sindicatos pela esfera jurídica é descrito por Limoncic (2009) no caso da batalha entre a United Auto Workers of America (UAW) e a Ford Motor Company. A UAW entregava panfletos para trabalhadores em frente a fábrica da Ford de River Rouge. Este autor afirma que Henry Ford era conhecido como o Mussolini de Detroit, sendo totalmente contrário a todos os sindicatos. De acordo com a revista Morashá (2023) Ford era uma das pessoas mais ricas dos EUA e um dos principais alvos da Anti-Defamation League (ADL), devido à suas visões antissemitas. Este empresário defendia que existia uma conspiração judaica para infectar a América e transformá-la em um país comunista, tendo sido elogiado por Hitler e recebido em 1938 uma condecoração oficial do governo nazista. Além disso, era muito contrário a sindicatos e movimentos sociais. Após a entrada dos Estados Unidos na guerra, Ford envia uma carta a ADL condenando o nazismo, o que mostra o aumento da influência desta organização.

Dentro desta lógica de Ford, o Departamento de Serviços da Ford usou grande força contra os sindicalistas que estavam na frente do portão da empresa em River Rouge. Desta vez, porém, diferente de outras, além de protestos públicos houve também uma ação da UAW no National Labor Relations Board. O sindicato acusou Ford de violar o direito dos trabalhadores de se associar de forma autônoma, o que resultou em ordens para a Ford parar de usar a coerção e intimidação sobre os sindicatos. Esta ação subiu até a Suprema Corte, que deu a vitória para a UAW, forçando Ford a obedecer às medidas. Este exemplo mostra claramente o novo tratamento dado aos sindicatos no Governo Roosevelt e a nova força destes naquele momento. A luta sindical sai da esfera privada, como era defendida pela AFL, e vai para a esfera da regulação estatal. Para compreender melhor como se davam estes casos como o exemplo citado da Ford, em que os conflitos trabalhistas eram julgados muitas vezes favorecendo

os sindicatos, se torna necessário compreender melhor os mecanismos do New Deal de Roosevelt que tornaram isto possível, através de um novo entendimento sobre como deveria se dar a relação entre capital, trabalho e Estado. Este será o foco da próxima parte deste capítulo

1.3 New Deal como resposta às crises econômica e social

De acordo com Limonic (2009) foi instaurado com Roosevelt a contratação coletiva do trabalho no plano sindical, com o objetivo de aumentar os rendimentos da classe trabalhadora fortalecendo seu poder de barganha. Na nova ordem social desejada por Roosevelt, os trabalhadores deveriam receber melhores salários, o que levaria a um maior consumo por parte destes, o que por sua vez aumentaria a demanda por produtos agrícolas e industriais. Este autor afirma que o que vinha ocorrendo nos governos anteriores era o oposto, com competição empresarial e diminuição dos salários. A partir do New Deal e com esta nova visão do Estado isto começa a mudar, com os sindicatos passando a ser interesse público e recebendo interferência estatal de um Estado que estava pensando e agindo sobre as relações entre capital e trabalho através de uma visão corporativa de sociedade. Ou seja, era o corporativismo agindo em uma sociedade democrática. Um dos exemplos citados por Limonic (2009) é o caso da sindicalização da Ford, que demonstra o caráter pró-trabalhista do New Deal. Esta foi uma das derrotas de Henri Ford, que como já foi dito era inimigo ativo dos sindicatos e possuía grande admiração por Hitler.

De acordo com Tomlins (1995), as políticas implementadas por Roosevelt para solucionar a crise criaram a base para um Estado keynesiano e para um novo poder sindical nos EUA. Isto se deu através da chamada coalização New Deal, um pacto social entre o governo e grupos sociais como os sindicatos, antes ignorados pela esfera pública. Para este autor, estes grupos eram considerados antes do New Deal como anti-americanos, tendo depois da implementação deste ganho legitimidade e se tornado parceiros do Estado. Setores conservadores continuavam atacando os sindicatos, e de maneira ainda mais enfática devido a este novo papel que possuíam, dizendo que a aliança entre o governo e grupos

trabalhistas eram uma ameaça contra os valores americanos e contra a propriedade privada. Tomlins (1995) afirma também que ocorria uma forte transformação no país, que se refletia inclusive na arte do período, que passa a retratar o homem comum, as lutas sindicais, os trabalhadores rurais, e grupos étnicos antes excluídos de representações artísticas, como afro-americanos e hispânicos.

É importante destacar, como aponta Limonicic (2009), que ao mesmo tempo que existiam forças empresariais contrárias ao New Deal, representadas por organizações como a Liberty League e a National Association of Manufacturers, que viam este como um plano de sovietação dos Estados Unidos, existiam também importantes empresas que faziam parte da coalização do New Deal, como o grupo Rockefeller, a General Electric, a Standard Oil, entre outras. Ter o apoio de empresas deste nível possibilitou ao New Deal ter recursos políticos para lidar com a oposição. Fraser (1989) aponta que Roosevelt conseguiu construir uma aliança multiclassista, central, multirregional e multiétnica, ao mesmo tempo avançando fortemente em temas como regulação econômica com a defesa da sindicalização, porém poucos avanços em temas como defesa dos direitos de afrodescendentes e a incorporação destes em seus planos e coalizões. Este modelo criado por Roosevelt “permaneceria em vigor até a década de 1960, quando a Guerra do Vietnam, a queda do nível de crescimento da economia, o fracasso de várias das políticas da Grande Sociedade de Lyndon Johnson e os conflitos raciais nas grandes cidades americanas levariam à sua crise.” (LIMONCIC, 2009, p.150)

Para Limonicic (2009) Roosevelt acreditava desde o início de seu mandato que uma das principais razões para a crise econômica era o fato de que grande parcela dos trabalhadores não possuía capacidade para consumir o que era produzido. Gordon (1962) afirma que o governo buscou resolver essa e outras questões buscando grande apoio social para o seu novo programa econômico, o National Industrial Recovery Act (NIRA), de 1933, com o objetivo de criar códigos de competição para os setores industriais que seriam supervisionados pelo Estado, buscando agradar diferentes setores da sociedade. A Lei Sherman Anti-truste foi suspensa temporariamente, o Estado começou a supervisionar a competição, os trabalhadores passam a poder se organizar livremente, e diferentes projetos para grandes obras públicas foram anunciados; tudo isto

agradava diferentes setores da sociedade. Para este autor o objetivo principal de todas estas medidas eram estabilizar a indústria com lucros para os empresários e promover o salário digno para os trabalhadores. Este novo programa foi uma importante mudança na forma de interação dos setores público e privado, tendo sido elogiado também pelo empresariado pois era visto como uma necessária regulação depois de anos de desordem empresarial. Muito elogiada também pelos sindicatos, que viam agora uma proteção federal garantindo seus direitos, como o de livre organização.

Porém, Limoncic (2009) reitera que muitas empresas não aceitaram a criação de sindicatos autônomos, tendo criado seus próprios sindicatos, como a Ford. Estas empresas criavam sindicatos próprios, os chamados company unions, para colocar seus trabalhadores dentro destes possuindo assim uma garantia de que não haveria greves e de que não precisariam negociar com outros sindicatos. Este autor afirma que, como não existia nada na lei que proibisse tais iniciativas, o governo decide então criar o National Labor Board (NLB), composto por trabalhadores, empresários e independentes, para pensar e agir sobre essas questões. Esta se transformou em 1934 na National Labor Relations Board (NLRB) recebendo o poder de investigar e organizar eleições sindicais para eleger os representantes dos trabalhadores, fazer audiências para tratar conflitos e realizar arbitragem.

De acordo com Limoncic (2009) até 1935 não existiam sindicatos fortes nos EUA, organizados e atuantes. Isto se deu pela oposição patronal e pela grande rotatividade da mão de obra. Nos anos 1930, o alto nível de desemprego também inibia a construção de organizações trabalhistas. O New Deal modificou fortemente este cenário. Com a criação da NIRA, a AFL iniciou um esforço de organização em diversas industriais. Em 1935 é criado o National Labor Relations Act (NLRA), conhecida como Lei Wagner, que tinha como objetivo criar mecanismos legais que obrigassem as empresas a respeitar as decisões da NLRB:

“Em sua Seção 8, A NLRA declarava ilegais a interferência, restrição ou coerção dos empregados, por parte das empresas, em suas atividades de organização; o domínio ou interferência na formação ou administração de qualquer organização operária, ou seja,

proibia o company union; o encorajamento ou desencorajamento ao pertencimento a qualquer organização operária através da discriminação no que se refere à contratação, período, termo ou condição de emprego; a demissão ou discriminação de qualquer empregado em razão de queixas contra o empregador; e a recusa das empresas em negociar com representantes dos trabalhadores.” (LIMONCIC, 2009, p.179)

Para Gordon (1962) o objetivo principal da Lei Wagner era possibilitar que os sindicatos possuíssem os meios legais para conseguir recursos políticos e realizar a tarefa proposta pelo NIRA, isto é, aumentar o poder de negociação dos trabalhadores e estabilizar as relações de trabalho, atingindo assim a verdadeira democracia industrial. Para o Senador Wagner, os sindicatos eram o único meio disponível para regular horas de trabalho e salários, estabilizar a concorrência empresarial e retornar o crescimento econômico. Esta seria, também, uma forma de evitar a radicalização dos trabalhadores, bem como o fascismo e o comunismo:

“A luta por uma voz na indústria através do processo de negociação coletiva está no coração da luta pela manutenção da democracia econômica e social na América. Se deixarmos os homens tornarem-se servis nas mãos de seus mestres nas fábricas e então estará quebrada a resistência à ditadura política. O fascismo começa na indústria, não no governo. As sementes do comunismo são plantadas na indústria, não no governo. Mas se os homens conhecerem a dignidade da liberdade e auto-expressão em suas vidas cotidianas, nunca se curvarão à tirania.” (WAGNER, 1937, p. 23)

Com a NLRA, Limoncic (2009) afirma que empresários como Ford já não ficavam impunes quando cometiam seus crimes e eram obrigados a respeitar a livre organização dos trabalhadores. William Green, presidente da AFL, em 1935 afirmou que a Lei Wagner era a Magna Carta do movimento sindical, e esta realmente aumentou exponencialmente o número de trabalhadores filiados a sindicatos. A Lei Wagner defendia ser parte obrigatória da política dos Estados Unidos garantir que tanto empregadores quanto empregados tivessem a capacidade de negociar coletivamente, fazendo com que, pela primeira vez, o

Estado norte-americano realizasse uma verdadeira promoção estatal para estimular a contratação coletiva do trabalho.

Gross (1974) ao estudar sobre o impacto do NLRB, mostra como este conseguiu atingir em grande parte o seu objetivo de paz industrial, tendo diminuído exponencialmente o número de greves. Por exemplo, enquanto em 1936 houve mais greves do que ações iniciadas por sindicatos, em 1937 houve 221% a mais de casos analisados pelo NLRB do que de greves, tendência que se manteve nos anos seguintes. Enquanto em 1937 houve 4740 greves, em 1938 este número diminuiu para 2773, e somente 2283 em 1939, o que demonstra que os sindicatos decidiam cada vez mais resolver os conflitos através da ação estatal.

Frances Perkins, secretária do trabalho do governo Roosevelt, explica em 1941 sobre o novo papel dos sindicatos dentro da nação americana. Para ela, estes passaram a ser uma verdadeira instituição americana, com propósito e poder de determinar políticas em seu campo. Portanto, ela afirma que surgiam também novas responsabilidades para as quais os sindicatos deveriam se comprometer, para o bem de todo o povo americano. Uma delas, por exemplo, seria a de sempre seguir as crenças essencialmente americanas, como a santidade dos contratos.

O líder de todo este novo movimento que ocorria reajustando a sociedade americana era, de acordo com Plotke (1996), Franklin Delano Roosevelt, chamado por este autor como um dos mais bem sucedidos presidentes americanos do século XX. Portanto, para uma melhor compreensão sobre o New Deal, torna-se fundamental entender mais sobre o líder deste programa e suas políticas governamentais. Para este autor, Roosevelt promoveu grandes mudanças nas instituições americanas e na política deste país, tendo chegado ao poder em 1932. Era do Partido Democrata, trazendo este partido de volta ao poder depois de 24 anos de governo dos republicanos em um período de 31 anos. Plotke (1996) afirma que com o seu New Deal, Roosevelt substituiu a ordem anterior por uma nova ordem, definida por um Estado grande, forte e interventor, um novo partido Democrata, e novos movimentos e grupos influentes, como o movimento trabalhista.

Plotke (1996) concorda com a visão de Gordon (1994) de que o New Deal surgiu principalmente para pensar sobre a estrutura do capitalismo, sendo

influenciado pelas filosofias progressistas da primeira década do século XX e pela experiência, já mencionada anteriormente, das novas ideias de cooperação e intervenção desenvolvidas durante a Primeira Guerra Mundial. Este autor afirma que a profundidade e a duração da crise econômica iniciada em 1929 possibilitaram as reformas promovidas por Roosevelt e pelo New Deal, pois a sociedade via claramente que algo grande precisava ser feito. A desorganização política e econômica e a necessidade de regulamentação encorajaram a intervenção estatal de Roosevelt em assuntos políticos e econômicos, o que levou ao Estado ter novas funções e aumentar sua dimensão com o New Deal. Era capaz, a partir daquele momento, de fazer grandes intervenções socioeconômicas, tendo se tornado responsável por grande regulamentação econômica e aumento de provisões sociais para o bem-estar social.

De acordo com Kennedy (2009), o New Deal levou ao maior número de mudanças sociais e institucionais na história americana. Este autor afirma que as mudanças decorrentes do New Deal são fortemente controversas e que são contínuos os debates referentes a sua significância histórica, sua identidade ideológica e suas consequências econômicas, políticas e sociais. A maior contribuição do New Deal, de acordo com este autor, foi a segurança que este levou para o povo americano. E para exemplificar isto, usa um exemplo que possui esta própria palavra em seu nome: o Ato de Segurança Social de 1935. Roosevelt decidiu aumentar o papel do Estado para utilizá-lo como principal instrumento, possibilitando assim a segurança e estabilidade que pensava ser direito do povo americano, e tinha a noção de que o governo possuía a obrigação de cuidar de todos os cidadãos, levando segurança e dignidade para todos. As ações mais importantes do New Deal foram neste sentido, um mínimo de dignidade depois de décadas sem o mínimo de direitos. No seguinte trecho temos algumas dessas ações e podemos compreender a dimensão destas medidas:

“O New Deal proporcionou mais garantia para depósitos bancários, mais informações confiáveis a investidores, mais segurança para credores, mais estabilidade para a relação entre o capital e os trabalhadores, salários mais justos e previsíveis para trabalhadores vulneráveis e uma segurança financeira para desempregados e idosos. Estas inovações transformaram a economia americana e o panorama

social, moldando profundamente o destino de americanos nascidos muito depois da crise da Grande Depressão ter sido solucionada” (KENEDDY, 2009, p. 254).

Se, por um lado, o New Deal realmente trouxe grandes avanços sociais para o povo americano como afirma Kennedy (2009), outros autores afirmam que as origens do New Deal e suas medidas foram principalmente para promover as mudanças necessárias para a economia americana e para promover a harmonia entre as diferentes classes. Gordon (1994), ao descrever os antecedentes do New Deal, demonstra como as empresas também foram necessitando das regulamentações vindas com este programa. Este autor afirma que houve primeiramente uma tentativa do meio empresarial e industrial de se autorregular através de “soluções coletivas”. Ele afirma que a inveja competitiva e a federalização política encorajavam soluções políticas e privadas feitas de maneira ansiosa e desorganizada. As várias tentativas frustradas de auto regulação do mercado e o estado de rivalidade e desordem abriram as portas para o que iria vir com o New Deal: “Nesta atmosfera de miséria competitiva quase universal e ansiedade política míope, o único terreno comum possível parecia ser uma lei federal que iria dar força legal e política para os esforços organizacionais da indústria mas deixar os detalhes destes esforços para as próprias indústrias: o National Recovery Act of 1933” (GORDON, 1994, p.86). Este autor afirma que o New Deal não surgiu devido a um movimento trabalhista encorajado, um Estado iluminado ou uma fraqueza da comunidade empresarial, como aparece frequentemente na memória histórica. Para ele, as medidas tomadas no New Deal também surgiram principalmente para evitar conflitos políticos e outras formas de intervenção, e “para muitos, as concessões implicadas pelas leis trabalhistas promoviam outros benefícios, incluindo paz industrial e maiores níveis de consumo agregado” (GORDON, 1994, p.2). Outros autores colocam em debate também os reais benefícios do New Deal. Schlaes (2007) afirma que não foi o governo que resgatou a economia, e chega a afirmar que o governo na verdade atrapalhou a recuperação econômica. De acordo com esta autora “onde o setor privado podia trazer a economia de volta, Roosevelt e seu New Deal impediam isto de acontecer”. Gordon (1994) afirma que “o New Deal é o marco central da economia política moderna dos EUA”. (GORDON,

1994, p.1) De acordo com este autor, este novo “acordo” originou-se das estratégias de organização e regulação econômicas surgidas depois da Guerra Civil americana, muito importantes nos debates políticos daquele momento e que acabariam por virar políticas públicas dominantes depois da Primeira Guerra Mundial. O autor considera o New Deal um “big bang” de inovações institucionais, e afirma que este foi o primeiro momento em que políticas públicas geraram ganhos reais para trabalhadores, em uma política americana dominada por empresas, indústrias e interesses econômicos. Ele afirma, porém, que as ações provenientes do New Deal que geraram estas melhoras para os trabalhadores vieram principalmente em razão de interesses específicos do meio empresarial e industrial, pois este havia tentado, e fracassado, realizar por si mesmo ações que promovessem a ordem no mercado econômico e estratégias de anticompetitividade organizacional nos anos 1920. Porém, os interesses econômicos eram “desorganizados cronicamente, competitivos e possuíam visão curta” (GORDON, 1994, p.1). O autor complementa afirmando que “a desorganização privada fez a política ser necessária, mas soluções políticas eram rotinamente frustradas pela miopia das demandas empresariais, a fraqueza das instituições políticas nacionais, e a federação da responsabilidade política.” (GORDON, 1994, p.1)

O New Deal surge então como solução para o fracasso da iniciativa privada em tomar as medidas necessárias, e o evento catalisador para seu surgimento foi a grave crise iniciada em 1929. Existem diferentes teorias sobre o que causou a crise de 1929. Fisher (1932) possuía uma visão imediatista e acreditava que o excesso de crédito durante a década de 20 chegou ao limite e isto causou a queda da bolsa e a falência dos bancos. Bernstein (2001) critica esta visão e argumenta que a crise foi causada por questões estruturais do sistema capitalista. Já Hobsbawm (1995) diz que a Grande Depressão destruiu o liberalismo econômico por meio século: “A Grande Depressão obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais prioridade sobre as econômicas em suas políticas de Estado. Os perigos implícitos em não fazer isso – radicalização da esquerda e, como a Alemanha e outros países agora o provavam, da direita- eram demasiado ameaçadores” (HOBBSAWM, 1995, p. 99). De acordo com Gordon (1994) a instável estrutura das regulações feitas pela iniciativa privada durante a década de 1920 colapsaram totalmente em 1929.

Este autor afirma que o início dos anos 1930 apresentou uma oportunidade para reconstruir estes experimentos da iniciativa privada através de leis e instituições federais devido às pressões competitivas, à agitação social e a realidade política, que acabaram levando o meio empresarial e o governo Roosevelt por esse caminho. O autor afirma que “O New Deal, de uma maneira ansiosa e “ad hoc”, politizou padrões privados de organização dos negócios, de políticas de bem-estar e de relações trabalhistas – um processo que começou com o National Recovery Act (NRA) em 1933 e culminou em leis trabalhistas e políticas de bem-estar em 1935.” (GORDON, 1994, p.2) Este autor afirma também que, por outro lado, por mais que o New Deal tenha sido criado pelas demandas do meio empresarial, este começou a se ressentir com consequências que não haviam sido previstas inicialmente. Por tudo isso, foram intensos e extensos os debates sobre o New Deal e sobre a questão social nos EUA, envolvendo questões, como, por exemplo, horas de trabalho, consumo, trabalho infantil, questões referentes à gênero, entre outras. A Igreja Católica, como será observado nos capítulos seguintes, teve uma participação bastante ativa e importante nesse debate.

Para Vidal (2018) foi com o New Deal em 1933 que o conceito de “liberalismo” começa a ser entendido nos EUA como o conhecemos atualmente. Ela afirma, porém, que já existiam antes vertentes que poderiam ser caracterizadas de liberais, vindas desde a época da constituição deste país: “O próprio debate acerca da organização federal e constitutiva norte-americana já atentava para dois grupos (federalistas e anti-federalistas): um que preconizava a união federal, portanto, com um governo federal com certo escopo de atuação, e o outro que defendia a independência dos estados, portanto, um governo federal mínimo.” (VIDAL, 2018, p.84) Seria, portanto, utilizado termos diferentes para representar coisas parecidas: Paternalismo e individualismo seriam utilizados para falar sobre a dependência de um Estado de bem-estar social e sobre a rejeição deste, ao invés dos termos conservadorismo e liberalismo, como são entendidos hoje nos EUA.

De acordo com Vidal (2018) o uso do termo Liberalismo não surgiu, portanto, do nada. Foram visões de mundo e de filosofias políticas que foram se desenvolvendo ao longo da história norte-americana. São, em certo momento, melhor definidas e legitimadas devido a atores chaves que utilizam este rótulo

para definir uma caracterização ideológica própria que represente um partido político. Para o conceito de liberalismo, quem realizou este processo nos EUA foi Roosevelt na década de 1930 com seu New Deal. É importante ressaltar que o liberalismo é entendido de maneira diferente nos EUA do que em países como no Brasil e na França. Nos casos destes dois países, ele está associado ao liberalismo clássico, que leva em conta a mão invisível do mercado e a não interferência na economia, vindo da escola austríaca (VIDAL, 2018) Já nos EUA, ele representa a ideologia política vinculada à esquerda política, uma ideologia contrária ao laissez-faire e ao liberalismo clássico, defendendo uma forte atuação federal do Estado no Bem-estar social. Esta ideologia surgiu com Roosevelt, através de sua liderança e atuação na solução da Grande Depressão e está diretamente ligado a questões de ordem prática.

Ou seja, foi formada por decisões práticas tomadas a assuntos políticos, sendo desenvolvida não por teóricos ou acadêmicos, mas sim por líderes políticos. A autora complementa que, mesmo sendo criada por Roosevelt e pelo partido Democrata, “ela possui raízes tanto nos movimentos progressistas quanto nos movimentos populistas nos Estados Unidos. Com a presidência de Roosevelt, essas tendências seriam “rebatizadas” com o nome de “liberalismo” sem, no entanto, perder as linhas basilares que definiam esses movimentos, em específico a ênfase na igualdade e no papel do governo para a condução de uma sociedade mais igualitária” (VIDAL, 2018, p.84) Uma das diferenças entre o progressivismo e o liberalismo está, para esta autora, na questão da moral. O progressivismo tinha uma forte questão de impor um certo tipo de moralidade para a sociedade americana, diferentemente do liberalismo.

Ainda de acordo com Vidal (2018), algumas características principais do liberalismo criado por Roosevelt, e que continua sendo o mesmo liberalismo atualmente, seriam a igualdade econômica e social, o governo como provedor social, intervenção estatal forte em áreas que antes de Roosevelt eram consideradas privadas. Tudo isso sem sair do capitalismo estadunidense. Um exemplo disto trazido pela autora seria por exemplo a regulação das relações trabalhistas e de corporações, redistribuindo recursos para os mais necessitados com auxílio financeiro, saúde ou programas de emprego, entre outros, sem socializar terras ou abolindo a propriedade privada. Seria uma economia mista Keynesiana, em que o governo intervém como um árbitro direcionando a

economia capitalista ao mesmo tempo que diminui seus efeitos negativos na sociedade. Na área social, este liberalismo foi evoluindo desde seu surgimento para defender o multiculturalismo, os direitos de afrodescendentes, imigrantes, mulheres, homossexuais, e intervém para assegurar a igualdade e a liberdade de escolha.

Sobre este assunto, Cowarick (2003) contribui apontando que o debate norte-americano sobre a questão social é político-ideológico, pois todos que pensam sobre esta questão e suas soluções são automaticamente colocados no campo conservador ou liberal, e este autor concorda com Vidal (2018) na sua concepção de que seria algo muito similar ao conceito de progressista nos EUA, “pois inspirado nas tradições que fundamentam as políticas de bem-estar social.” (COWARICK, 2003, p.62) De acordo com este autor, à partir da Grande Depressão causada pela crise de 1929, surgiram dois lados com visões diferentes sobre as causas da questão social: um lado culpabilizava a vítima pela situação precária que se encontrava econômica e socialmente, vindo de sua irresponsabilidade: “segundo essa visão, as políticas públicas só serviriam para reproduzir ou aumentar a anomia, a ociosidade e a indolência, a desestruturação familiar, o consumo de drogas e as várias formas de criminalidade.” (COWARICK, 2003, p. 62) O outro lado, liberal, afirmava que as causas da questão social não estariam no comportamento ou nos valores do indivíduo, mas sim em processos estruturais amplos, desindustrialização de algumas regiões, transformações tecnológicas e gerenciais, mudanças no perfil da mão-de-obra, transformações sociais e urbanas ou no preconceito sobre a população afro-americana.

Baum e Kernell (2001) afirmam que Roosevelt precisou enfrentar em seus 12 anos de governo duas das maiores crises pelas quais os EUA precisaram passar no século XX: A Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Afirmam também que os historiadores geralmente o colocam na lista dos melhores 5 presidentes da História dos EUA. Para estes autores, a nação estava em um momento que precisava fortemente de uma liderança, e conseguiu achar esta em FDR. Ter conquistado bastante apoio desde o início de seu governo o possibilitou a realizar as fortes reformas econômicas do New Deal e sua política internacional. Cole (1983) lembra, por outro lado, que cada iniciativa nova proposta por Roosevelt para lidar com a Depressão recebia críticas da direita e

muitas vezes também da esquerda. Para Burns (1956) a polarização política em Washington se refletia na opinião do público americano, que em determinados momentos apoiava mais ou menos Roosevelt e o New Deal. A década de 30, para este autor, foi o período com maior lealdade partidária na história americana, e era baseada muito nas classes e questões econômicas. Foi neste período, para este autor, que homens de negócios começam a ser mais fiéis ao Partido Republicano, enquanto os trabalhadores se tornaram predominantemente Democratas. Fortes laços estavam sendo construídos entre sindicatos e o partido democrata, ao mesmo tempo também entre organizações empresariais e o GOP.

Baum e Kernell (2001) explicam como Roosevelt conseguiu utilizar sua popularidade em determinada parcela da população para realizar as mudanças que desejava, e como entendia o fato de que essa popularidade e o apoio popular eram fundamentais para seu governo. Estes autores afirmam que, mesmo em um ambiente muito polarizado, Roosevelt conseguiu manter uma grande base de apoio que o possibilitou realizar suas reformas e governar efetivamente. Eles reiteram o apoio que Roosevelt recebia da classe trabalhadora e de parte grande de outras classes, e que é marcante o fato de que Roosevelt conseguiu forte apoio popular em um grande período mesmo em condições adversas com problemas severos e controversas políticas econômicas e internacionais. Seu sucesso foi, para estes autores, devido a um aumento de apoio entre as classes mais altas e a classe média em determinados momentos de seu governo, além de conseguir manter o apoio da classe trabalhadora durante praticamente todo seu mandato. Eles também mostram em sua pesquisa a importância dos discursos feitos por Roosevelt no rádio, mostrando a importância destes para aumentar sua popularidade. Depois destes discursos sobre a importância de o governo aumentar seus gastos para auxiliar negócios que estavam passando dificuldades devido à Grande Depressão, por exemplo, as pesquisas indicam que a popularidade de Roosevelt frequentemente aumentava e mais pessoas apoiavam tais medidas: “Roosevelt’s tireless efforts to cultivate public support paid off handsomely in these figures, if not in bolstering his personal popularity with the public, by mobilizing his supporters behind his policies.” (BAUM E KERNELL, 2001, p.224) Roosevelt conseguiu, através das suas medidas políticas, econômicas e sociais,

e de sua técnica de aumentar seu apoio utilizando dispositivos como o rádio, criar uma base de apoio heterogênea dentro de uma sociedade polarizada politicamente e dividida fortemente por classes.

Isto tudo levou Roosevelt a iniciar o que Cabrera e Ragland (2016) dizem ser um novo momento revolucionário nos Estados Unidos, o que para elas foi uma revolução política e institucional dramática que criou naquele país uma nova ordem de maior influência federal, um partido Democrata renovado, e novos movimentos e grupos de interesses, como os trabalhadores e o trabalhismo. Os maiores atores naquele período eram o Estado, os partidos políticos e organizações trabalhistas. Para elas, Roosevelt sabia da importância de manter e aumentar as associações de trabalhadores e os laços desta com o governo para a formação e legitimação de sua nova ordem política, para aumentar o crescimento econômico e a produção do setor privado, e para lidar com crises econômicas e políticas. O aumento da importância do papel dos trabalhadores acabou criando novas alianças corporativistas dentro dos EUA e internacionalmente. Porém, diferentemente de outros países em que surgiram organizações corporativistas, como no México, Brasil, Argentina, Espanha, Itália, entre outros, nos EUA isso se deu em um regime democrático constitucional. E Roosevelt sabia que, para sobreviverem e terem êxito, essas organizações corporativistas e seu governo dependiam das providências da elite governante em prover apoio legal, financeiro e político para as organizações trabalhistas. (Cabrera e Garland, 2016)

Um dos motivos que levou ao grande apoio dos trabalhadores para Roosevelt foi o governo de Herbert Hoover, com suas políticas que não agradavam a esta classe. E claro, Roosevelt e os Democratas tinham a vantagem de se mostrar como a alternativa nas eleições que os elegeram, pois os Republicanos e o presidente Herbert Hoover estavam sendo amplamente culpados pela população pela crise econômica que começou em 1929. Cohen (1990) explica a aliança formada pelo partido Democrata, Roosevelt e os trabalhadores, afirmando que estes viam no partido Democrata uma possibilidade de defender seus interesses e direitos. Para esta autora, foi este o momento em que os trabalhadores começaram a votar fortemente em candidatos Democratas, “joining President Franklin Roosevelt’s ‘New Democratic Coalition’ to promote a notion of government that protected the well-being

of ordinary Americans” (COHEN, 1990, p. 2) Depois de grandes derrotas e de seu afastamento dos sindicatos e da política na década de 1920, os trabalhadores voltam na década de 1930 a possuir participação política. Em 1935 é criada então uma organização nacional: The Congress of Industrial Organizations. Para Roosevelt e os Democratas, os sindicatos eram uma das bases de seu poder político.

De acordo com Cabrera e Ragland (2016) o meio da década de 1930 foi um momento de alta mobilização popular, com greves e movimentos populistas. Concessões políticas foram dadas aos trabalhadores pelo fato de que estava havendo uma grande crise econômica e um crescimento do movimento trabalhista. Desde o início do governo Roosevelt, já três anos depois do início da Grande Depressão, o governo começou a apoiar os sindicatos, como já foi mencionado. Portanto, um dos primeiros atos de Roosevelt e de seu New Deal foi aprovar o NRA, que protegia e promovia os sindicatos e movimentos coletivos. Em 1935 esta lei foi negada pela Suprema Corte, que a considerou inconstitucional. Porém, mesmo assim, “By this time, workers had become incorporated into U.S. politics through the CIO, the earlier formed AFL, and the now governing Democratic Party.” (CABRELA E RAGLAND, 2016, p.335) Como a nova liderança do partido Democrata havia se dado conta de que seria crucial para a nova ordem do New Deal de Roosevelt formar uma aliança com o movimento trabalhista, o governo dos EUA apoiava os sindicatos de maneira legal, financeira e política. Roosevelt aprovou ao longo de seu governo leis que pela primeira vez deram aos trabalhadores alguns direitos fundamentais básicos, como por exemplo o estabelecimento de um salário-mínimo e das horas de trabalho com o Fair Labor Standards Act de 1938. Para se chegar nesta lei, muitos debates ocorreram, como pretendo demonstrar no capítulo 3. Outro grande exemplo de avanços trabalhistas daquele período inclui o já mencionado National Labor Relations Act (NLRA), de 1935, conhecido também como Lei Wagner. Esta lei permitiu que os trabalhadores formassem sindicatos independentes e garantia seus direitos de negociar coletivamente com os empregadores, através do também recém-criado National Labor Relations Board (NLRB), órgão responsável por supervisionar as negociações entre capital e trabalho na indústria privada e que reforçava a visão corporativista do governo Roosevelt.

Cabrera e Ragland (2016) mostram a importância de se considerar o contexto em que estas ideias corporativistas são aplicadas, reforçando que no caso dos EUA este é um contexto democrático, ao invés de contextos ditatoriais que foram a maioria dos casos na época. Para estas autoras, os meios específicos com que os governos controlam as massas varia muito em diferentes contextos, sendo os regimes centrais em construir a vida política em sociedades de mercado avançadas. Porém, elas afirmam que o uso do termo “regime” para designar países democráticos como os EUA deve ser vista como problemática, pois este termo normalmente possui conotação autoritária ou não democrática. Para Plotke (1996), esta relutância em usar o termo “regime” para governos dos EUA se dá ao fato de que muitos autores preferem indicar que a transição política neste país se dá sempre em uma alternância de poder entre partidos moderados que atuam dentro do centro político. Para este autor, o termo mais apropriado do que ocorreu na década de 1930 foi uma mudança de “ordem política”, com a criação de uma nova coligação que dominou a política americana da década de 1930 até a década de 1960, sendo composta por uma relação especial entre o Partido Democrata, o governo e novos movimentos e grupos de interesses, principalmente o movimento trabalhista. Hershey (2013) afirma que os novos programas e leis do New Deal, como leis de salário, horas de trabalho, proteção aos sindicatos, entre outras, reforçaram a imagem do Partido Democrata como o partido que realmente desejava ajudar o povo e criar melhoraria para as condições de vida da população. Cabrera e Ragland (2016) ressaltam a importância de observar sempre que essa nova ordem Democrata do New Deal não substituiu a Constituição dos EUA, ela foi construída dentro deste sistema, sem ter ocorrido alguma revolução nacional, como foi o caso em outros países. O Estado foi transformado em um Estado interventor, o que beneficiou muitos atores sociais, como os sindicatos: “In the 1930s, the main themes, policies, and organized forms of U.S. politics were redefined. There was a reshuffling of power relations in the United States, but this transformation took place within the framework of a democratic political system established constitutionally in 1789.” (CABRERA E RAGLAND, 2016, p.340) A Aliança Corporativa nos EUA no período de Roosevelt, para estas autoras, entre o governo e os sindicatos, foi fundamental para que Roosevelt conseguisse aplicar suas ideias corporativas, inseridas dentro do New Deal, em um contexto democrático como os EUA.

Sobre esta aliança entre o governo e os sindicatos, Janiewski (2022) diz que havia no início da década de 1930 um esforço para que entrasse na concepção de Liberdades Civis nos EUA a noção de direitos trabalhistas. Havia políticos, como o Senador Robert Wagner, e membros do comitê do New Deal, cujas medidas tomadas iam no sentido de criar justiça econômica, enquanto havia também oponentes a estes ideais, como a National Association of Manufacturers e uma aliança anticomunista entre Democratas do sul e Republicanos. Estes oponentes ao New Deal afirmavam que os apoiadores dos direitos trabalhistas eram antiamericanos contrários à livre iniciativa. Para eles, era necessário defender o indivíduo do que eles consideravam um Estado que estava se expandindo mais do que deveria e de líderes trabalhistas. Desejavam trocar o que a autora considera como “labor rights by the “right to work.” Ou seja, acreditavam que, diminuindo os direitos trabalhistas, existiram mais oportunidades de emprego e a economia iria melhorar para todos.

De acordo com Janiewski (2022), muitos New Dealers viam as garantias ao direito dos trabalhadores de negociarem através de sindicatos, garantido pelo NLRA como um grande passo em direção à Justiça Comum, descrita por Roosevelt quando este assinou esta Lei em 1935. Para esta autora, Roosevelt queria garantir que “every American enjoyed the civil liberties promised in the Declaration of Independence and the first ten amendments.” (JANIEWSKI, 2022, p.372) Garantir o direito de organização coletiva dos trabalhadores através do NLRA foi um ato conjunto entre três Senadores importantes, Robert Wagner, Robert La Follette e Elbert Thomas. Estes acreditavam que o direito dos trabalhadores de se organizar e negociar coletivamente era uma questão de garantir seus direitos principais, e buscavam a criação de um sistema equilibrado em que a esfera econômica também passasse a ter um processo democrático de debate. Os oponentes do New Deal e destes Senadores tentavam a todo o modo substituir a campanha do “Labor Rights” pela do “Right to Work”: “Taking over the leadership of the National Association of Manufacturers [NAM] in the early 1930s, executives like Tom Girdler of Republic Steel insisted that workers derived more benefits from the “right to work” than unionization.” (JANIEWSKI, 2022, p.373) Muitos grupos destes empregadores defendiam o individualismo e o direito dos empregadores de controlar suas empresas sem a interferência de governos ou sindicatos.

Cass Sunstein (2004), em seu livro “The Second Bill of Rights: FDR’s Unfinished Revolution and Why We Need It More Than Ever” (2004) escreve que esta visão dos empregadores de “right to work” é a predominante atualmente, ao invés da noção de direitos trabalhistas. Para esta autora, o entendimento atual de direitos civis está mais próximo da noção individualista do que a noção proposta pelo New Deal de igualdade e justiça econômica. Fabre (2003) explica que o conceito de “direitos sociais” foi excluído da definição americana de liberdades civis, e que a noção individual de cidadania civil ofuscou a cidadania social comum, reforçando o entendimento de que a desigualdade econômica é devida ao fato, de acordo com esta visão, de que os pobres possuiriam menos habilidades para fazer dinheiro do que o entendimento de que está presente uma discriminação de classe. Sparrow (2011) cita alguns dos motivos de o entendimento social do New Deal não ter prevalecido. Isto teria acontecido pois o Estado do New Deal foi substituído por um Estado bélico de guerra na Segunda Guerra Mundial, o que freou o avanço da cidadania social, enquanto a Guerra Fria adicionou ao Estado a noção de segurança nacional, o que fez, juntamente com forças de oposição do Sul dos EUA, a visão social do New Deal ser colocada em segundo plano.

Esta visão social do New Deal, de acordo com Janieski (2022), gerou muitos debates desde a sua implementação. Seus apoiadores consideravam este uma nova Magna Carta, enquanto seus oponentes, como o NAM, acusavam este de ser inconstitucional, ilegal e chamavam os industrialistas para lutar contra a autocracia do New Deal. Acreditavam que este estava levando os EUA para um caminho ditatorial. Enquanto a NAM denunciava a legislação, um grupo de empresas individuais contrárias ao New Deal desafiavam suas ordens: “For those committed to labor rights, it became obvious that employers and their legal teams would try to destroy the law and the agency it had reinvigorated.” (JANIESKI, 2022, p.376) Esta autora comenta que as táticas dos oponentes do New Deal envolviam a utilização de agências de detetives, espiões industriais, infiltrações nas passeatas para prejudicá-las, e outros métodos para prejudicar a sindicalização.

Janiewski (2022) fala sobre o fato de o Senado ter trocado o termo de sua investigação contra estes grupos que tentavam prejudicar o NRLA e o New Deal. Ao invés de investigar “radicais”, disseram estarem investigando “reacionários”.

Ela afirma que esta investigação do Senado mostrou para o público os esforços que estavam ocorrendo para prejudicar o avanço dos direitos trabalhistas, e que o público em geral não acreditava na acusação de associação do movimento pelos direitos trabalhistas com o comunismo. Mesmo com forte pressão popular, esta investigação recebeu pouca verba para continuar, porém os Senadores estavam determinados a avançar mesmo assim, utilizando muito recursos como as relações públicas e a mídia para avançar sua causa. O comitê no Senado mostrou o papel da polícia em perseguir comunistas e sindicalistas, prender proponentes da igualdade racial, e defensores de liberdades civis no Alabama. As técnicas para prejudicar os sindicatos envolviam “Beatings, floggings, dynamite, machine guns, and raids into homes without search warrants combined old and new methods for preventing unionization and stopping public meetings disapproved by authorities.” (JANIEWSKI, 2022, p.381) O veredito da Suprema Corte neste caso foi favorável ao NLRA, reconhecendo o papel deste em cuidar de uma economia frágil e manter a indústria sadia. Foi uma vitória para aqueles que defendiam os direitos trabalhistas e seu papel no mundo industrial.

Já em 1937, para Schickler e Caughey (2011), começou a mudar a opinião pública sobre os efeitos do New Deal e suas legislações trabalhistas de apoio a sindicatos, devido a diferentes fatores, como greves da indústria automobilística, a tentativa de Roosevelt de aumentar a Suprema Corte e uma nova recessão econômica, o que fez com que a “NAM, conservative politicians, media allies, and the AFL looked for ways to exploit the growing vulnerability of the New Deal, undermine the NLRB, and curb the CIO.” (JANIEWSKI, 2022, p.381) Para Janiewski (2022) o Comitê de La Follette no Senado não iria desistir, chamando a NAM para uma sessão em que esta teria que mostrar suas táticas de relações públicas. O que ficou claro foi como esta possuía uma visão de que o NLRA estava agindo com uma ideologia de conflitos de classes, baseada no socialismo e no comunismo, e que a NAM pagava para George Sokolsky, um colunista do New York Herald-Tribune, para este apresentar comentários aparentemente independentes que criticavam Roosevelt e o New Deal. Para esta autora, o comitê de La Follette no Senado deu ainda mais causas para a NAM retaliar, levando esta a criar cartazes nos EUA sobre o “American Way”, em 1937, como uma campanha contra Roosevelt e o New Deal, cujo objetivo era mostrar ao

povo americano que a Constituição limitava o poder do governo federal. Esta campanha conectava as liberdades civil e religiosa, a democracia e as oportunidades, juntamente com empreendimentos livres e privados, como fica claro nesta seguinte frase que Janiewski (2022) mostra como sendo um dos slogans da NAM: “neither government nor labor unions should violate individual liberty by coercing a worker to join a union.” (JANIEWSKI, 2022, p.382)

De acordo com Janiewski (2022) em 1938 é formado um comitê especial na câmara para investigar o que eles chamavam de atividades antiamericanas, cujo objetivo era diminuir as políticas sociais do New Deal que estavam mudando os status quo racial e trabalhista dos EUA. Havia, portanto, naquele momento, dois comitês ao mesmo tempo na câmara dos EUA de lados opostos do New Deal, um apoiando o projeto de Roosevelt, e o outro acusando-o de ser comunista e socialista. Estava presente uma “mutual antipathy” entre os comitês do Dies e de La Follete, com grande rivalidade entre os dois: “Journalists observed the Dies Committee’s one-sided and comparatively irresponsible smearing methods. The House committee gave those stigmatized as Communists or “alleged sympathizers” almost no opportunity to defend themselves as denials.” (JANIEWSKI, 2022, p.384) Para Tomlins (1995) o comitê de La Follette, a favor do New Deal, valorizava mais a verdade e os fatos, enquanto o comitê de Dies, contrário ao New Deal, utilizava de falsa propaganda, o que fazia ficar complicado o debate. Acusavam o comitê favorável ao New Deal de ser contra a democracia burguesa, o capitalismo, e que estes gostariam de criar uma república de trabalhadores. Em 1939, com a guinada eleitoral para a direita, o comitê de Dies recebe verbas ainda maiores, enquanto Senadores recusam aumentar as verbas do comitê de La Fallette. Novas adições são propostas no NLRA pela AFL e por Senadores conservadores, com apoio da NAM.

Os comitês vão levando desta forma até que a Segunda Guerra Mundial começa a modificar a visão de Roosevelt e de muitos de seus apoiadores (Janiewski, 2022). Muitos dos que apoiavam as greves anteriormente, começaram a entender que elas poderiam se espalhar para fábricas de aeronaves e navios, fundamentais para a guerra a qual os EUA aumentavam sua participação. Isto fez com que forças anti-NLRB e New Deal aumentassem, e que Roosevelt, um presidente que estava se preparando para a guerra,

começasse a ter uma visão diferente. Naquele momento, vencer a guerra se tornou para Roosevelt uma questão fundamental, portanto não poderia ser permitido nenhum tipo de sabotagem industrial. Assim, foi aprovado o Smith Act, o qual “Roosevelt signed it into law to give the FBI greater powers to investigate subversive workers and troublesome labor activists” (JANIEWSKI, 2022, p.388) e o “NLRB sought to placate its critics by adopting a neutral position between the CIO, the AFL, and employers while discouraging strikes in vital war industries.” (JANIEWSKI, 2022, p.389) Podemos observar, portanto, como o contexto da Segunda Guerra Mundial coloca a guerra acima das questões trabalhistas e do New Deal, fazendo com que Roosevelt se transformasse de presidente definido pelo New Deal para um presidente que estava sendo definido pela forma como lidaria com a guerra, o que fez sua visão sobre questões internas ser modificada.

Neste contexto da Segunda Guerra Mundial, para Tomlins (1995) as greves que ocorriam eram consideradas pela maioria como traidoras da nação, assim como os trabalhadores que realizavam estas greves. Estes prejudicavam o esforço conjunto para vencer, o que tornou o momento ideal para a NAM, o lobby industrial e políticos conservadores empurrarem sua ideia do direito do indivíduo de trabalhar: “That same year Florida became the first state to pass “right to work” legislation, inspiring other states to follow its example.” (JANIEWSKI, 2022, p.389) Muitos em Hollywood também entraram na onda: “In Hollywood, the Motion Picture Alliance for the Preservation of American Ideals (MPA) vowed to use the “powerful medium” to defend the “rights of the individual.” (JANIEWSKI, 2022, p.389) Havia um contexto de forte oposição ao New Deal, e de defesa da Liberdade e do American Way of Life. Também havia forte oposição ao sindicalismo, considerado antiamericano. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o anticomunismo continuou crescendo, o que fez com que os ideias trabalhistas do New Deal continuassem a diminuir. Porém, ao mesmo tempo muitas criações do New Deal continuaram existindo e aumentando, as quais continuam existindo nos dias atuais.

Sobre a relação entre o governo e o sindicato durante o New Deal, Kaufman (2012) defende que esta foi importante e benéfica para a economia, ao mesmo tempo em que o New Deal de Roosevelt foi interventor na medida que era necessária naquele momento. Para este autor, mais recentemente surgiu uma onda historiográfica a qual culpabiliza o New Deal pelo prolongamento da

Grande Depressão da década de 1930, com suas medidas de aumento dos salários, dos custos trabalhistas, e de intervenção na cadeia produtiva e na relação entre empregados e empregadores: “The government is targeted for blame, particularly with regard to the New Deal's legislative program fostering greater collective bargaining, a legal minimum wage, and unemployment insurance, but the anticompetitive industrial relations (IR) practices fostered by trade unions and large corporations are also criticized.” (KAUFMAN, 2012, p.501) Este autor defende Roosevelt e o New Deal, e afirma que culpar estes pela Grande Depressão é ignorar os fatos e não os estudar corretamente.

Ben Bernanke (2000), enquanto representante do Federal Reserve nos EUA, afirmou sobre este debate que entender a Grande Depressão, suas causas e sua cura, é o ponto principal e mais importante das teorias econômicas. Kaufman (2012) complementa que suas causas e curas ainda não foram precisamente descobertas, mas que muitos economistas acreditam que suas pesquisas têm os levado cada vez mais perto de uma verdadeira explicação. O foco principal atual das pesquisas tem sido, de acordo com este autor, “The roles of labor markets, industrial relations practices, and New Deal labor policies, which earlier were distinctly secondary or peripheral issues in the literature.” (KAUFMAN, 2012, p.502) Para este autor, muitos destes novos estudos enfatizam o ponto de que a diminuição das horas de trabalho gerou uma diminuição da produção, juntamente com o aumento dos salários, outra causa da queda da produção, além das novas formas de relações industriais (como o sindicalismo com suas greves) e o aumento de preços trabalhistas decorrentes das políticas do New Deal. Tudo isto havia prolongado a Grande Depressão. Este debate é tão extenso que existem inclusive autores (Ohanian 2009) que chegam a afirmar que Hoover, um presidente conhecido por apoiar o Laissez-faire, com um Estado pouco interventor, havia sido um New Dealer. Para Kaufman (2012) isto de certa forma está parcialmente correto, pois mesmo Hoover, que defendia um Estado não interventor, interveio para que as empresas não diminuíssem os salários de seus funcionários em determinadas ocasiões, por exemplo. Ele complementa sobre o debate atual sobre o New Deal que ideias de que a economia pode se autorregular, algo considerado de direita, tem ganhado adeptos em pessoas com outras visões ideológicas.

Para defender as ideias de Roosevelt e do New Deal, Kaufman (2012) utiliza as teorias de J. R. Commons, considerado por este o fundador das relações industriais nos EUA, e J. M. Keynes, fundador da Escola Keynesiana de Macroeconomia. Estes dois teóricos normalmente não são conectados em estudos, porém para este autor suas ideias são muito parecidas em diversos aspectos. Primeiramente, o fato dos dois pensarem e refletirem fortemente sobre o desemprego, acreditando que diminuir este era uma das missões principais para acadêmicos e políticos, assim como para o Padre e economista John Ryan, que será estudado mais especificamente no capítulo seguinte, acreditava. Para Commons e Keynes, assim como para Ryan, o Estado deveria intervir, isto era algo que iria ajudar inclusive o próprio mercado. Este autor explica que Keynes afirma, assim como Ryan, que o Estado deveria intervir para evitar que empresas diminuíssem os salários. E concorda também com Ryan sobre o fato de que um salário menor diminui o poder de consumo das famílias e dos indivíduos, criando um excesso de produção que não poderia ser consumido. Keynes afirma que este pensamento coloca estudiosos de economia como ele e Ryan em um “*brave army of heretics*”.(p.371). Commons concordava também com esta visão de Keynes e Ryan. Para ele, diminuir os salários levaria a uma diminuição da produção e do emprego, o que seria o oposto do que uma economia auto regulada deveria fazer.

Kaufman (2012) mostra como Commons levava também em conta o fato de que o trabalho é feito por humanos, portanto deveriam ser considerados fatores psicológicos influenciadores da motivação dos trabalhadores, e os salários justos eram parte fundamental desta motivação. Além disso, o desemprego e os baixos salários iriam reduzir a qualidade da produção, diminuiriam a ética profissional, o caráter pessoal e criariam patologias sociais que custariam mais caro em outros momentos, como o vício em bebidas alcoólicas e pessoas morando em situação de rua. A produção de qualidade é, portanto, decorrente de uma relação cooperativa entre empregados e empregadores, em que estes trabalham juntos para promover o sucesso da empresa.

Tomlins (1995) explica como Roosevelt sabia que com o New Deal precisava resolver casos como o da Ford, empresas que estavam produzindo muito mais do que os consumidores tinham como consumir, ou seja, era uma

questão de demanda inadequada. Portanto, não fazia sentido para Roosevelt que empresas diminuíssem os salários de seus trabalhadores, resultando em ainda menos pessoas consumindo os produtos em excesso. Além disso, Roosevelt via como fundamental a paz nas relações trabalhistas, com os salários sendo uma parte fundamental para evitar greves, o avanço do comunismo, e uma depredação da qualidade de vida das famílias. Tanto Commons quanto Keynes apoiavam estas ideias e os programas do New Deal que desejavam colocá-las em prática (Kaufman, 2012). Programas trabalhistas que visavam melhorar a qualidade de vida da população e as relações trabalhistas, principalmente no sentido de garantir a possibilidade dos trabalhadores negociarem coletivamente através de sindicatos, eram fundamentais, assim como atingir outros objetivos do New Deal como por exemplo acabar com a competição destrutiva, aumentar o poder de consumo, diminuir os conflitos trabalhistas e a radicalização dos trabalhadores, bem como melhorar as condições de vida da população. E Kaufman (2012) pensa em Roosevelt e no New Deal como fundamentais em atingir tudo isso e em levar a economia americana para um novo patamar: “With government on the sidelines and DS running amuck, the wage-price structure and overall economy would surely have further slumped had Roosevelt and the New Deal not intervened.”(KAUFMAN, 2012, p.526) Ele afirma que de nada adianta culpar o governo, os sindicatos e práticas de relações industriais por interferir no mercado e nas questões trabalhistas, pois, dentro da lógica do New Deal, são estas essenciais para a sobrevivência e para o crescimento do capitalismo, humanizando e equilibrando o sistema de mercado, aumentando a riqueza da nação, das pessoas, e promovendo melhor qualidade de vida para a população em suas casas, trabalhos, mais oportunidades, assim como promovendo as mudanças necessárias para que o mercado possa agir como deve. Na verdade, essa interferência, ao invés de prejudicar o mercado e o capitalismo, é essencial para sua sobrevivência e para o seu desenvolvimento de maneira com que ele perdure.

Dentro de todos estes fortes debates da época, um dos grupos mais presentes era, mesmo sendo uma sociedade de maioria protestante, os católicos. No próximo capítulo explico como se deu esta inserção deste grupo

nos debates públicos e como a Igreja começa a ter mais força nos Estados Unidos, através principalmente da sua atuação na questão social.

2 O DEBATE CATÓLICO NOS ESTADOS UNIDOS

Como vimos no capítulo anterior, o início do século XX levou grandes mudanças para os Estados Unidos, que por sua vez tiveram como consequência a chegada de Roosevelt ao poder com suas medidas corporativistas aplicadas através do New Deal. Era, como também já foi observado no capítulo 1, um período de grandes debates sobre política, economia e a questão social, debates que envolviam diferentes setores e classes da sociedade americana. Um dos principais grupos sociais presentes nestes debates, como já referido no capítulo anterior, foram os católicos.

Para que se possa compreender melhor sua importância, num país de maioria protestante¹⁰, deve-se começar discutindo a recatolização proposta pela Igreja Católica em princípios do século XX. Será enfatizada a importância da questão social para este movimento católico, vista pela Igreja como fundamental para recuperar seu espaço que estava sendo tomado por entidades de esquerda e comunistas. Em um segundo momento vou trazer esta questão para os Estados Unidos, que são um país de maioria protestante mas que naquele contexto começa a ter um contingente de imigrantes católicos muito grande, como será visto. Os EUA possuíam um problema social importante, ligado ao processo de industrialização, modernização, precarização do trabalho, incluindo muitos imigrantes católicos que chegavam em condições precárias. Com a chegada destes imigrantes nestas condições, a Igreja passa a ter uma atuação importante, o que gera preconceito dos protestantes, que por sua vez gera a resistência dos católicos. Em um terceiro momento, serão abordados os periódicos católicos, um dos principais meios onde ocorriam os debates sobre

¹⁰ Joe Biden, atual presidente dos Estados Unidos, é apenas o segundo presidente católico da história daquele país. Para se chegar neste momento, em que é possível ter um presidente católico respeitado nos EUA, foi uma jornada longa, com muito preconceito em relação aos católicos, presente ainda hoje em menor escala. A dimensão do anti-catolicismo ao longo da história dos EUA é pouco conhecida pela população em geral. Kenneth Davis (2009), proeminente historiador americano, afirma que o que ele chama de verdadeira e escondida história dos Estados Unidos possui um anti-catolicismo muito presente e que a tentativa de mostrar uma visão patriota de um país sendo um caldeirão misturado cheio de liberdade religiosa é uma visão falsa, pois as pessoas queriam sua própria liberdade religiosa, mas não para os outros, havendo grande hostilidade muito profunda em relação aos católicos.

estas questões, dentre os quais podemos citar o Catholic Worker, Social Justice e o principal, a Commonweal.

2.1 A Recatolização ao redor do mundo e a Igreja na Política

Um dos grupos mais presente nos debates dos Estados Unidos do início do século XX foram os católicos e as instituições da Igreja Católica com sua Ação Católica, o que, à primeira vista, parece ser surpreendente num país de maioria não-católica. A Ação Católica nos EUA no início do século XX, porém, estava inserida dentro de um contexto mundial maior, no qual a Igreja Católica planejava maneiras de recatolizar o mundo moderno. Abreu e Henrich (2023) explicam que a Igreja decide começar este movimento de recatolização devido ao fato de que, no final do século XIX e início do XX, ocorre uma forte modernização e secularização no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, a exploração do trabalho e a concentração de renda decorrentes do capitalismo levaram pelo crescimento da questão social e de ideias comunistas e socialistas. Portanto, para a Igreja, a maneira de garantir seu espaço devido ao processo de laicização do Estado seria atuar de forma mais direta na questão social, até então muito mais ligada a atuações de partidos, sindicatos e movimentos de esquerda e comunistas. Esta seria a base da recatolização ao redor do mundo.

Koerner (2020) explica sobre este contexto que levou à recatolização, explicando que a Igreja no final do século XIX estava passando por muitas dificuldades e vendo seu poder diminuir. Espalhavam-se pelo mundo ideais socialistas, liberais, positivistas. Na França consolidava-se o republicanismo anticlerical¹¹, enquanto na Alemanha o partido católico era enfraquecido por Bismarck. É neste contexto, em 1878, que inicia o pontificado de Leão XIII. Para Mayeur (1980) o Papa anterior, Pio IX, possuía uma posição de confronto em

¹¹ De acordo com Silva (2020) o Republicanismo Anticlerical foi um movimento francês de intensidade impressionante que ganhou força na década de 1860 e que tinha como objetivo transformar a sociedade francesa em uma sociedade secular, retirando a influência do Clero da vida social francesa, das escolas e das famílias. Para este autor, este movimento culminou na Lei da Separação de 1905 que separou o Estado da Igreja.

relação aos Estados devido às ideias modernizadoras que estes promoviam, tendo reforçado os controles institucionais e doutrinários sobre o clero e sua ação, com o objetivo de colocar a Igreja como a principal força política internacional que coordenaria os esforços contra o liberalismo e o anticlericalismo. Este autor afirma que Leão XIII possuía uma abordagem diferente. Ao mesmo tempo em que tentava unificar a Igreja, ampliar o poder do Vaticano, principalmente sobre o clero e os fiéis, ele também possibilitou uma acomodação com os regimes liberais. Para Koerner (2020) “Ele redefiniu as posições dos católicos na política e na sociedade ao admitir o governo representativo e o Estado de direito, de modo que os católicos poderiam usar as liberdades para defenderem a Igreja e seus direitos.” (KOERNER, 2020, p.492) Como vamos observar ao longo deste trabalho, isto aconteceu muito fortemente, mesmo em países de maioria não-católica, como os EUA. Este autor complementa: “Os fiéis deveriam atuar no mundo moderno e engajarem-se na questão social.” (KOERNER, 2020, p.492)

A Igreja queria mostrar como a religião e a virtude cristã deveriam entrar no Estado e na Sociedade, para assim criar o reino social de Cristo na Terra. Para Conway (1987) a Encíclica Papal *Rerum Novarum*, a mais influente de Leão XIII, foi o que possibilitou para que, no início do século XX, o Papado começasse a desenvolver uma Doutrina Social Católica para questões políticas e sociais.

De acordo com Koerner (2020) isto se dava como uma espécie de “guerra cultural” para conquistar a hegemonia cultural na sociedade. A Igreja tentava fazer com que os Estados reconhecessem os benefícios da religião católica, mesmo se não houvesse uma unidade teológico política. Este autor explica que a Igreja sabia que o Estado não iria voltar a ter uma religião oficial, portanto este não era seu objetivo. Desejava, na verdade, que o papel da Igreja fosse reconhecido pelo Estado e pela sociedade, podendo atuar também no plano material. Sua principal forma de atuação seria através da questão social, relacionando com sua doutrina. O Vaticano começava a entrar fortemente dentro do plano político, com uma atuação negociadora e conciliadora no plano diplomático além de o uso de influência, os contatos com os governantes e a atuação parlamentar. O autor explica as ações do Vaticano para realizar isto na prática:

“ações coletivas, públicas e de massa, que se estendiam do domínio espiritual para muitas áreas da vida social e cultural, promovendo uma ação evangélica para a defesa da religião e a direção da sociedade. O clero e os fiéis eram incentivados à ação pastoral para defenderem e propagarem a fé. Ela era promovida nas instâncias de decisão política, nos espaços públicos e nos locais de trabalho tanto quanto nas organizações de saúde, educação e assistência e nas relações privadas da família providas por religiosos.” (KOERNER, 2020, p.492)

Eram formadas novas elites católicas com novas universidades e centros de estudos católicos. Sobre a atuação de intelectuais católicos nos debates públicos, Koerner (2020) explica que “O clero e os intelectuais católicos elaboraram doutrinas para definir e difundir o seu programa. Eles colocaram-se em relação polêmica com teorias laicas e redefiniram-nas de um ponto de vista cristão, de modo a serem adequadas ao diagnóstico do tempo presente e serem operacionais para a ação do clero, do laicato e dos governos.” Para o autor esta redefinição aparecia em diversos trabalhos referentes a temas como salário, intervenção estatal, legislação social, entre outros.

Para Abreu e Henrich (2023) estas novas teorias e redefinições, como por exemplo a noção da importância da educação e organização da sociedade, salários justos, intervenção do Estado para um controle benéfico na indústria e economia, assim como novas formas de auxílios e valorização da cultura e costumes sociais, eram baseadas no papel da Igreja e na conciliação das classes, gerando uma defesa do corporativismo católico como uma terceira via social e política, uma alternativa ao liberalismo e ao comunismo. O corporativismo era defendido por intelectuais de diferentes visões ideológicas, tanto autoritários quanto democráticos, católicos e não católicos, e tinha como objetivo conciliar o capital e o trabalho. Ainda de acordo com estes autores, esta visão corporativa católica estava presente nos mais diversos contextos, como na Encíclica Rerum Novarum, de Leão XIII, nos textos dos fascistas italianos, em intelectuais da Romênia, na França, de Portugal, e em regimes políticos que usaram este modelo nas primeiras décadas do século XX para organizar a sociedade e os interesses, como nos regimes autoritários ou fascistas da Itália, de Portugal e da Espanha. O mesmo ocorria também nos casos de Brasil e EUA

que, embora possuíssem regimes diferentes, possuíam em “comum uma importante influência da matriz católica nos seus debates sobre o corporativismo, mas que diferiam entre si no tipo de regime então vigente em cada um dos países: autoritário no Brasil de Vargas e democrático nos Estados Unidos de Roosevelt.” (ABREU E HENRICH, 2023, p.1) Eram muito variadas as formas de aplicação do corporativismo em cada contexto, e que, mesmo este possuindo princípios comuns em todos os contextos, o corporativismo não é uma doutrina única, possuindo importantes variações de um país para outro. Mesmo que em todos esses países a resposta para a questão social tenha se dado através da ideologia corporativa, o modo foi diferente em cada contexto, como nos apontam estes autores. Um destes contextos, como já foi mencionado, era o corporativismo defendido pela Igreja Católica e presente nos princípios defendidos pela já mencionada *Rerum Novarum*.

Esta Encíclica do Papa Leão XIII foi um marco na Igreja Católica e na sua abordagem em relação ao que se falava na época sobre a questão operária. Nela, Leão XIII fala sobre a condição dos operários, critica o socialismo e o comunismo e fala sobre a questão social. Afirma ser necessária uma maior intervenção estatal na economia, uma melhor distribuição de riqueza, e afirma a necessidade de um salário justo:

“Façam, pois, o patrão e o operário todas as convenções que lhes aprouver, cheguem, inclusivamente, a acordar na cifra do salário: acima da sua livre vontade está uma lei de justiça natural, mais elevada e mais antiga, a saber, que o salário não deve ser insuficiente para assegurar a subsistência do operário sóbrio e honrado. Mas se, constrangido pela necessidade ou forçado pelo receio dum mal maior, aceita condições duras que por outro lado lhe não seria permitido recusar, porque lhe são impostas pelo patrão ou por quem faz oferta do trabalho, então é isto sofrer uma violência contra a qual a justiça protesta.” (LEÃO XIII, 1891).

Em uma outra parte, Leão XIII fala sobre o papel do Estado em auxiliar os mais necessitados:

“Como, pois, seria desrazoável prover a uma classe de cidadãos e negligenciar outra, torna-se evidente que a autoridade pública deve também

tomar as medidas necessárias para salvaguardar a salvação e os interesses da classe operária. Se ela faltar a isto, viola a estrita justiça que quer que a cada um seja dado o que lhe é devido. A esse respeito S. Tomás diz muito sabiamente: «Assim como a parte e o todo são em certo modo uma mesma coisa, assim o que pertence ao todo pertence de alguma sorte a cada parte». E por isso que, entre os graves e numerosos deveres dos governantes que querem prover, como convém, ao público, o principal dever, que domina todos os outros, consiste em cuidar igualmente de todas as classes de cidadãos, observando rigorosamente as leis da justiça, chamada distributiva.” (LEÃO XIII, 1891)

A partir desta encíclica, a Igreja Católica começa a pensar sobre a questão social e a propor soluções para esta, utilizando sempre o Evangelho e os ensinamentos cristãos como guia. É uma abordagem que tenta, ao mesmo tempo, auxiliar os trabalhadores, melhorando sua condição de vida, e criticar o socialismo e o comunismo. É esta abordagem que será adotada por católicos ao redor do mundo.

Sobre esta nova abordagem social católica, que como foi visto estava totalmente conectada com o objetivo da Igreja de recatolização, Koerner (2020) escreve que Leão XIII criou a Doutrina Social Católica (DSC) através de várias Encíclicas sociais críticas da sociedade e que apresentavam as bases da ordem e da moral, assim como a forma como deveria ser abordada a questão social pela Igreja: “Elas implicavam um ethos dos católicos para o governo de si mesmos e dos outros e uma forma de subjetivação política.” (KOERNER, 2020, p.493) Estas encíclicas demonstravam que a causa das crises da época era a separação entre o espiritual e o temporal, o que havia iniciado com a Reforma, que rejeitou a autoridade da Igreja. Assim, para este autor, a Igreja acreditava existir uma falsa civilização baseada em falsos princípios. Para consertar isto, as encíclicas proclamavam a maior participação dos católicos na política, com a Igreja se aproximando de regimes republicanos cristãos. O progresso industrial aumentou as desigualdades, o que fazia com que operários seguissem falsas doutrinas como o comunismo e o socialismo. A Igreja deveria, portanto, dirigir o Estado para o verdadeiro caminho:

“As relações entre Estado e Igreja eram de complementaridade e direção. A Igreja era uma sociedade perfeita, distinta e superior à sociedade civil, visto que tinha fim mais elevado e nobre. Cabia-lhe guiar os homens para as coisas celestes e decidir tudo o que tocava à religião, mesmo nas coisas terrenas, no que não deveria ser limitada pelos depositários do poder político.” (KOERNER, 2020, p.494)

Para Koerner (2020) a *Rerum Novarum* mostrava que a solução para a questão operária seria restaurar os costumes cristãos, com os ensinamentos da Igreja e a caridade cristã. A propriedade, por ser um direito natural, não poderia ser socializada. As diferentes classes deveriam se ajudar e melhorar as condições da população, mesmo que as desigualdades fossem naturais. Para resolver a questão operária a Igreja, o Estado e as diferentes classes deveriam cooperar, patrões e operários deveriam atuar conjuntamente. Seria um modelo de corporativismo baseado nas corporações da Idade Média, em que elas seriam protegidas pelo Estado e teriam a religião como guia:

“Em suma, as encíclicas de Leão XIII definiram uma estratégia para a promoção da ordem política e social cristã, mas deixaram em aberto suas posições sobre a forma de Estado e os regimes políticos. A encíclica *Rerum Novarum* posiciona-se pela legislação social e intervenção estatal, mas não define uma forma de organização para os sindicatos e as corporações nem assume as considerações sociológicas do catolicismo social.” (KOERNER, 2020, p.496)

Koerner (2020) afirma também que Pio X fundou, em 1905, a Ação Católica, que tinha como objetivo fazer com que leigos espalhassem as doutrinas da Igreja, dirigidos pelo Clero, para a sociedade através de diferentes tipos de atividades. Este autor menciona a importância de Jaques Maritain, filósofo tomista francês, no contexto da laicização na Terceira República francesa. Este filósofo defendia o catolicismo social e corporativista que formaria uma civilização cristã comunitária, ao invés de defender a volta da unidade teológica-política da Idade Média. Os argumentos deste filósofo católico francês inspiraram intelectuais católicos ao redor do mundo que defendiam uma nova civilização inspirada pelo cristianismo.

De acordo com Steinfels (1999) estas ideias de Jaques Maritan inspiraram os católicos em suas respostas em relação as forças dominantes desde o início do século XX, sendo elas guerras, industrialização, progresso científico e material, fascismo, comunismo, democracia liberal, totalitarismo, pluralismo de religiões, entre outras. Muitos católicos viam como uma grande ameaça a instabilidade política, social e econômica, e a rejeição da religião e das tradições. Para a Igreja Católica, a Primeira Guerra Mundial confirmou a teoria que esta tinha do que iria acontecer caso o mundo fosse no caminho do humanismo e do secularismo que surgiram com a Revolução Francesa e com o Iluminismo: “Rome set its face Against a modern world determined to put an end to the remnants of the church’s temporal power and spiritual claims.” (STEINFELS, 1999, p.31) Este autor afirma, por outro lado, que existia uma vertente liberal dentro do Catolicismo, que ao mesmo tempo que defendia a Igreja, pretendia reconciliar o Catolicismo com os valores democráticos e com o pluralismo religiosos, ou seja, com a modernidade. Para isso, focavam na Doutrina Social Católica (DSC) com sua ajuda aos pobres buscando sempre a Justiça Social. Isto se manifestou de diferentes formas em diferentes países: Na França, com os Ultramontanos como Henri Lacordaire e Charles de Montalembert. Na Inglaterra, com o Cardinal John Henry Newman e o Lorde Acton. O autor afirma que estes católicos liberais eram vistos com suspeitas por quase todos, e que como a Igreja muitas vezes estava conectada com interesses aristocráticos e reacionários, os católicos liberais eram vistos com suspeitas tanto pelos liberais quanto pelos católicos conservadores. Isto é justificado pelo autor afirmando que eram suspeitas validas, pois na verdade os católicos liberais não seguiam nem a linha dos partidos políticos liberais nem as da Igreja. Ao mesmo tempo em que valorizavam a liberdade de consciência, criticavam o individualismo exagerado, o coletivismo ingênuo e o relativismo moral. É esta vertente do Catolicismo que será seguido pela maioria dos intelectuais católicos que escreviam na *Commonweal*, foco do terceiro capítulo deste trabalho.

De acordo com Pasetti (2016) depois da Primeira Guerra Mundial havia dificuldades na Europa referentes à reconstrução e havia riscos de revolução comunista, o que fez os governos da época criarem esquemas de decisão governamental e de intervenção econômica, sendo estes esquemas corporativistas. Surgiram então modelos corporativistas com diferentes

ideologias, muito distintos. Um destes modelos era o modelo fascista, considerado bem-sucedido por possuir uma organização corporativa estatal que conseguia dirigir a economia e a sociedade, além de usar a técnica jurídica na política sem incertezas presentes em governos parlamentares. Para Conway (1997) o clero aprovava regimes autoritários, como o fascismo italiano e os regimes da Áustria e de Portugal, com poder central forte e organização pública das corporações. Havia, para este autor, afinidades ideológicas e interesses de classe entre o fascismo italiano e a Igreja. Pio XI assume em 1922 e realiza concordatas para garantir o direito da Igreja e proteger os interesses católicos. Sua primeira encíclica, *Ubi Arcano Dei Consilio*, de 1922, define o projeto do reino social de Cristo na Terra. A encíclica *Quas Primas*, de dezembro de 1925, instituiu o culto ao Cristo-rei, em que este possuiria primado no plano espiritual e direito de soberania no temporal.

Conway (1997) afirma que Pio XI criou uma organização apostólica com o objetivo de realizar a recristianização social. Expandiu a Ação Católica que tinha como objetivo defender a Igreja, conquistar as almas, se inserir no Estado e pressionar os governos. Surgiram novas formas de ação de massa, com peregrinações, procissões e manifestações, mostrando publicamente a fé católica. Sua encíclica *Quadragesimo Anno*, de 1931, feita para celebrar os 40 anos da *Rerum Novarum*, definiu o trabalho e a sociedade como bens ao mesmo tempo individuais e sociais, que deveriam, por um lado, retribuir o trabalho para satisfazer as necessidades familiares e a formação do patrimônio e, por outro lado, realizar o bem comum. Determinou também a função social da propriedade, os objetivos das empresas, as bases do salário justo e os critérios para acumular capital. Criticava tanto o socialismo quanto o liberalismo, dizendo que os dois eram responsáveis pelos problemas existentes, com a livre concorrência produzindo uma competição entre empresas, Estados e grupos políticos, o que acabava gerando o nacionalismo, o imperialismo, e a concentração de renda. Tudo isto acabou gerando o início do proletariado, do conflito de classes e do socialismo, que também não eram bem-vistos pela Igreja.

A solução seria o corporativismo católico, que uniria os indivíduos através do trabalho e da religião. A Igreja, claro, deveria estar sempre presente nas corporações e nos sindicatos: “Mas a restauração só viria pela cristianização da vida econômica, voltando-a à salvação, orientada pela justiça e a caridade

cristãs. A precondição geral para a boa ordem era a renovação do espírito cristão nos costumes que seria alcançada pela união dos católicos e pela ação com os próprios interessados.” (KOERNER, 2020, p.502) Para Conway (1997) a Quadragesimo anno (QA) de Pio XI redefiniu o corporativismo católico, inserindo-o dentro do novo contexto político e econômico. Para este autor, o corporativismo era a base do pensamento católico político e social e foi adotado em muitos países da Europa para solucionar a Grande Depressão.¹² Nos Estados Unidos, de acordo com Limoncic (2009) as Encíclicas papais influenciavam fortemente imigrantes católicos ou americanos de segunda geração que rejeitavam o individualismo e buscavam uma dimensão moral ao capitalismo, inspirados pela DSC. Philip Murray, por exemplo, era um destes casos, líder sindical dos anos 1930 e 1940, e também presidente do Congress of Industrial Organizations (CIO). Era um católico de origem irlandesa fortemente inspirado pela QA de Pio XI, de 1933, e frequentemente defendia os conselhos industriais sugeridos por clérigos católicos. Surgiam cada vez mais pessoas como Philip, americanos de diferentes áreas inspirados pela DSC. Com a forte imigração e crescimento do poder da Igreja nos EUA, a DSC entrava forte neste país, espalhando suas ideias através de intelectuais católicos que influenciavam fiéis, sindicatos, e inclusive o governo Roosevelt, como será visto a seguir.

2.2 O Catolicismo e a Recatolização nos EUA

Para entendermos melhor o impacto da recatolização nos EUA, é necessário observar que naquele contexto, mesmo sendo um país de maioria protestante, os católicos tiveram um impacto extremamente importante, através da sua Ação Católica¹³. O motivo disto foi a grande imigração de católicos que iam para aquele país. Era, portanto, a recatolização chegando aos EUA, um país

¹² Adiciono, também, algo que este autor não menciona, que o corporativismo católico teve grande influência no governo Roosevelt e no seu New Deal

¹³ Para Truman (1960) Ação Católica é o conjunto de ações realizadas para aumentar a influência do Catolicismo na sociedade, sendo realizadas por católicos leigos. Pode, em determinados momentos e localidades, possuir caráter político.

protestante. Havia neste momento, como já foi visto, um problema social importante, ligado ao processo de industrialização, modernização, trabalho precário, e muitos imigrantes católicos nestas condições. Assim, a Igreja passa a ter um papel importante, o que acabou por gerar preconceito dos protestantes e a resistência católica. Esta resistência estava conectada com sua identidade, formando uma comunidade muito articulada e ativa que gera para a Igreja um papel muito importante nos EUA.

Para uma melhor compreensão em relação os católicos dos EUA como um grupo social, se torna necessário entender como se deu esta resistência católica ao anti-catolicismo presente nos EUA no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, bem como quais técnicas e estratégicas foram utilizadas pelos católicos daquele período.

Sobre o conceito de Resistência, importante para entender a atuação católica explicada neste capítulo, Baaz, Lilja e Vinthagen (2017) pensam este conceito como uma resposta de baixo em relação ao poder dominante, desafiando a partir de um lugar subalterno. Certeau (1996) fala em uma prática subalterna, que seria uma resposta para o poder vinda de baixo, com a possibilidade de modificar o poder dominante. Utilizando estes conceitos de resistência destes autores, penso os católicos daquele período histórico como subalternos em relação ao poder maior protestante e branco dos EUA naquele contexto. Assim, tenta-se dar protagonismo aos católicos e suas formas de resistências, pensando os espaços que foram lentamente ocupando com suas lutas.

Para Carty (2006) os católicos americanos conseguiram se assimilar com facilidade durante os primeiros quarenta anos depois da criação dos Estados Unidos da América depois de sua independência da Inglaterra. O motivo disto, segundo o autor, foi porque a França e a Espanha, ambos católicos, ajudaram os revolucionários americanos durante sua Revolução contra a Coroa Britânica. Porém, este autor afirma que após este período inicial, protestantes nascidos nos já independentes Estados Unidos criaram teorias conspiratórias e organizações anti-católicas a partir de 1830. Respondendo ao grande número de imigrantes católicos que estavam chegando aos EUA durante o século XIX, organizações como o Native American Party e o American Protective Association

divulgavam teorias da conspiração de que católicos estariam planejando acabar com as liberdades americanas.

Assim, foi sendo construído uma ideia de que os católicos eram uma ameaça aos ideais americanos, ideia esta que durou até a década de 1960 e que continua tendo repercussões atualmente. Durante a década de 1920, a Ku Klux Klan¹⁴ utilizou fortemente esta mensagem. Azevedo (2007) complementa esta discussão, afirmando que “Muitos eram católicos de origem irlandesa, o que levou os nativistas a argumentarem que os EUA estariam ameaçados pela intervenção do Papa, a quem os católicos reconheceriam como autoridade suprema. A visita de um núncio papal aos EUA foi usada como indício de uma conspiração papista contra o país.” (AZEVEDO, 2007, p. 79) A autora continua, demonstrando o crescimento da rejeição aos imigrantes católicos, escrevendo que “Religião, formação étnica e classe social convergiram para alimentar a rejeição a esse grupo de imigrantes, fazendo com que os Nada Sei, através do Partido Americano, ganhassem expressão eleitoral em estados com grande contingente de imigrantes, como Massachusetts, Maine, Connecticut, New Jersey, New York, Michigan, Ohio, Louisiana, Maryland, e se tornassem uma alternativa aos Democratas, considerados pró-imigrantes.” (AZEVEDO, 2007, p.80).

McCreevy (2004) faz uma importante distinção entre o anti-catolicismo religioso, que falava sobre o papel da teologia reformadora católica dentro da cultura americana, e o cultural, que se trata de uma sensação na sociedade americana em que a instituição da Igreja Católica não convém ao espírito americano. Isto se daria pois os católicos ficariam mais confortáveis em sistemas sociais autoritários e hierárquicos. Estas duas formas de anti-catolicismo eram muito presentes na sociedade da época.

De acordo com Lewicki (2012), entre os anos de 1890 e 1920 o número de católicos nos EUA aumentou de 9 para 18 milhões, a maioria imigrando para os EUA de países do centro e do sul europeu, o que não contribuiu para diminuir estas formas de anti-catolicismo descritas por McCreevy (2004). O autor afirma que o grande crescimento da comunidade católica gerou a criação de novas

¹⁴ De acordo com Knickerbocker (2007) a Ku Klux Klan é um conjunto de grupos que em diferentes momentos se unem pregando mensagens de supremacia branca e de extrema direita, sendo anti católica, antissemita e racista.

instituições para auxiliar os recém-chegados ao novo país. Para Byrne (2016) essa imigração em massa de católicos levou a inseguranças e problemas tanto para os imigrantes quanto para os que já estavam lá. Muitos americanos viram suas cidades mudar rapidamente, com o surgimento por exemplo de Igrejas Católicas por todos os cantos. Para os imigrantes católicos, o catolicismo era conforto espiritual e identidade de grupo. Para os americanos protestantes, o catolicismo representava um jeito estrangeiro e diferente de ser, ainda mais em um país que precisou lutar uma guerra contra a maior potência colonial do mundo, o Reino Unido, para poder existir de sua própria maneira, com suas crenças e sociedade. A autora também afirma que para esses americanos protestantes o catolicismo gerava forte resistência a estas diferenças, enquanto para os imigrantes o catolicismo representava a possibilidade de ser resistente em relação as hostilidades vindas dos americanos protestantes.

A história dos católicos no século XIX é a história da imigração (BYRNE, 2016). Os católicos foram para os EUA principalmente de países como a já mencionada Irlanda, devastados pela fome, o que mudou a face dos católicos americanos, que antes eram apenas católicos ingleses bem-sucedidos. Em cinquenta anos os católicos nos EUA foram de um grupo pequeno de donos de terra e aristocratas educados para uma massa diversa rural e urbana de imigrantes de diferentes países, com diferentes características. Em 1850 eram 5% da população americana, enquanto em 1906 já respondiam por 17% (BYRNE, 2016). Esta mudança no perfil social católico nos explica o porquê de a Igreja Católica nos EUA e a população católica começarem a pensar em questões relacionadas à questão social, como a industrialização, horas de trabalho, distribuição de renda, entre outras, pois eram estes novos católicos que iam para os EUA, e seus descendentes, que compunham grande parte dos operários das fábricas.

Para Graban (2017), a resistência a esta imigração católica estava conectada principalmente com a questão da lealdade ao Papa, o que poderia atrapalhar a lealdade ao Estado americano. Este autor aponta que os Arcebispos mais progressistas do episcopado americano, como o Arcebispo John Ireland e o cardinal James Gibbons, tentaram demonstrar como eram absurdas estas alegações. John Ireland, em seu discurso no Third Plenary Synod em Baltimore, em 1884, fez uma tentativa de defender os católicos contra as alegações de

deslealdade para com os ideais liberais políticos e econômicos da democracia americana. Ele demonstrou, entre outras coisas, que não existia contradição entre a fé católica e a lealdade ao Estado. Byrne (2016) auxilia a explicar o entendimento sobre a resistência à imigração católica afirmando que os americanos protestantes ficaram incomodados com as mudanças que estavam acontecendo em seu país com essa grande imigração de católicos desconhecidos.

De acordo com esta autora, os católicos de países como Itália, Polônia, Alemanha, entre outros, começaram a olhar em direção à América. Os EUA eram conhecidos por sua democracia e oportunidades, então, estes católicos eram atraídos pela América e decidiam imigrar para os EUA que, por sua vez, recebiam todos esses imigrantes na Ellis Island por questões idealistas e práticas. O ideal americano era de aceitar os estrangeiros, devido a história de seu país, como se observa na escrita da Estátua da Liberdade, "Give Me Your Tired, Your Poor," o que criava um ele entre imigração e liberdade. As questões de ordem prática, por sua vez, se referiam ao fato de que as indústrias americanas estavam crescendo muito e precisavam de mão de obra, o que levou a um grande número que cada vez aumentava mais de católicos chegando aos EUA para serem operários em fábricas das mais diversas indústrias.

Byrne (2016) também demonstra como existia um ambiente protestante hostil aos católicos, e afirma que estes precisavam criar formas de resistências para lidar com as situações do dia a dia. Algumas destas formas, de acordo com a autora, envolviam cidadãos católicos que já estavam nos EUA e que auxiliavam novos imigrantes a conseguir casa e trabalho, freiras ensinavam inglês para crianças católicas em novas escolas católicas, padres tentavam proteger os interesses políticos dos católicos e suas comunidades contra as hostilidades dos protestantes. A autora afirma que por quatro séculos houve grandes divergências entre católicos e protestantes, e no contexto dos EUA daquele período, em que os protestantes eram maioria, a minoria católica parecia muito estranha para esses protestantes. Havia também na época um mito muito presente de que os católicos estavam indo para os EUA para colonizar a América a pedido do Papa.

White (2019) fala sobre o importante exemplo da criação da American Catholic Historical Association, uma organização criada em 1919 com o objetivo de promover o estudo e a pesquisa da história do Catolicismo e o encontro de

profissionais desta área. Os historiadores católicos, sentindo-se excluídos da historiografia dominante na época, decidem criar sua própria associação histórica como forma de resistência para dar voz a suas contribuições dentro da historiografia americana. O autor afirma que os católicos americanos primeiramente criaram jornais históricos católicos locais, como forma de resistência para transmitir suas visões e opiniões. Estes jornais eram, segundo o autor, feitos por amadores que tentavam preservar a memória dos católicos e celebrar suas conquistas. Podemos utilizar aqui a visão de Roger Chartier (2011) sobre as relações de poder. Para este autor, estas são relações de forças simbólicas, que incluíam representações alternativas às dos dominantes com o objetivo de transgredir as formas de poder que os mantêm dominados. Com a criação da American Catholic Historical Association e dos diferentes jornais católicos, este grupo começa a tentar resistir ao poder protestante maior utilizando forças simbólicas e criando novas representações possíveis como alternativas às representações dominantes.

De acordo com White (2019) a American Catholic Historical Association foi fundada em uma era, o início do século XX, em que, por haver este grande sentimento anti-católico e anti-imigrantes, com grande hostilidade em relação aos imigrantes católicos, a American Catholic Historical Association tinha também como um dos objetivos principais estudar este sentimento anti-católico, suas origens, e, através do conhecimento histórico, diminuir esta hostilidade em relação aos católicos que existia nos EUA naquele período. A American Catholic Historical Association seria um lugar em que católicos e não católicos poderiam se unir para conhecer o passado da Igreja e um lugar de união entre católicos e não-católicos em que estas pessoas poderiam desenvolver uns pelos outros respeito, amizades e conhecimentos que pudessem libertar as pessoas de seus preconceitos e pensar de forma mais positiva sobre a Igreja Católica e seus fiéis.

Muitos historiadores protestantes possuíam grande antipatia em relação a historiadores católicos, muitos inclusive afirmavam que um católico não poderia ensinar história e ser um católico verdadeiro, o que levava a muitos católicos desistirem de seguir esta profissão pelo preconceito que encontravam de seus colegas. White (2019) afirma então que “Dentro destas circunstâncias, a American Catholic Historical Association era um lugar seguro para historiadores católicos em um ambiente acadêmico hostil.” (WHITE, 2019, p.44)

De acordo com Hennessey (1983) os católicos eram chamados de nomes por seus vizinhos, patrões recusavam promovê-los, os piores apartamentos ficavam disponíveis para quem era católico, os jornais da época os culpavam pelo aumento da criminalidade, e os bancos recusavam dar empréstimos. Para este autor, precisaram criar formas de resistência a tudo isso, que incluíram lutar para ganhar disputas políticas, organizar sindicatos católicos, abrir negócios que aumentassem o poder econômico da comunidade católica, assim como criar escolas e hospitais também católicos. Outra forma de resistência apontada pelo autor é o fato de que continuaram sendo católicos. Ele afirma que o catolicismo era algo muito diferente nos EUA, e que muitos católicos viam sua religião com motivo de orgulho e de formação de sua identidade, demonstrando sempre sua diferente fé.

Ainda de acordo com Hennessey (1983), no final do século XIX, havia um grande número de publicações em jornais e revistas que faziam piadas muito desrespeitosas aos católicos, lojas colocavam cartazes afirmando que não aceitariam contratar católicos e políticos falavam sobre os perigos de serem admitidos nos EUA pois não eram civilizados. Este autor também menciona o caso do convento de Charlestown, que em 1834 foi queimado por um grupo anti-católico de Boston, e afirma que era principalmente na educação que o anti-catolicismo achava seu espaço. Para combater essa forma de educação preconceituosa, os católicos criaram como resistência um sistema paralelo de educação, em que poderiam incluir seus princípios e seu modo de vida, combatendo também o preconceito existente contra eles. Esta forma de resistência foi muito utilizada principalmente em Nova Iorque, onde o bispo John Hughes, um católico que sempre demonstrava fortemente sua religião, criou uma grande rede de escolas católicas para uma nova geração inteira de crianças. Depois de algum tempo começaram a aparecer grandes ameaças a este bispo e aos seus estudantes, e a resposta católica foi rápida: John Hughes avisou que Nova Iorque iria queimar como Moscou se a população católica fosse atacada. No final do século XIX, ele e seus companheiros em outras cidades criaram uma vibrante subcultura que existia em paralelo, composta por escolas, universidades, hospitais, revistas, lojas, e principalmente os jornais católicos que eram por onde este grupo conseguia se expressar e se sentir parte dos debates

da época. Todos estes meios faziam os católicos seguros e pertencentes a uma comunidade.

Podemos ver aqui claramente um exemplo do que James Scott (2003) chama de “Free Spaces”. Estes seriam locais em que os grupos subalternos, no caso, os católicos, podem se comportar livremente como desejam, demonstrando livremente os discursos ocultos que praticam sem o olhar do opressor. A subcultura católica, com suas escolas, universidades, jornais etc., era um grande “Free Space” em que os católicos podiam ser eles mesmos, onde eles estavam protegidos da dominação. Scott (2003) afirma que a resistência de pessoas comuns normalmente toma formas diferentes da atividade política das elites e das classes médias, que possuem o monopólio das instituições e oportunidades. São estas formas de resistência diferentes vistas desenvolvidas pelos católicos para, lentamente, conseguirem ir criando seus próprios espaços dentro de uma sociedade hostil a eles, conseguindo ao longo do processo maior aceitação dentro da sociedade.

Todo este primeiro apanhado sobre a história dos católicos como grupo social, os grandes números de imigrantes, o preconceito que passavam, e as formas como lidavam com isto, é importante para entendermos os motivos que levaram a Igreja a aumentar sua ação social e sua influência nos debates da época, assim como os seus intelectuais católicos. Graban (2017) afirma que a Igreja Católica nos Estados Unidos começou a se interessar pela situação trabalhista principalmente por essa quantidade de imigrantes europeus que estavam indo para os EUA, em sua grande maioria católicos, para os quais as questões trabalhistas eram muito importantes. Com o grande crescimento do número de católicos entre 1890 e 1920 e o surgimento de instituições para apoiar estes novos imigrantes criadas pela Igreja Católica, os bispos americanos começaram a ser pressionados pelas questões referentes aos problemas sociais que infligiam os novos imigrantes. O primeiro bispo a pensar sobre as questões econômicas e sociais e tentar resolver as questões trabalhistas nos EUA, John Hughes, de Nova Iorque, acreditava que os bispos deveriam ajudar os fiéis, principalmente os que não podiam cuidar de si mesmo, com recursos financeiros. Acreditava também ser importante para membros do clero entender sobre os mecanismos econômicos, pois estes tinham grande impacto na vida da comunidade. Chinnici (1986) afirma que o bispo Hughes acreditava que a Igreja

deveria ser um intermediário entre os diferentes interesses, como donos de terra, trabalhadores agrícolas, industriais e empregados, etc. Assim, a Igreja iria introduzir o espírito da justiça Cristã no relacionamento entre as diferentes classes.

Um dos mais influentes intelectuais católicos daquele período e que se envolvia fortemente nos debates era John A. Ryan. Sobre este assunto, Abreu e Henrich (2023) explicam sobre a influência da Doutrina Social Católica e de Ryan nos debates da época nos EUA. Para estes autores, Ryan se considerava um transmissor da moral da Doutrina Católica, que mostraria como esta poderia contribuir para a política americana. Seria alguém autorizado pela Igreja Católica dos Estados Unidos que interpretaria a DSC e esclareceria para as massas temas políticos que afetavam a questão social: “Ele era, por definição, um intelectual católico, para quem as respostas para os dilemas da sociedade se encontravam estritamente dentro dos limites da moralidade cristã e, mais especificamente, da doutrina católica expressa nas encíclicas papais.” (ABREU E HENRICH, 2023, p.9) Para estes autores, no período de Roosevelt os católicos, mesmo sendo uma minoria, começam a ter um relativo protagonismo político e social. Um dos motivos deste novo protagonismo é, por exemplo, o surgimento no início do século XX do Catholic Worker Movement¹⁵, que tinha como objetivo construir uma nova economia sem a competição do capitalismo e baseada na solidariedade, trabalho e saúde para todos. Estes princípios mais tarde iriam inspirar justamente os programas do New Deal de Roosevelt, que receberia, portanto, apoio de vários membros da hierarquia da Igreja, como Ryan, e também dos Cardeais George Mundelein, de Chicago, e Patrick Hayes, de Nova York. Não era um consenso o apoio católico ao FDR, mesmo sendo muito grande. Havia, por exemplo, o padre Coughlin de extrema-direita, o qual criticava as políticas do governo por considerar estas socialistas e falava sobre a importância de impedir o avanço comunista. Havia também posições

¹⁵ Movimento de comunidades autônomas fundado por Dorothy Day e Peter Maurin em 1933 nos EUA, inspirado nos conceitos de Justiça e Caridade de Jesus Cristo. Um dos princípios fundamentais é o da Hospitalidade, auxiliando os mais necessitados na sociedade. Cada Casa de Hospitalidade possui sua própria missão baseada na sua localidade.

intermediárias, como a do Padre Francis Lucey¹⁶, que se colocava entre intelectuais como Ryan e Coughlin.

De acordo com Douthat (2021) a relação entre os Católicos e o Partido Democrata durante a era do New Deal e de Roosevelt era a que fazia mais sentido, sendo uma relação fácil. Isso se dava pois muitos católicos acreditavam que deviam apoiar o Partido Democrata por possuírem uma visão teologicamente liberal, que via nos ensinamentos da Doutrina Social Católica motivos para apoiar o Partido Democrata, mais à esquerda, e Ryan era um grande defensor desta vertente.

Abreu e Henrich (2023) afirmam que Ryan possuía um modelo de ação que unia a teoria com a prática, o que o fazia participar de organizações como o Council for the Prevention of War, the Catholic Association for International Peace, the National Popular Government League, the Public Ownership League of America, entre outras, o que evidencia também seus interesses e suas preocupações. Para Ryan “não havia incompatibilidade entre os valores centrais da democracia norte-americana e os fundamentos da teologia católica, ambos presentes nas políticas do *New Deal*. Ao contrário, nos últimos é que encontrava argumentos para rebater às acusações de comunismo expressas por certos setores da própria Igreja.” (ABREU E HENRICH, 2023, P.12) Estes autores afirmam que Ryan tentava demonstrar como era falsa a conexão entre o socialismo e reforma social, que na verdade os trabalhadores que votavam em candidatos socialistas queriam protestar contra abusos econômicos e desejavam melhor qualidade de vida, mas Ryan demonstrava que o socialismo e o comunismo nunca eram o caminho. Sabia que deveriam ocorrer mudanças no capitalismo que levassem a uma grande reforma social, porém o socialismo e o comunismo eram contrários a doutrina católica, e levariam a miséria e a degradação. Então, deveria continuar o capitalismo, porém com reformulações: “Era a uma proposta baseada na premissa de que há conciliação possível entre capital e trabalho, entre os interesses das classes industriais e operárias, encontradas através de um conjunto de soluções práticas que só poderiam ser

¹⁶ O Padre Lucey coordenou a Law Scholl na Georgetown University entre 1928 e 1961, sendo um defensor da Lei Natural e crítico do Realismo Legal. (BREEN E STRANG, 2015)

alcançadas com a cooperação e a ação do Estado.” (ABREU E HENRICH, 2023, p.13)

Uma importante distinção entre os “Liberal Catholic” ou “Progressive Catholic” com “Conservative Catholic” nos EUA é realizada por Pavuk (2016). Para ele, estes termos representavam na época diferenças genuínas analisadas pela imprensa, porém em algumas ocasiões não correspondiam ao termo usado politicamente. Intelectuais católicos progressistas como Ryan devem ser separados, para este autor, de intelectuais católicos conservadores, que utilizavam mais o neotomismo mesmo em discursos para pessoas de outras religiões. Woods (2004) escreve que os intelectuais católicos progressistas se identificavam fortemente com movimentos de reformas sociais progressistas. Não concordavam com tudo, porém abraçavam a modernidade e as novas abordagens científicas para a questão social, a política, e a história, querendo se aproximar dos líderes intelectuais de sua época e do mundo em geral.

O panorama do debate intelectual daquela época, entre católicos, e também entre católicos, protestantes e judeus, era muito amplo. Em algumas questões muitos concordavam, porém em outras os lados ficavam com posicionamentos totalmente opostos. Pavuk (2016) mostra que mesmo a questão da evolução, na qual a maioria dos católicos e protestantes tinham uma visão similar, não adiantou para unir os dois lados. William Jennings Bryan e outros protestantes conservadores pediram para os intelectuais católicos da década de 1920 falarem também junto com eles em defesa da causa anti-evolução. Porém, não obtiveram respostas. Mesmo Alfred Mccan, que não era um intelectual, mas tinha o posto de católico mais conhecido por denunciar a evolução, recusou todos os pedidos de Bryan por ajuda.

Kemp (2021) auxilia no entendimento entre o ponto principal de diferença entre a visão dos católicos e protestantes sobre o intenso debate referente a questão da evolução ao longo do século XX. Para o autor, esta diferença está centrada na volta dos católicos no século XIX ao Tomismo. O Papa Leão XIII, decidido a transformar esta filosofia uma das principais dentro da vida intelectual católica, realizou uma alteração na visão dos católicos sobre a evolução. Assim, para muitos católicos, o conceito de evolução passa a ser aceito pois volta a valorizar o humano de maneira aceita pela teologia Católica. Além disso, a antropologia Tomista coloca a natureza humana dentro de uma visão maior de

natureza. Sendo assim, o evolucionismo Católico cria uma síntese entre fé e razão, entre evolução e criação. Esta visão era muito diferente da Protestante, que rejeitava totalmente a evolução.

Para Pavuk (2016) as dinâmicas dentro do catolicismo americano eram complexas, com os católicos americanos mais conservadores muitas vezes sendo ofuscados por uma elite intelectual não católica, assim como por muitos católicos liberais. Por exemplo, John Ryan e Michal Williams, afirma este autor, expressavam abertamente sua visão positiva sobre a evolução. Eles eram parte de um grupo cada vez mais influente de intelectuais católicos liberais progressistas cujas vozes muitas vezes concordavam com as dos cientistas e outros intelectuais da época. Foram esses intelectuais católicos progressistas que conseguiram entrar no discurso que estava sendo construído com uma imagem simbólica da evolução, com o Scopes Trial. Católicos liberais usavam uma retórica que utilizava as ciências biológicas e sociais para explicar seus argumentos: “In supporting evolution and the Scopes trial, they carved what historical geographer David Livingstone has termed a public “speech space” while tied to “the cultural politics of [their] interpretive community” in his study of Calvinists’ varied reception of Darwinism in multiple nineteenth century locations.” (PAVUK, 2016, p.102)

De acordo com Pavuk (2016) intelectuais católicos progressistas das primeiras décadas do século XX se aliavam com cientistas e quem mais possuísse o capital cultural para levar os intelectuais católicos a serem mais respeitados intelectualmente pelo público geral americano. Algo que facilitava esta união entre intelectuais católicos e cientistas sobre temas como a evolução, de acordo com Pavuk (2016) era o fato de que “by the mid-1920s, straight naturalistic science featured much less commonly in scientists’ popular portrayals of evolution than did science mixed with quasi-theological notions like vitalism. Teleology figured particularly prominently in scientists’ portrayal of evolution in this period, as Edward Davis has shown.” (PAVUK, 2016, p.102). Portanto, esta união beneficiava os dois lados envolvidos. Porém, para Gruber (1960) os intelectuais católicos estavam sempre tomando cuidado para não deixar de lado a ortodoxia teológica católica. E, também de acordo com este autor, a dicotomia entre criacionismo e evolucionismo não era forte no período entre guerras.

Para Pavuk (2016) estudos de décadas mais recentes demonstram como a hostilidade da Igreja em relação à ciência é distorcida, e demonstra como nos EUA do início do século XX a Igreja Católica neste país tentava se conectar com os cientistas: “It was the liberal Catholics—rejecting the idea of using neoscholastic philosophy to communicate with non-Catholics about the sciences—who actually started building such bridges.” (PAVUK, 2016, P.104)

Pavuk (2016) explica como o debate sobre o Scopes Trial mostrou como os católicos foram marginalizados na historiografia sobre este evento, com os católicos americanos precisando criar ao longo da história os já mencionados “free Spaces” para poder colocar suas opiniões e debater livremente. Este autor, ao falar sobre a imigração de católicos para os EUA, afirma que como na década de 1920 a população católica crescia muito devido à imigração e ao fato de que muitos católicos presentes nos EUA estavam tendo muitos filhos, a população católica nos EUA ficava em níveis cada vez maiores, e então “This helped renew anti-Catholicism both at the popular level and among elites.” (PAVUK, 2016, p.105) Os novos imigrantes católicos, juntamente com os imigrantes judeus, cristãos ortodoxos, muçulmanos, e de outras religiões orientais, eram vistos como pessoas que levavam valores não democráticos para os EUA e que iriam modificar as normas políticas e culturais da sociedade americana. Isto fazia a Elite e a Classe média olhá-los com desconfiança, e por isso, intelectuais como Ryan tentavam se distanciar destes novos imigrantes pobres católicos, vistos de forma diferente pela maioria dos americanos, para tentar assim serem mais aceitos pela maioria protestante: “Such distance would probably be necessary if these intellectuals were to be considered modern, fully American thinkers who had something worthwhile to contribute in the broader republic of letters.” (PAVUK, 2016, p.105) Na década de 1920, os intelectuais católicos estavam apenas começando a conseguir visibilidade na esfera pública, um dos motivos para isso era justamente sua posição apoiando a ciência. Mesmo assim não estavam protegidos das novas ondas de anti-catolicismo que emergiam na década 1920. Portanto, sobre o Scopes Trial, “Therefore, even had they wanted to do so, supporting a fight that could have painted them as antiscientific would have been a poor way to gain credibility with the very intellectual elite they courted.” (PAVUK, 2016, p.106)

Para Abreu e Henrich (2023) houve sim uma influência da DSC nos debates que aconteciam naquela época nos Estados Unidos, influência que ia além dos círculos católicos para um conjunto amplo da sociedade, incluindo a defesa de Ryan de que os princípios católicos teriam as respostas para os problemas sociais nos EUA e refletindo em políticas do governo Roosevelt. Sobre a aplicação das ideias de Ryan e de outros intelectuais católicos em diferentes regimes, eles afirmam que isto ocorria e que Ryan contribuiu de forma prática nas políticas do governo Roosevelt, “embora isso obviamente não signifique uma simples aplicação na prática política das suas ideias, mas o reconhecimento de afinidades políticas e doutrinárias entre estes intelectuais e os seus governos, sendo as suas ideias importantes referências na definição das ações e políticas desses regimes.” (ABREU E HENRICH, 2023, P.14) Aqui podemos observar a influência das ideias dos intelectuais católicos liberais nos debates da época, e na política.

Portanto, no caso dos EUA, um país de maioria protestante, a recatolização se deu através da aplicação dos princípios da DSC nas esferas econômica, política e social. Ao analisarmos os periódicos católicos, um dos principais meios por onde ocorria essa recatolização, juntamente com o estudo da história deste grupo social nos EUA, podemos observar como estes periódicos foram criados como espaços de resistência em que este grupo poderia se expressar. Sendo assim, os católicos começam, através de seus periódicos, a participar ativamente dos debates da época e das questões políticas.

2.3 O debate dentro dos periódicos católicos

Todas as questões abordadas nos capítulos 1 e 2, como por exemplo questão trabalhista, desemprego, pobreza, entre outras, estão sendo discutidas neste contexto em vários meios pela Igreja Católica, pelos intelectuais católicos e os fiéis. Entre estes vários meios, temos os periódicos católicos, como por exemplo a *Commonweal*, a *Catholic Worker* e o *Social Justice*.

Tebbel e Zuckerman (1991), ao falarem sobre o contexto dos debates dentro das revistas naquela época, afirmam que este campo no início da década de 1920 era dominado no campo mainstream por revistas liberais como a *The Nation*, *The New Republic*, e a *The Atlantic Monthly*. Estes periódicos de opinião eram descendentes diretos da tradição liberal do século XIX e das revistas de reforma social que existiam. Porém, diferente das revistas do século XIX, as do início do século XX teriam muito maior influência na esfera pública.

Os periódicos católicos entram neste contexto também com este desejo de influenciar a esfera pública, buscando um equilíbrio entre sua independência jornalística e a ortodoxia católica. E, da mesma maneira como os americanos de outras religiões possuíam diferentes visões ideológicas, assim era também nos periódicos católicos. Douthat (2021) afirma que existiam duas vertentes principais nestes periódicos: uma seria o “Commonweal Catholicism” (DOUTHAT, 2021, p.32), visão mais à esquerda da ideologia católica, cujo principal defensor e de maior abrangência era o periódico católico *Commonweal*, em contraste ao “First Things Catholicism” (DOUTHAT, 2021, p.32), uma visão mais conservadora da Religião Católica. Sobre esta visão mais à direita, Pavuk (2016) afirma que “Often finding voice in the Jesuit-run *America* magazine and the neoscholastic journal *Thought*, non-Catholic Americans generally dismissed these figures and such for as the products of casuistry when they took any notice at all.” (PAVUK, 2016, p.104) Para Douthat (2021) “This basic intra-Catholic polarization has not disappeared, and the most prominent Catholic politicians in America today— from Biden to Nancy Pelosi to former Attorney General Bill Barr – still embody it.” (DOUTHAT, 2021, p.32)

De acordo com Pavuk (2016), Michael Williams, ao fundar a *Commonweal* em 1924, se torna um dos católicos que tentavam construir pontes, com o desejo de fazer esta revista participar dos debates que estavam ocorrendo entre diferentes jornais de opinião, como os já mencionados mainstream *The Nation*, *New Republic* e o *Literary Digest*: “From its inception, Williams frequently employed his magazine to engage broader discussions of science and religion and their relationship to broader culture.” (PAVUK, 2016, p.104) A primeira edição da revista apresentou diversos artigos positivos sobre a ciência na vida contemporânea. Para este autor “From its early years, *Commonweal*, of all Catholic-run magazines, reached the largest non-Catholic audience and became

the most widely quoted source of Catholic views in magazines and major news venues like the New York Times.” (PAVUK, 2016, p.104) John Ryan, um dos grandes intelectuais católicos daquele momento que tentava transmitir a DSC para a população americana, escrevia a maioria de suas colunas neste periódico. Sobre Ryan, Pavuk (2016) afirma que “So, too, was John Ryan widely quoted as one of the most prominent, and most liberal, Catholic voices of social science in interwar American intellectual and political life.” (PAVUK, 2016, p.104) Aqui podemos observar como, para este autor, as palavras da *Commonweal* e de Ryan realmente chegavam a um público muito grande naquele período. Este autor também afirma, inclusive, que Michael Williams, em seu papel como editor da *Commonweal*, e John A. Ryan, sendo o único Padre Católico no National Board of the American Civil Liberties Union (ACLU), promoveram o papel da religião nos debates públicos sobre as origens dos humanos e, posteriormente, nos outros debates da época.

Pavuk (2016) relata que Williams, logo ao retornar para a Igreja Católica, começou a escrever para a National Catholic Welfare Conference durante a Primeira Guerra Mundial, como parte de sua associação de imprensa. Ao analisar a mídia católica, e o que os intelectuais católicos estavam produzindo para ela, Williams acreditava que a qualidade nos periódicos intelectuais da mídia dominante era melhor. Clements (1972) destaca a importância do caráter intelectual para Williams. Este desejava fundar um periódico católico que fosse editado por leigos, para expressar a opinião intelectual católica e tentar melhorar a qualidade do que já estava sendo produzido por esta. Desde o início de seu planejamento, desejava que sua revista fosse principalmente para mostrar o debate intelectual católico, e com isto atrair intelectuais de outras religiões que quisessem debater. Pavuk (2016) escreve que “Williams and his associates were sure that their best chance of success was a journal neither edited by clergymen nor produced as any kind of official church organ. Their hope was to mute non Catholics' accusations of the church censoring or controlling Catholic media.” (PAVUK, 2016, p.115) Para Bredeck (1977) a América, uma revista que tinha em seu corpo editorial Padres Jesuítas, era vista com desconfiança pela maioria dos americanos, enquanto a *Commonweal* de Williams, ao colocar em sua propaganda que era feita por Leigos, gerava uma maior aceitação pelo público dos EUA. Na *Commonweal*, por exemplo, “Editorials critical of certain Catholic

trends as well as articles by non-Catholics would be no stranger to the journal's pages." (PAVUK, 2016, p. 115)

Clements (1972) diz que os objetivos principais da *Commonweal* eram quebrar a oposição sectária e estimular cooperação entre as diferentes fés em todos os tipos de atividades, usar a *Commonweal* como um espaço para ajudar os Católicos a entrarem na cultura intelectual mainstream, ajudar a resolver a questão social, e mostrar que era possível ser ao mesmo tempo muito católico e muito americano. É interessante observar a recepção do *New York Times* à *Commonweal*. Em um editorial intitulado "A Defender Who Doesn't Attack," do dia 21 de novembro de 1924, seus editores afirmam que esta é uma revista inteligente e moderada, baseada em fatos e seus argumentos são sempre suaves, não ferozes, além de não insultar aqueles que discordam de suas ideias.

Pavuk (2016) reitera o fato de que a *Commonweal* conseguiu atingir seu objetivo de possuir influência também entre intelectuais não católicos. Suas ideias conseguiram influenciar mesmo aqueles que não tinham uma assinatura do jornal. Era normalmente citada em jornais e revistas de prestígio como sendo o melhor padrão do Catolicismo Intelectual. Williams e seu time haviam conseguido colocar o pensamento Católico dentro de católicos e não católicos, bem mais do que imaginavam ser possível. Pavuk (2016) escreve que o famoso jornalista Walter Lippmann, um dos mais famosos da história dos EUA, disse que a *Commonweal* era a melhor fonte para se ter a perspectiva católica, e que cartas de congratulações escritas por intelectuais famosos na época foram publicadas no seu aniversário de 10 anos em 1934, o que mostrava a importância e influência deste periódico.

A *Commonweal* foi além de influenciar leitores individualmente, como afirma Bredeck (1977). Este autor diz que seus editoriais e artigos falavam sobre os eventos e acontecimentos da época e possuíam um papel ativo em moldar a opinião pública e suas atitudes. Além disso, afirma que a *Commonweal* em determinadas ocasiões influenciava os próprios eventos. Para Pavuk (2016) a *Commonweal* foi sim um participante notável nos debates intelectuais do período entre guerras, um participante que apresentava uma visão liberal. Por isso, este autor afirma que católicos mais conservadores diziam que a *Commonweal* era muito liberal e pouco católica.

Para Crimins (1972) a *Commonweal* demonstrava inicialmente em seus editoriais uma vertente autoritária do pensamento católico, que depois foi sendo substituída por uma visão mais honesta da Igreja. Michael Williams e a geração que fundou a *Commonweal* queriam apresentar as verdades da fé para americanos católicos e protestantes, utilizando um modo racional para isto e rejeitando o uso de polêmicas que caracterizavam o debate religioso da época. Considero, porém, que este autor está equivocado ao falar sobre esta rejeição à polêmicas da época, pois ao analisar a *Commonweal* podemos observar como esta se manifestava em muitas polêmicas e gerava fortes debates, o que pretendo demonstrar no capítulo seguinte em que analiso os editoriais, colunas, e reviews feitos por ela.

Este autor afirma também que “The editorial of introduction to the initial issue on November 12, 1924, set forth the apologetic aim: “The *Commonweal* will be definitely Christian in its presentation of orthodox religious principles and their application to the subjects that fall within its purview.” (CRIMMINS, 1972, p. 190) Ele escreve, por exemplo, que quando a *Commonweal* foi acusada de ser uma propaganda da Igreja, esta na verdade não negou as acusações e disse que a propaganda é algo legítimo, desde que seja honesta. Na minha pesquisa observo, porém, que a *Commonweal* logo em seguida já começou a manifestar suas opiniões de maneira independente. Para se ter uma ideia do alcance da *Commonweal*, e de como era lida e respeitada por diversos círculos, incluindo círculos católicos, protestantes, e de outras religiões, bem como círculos mais de esquerda ou direita, o autor explica que “The *Commonweals* arguments reasonably expounded the truths of Roman Catholicism, a task that it accomplished with such distinction during its first fifteen years that Church leaders such as Cardinal Hayes of New York and Cardinal O’Connell of Boston supported the journal’s work, while such liberals as Walter Lippmann and Dorothy Day praised its achievements.” (CRIMMINS, 1972, p.190)

Jordan (2003) escreve na *New Catholic Encyclopedia* que a *Commonweal* é o primeiro jornal de opinião católico independente e feito por leigos a surgir nos Estados Unidos. Refletindo desde seu surgimento um crescente senso de confiança entre os Católicos Americano, que emergiam de um status de novos imigrantes para se tornar membros bem-sucedidos da sociedade Americana, tinha como seu objetivo, de acordo com este autor, ser um periódico semanal

católico que utilizasse a religião para falar sobre literatura, artes, a própria religião, sociedade e política. Para este autor, “Never bound by a strict ideology, it became a forum for thoughtful, urbane discussion, and had a distinguished roster of editors and writers.” Na minha pesquisa pude perceber realmente como em todas as áreas estas discussões e debates são muito presentes, assim como a grande gama de ideologias. Esta era justamente a estratégia do jornal: Era sim um jornal católico liberal, porém seus editores rejeitavam o sectarismo e promoviam discussões e debates em suas páginas: “It never shrank, however, from taking strong and controversial positions.” A *Commonweal* criticava fortemente o anti-semitismo do Padre Coughlin, declarou neutralidade durante a Guerra Civil Espanhola (o que fez a circulação diminuir em 20%), condenou as bombas jogadas em Dresden e o uso das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. Criticou muito também o racismo americano e o senador Joseph McCarthy, apoiava a resistência ao envolvimento americano no Vietnã e se manifestou com relação a Encíclica Papal *Humanae vitae*, de 1968.

Esta visão de independência da *Commonweal* pelo fato desta ser editada por leigos é reforçada por Crimmins (1972), mesmo que em alguns momentos este autor ressalte sua opinião de que a *Commonweal* se esquivava de polêmicas, ao dizer que este era um periódico diferente dos outros periódicos católicos de sua época por ser editado por leigos membros da Igreja, isto é, membros que não eram oficialmente parte da hierarquia da Igreja Católica, em um campo regulado pelo Clero. A *Commonweal* tinha uma estratégia de manter contato e debater com protestantes, em uma época na qual muitos católicos decidiam evitar contatos com este grupo majoritário. Era um periódico que comentava sobre questões e eventos seculares, quando a maioria dos periódicos religiosos falavam somente sobre questões religiosas que envolviam a Igreja. Um dos motivos que possibilitavam a *Commonweal* abordar estes temas era justamente o fato de que “its founders had launched their journal without the sponsorship of a particular bishop or religious order, as was the rule of the day”. (CRIMMINS, 1972, p.191)

De acordo com Jordan (2023), um dos motivos do sucesso da *Commonweal* foi o fato desta ter períodos longos de mesmos editores, como o de Michael Williams (1924–38) e Edward S. Skillin (1938–67). Depois, teve James O’Gara (1967–84), Peter Steinfels (1984–88), e Margaret O’Brien

Steinfels (1988–). Grandes editores também muito benéficos incluem contribuidores como George N. Shuster, John Cogley, Daniel Callahan, e Paul Baumann. Edward Skillin teve uma associação única com a *Commonweal*, tendo se juntado a ela em 1933, se tornou editor e depois o dono principal, tendo transferido sua posse para a *Commonweal Foundation*, uma associação sem fins lucrativos, em 1982.

Um exemplo do pensamento independente da *Commonweal* foi sua cobertura sobre a Guerra Civil Espanhola, evento que dividiu a opinião nos EUA entre os que apoiavam os Nacionalistas e os que apoiavam os Republicanos. Nesta situação a *Commonweal* tomou uma posição contrária à da maioria dos periódicos católicos, defensores dos Nacionalistas por simplificar a situação vendo esta apenas como uma luta entre o Catolicismo e o Comunismo (Crimmins, 1972). A mídia católica em quase maioria apoiava os Nacionalistas. A *Commonweal*, por sua vez, via esta guerra como uma luta entre a Democracia e o Fascismo. Havia, porém, um grupo dentro deste periódico que discordava desta visão: “As the war dragged on, the issue segmented the staff of The *Commonweal*, causing a major reorganization of the paper which set it on its new course as the independent among Catholic journals.” (CRIMMINS, 1972, p. 191) A divisão editorial ocorreu entre dois homens da mesma geração, em 1937, Michael Williams e seu editor George Schuster. Em um editorial do dia 5 de fevereiro de 1937, chamado “Help the Catholics in Spain,” Williams defendeu os Nacionalistas na Espanha e sua luta contra o comunismo, escrevendo posteriormente diversos editoriais em que criticava a mídia americana mainstream, que em determinado momento começou a defender fortemente os Republicanos. Schuster possuía a visão contrária, afirmando que a Igreja na Espanha estava se associando ao Fascismo.

Crimmins (1972) auxilia no entendimento sobre a visão de mundo de Williams. Para ele, este fundador da *Commonweal* possuía forte apoio à Causa Católica na Espanha devido a sua crença no Catolicismo e de que a Igreja e seu sistema de crenças haviam sido estabelecidos por Deus para reforçar a ordem mundial divina, baseada nas crenças da Igreja. Ele havia se convertido a esta religião, depois de anos a procura de uma crença que viesse a complementar sua visão de mundo, e ao longo deste processo vivia como escritor e jornalista:

“Eventually Williams became disillusioned by the corruption that he saw; in despair he turned to Catholicism, whose unifying world view offered order as an alternative to confusion. Converted to the Church of Rome, he decided to devote his life to using his journalistic talents to spread his faith to others. He began as a journalist for the National Catholic Welfare Conference and later became the editor of the Conference publication, leaving in 1922 to lay the foundation for a new Catholic magazine.” (CRIMMINS, 1972, p.192)

Schuster, por sua vez, entrou para a equipe do periódico pela sua associação com Williams, desejando criar uma revista que possibilitasse um espaço para os jornalistas e escritores católicos publicarem seus trabalhos, já que a maioria dos periódicos não publicava, e desejava também em sua revista “interpret to America the social teachings of Leo III’s encyclical *Rerum Novarum* and the progressive message of the American Bishops’ Program of Social Reconstruction of 1919.”(CRIMMINS, 1972, p.192) Schuster desejava publicar autores católicos na *Commonweal* como Eugene O’Neill, F. Scott Fitzgerald, e James T. Farrell, porém isso não ocorreu. A poesia da revista era feita por Thomas Walsh e pelas freiras em seus conventos. Com a chegada da Grande Depressão depois da crise de 1929, Schuster desejou levar atenção para a DSC: “Shuster’s reliance on Christian principles as a means of ending inequality and his aversion to utilizing Communism or Fascism for the same end led him to conclude that neutrality was the best course of action for Americans to take concerning the Spanish Civil War. This conclusion resulted in a break with Williams and with *The Commonweal*.” (CRIMMINS, 1972, p.193)

Schuster publicou sua opinião em dois editoriais em abril de 1937, gerando conflitos na equipe da *Commonweal* e na mídia Católica. Williams escreveu prefácios para estes editoriais de Schuster afirmando que estes não iam de acordo com a visão da política editorial do periódico, porém havia outras pessoas que concordavam com ele, como Edward Skillin e Philip Burnham, dois membros mais jovens da equipe. Crimmins (1972) afirma que a reação pública foi muito aparente em outros periódicos católicos. O “*America*”, periódico pró-franco e Jesuíta, foi o primeiro de muitos que criticaram a *Commonweal*. Esta sabia, porém, até onde podia criticar a Igreja, então “Williams, who had relied on

their help to found his journal and had come to trust their teaching authority absolutely, was not disposed to make the break. Shuster, who might have led the editorial coup that would have given the journal its new direction, left the staff late in 1937 to observe firsthand the situation in Europe, leaving the task of overruling Williams to the younger staff members.” (CRIMMINS, 1972, p.193)

Crimmins (1972) escreve que Edward Skillin e Philip Burnham conseguiram reestruturar a *Commonweal*, que estava sofrendo com problemas organizacionais e financeiros, e anunciaram uma nova hierarquia editorial. Substituíram a Calvert Associates, uma organização sem fins lucrativos fundada por Williams, pela *Commonweal Associates*, um grupo dos leitores mais dedicados do periódico que concordaram em assumir os custos de produção. Eles eram os novos editores, os outros foram aposentados, e Williams foi considerado um editor especial, assim foi criada uma “nova *Commonweal*”. Williams tinha sua coluna semanal, mas não possuía mais poder de escolha editorial na revista que havia fundado e criado. Assim, os novos editores puderam escrever o que desejavam sobre a Guerra Civil Espanhola: “To be strongly partizan concerning the Spanish Civil War is indeed to aggravate a current intellectual disease: the conviction that we are going to be forced to choose between fascism and communism.” (*Commonweal*, 1938, p. 230) Neste editorial afirmaram que tanto o comunismo quanto o fascismo eram anticristãos, o que continuaria sendo nas décadas seguintes uma das principais convicções deste periódico.

Mesmo tendo discordado da Hierarquia Católica e de sua mídia na questão espanhola, a *Commonweal* tinha a visão de grande parte dos leigos. Isto se deu muito ao processo de aculturação, pois os leigos eram em sua maioria de segunda geração americanos, por isso junto com seus valores católicos havia também os valores americanos e sua cultura, o que mostrava um dilema que acompanharia os católicos durante muitas décadas: apoiar ao mesmo tempo seus líderes católicos e políticos. Não queriam confrontar nenhum dos dois lados, então, em muitos momentos, “Rather than being a lone apostate from the Catholic position, The *Commonweal* articulated the feeling of a large segment of the faithful.” (CRIMMINS, 1972, p.196)

A posição da *Commonweal* sobre a Guerra Civil Espanhola pode ter sido uma nova abordagem, mas só foi possível graças à filosofia de independência

baseada no pensamento da geração que fundou o periódico. Era ao mesmo tempo uma vontade de independência e de agradar à Igreja e fazer parte dela: “The founders of the journal wanted their magazine to be independent of the controls that bishops and religious superiors exerted over other Catholic papers, but they also wanted to affirm a deep loyalty to their Church.” (CRIMMINS, 1972, p.196) Os fundadores da Commonweal faziam uma clara distinção entre a hierarquia e ortodoxia da Igreja, que baseava muitas das ideias dos intelectuais católicos que escreviam em suas páginas, e dos leigos católicos que também escreviam sobre diversos assuntos para a Commonweal. Sua posição era explicada utilizando a distinção teológica clássica entre os ensinamentos da fé, dever do clero, e o dever dos leigos ao aplicar estes princípios. Desejam encontrar as melhores mentes para ensinar os ensinamentos do Catolicismo, e ao mesmo tempo ter colunas sobre literatura, artes, e política, sempre baseados na fé Católica. Sendo assim, “The founders vowed to be orthodox in the presentation of Christian principles, but in statements about public issues, they emphasized that they were voicing the view of a group of independent laymen, not that of the teaching authority of the Church.” (CRIMMINS, 1972, p.196) No início, porém, focavam a maior parte de suas colunas explicando os ensinamentos Católicos, somente alguns anos depois começaram a, juntamente com isso, abrir espaço para outros assuntos e autores: “A new generation was needed to carry the independent philosophy of the founders to its logical conclusion.” (CRIMMINS, 1972, p.196)

Para Jordan (2023), a independência ideológica da Commonweal fez com que esta fosse periodicamente ostracizada de muitos círculos políticos e da Igreja, gerando uma situação financeira que a forçou a se tornar bi-semanal em 1974: “The Commonweal Associates, established in the 1960s, met the magazine’s annual revenue shortfall through donors’ gifts, and an endowment fund was inaugurated in 1994 to assure greater long-term financial viability. Its circulation in the 1990s was 20,000.” (JORDAN, 2023, p. 23)

Steinfels (1999) afirma que George Schuster, o editor chefe da Commonweal de 1928 até 1937, possuía uma grande habilidade de manter a lealdade da Commonweal para com a Igreja, ao mesmo tempo em que criticava ações realizadas por Católicos em seu nome. Ele elogiou, por exemplo, a rejeição dos católicos alemães e austríacos ao comunismo, mas criticou

fortemente a aceitação de Hitler por muitos destes católicos europeus. Os intelectuais que escreviam na *Commonweal* sempre tinham em mente esta dualidade ao escrever sobre os conflitos de sua época. Um outro exemplo que aparece é a questão do Racismo: se alguns católicos tentassem defender o racismo utilizando a tradição e a Bíblia, George H. Dunne, S.J., mostrava como esta era uma lógica falsa e um erro de entendimento sobre os princípios morais Católicos elementais. Steinfels (1999) diz que a *Commonweal* sempre tentou apresentar uma figura realista de como as pessoas vivem suas vidas para colocar substância em princípios morais abstratas, seja ao falar sobre um salário justo para os trabalhadores, ou sobre o papel do governo na vida econômica e social. Juntamente com as análises, haviam colunas como as de Dorothy Day, por exemplo, que muitas vezes levavam o leitor para dentro das casas dos pobres para estes entenderem através de suas colunas como eram a vida dessas pessoas e o que deveria ser feito para melhorá-las.

Porém, de acordo com Crimmins (1972) foi somente com os novos editores a partir de 1938 que a *Commonweal* começou a enfatizar o seu papel na reforma social, como escreveram em um editorial de 1938, ao afirmar que defendiam “the priority of human beings over property and institutions.” (*Commonweal*, 1938, p. 674). Para Crimmins (1972) a *Commonweal* começa com esta nova direção a articular a necessidade e os meios de conseguir reforma social, criticando no processo Padres e Bispos da Igreja Católica. Posso afirmar que, depois de ler mais de 400 colunas e editoriais da *Commonweal* entre 1929 e 1934, sobre diversos assuntos, que neste período a *Commonweal* e seus editores já realizavam tudo isso que Crimmins (1972) afirma ter começado só depois de 1938. Desde antes já falavam enfaticamente sobre a importância de reforma social, inclusive este termo era muito utilizado nos títulos dos editoriais em que abordavam reforma social ao invés de revoluções. Negar isto é negar toda a importância histórica de intelectuais católicos que abordavam este tema, como John A. Ryan, mesmo que esta com certeza não fosse a intenção do autor.

Outro ponto da análise de Crimmins (1972) sobre a *Commonweal* é quando este escreve que “Before its reorganization, The *Commonweal* had publicly disagreed with a member of the clergy, Father Charles Coughlin, because he was not representing the opinion of the hierarchy.” Isto é retirar todo valor moral da *Commonweal* e de seus autores, afirmando que estes somente

criticavam o fascista Coughlin pois a Igreja o criticava, quando na verdade era muito mais do que isso. Este autor afirma, corretamente, que a Commonweal escolheu Ryan ao invés de Coughlin, Ryan sendo um Padre muito respeitado, principalmente em assuntos de Reforma Social e Economia, tendo realizado o esboço do Plano dos Bispos de 1919. Porém, o apoio da Commonweal ao Ryan não se deu somente pelo fato da Igreja o apoiar. Se deu, além disso, pois ele realmente seguia a linha defendida pelo periódico, que ia muito contrário ao Coughlin. A Commonweal, assim como Ryan, era já neste período uma grande defensora do New Deal e de Roosevelt.

Crimmins (1972) reconhece, porém, a importância da Commonweal em libertar os católicos da crença de que não poderiam pensar independentemente. Ao longo dos anos a Commonweal foi criando uma base de leitores de católicos liberais que começaram a se chamar de “Commonweal Catholics.” Este grupo acreditava na filosofia do periódico de que o Catolicismo, a Democracia e o Humanismo devem andar juntos. Começam a pensar de forma independente, baseada na Commonweal, o que levou a alguns Bispos dizer brincando que havia muitos “Commonweal Catholics” em suas Dioceses. Portanto, a tradição de independência da Commonweal influenciou muitos católicos americanos a pensarem por si próprios sobre cada questão, de maneira crítica, questionando as posições do clero e da hierarquia católica. Isto foi o início do fim do autoritarismo que existia no catolicismo romano nos EUA, pois a palavra do clero não era mais considerada indiscutível. Com sua filosofia de autonomia, a Commonweal ajudou a criar uma Igreja nos EUA mais livre e aberta, com repercussões que continuam atualmente e se refletem em todas as esferas da vida social, política e econômica dos EUA. Aí está a importância de se estudar este periódico mais profundamente.

A Commonweal foi creditada também como tendo preparado os Americanos Católicos para o Vaticano II e suas ações futuras, e introduziu seus leitores para um novo nível de debate católico. Publicou autores como Emmanuel Mournier, Francois Mauriac, Hannah Arendt, Hilaire Belloc e Graham Greene. Publicou histórias curtas de Evelyn Waugh e J. F. Powers, poesia de W. H. Auden, Josephine Jacobsen, e John Updike. Tinha colunistas culturais como Walter Kerr, Wilfrid Sheed, e Richard Alleva e ilustrações feitas por Jean Charlot e Emil Antonucci. Jordan (2023) afirma que, na comemoração do aniversário de

50 anos da Commonweal, em 1974, o famoso historiador católico John Tracy Ellis escreveu que a Commonweal é uma das iniciativas dos leigos católicos americanos mais ambiciosas e é a mais bem sucedida da história até agora.

A Commonweal era, como já foi visto, o principal periódico católico em que ocorriam debates sobre política, economia e a questão social. Existiam, porém, como também já foi mencionado, periódicos católicos de diferentes vertentes ideológicas, os quais representavam a variedade de ideologias também presentes dentro do catolicismo, como o Catholic Worker, da já mencionada Dorothy Day, e o Social Justice, do Padre Coughlin.

De acordo com Trabbic (2013) Dorothy Day fundou, em 1939, o Committee of Catholics to Fight Anti-Semitism, juntamente com outros membros do Catholic Worker Movement. Este grupo se baseou na frase de Pio XI em que este denunciou fortemente o antissemitismo, em 1938, afirmando que este era incompatível com o Cristianismo. Outro membro importante do grupo, que logo após sua fundação começou a fazer parte, era John A. Ryan. Trabbic (2013) afirma que as atividades consistiam em escrever mensagens, realizar discursos em rádio, realizar programas educacionais em escolas, fazer pesquisas, entre outras, e que John Brophy, diretor nacional do Congress of Industrial Organizations, realizou um discurso pedindo para o movimento trabalhista apoiar este movimento e que o antissemitismo era antiamericano e antidemocrático. O autor também afirma que um dos objetivos deste novo grupo era ser uma oposição ao Padre Coughlin e seu periódico, o Social Justice. Escrevendo sobre este comitê católico, o presidente Roosevelt afirmou que “Freedom of conscience, as written into the Federal Constitution, through the wisdom and foresight of the Fathers has been a guarantee of peace and happiness during all our life as a nation. Any selfish group which would discriminate against any of our fellow citizens because of race or religion would thereby endanger the fundamental rights of all.” (THE NEW YORK TIMES, 1940)

Já o presidente Truman, cinco anos depois, observou que “Msgr. Ryan was a man of broad sympathies whose heart beat with true compassion for the laboring man and laboring woman and for all who bore heavy burdens; for the underprivileged everywhere. I think it is especially fitting that the award in his name is to be made by an organization which recognizes the dignity of human nature regardless of faith, race, color, or social condition.” (TRUMAN, 1945)

Estas frases de Roosevelt e de Truman são mais evidências de que estes acompanhavam intelectuais católicos como Ryan e Day, valorizando seus trabalhos.

Roberts (1984) explica que Dorothy Day foi uma ativista social, jornalista anarquista católica, tendo fundado o Catholic Worker Movement, juntamente com Peter Maurin, em 1933. Este era, de acordo com Piehl (1982), uma organização de comunidades autônomas que tinham como objetivo viver de acordo com as leis da Justiça e da Caridade de Jesus Cristo. Um dos princípios deste grupo era, e continua sendo, dar hospitalidade para aqueles que necessitam, em suas casas comunitárias, ao mesmo tempo providenciando comida, bebida, agasalho, entre outros. Sempre se baseando na Justiça Social, não são órgãos oficiais da Igreja Católica, sendo principalmente contrários a guerras e à desigualdade.

Roberts (1984) afirma que este movimento começou com Day fundando o periódico Catholic Worker com o objetivo de divulgar a DSC e sua posição pacifista. As palavras do Catholic Worker seriam postas em prática através das casas de hospitalidade, assim como em fazendas onde seriam criadas comunas. De acordo com a autora, o periódico Catholic Worker é publicado sete vezes por ano pela comunidade deste movimento em Nova Iorque. Sua primeira edição em 1933 teve 2500 cópias, com o objetivo de mostrar a DSC como uma alternativa ao comunismo. Logo o número de cópias aumentou para 25000 e depois para 150000 em 1936. Tendo perdido milhares de assinantes com sua posição pacifista durante a Segunda Guerra Mundial, o Catholic Worker continua custando atualmente um centavo cada edição e possui aproximadamente 100000 assinantes.

Em um extremo oposto à Dorothy Day e seu Catholic Worker, havia o Padre de extrema-direita Charles Coughlin e seu periódico Social Justice. De acordo com Clements (2022) Coughlin era uma canadense-americano conhecido como “Radio Priest”, por ser um dos primeiros influenciadores políticos a usar o rádio como meio para chegar a um grande público. À medida que seu programa se tornava mais político, sua popularidade aumentava.

Para Kennedy (1999) Coughlin era inicialmente um grande apoiador de Roosevelt e de seu New Deal, tendo depois se tornado um crítico destes e fundado sua organização National Union for Social Justice em 1934. Um dos

principais motivos de ter discordado de Roosevelt, foi, para este autor, a maneira como Roosevelt lidava com os bancos e com banqueiros, considerados para Coughlin como uma forma de dominação judaica que desejava destruir a América e seus valores. Começa então a fazer sistemáticos ataques antissemitas em seu programa de rádio e apoiar muitas políticas da Alemanha nazista e da Itália fascista. Conforme DiStasi (2001) Roosevelt decidiu, após o início da Segunda Guerra Mundial, forçar o cancelamento do programa de rádio de Coughlin, assim como a circulação de seu jornal, Social Justice.

Este jornal de Padre Coughlin circulou entre 1936 e 1942, sendo um veículo para espalhar suas opiniões racistas, antissemitas e fascistas, além de criticar muito fortemente Roosevelt e o New Deal. Os maiores alvos deste jornal eram os judeus e os comunistas.

Para Clements (2022) os católicos americanos sempre estiveram, em todos os momentos da História, muito divididos em diferentes ideologias. Porém, para este autor, o momento de maior e mais forte divisão ideológica dentro deste grupo foi o período estudado por este trabalho, ou seja, o período entreguerras. É isto que pretendo demonstrar no capítulo seguinte do trabalho, utilizando a Commonweal como periódico selecionado com o objetivo de esclarecer o debate da época, mostrando as principais questões e soluções propostas pelas diferentes vertentes ideológicas.

3 A DOCTRINA SOCIAL CATÓLICA NOS EUA ANALISADA NOS EDITORIAIS DA REVISTA COMMONWEAL

Nos capítulos anteriores foi apresentado o contexto dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, com foco na questão social, assim como a inserção dos católicos nos debates referentes a esta questão. Neste capítulo, por sua vez, será apresentada a visão da revista *Commonweal*, introduzida no capítulo anterior, a partir de seus editoriais publicados entre 1929 e 1934. Nestes editoriais aparecem frequentemente diversas questões que abordam principalmente temas como economia, política e a questão social. Buscaremos identificar as questões que esta revista coloca em debate sobre estes temas.

Durante o período selecionado, esta revista foi porta-voz do pensamento católico, se posicionando a respeito de tais questões. Este capítulo será dividido em itens, baseados nas categorias selecionadas para análise dos editoriais, sendo elas as já mencionadas “Política”, “Economia”, e “Questão Social”. Dentro destas categorias, haverá sub categorias. Os critérios utilizados para a criação destas e para a seleção de textos para cada uma são os seguintes.

Sobre a categoria “Política”, entram nesta categoria colunas de opinião referentes às eleições que levaram à vitória de Roosevelt para presidente, colunas referentes ao governo Roosevelt, sua relação com o Congresso, seus apoiadores, seus opositores, e seus assessores. Entram também aqui colunas sobre o papel da Igreja na Política e sobre articulação política.

Entram na categoria “Economia” colunas de opinião que abordam assuntos relacionados à crise de 1929, suas causas, soluções propostas, o New Deal, avaliações referentes a este, questões como o desemprego e suas causas, industrialização, grandes empresas, juros, entre outras. Entram aqui principalmente colunas que se inserem dentro do debate da época sobre como resolver a depressão econômica em que os EUA estavam inseridos naquele momento, bem como colunas que abordam a visão da Igreja sobre as bases morais e religiosas que devem guiar a economia. Há também questões referentes ao debate entre comunismo, socialismo e capitalismo.

Em relação a categoria “Questão Social”, entram colunas de opinião sobre temas como pobreza, desigualdades, condições trabalhistas, papel dos

sindicatos, trabalho infantil, entre outros, bem como suas causas e soluções propostas. Estão aqui também temas que poderiam ser de outras categorias, mas que, dependendo do enfoque utilizado, entram aqui. Um exemplo disto é o tema “Desemprego”, que entra na categoria “Economia” quando a coluna fala sobre as causas do desemprego e o que deve ser feito para diminuí-lo, porém quando a coluna é sobre as consequências do desemprego na vida dos trabalhadores, nas famílias, nas crianças, na habitação, ou seja, quando leva mais em conta a questão social, entra nesta categoria. Inclui-se aqui colunas sobre as Encíclicas sociais, como a Rerum Novarum, a Doutrina Social Católica e a Ação Católica.

3.1 POLÍTICA

3.1.1 A RELIGIÃO CATÓLICA E SEUS PRINCÍPIOS NA POLÍTICA AMERICANA

De acordo com a Commonweal, no editorial do dia 16/02/1934 intitulado “The Fundamental Issue”, foram a corrupção financeira e ineficiência que levaram ao fascismo na Itália, por exemplo, fatores que estavam começando a trazer consequências para países como Alemanha, Inglaterra e França. Revoluções reais poderiam acontecer nesses países caso o povo não voltasse a confiar em seus políticos e os observassem trabalhando a seu favor: “The mood of the French is similar to that which millions of Americans have felt, and still feel, as the general misery of the depression has been almost obscenely emphasized by revelation after revelation of political corruption and almost fanastic greed.”

Uma das missões de Rossevelt era justamente evitar revoluções nos EUA e fazer o povo confiar novamente no governo, o que ele estava conseguindo fazer perfeitamente ao lidar com a grande depressão, econômica e politicamente, e principalmente pelo fato de ter um objetivo moral. Era essa moral que baseava todas suas ações e o New Deal: “The spirit of the new deal is thus

even more important than its various acts. It is answered by the reawakened spirit of the people. The two forces are in cooperation.”

A *Commonweal* afirma no editorial do dia 07/01/1931, em que articula sobre o valor da verdade dentro da política, que a mentira era utilizada no campo político como arma para conquistas. Isto seria parte importante do que chamam de “The Political Religion”: “Who can doubt but that it really is part of “the political religion” which today prevails, to use falsehood unblushingly?”

A solução para reformar a política de maneira geral seria trazer a religião católica para dentro da religião política: “Their reform, however, depends upon a change in the ethical standards of the community in general, and not until “the religion of politics” becomes to some degree amenable to the moral standards of religion itself can we hope that the liar in politics will suffer the same contempt and disapproval as the liar in life.” A *Commonweal* denuncia a classe política como um todo e mostra como esta era vista pela população na época: “We doubt that they have anything like an adequate knowledge of how widely and generally the people have lost confidence in the integrity and ability of politicians as a class.” Aqui a *Commonweal* realiza um alerta, mostrando a importância de um país ter um sistema político confiável para seus cidadãos: “There is as yet no movement in the United States really threatening the representative system as such, which system in many European countries has been swept away or undermined to the point of collapse by movements that began with the same loss of confidence that is beginning to show in the United States; but things may begin to move in that direction.” A confiança no sistema político seria então parte fundamental para evitar derrocadas autoritárias nos Estados Unidos: “If they do, it will be the cynical disregard for honor and truth and honesty in politics which will cause the change.” E complementa com mais um alerta: “A double standard of morality in public affairs will lead to the ruin of society.”

A verdadeira liderança deveria emanar de Jesus Cristo, como deixa claro em seu editorial “The Leader of Leaders”, de 01/03/1933. O problema era que muitos haviam esquecido disto, o que só poderia produzir um resultado naquele momento: “the desertion of God by man can only result in disaster for man.” Para a *Commonweal* era claro: toda a crise social, política e econômica daquele período nos EUA e no mundo vinha deste fato: “At least for Christians it is obvious. For all believers in a supreme divinity, and a moral law that flows from

that divine center, it should be equally apparent.” A missão do Cristianismo é universal, não possui limitações de nenhum tipo, e seria algo apenas temporário haver lugares ou pessoas que não são cristãs, ou “by those races and nations as yet unconverted.”. Deus concedeu ao Cristianismo a supremacia do poder espiritual, mantido intacto pela Igreja.

Este Revival, “that might even be called the power of resurrection” estava acontecendo. Sua manifestação mais óbvia era na política, em que os princípios cristãos de direitos e liberdades individuais, das famílias como unidade central da sociedade e da sacralidade da propriedade privada, assim como do dever social de distribuição social justa, constituem a “philosophical bed-rock for all systems of economics and of government which are offered to the pagan-materialistic conceptions of state absolutism, whether of Communism, or of Fascism, and, in a lesser degree, yet essentially also controvert the injustices and maladjustments of modern capitalism,”. Portanto, o líder negligenciado e sua Igreja estavam chamando a todos para segui-lo, e tudo se resolveria na medida em que este chamado fosse respondido.

Alguém que respondia a este chamado, para a Commonweal, era Roosevelt. Em um discurso do então candidato em Detroit durante sua campanha para presidente, utilizou partes de discursos de Pio XI, da mensagem do Labor Day do Federal Council of the Protestant Churches, e da Social Justice Commission of the Central Conference of American Rabbis. Brincando que este discurso estava mais parecido com um sermão, a Commonweal escreve que ele “performed a great and very much needed act of public service” que iria ficar marcado como “the most noteworthy and praiseworthy utterance of the 1932 campaign.” O motivo seria a entrada da religião na política feita neste discurso de maneira muito apropriada e benéfica. Levou os princípios morais fundamentais das três principais religiões dos EUA, o protestantismo, o catolicismo e o judaísmo, “fairly and squarely before the consideration of the nation as part of the great debate now proceeding in the political arena.”

Para a Commonweal, “Religion cannot be kept out of politics. It never has been kept out of politics.” A religião poderia mostrar para os políticos e para a política os princípios éticos fundamentais que deveriam guiá-los. Havia somente uma escola de filosofia política que em sua lógica negava e ignorava a influência da religião na resolução dos problemas sociais de sua época: o comunismo. Nos

EUA, porém, “there is a common agreement among most Republicans, and Democrats, and independent voters, that moral and ethical principles are—or at least should be—superior to mere expediency, and to all (so-called) “laws” of economics, “the iron law of supply and demand,” and so forth.” A humanidade ainda era mais importante do que o poder e o lucro. É interessante observar que para a Commonweal o comunismo e o socialismo são vistos como ideologias materiais enquanto o capitalismo é visto como o modelo em que é possível defender os princípios morais da humanidade.

De acordo com a Commonweal a alma da América é uma alma religiosa: “the true spirit of the people of the United States is God-fearing, and God-loving, and the strong faith of the founding fathers still abides in millions of their descendants.” Era um momento que demandava “the application of a force more fundamental and far-reaching even than the best plans of statesmen or economists”, como mostra no editorial “Americans Answers Rome”, do dia 29/03/1933. As questões só poderiam ser resolvidas com “the dictates, inspirations and practice of Christian charity” pois “the Church are the strongest foundations and the surest bulwark of our threatened civilization”, “the bed-rock of Western civilization”.

Países como Rússia, México, Espanha, entre outros, estavam dominados por pessoas inimigas da ordem política, econômica, social e religiosa, fazendo guerra contra a sociedade, a religião, e com o próprio Deus. Eram subversivos e assassinos, combatiam a Igreja. As diferentes religiões do mundo iriam mostrar união para juntas combater o comunismo, o socialismo, o nacionalismo extremista, o capitalismo sem bem-estar social, e iriam mostrar para o mundo que o bem sempre vence, “for the chief reliance must be upon those words meant only for God to hear which rise from the prayers of the heart and the soul.”

Para que isso pudesse acontecer nos Estados Unidos, era necessário de acordo com a Commonweal ter políticos católicos que fizessem política se baseando nos ensinamentos de Cristo e da Igreja Católica, ou políticos de outra religião, mas que reconhecessem os ensinamentos da DSC. A Igreja é desde sempre o guia moral da humanidade: “Where there is debating about ethical standards or aims, there the teaching authority bequeathed by Christ is the final arbiter.”

3.1.2 ELEIÇÕES, GOVERNO ROOSEVELT E A POLÍTICA PARTIDÁRIA

Como aplicava os ensinamentos das Encíclicas na política, Franklin Delano Roosevelt recebia grande apoio de grande parcela dos católicos americanos desde sua candidatura.

Sobre a vitória de Roosevelt, a *Commonweal* menciona no Editorial “Results of the Election” os “common sense americans” que votaram no presidente eleito, e que a “voice of reason prevail”. Para ela, os resultados de quem foi eleito “are only the first, the immediate and obvious results.” Os “greater results” seriam os que estariam por vir com as medidas tomadas pelo novo governo. Conclamaram todos os americanos a apoiarem o presidente eleito, pois “have the personal powers and executive duties of the Chief Magistrate become, so constantly does the pressure of all social and political problems bear down upon him,”. Então, “no man, no matter how strong in fortitude, can be expected to carry such a load unless he is aided by the good-will and the cooperation of all Americans who are loyal enough to the spirit of the republic to place national considerations above partizan interests”.

Era o momento de todos os americanos, independente para quem votaram, se unirem e resolver as questões presentes naquele momento, apoiando o novo presidente eleito democraticamente. Estas questões incluíam para a *Commonweal*, principalmente, a questão do desemprego. De todas as questões daquela época, este “is the problem of problems.” Porém, “There are many more”, como por exemplo os resquícios da Grande Guerra, revoluções, pobreza, “Many of our own cities, and states, and industries, and churches, and schools, are in a similar predicament.”

A vitória de Roosevelt levou uma grande esperança de volta ao país, junto com fé e felicidade. Roosevelt recebeu o controle do congresso e do senado. Esta grande vitória, sendo bem utilizada, iria unificar a política americana e usá-la de acordo com a harmonia da verdadeira doutrina de uma democracia. Seu dogma fundamental seria a crença de que todo o poder político vem de Deus, e o único critério que deveria ser utilizado para avaliar sua utilização seria o bem estar de todas as pessoas. Baseados neste dogma, a *Commonweal* lista crenças que deveriam guiar o novo governo: “If man is placed above money in the scale

of true values; if social justice rather than the selfish interests of any class, or of the aggrandisement of the State itself: or the grandure and the power and the greed of the Nationalistic spirit of modern State idolatry—then will we know that the new administration has correctly interpreted the mandate of the American people which was expressed in such a marvellous manner on November 8.”

A Commonweal comemora a vitória de Roosevelt como sendo também determinante para os católicos nos EUA, um novo governo com uma ótima oportunidade para pôr em prática seus ideais da Doutrina Social Católica: “Catholic Action for social justice, therefore, in these United States, has been given what should, we believe, be recognized as a heaven-sent opportunity.” Esta vitória ocorreu com grande apoio da população, “sweeping over sectional, geographical, and partisan lines and limits” sendo muito mais do que um voto de protesto. Foi um verdadeiro “earthquake of voting its true character.” A catástrofe social estava ameaçando os EUA e o mundo, e o voto para Roosevelt era contra esta ameaça e demonstrava que as pessoas queriam a continuação dos ideais defendidos por Deus e pela Igreja: “The Commonweal, for its part, will do its best to cooperate in the mighty work which now begins.”

A visão da Commonweal e de muitos intelectuais católicos era de que o novo governo Roosevelt iria colocar em prática a Doutrina Social Católica baseada nas encíclicas sociais dos Papas, o que era uma grande vitória para os católicos: “all Catholics who desire to give practical effect to the principles of Social Justice laid down by Pope Pius XI will see that Governor Roosevelt’s opportunity to lead the united forces of traditional Americanism (personal liberty, the family as the true unit of society, widely distributed ownership of property, and agriculture as the foundation of the social system) is likewise the Catholic opportunity to make the teachings of Christ apply to the benefit of all, within or without the membership of the Church.” Roosevelt havia demonstrado durante sua campanha o valor que dava para a Religião, e os valores que provinham de religiões como o Catolicismo, o Protestantismo e o Judaísmo. Valorizava, de acordo com a Commonweal, as tradições americanas e sua determinação para mantê-las.

Sobre a posse de Roosevelt, a Commonweal afirma no editorial *The President*, do dia 15/03/1933, que “When Franklin Delano Roosevelt took his oath as President, the sky over Washington was leaden grey and a chill wind snarled

amid the leafless trees before the Capitol.” Reitera que, naquele momento, milhões de americanos estavam sofrendo, e faz um resumo do que estava acontecendo: Bancos fechando, guerra se espalhando pelo oriente, guerra na América do Sul, democracia derrubada na Alemanha, e Rússia se militarizando e disciplinando as massas para tentar conquistar o mundo. Mas Roosevelt “did not bow his head”. Com o início do governo Roosevelt, os remédios necessários para resolver estas questões poderiam ser aplicados, a paralisia da incerteza havia sido banida, e os americanos poderiam lidar agora com as questões sem temer nada.

Uma forte defesa de Roosevelt é realizada pela *Commonweal*, mostrando a confiança infinita que possuía neste. Fala sobre a possivelmente frase mais famosa de Roosevelt, dita em sua inauguração: “The only thing we have to fear is fear itself— nameless, unreasoning, unjustified terror which paralyzes needed efforts to convert retreat into advance.” Sobre isso, dizem que “our new President has faced his fear. Let none of us believe for a moment that he is merely a favored child of good fortune, and that the smiling confidence with which he took his oath and spoke to his people under the leaden sky at Washington had not been won in battle.” Afirma também que “he knows what he is talking about when he tells us now that the only thing to fear is fear itself.”

Roosevelt sabia do valor da distribuição justa, o que vinha dos valores católicos: “all these things were first of all the gifts of God, but not given to be selfishly monopolized, but given so that they may share with others what God has, so to speak, shared with them.” E possuía “talents entrusted to him by his Master”, todos aqueles que eram religiosos nos EUA sabiam que todas as qualificações do novo presidente para lidar com as questões de seu tempo eram fortalecidas e apoiadas pela sua real e fiel confiança em Deus: “For that greatest of all good reasons, how instantly and steadily and unitedly ought they not now to respond to their President’s appeal.” Estavam muito confiantes em Roosevelt e na cooperação. Para eles, “love in fact is stronger than hatred, faith can master doubt, peace is more powerful than strife.” Este amor deve ser “the love of God, coming from God, directed toward God through the channels of the God-fathered brotherhood of man.”

A *Commonweal*, no editorial *Upholding the president* do dia 08/12/1933, escreve que Roosevelt conseguiu mudar a forma como as coisas eram feitas em

Washington, sendo um novo guia moral necessário para a reconstrução da nação. Para ela, uma massa gigantesca de americanos apoiava Roosevelt e suas medidas e que os EUA estavam em um momento em que o país estava transitando para um novo sistema, liderado por Roosevelt. Para este novo momento, sempre deveria ser levada em conta a opinião e os ensinamentos da Igreja: “new formulas must be found for the changed adjustments and relations between Church and State, between government and religious, or private institutions.” Era necessário “deliberate counsel on the part of the bishops, and the handing down of that counsel and that guidance to our laity”, assim como um novo modelo político baseado nos princípios católicos e “in the application of those principles to our social, political, economic life.”

O National Catholic Welfare Conference, representante de todos os bispos dos EUA, havia divulgado sua opinião sobre o assunto, afirmando que a crise social presente naquele momento deveria ser resolvida com a Lei de Deus, enquanto muitos naquele momento falavam da “Lei do Ouro”. A Crise de 1929 e a Grande Depressão não haviam sido causadas por um único evento, ou somente por fatores econômicos, mas sim por um conjunto de forças destrutivas que corroíam os fundamentos jurídicos, da justiça e da moralidade ao longo de muitos anos. A lei moral havia sido destruída pela extravagância, corrupção, ganância: ““The future of the country lies with those who still believe in the validity of the moral law and who, if they desire to make their will felt, can save it from the morass of crime and corruption into which it has been thrown by a corrupt and irreligious minority”. A nação precisava não de uma revolução, mas sim de reformas. Era preciso, para essas reformas, se manter longe do comunismo e de ditaduras. A responsabilidade e a cura estavam nas mãos do povo, chamados para sempre apoiar Roosevelt, seu guia dentro da Lei Moral. O presidente estava tomando medidas reais para diminuir a falta de moralidade, construindo agências e programas em todas as áreas que iriam restaurar a prosperidade e a moral, um trabalho sagrado: “It is abundantly clear that the President has set himself to the performance of his task in the spirit and with the purpose his mandate from the people dictated. He has called to his assistance men who are experts in all the fields that demand this attention.”

As medidas de Roosevelt geravam grande debate entre apoiadores e críticos do governo, que apareciam em jornais de diferentes opiniões. A

Commonweal diz no editorial *The Test of Congress*, do dia 29/12/1933, que havia ataques ao presidente, com ultraconservadores, como o comentarista Mark Sullivan, receosos que os EUA estavam indo em direção ao “socialized state”. O *Awakener*, primeiro jornal fascista nos EUA de acordo com a *Commonweal*, havia dito que Roosevelt deveria demitir todos seus assessores, que eram, de acordo com este jornal, professores universitários socialistas. Caso isto não acontecesse, a direita seria obrigada a fazer uma ditadura para evitar o socialismo e o comunismo: “whether concentration camps after the German Nazi model are to be set up by the “Awakeners,” the first number of their lively journal does not tell us.” Com o surgimento deste jornal fascista, surgiram outros contrários, anti-fascistas, como o *Fight!*, publicado pela American League against War and Fascism: “And by Fascism this new journal does not exclusively mean the Italian and German varieties; it is alive to the symptoms now appearing of the American type.” Estes jornais, para a *Commonweal*, representavam as novas forças presentes no congresso, a extrema-direita e seus opositores.

Enquanto muitos acusavam o New Deal e Roosevelt de desejarem colocar nos EUA um governo socialista ou comunista, para a *Commonweal* a grande maioria do povo americano sabia que isto era uma bobagem. Existia, porém, como é demonstrado no editorial do dia 04/05/1934 chamado *Sabotaging the New Deal*, homens e instituições poderosas tentando sabotar o New Deal, por acreditarem nestas acusações: “And they are doing all in their power, through their speeches and statements, and their newspapers, and their privately printed pamphlets and reports, and through their personal and corporate influence, which is tremendous, to sway public opinion to their case.” Para estes, Roosevelt é um tolo ou uma ferramenta: “A fool, if he cannot see that his “brain trust” is plotting to destroy American democracy and lead the nation into Communism; a tool, if he does see the situation and lends himself to it.”

A *Commonweal* escreve que Roosevelt era um verdadeiro conservador, defendendo a conservação da “tradition and the doctrine of human liberty and cooperation.” Isto seria o verdadeiro conservacionismo, e o New Deal possibilitaria a existência deste verdadeiro conservadorismo reformando instituições que quase haviam sido destruídas pela ditadura das grandes corporações privadas e pelo poder oligárquico dessas grandes empresas que haviam deixado milhões de trabalhadores sem possibilidade de organização e

união. Isto seria uma volta para a verdadeira tradição dos EUA, com oportunidades iguais para todos, sem miséria. O New Deal era então “This country’s true, native, conservative effort at once to recover from the immediate effects of the depression, and to reform its social system in order to make that recovery permanent: a cure, not a mere hectic rally; health, and not a shot in the arm of some kind of evanescent dope.” O New Deal proporcionaria uma verdadeira cooperação entre consumidores, trabalho e capital, que é seu principal objetivo, ou seja, a conciliação de classes.

O momento no qual os EUA estavam, de acordo com a *Commonweal* no editorial do dia 07/09/1934, chamado *Cooperation or Compulsion*, era definido por batalhas que se aproximavam nas quais lados opostos iriam defender diferentes concepções de nação, o que já havia acontecido em outros países: “We are hearing now in America the war cries which have resounded for generations in Europe, the slogans of a tremendous battle which already has transformed great countries, like Russia and Germany and Italy, and which is being desperately waged in Spain, and France, and Great Britain.”

No editorial do dia 16/11/1934, chamado de “The meaning of the elections” a revista afirma que a eleição de meio de mandato de 1934 não diminuiu o poder dos democratas e mostrou grande apoio ao New Deal, fundamental para este momento. Roosevelt recebeu uma grande demonstração de apoio popular, pois a maioria do povo americano estava percebendo que “changes in the national life of a profound character are at hand”. Muitos não sabiam o que exatamente estava mudando, mas gostavam em Roosevelt sua determinação para tentar alternativas, testava para ver o que iria funcionar. Os experimentos revolucionários de Roosevelt eram vistos por americanos comuns como simplesmente “Roosevelt is trying to get things started.”

A *Commonweal* menciona o padre Coughlin, que começava a utilizar sua retórica contra os dois partidos, dizendo que muitos não queriam mais nem o partido republicano nem o democrata, o que era um teste para a democracia americana. Caso ela fracassasse, uma ditadura socialista tomaria conta dos EUA. A *Commonweal* acrescenta o fato de que alguma forma de fascismo também poderia tomar conta, “For it is far more likely that the forces which turn to Fascism when They find themselves threatened vitally are far more powerful in the United States than Socialism, whether of the strict doctrine of Communism,

or of the gradualistic, legal variety.” Aqui o padre Coughlin, pela maneira como é descrito pela *Commonweal*, ainda não estava totalmente de extrema-direita. Para os editores, para os católicos, outros cristãos, e religiosos em geral que “still cling to the principles and traditions inherited from the great religious ages of the past” somente um retorno para os princípios e tradições religiosas poderia trazer a recuperação social, e o significado desta eleição mostrava que muitos desejavam construir uma civilização ocidental baseada nestes princípios, ao invés do comunismo, e os líderes, pensadores e realizadores da ação católica deveriam sempre agir nesta direção.

3.1.3 OS MECANISMOS POLÍTICOS DO NEW DEAL E SUA CONSTITUCIONALIDADE

A força política principal dos EUA naquele momento, de acordo com a *Commonweal* no editorial do dia 07/07/1933, intitulado “Watching the New Deal”, era Roosevelt e seu prestígio: “One fact is outstanding. The President’s personal prestige, great as it was when he began his work, and immediately enhanced by his classic inaugural address, and by each swift stroke of executive energy by means of which he won victory after victory for his policy, is now the supreme political force.” Naquele momento, havia grande apoio ao New Deal em “all our public forums, the press, the platform, the radio networks, the pulpits, have accompanied the first period of the “new deal”.

A *Commonweal* apresenta alguns dos motivos principais para defender o NRA em seu editorial do dia 17/11/1933 intitulado “Recovery and Reformation”. Os EUA estavam em um período de grandes questões econômicas e sociais, com greves, críticas ao NRA e ao governo Roosevelt, muitos jornais dizendo que estes eram soviéticos, ditatoriais e inconstitucionais. Porém, não foram apresentados planos diferentes dos de Roosevelt, não havia outra opção. Era ou o plano de Roosevelt ou iria se voltar para o modelo anterior no qual as grandes corporações controlavam a economia e a política. Roosevelt havia conseguido reformar a política americana e estava começando a fazer as reformas econômicas necessárias, “and that the nation as a whole is aware of that fact, and is determined to go ahead with him, and under his leadership.” Qualquer

noção contrária a esta eram informações falsas de jornais. Mesmo com alguns jornais criticando Roosevelt, o New Deal e suas reformas, estes estavam se baseando nos princípios cristãos:

“It is a fundamental axiom of that philosophy that social justice—the welfare of the masses of mankind—is more important than the sort of national “prosperity” which means enormous wealth and socially perilous power for a few privileged cliques and classes, and poverty or destitution, or the permanent danger of poverty and destitution, to the masses of the people. That is also the philosophy which this journal holds. We believe that it also has become the dominant philosophy of the great masses of Americans, and that it finds its practical leader in President Roosevelt.”

Aqui mostra clara e fortemente seu apoio a Roosevelt, ao New Deal e a suas reformas. Se o plano de Roosevelt fosse derrubado, o que aconteceria seria uma pseudo-ditadura financeira e industrial em que se voltaria para o modelo anterior, por isso a necessidade de apoiar o presidente e suas reformas.

Roosevelt possuía muitos membros brilhantes e influentes, que estavam realizando muito bem seus devidos trabalhos. No editorial “The Campaign of Reason”, do dia 09/03/1934, citam Hugh Johnson, por exemplo, afirmando que este estava liderando o primeiro ano do NRA, enquanto a Secretária Perkins, do trabalho, também se destacava. Na opinião da Commonwealth, o que mais estava se destacando era o Secretário Henry A. Wallace, da Agricultura, devido ao seu “very remarkable study of the present situation of the nation, which has been issued under the auspices of the Foreign Policy Association and the World Peace Foundation”, recebendo grande atenção. Para a Commonwealth, “It merits all the attention that may be given to it, and indeed, in our belief, it should become the material for a definite program of political action, a real campaign of reason.” Era um plano bem pensado e iluminado com uma atmosfera espiritual, o que atraía a maioria dos americanos, pois estes eram um povo que desejavam sempre coordenar suas atividades sociais e políticas com a espiritualidade.

Devido ao tamanho das reformas que eram necessárias, começou a se falar da necessidade de ampliar a autoridade de Roosevelt para conseguir realizá-las. Como o Congresso estava demorando para aprovar algumas das medidas do Presidente, a *Commonweal* diz em um editorial do dia 4 de dezembro de 1933 que havia “a more and more clearly expressed demand for federal dictatorship.” Líderes de indústria diziam, por exemplo, que “only a Mussolini can save us now.” E não eram somente os mais ricos e a classe política que defendia uma ditadura nos EUA: “The same opinion is making headway in more modest circles. One can hardly listen to a conversation about events of the day without getting a whiff of the dictatorship complex.”

Isto não era, porém, uma novidade para os EUA. De acordo com a *Commonweal*, desde antes da Grande Guerra era defendida a teoria de que os EUA precisariam em determinados momentos se transformar temporariamente em uma ditadura para resolver questões que necessitassem de concentração de poder. Esta teoria defendia uma ditadura em alguns casos pois muitos estavam “deeply alarmed at the influence exerted by machine politicians upon the selection and election of public officials.” Além disso, “They sought to abolish patronage by concentrating power in the hands of a few men entrusted by the public with full responsibility.” A *commonweal* afirma que, mesmo com as diferenças existentes entre as épocas, naquele período a necessidade de uma ditadura para resolver as questões era também muito grande. Como exemplo citam o congresso do final do governo Hoover para mostrar como ações importantes eram interrompidas por falta de acordos democráticos. Na eleição de 1932, o povo demonstrou que queria repelir a Prohibition, mas isto ainda não estava ocorrendo. É feito um questionamento interessante sobre a falta de consenso na sociedade e sobre a polarização política: “The older political theorists held that majority rule was an enlightened and valuable substitute for rule by force. But suppose that majority rule no longer exists?” A polarização política criava uma situação em que não se chegava em um consenso e ações importantes não podiam ser tomadas em muitas questões, e para a *commonweal* “That is the situation. How to deal with it is perhaps the problem.” Uma ditadura temporária parecia uma possível solução.

A *Commonweal*, em um editorial do dia 22 de fevereiro de 1933, comenta sobre uma frase dita pelo político Alfred E. Smith, um famoso político do partido

Democrata e o primeiro católico e descendente de imigrantes irlandeses a ser o candidato principal de um dos dois grandes partidos na eleição de 1928. Smith, que para a Commonweal era alguém que realmente respeitava a democracia e o processo democrático, sendo “a politician who more than any other politician in this country holds the confidence of the public, one who is a statesman as well as a politician”, afirmou na Catholic Conference on Industrial Problems, em New York, como havia chegado a hora da democracia americana “summon up and use its innate power of concentration of authority in a temporary dictatorship, for emergency purposes”. O fato deste homem, grande defensor da democracia, estar falando em concentração de poder e ditadura temporária, era uma grande prova, para a Commonweal, da gravidade da natureza da crise nacional em que os EUA estavam inseridos. Al Smith era um “realist in democratic government.” Ele a conhece, compreende seu ideal, acredita, e se esforça para realizá-lo. Porém, para Al Smith, a depressão econômica era um estado de guerra que estava causando mais danos para a população do que a Grande Guerra havia causado. Portanto, os Estados Unidos deveriam “do what a democracy must do when it fights.” E isto seria “It becomes a tyrant, a despot, a real monarch. In the World War we took our Constitution, wrapped it up and laid it on the shelf, and left it there until the war was over.” Isto seria necessário temporariamente neste momento do governo de Roosevelt.

A Commonweal comenta sobre a cobertura deste discurso pelo The New York Times, escrevendo que este, ao falar que Al Smith desejava um “temporary sacrifice of democratic principles” simplificava a questão, pois não era *exatamente* isso que Al Smith estava querendo transmitir. O que ele desejava era na verdade utilizar os fundos da Corporação da Reconstrução Financeira para prover trabalho para os desempregados. Estava falando sobre a grande burocracia existente que impossibilitava crescimento econômico e contratação, “the whole dreary business of what Dickens immortalized to damnation under the name of the Circumlocution Office—which holds up and frustrates all attempts to launch public works speedily and widely.” Para resolver isso, seria necessário para Al Smith um Director General of Public Works com poderes para passar pela burocracia, fazendo Reconstruction Finance Corporation se tornar efetiva como pretendia na “war upon the depression.”

Seria uma ditadura democrática necessária, com “much wider field of application than merely to the subject of public works. It embraces the whole terrain of government.” Este plano estava indo para o Congresso, com a liderança democrata apresentando um programa para possibilitar ao presidente eleito Roosevelt os poderes de um ditador com o objetivo de reorganizar o governo, reduzir gastos federais e equilibrar o orçamento sem novos impostos. Estes novos poderes ditatoriais incluiriam, por exemplo: “To abolish any major department in the government or any of the independent boards or commissions, To reduce all contractual or statutory obligations, including veterans’ payments, salaries or wages, ocean or air contracts, and to dismiss employees, To hold up specific congressional appropriations for public works, rivers and harbors, and impound the funds in the Treasury and to make these changes effective immediately upon the issuance of executive orders without waiting for any approval or disapproval by Congress.”

A Commonwealth afirma que esta proposta tinha “a certain amount of Republican support.” Porém, muitos republicanos eram contrários, como o “Representative Snell, of New York, who expressed astonishment when informed of the program.” Este representante afirmou que os EUA não desejavam ter um Mussolini nem a abolição do Congresso. A Commonwealth respondeu que ele estava sendo ingênuo, pois era evidente a “necessity for a great concentration of executive power”, a qual “has been obvious for months.”

Ao se defender das críticas e como defesa deste plano, a Commonwealth aponta as diferenças entre esta proposta e o que foi feito por Mussolini: “Signor Mussolini did not accept power granted by a representative body, for a special purpose, in an acknowledged emergency, for a limited period.” E complementa: “He formed an army and set out to march upon the capital of his country, for the express purpose of overturning the representative form of government, and substituting for it a dictatorship based upon an entirely different sort of foundation—that of the corporative state.” Aqui a Commonwealth mostra como na sua visão o Estado Corporativo deveria ser aplicado aos EUA de maneira diferenciada, aplicando seus princípios sempre dentro do Estado Constitucional americano: “The American situation is different.” Seria a aplicação de “true powers of a representative system of government.”

Seria a utilização, para a Commonweal, do poder monárquico que sempre esteve presente nos EUA. Existiria neste país “three main principles of just government, namely, the democratic, the aristocratic (or oligarchical) and the monarchical.” O poder Monárquico aparecia “through traditional usage and accepted custom”, consistindo em ser “not absolute, or despotic princes, but princes of a limited, constitutional order. It is this sort of power, always inherent, and used in its fulness during the World War, that is being revived now at Washington”.

Portanto, para a Commonweal, a proposta de uma ditadura temporária dominada por Roosevelt e pelos democratas seria “the salvation of our tottering society if accepted and placed in the hands of Franklin D. Roosevelt”. E cada vez mais americanos estavam pensando assim, de acordo com ela: “We believe that the proposal should be adopted and that the whole nation should give support to Mr. Roosevelt in its application.” Justifica esta opinião afirmando que “Government of the people, by the people, for the people, can operate in an emergency much more effectively and justly through one man definitely entrusted with that task by the people themselves, than it can through the usual channels of the time-consuming processes of the Congress.” E completam: “To save time now is of the very essence of our problem.”

A Commonweal inclusive chega a afirmar, em editorial no dia 13 de julho de 1932, que havia rumores fortes que apontavam que Hoover possuía um plano de criar uma ditadura fascista nos EUA, juntamente com líderes financeiros de Nova Iorque e Chicago. Seria colocado um gabinete de coalizão no congresso com o objetivo de governar para o presidente. Hoover, para a Commonweal, estava realmente pensando em fazer isto ao se dar conta de que iria perder a eleição: “Nothing could be more characteristic of the Hoover mind than a proclamation to the general effect that a state of national emergency exists, that partizan politics should be adjourned, that he stands ready in the event of his reelection—or perhaps immediately—to choose a Cabinet consisting of the greatest minds of both parties, and that patriotism demands the immediate abandonment of all campaign activities!” A Commonweal afirma que Hoover não possuía a audácia necessária para fazer algo assim, porém havia uma pressão com a qual ele não sabia lidar nem resistir. Caso houvesse uma tentativa de romper com a democracia nos EUA, ela iria vir do topo da sociedade, não das

classes mais baixas. As possibilidades de uma ruptura democrática temporária eram grandes devido à “inadequacy of the type of men who have seized political and economic power has been shockingly exposed”. Portanto “some form of dictatorial reaction against such a situation is more than likely.”

Respondendo a uma crítica de Hoover a Roosevelt e seu governo, assim como a forma anti americana com a qual o Congresso estava dando poderes ditatoriais para Roosevelt, Hoover tentava para a Commonweal criar um “decisive challenge to the Roosevelt government’s attempt to solve the national problem: which challenge, we think, will precipitate a political and social struggle of the first magnitude”. No editorial do dia 14 de setembro de 1934, a Commonweal afirma que Hoover tinha “profound conviction that his successor to the Presidential office in the United States is attempting to lead the American people out of liberty into a bondage of compulsion.” O povo americano deveria escolher se deveria abandonar toda sua liberdade para resolver a depressão econômica de uma forma anti americana, ao mesmo tempo em que a liberdade no mundo todo era atacada. Para Hoover, cada vez mais havia uma concentração maior de poder nas mãos de um único indivíduo, uma tendência mundial.

Para a Commonweal, porém, Hoover não estava conseguindo captar a questão política principal: “the fundamental issue is not one merely between the two historic main political parties, the Republicans and the Democrats, it is one that is cutting through both parties and producing a new alignment.” Naquele momento estava acontecendo um forte debate entre o individualismo e o coletivismo, o maior debate da história americana até aquele momento para a Commonweal. Era sobre a base dos EUA, seus princípios fundamentais, o que acreditam, suas crenças, envolvendo todos os aspectos da sociedade, por isso era o maior debate da sua história. Iria definir em qual EUA iriam viver. Um dos aspectos principais deste debate, e que permeava todas as questões, era o econômico, que será apresentado na parte seguinte.

3. 2 ECONOMIA

3.2.1 DESEMPREGO: CAUSAS E SOLUÇÕES PROPOSTAS

A economia era um dos principais tópicos nos debates da época, com diferentes lados apresentando causas e soluções para as questões. Um dos principais pontos discutidos dentro deste assunto era o desemprego, que cada vez aumentava mais e necessitava de soluções.

A Commonweal nos apresenta no editorial do dia 6 de março de 1929 chamado de “The New Unemployment” a questão do desemprego como sendo na verdade algo que já estava presente antes do início da crise de 1929 com a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque: “Inspired by reports that Mr. Hoover is already at work on a solution of the unemployment problem, various seminars of economists and of business men have been arranged to clarify current opinion on the subject.” Ou seja, os debates sobre esta questão já eram grandes e já permeavam a sociedade desde antes do início da crise. Houve uma conferência em Boston para debater a questão, na qual se chegou à conclusão de que era necessário criar um National Bureau para pensar sobre a questão do desemprego de forma semanal ou mensal, observando os dados e pensando em novas soluções: “Other proposals which came out of that conference were the maintenance of a nation-wide system of employment bureaus, and the building up of insurance against unemployment.”

Para a Commonweal eram necessárias medidas que lidassem não apenas com o desemprego ocasional. A questão principal sobre o desemprego, naquele momento, era a questão da produção e da produtividade. Isto havia começado principalmente depois da guerra com o grande avanço tecnológico. Enquanto o número de trabalhadores com emprego diminuía, a produção estava aumentando. A solução proposta por Ford, de diminuir a semana de trabalho sem diminuir o salário semanal, além de manter e aumentar a semana de trabalho das máquinas, era para a Commonweal “a viewpoint which the average employer will hesitate to adopt, because the average employer does not yet think of industry in terms of the whole.” Isto se dava pois os homens de negócios pensavam suas empresas através do lucro, sem perceber como elas estavam inseridas dentro de um mercado industrial da qual eram dependentes. A saúde

deste mercado “depends upon good wages for labor and a minimum of unemployment.”

A Commonweal demonstra como estes novos fatores econômicos decorrentes da crise econômica que se iniciava estavam levando a um novo clima político. Para as empresas, “Business is none too well satisfied with conditions, realizing that lack of adroitness in dealing with the world situation may lead to a variety of mercantile setbacks.” Os agricultores da mesma forma, com grandes gastos e queda nos lucros. Para a Commonweal, o governo de Hoover estava tomando medidas freneticamente. A primeira delas, “a new tariff law designed to “carry the benefits of protection” right into the barnyard”, era um consenso entre a grande maioria dos economistas de que não teria resultado. A segunda, “the establishment of the Farm Board”, logo todos viram que “even a stabilization fund could not stave off a decline.” Alguns dos responsáveis por esta crise também na agricultura dos EUA eram o Café Brasileiro e o carvão Britânico: “It began to look as if the most cherished products of American agriculture were going the sad route taken by Brazilian coffee and British coal—a route which must eventually undermine the basic valuations of farm property in the most flourishing sections of the country.” E para a Commonweal, “The political effect has been alarming.” Ela diz que “what we are facing is land unemployment occasioned by disturbed conditions.” Era uma situação desesperadora “which chases itself into social and economic corners from which no exit is in sight.” O povo começava a pensar que todo o esforço do governo para ajudar os agricultores estava sendo fútil. O controle social dos preços, mantendo-os altos com política governamental, era artificial, e “In the background are those as yet unfathomed mysteries of mass distribution and consumption which work themselves out in industrial society but which constantly emerge freakish and prankish as the very weather.”

A Commonweal sempre tenta, através de sua participação ativa nos debates sobre as questões econômicas em seus editoriais, mostrar a importância da encíclica sobre as condições da classe trabalhadora, a Rerum Novarum, do Papa Leão XIII. Afirma no dia 06/05/1931, em um editorial intitulado “The Revival of Christian Economics” que o Papa Pío XI havia chamado cristãos do mundo todo para mostrar para todos como o fato de não terem seguido os ensinamentos da Rerum Novarum fez o planeta entrar no estado em que estava

social, política e economicamente. Deveria se pensar nas reformas necessárias para voltar ao caminho certo. Para a Commonweal, esta era a solução para a questão econômica, voltar para a verdade contida na *Rerum Novarum*: “For it would be more radical—in the true sense of that word—it would be going to the root of the matter, to hold an international conference to deal with the moral and ethical causes of the world’s crisis, and the moral and ethical remedies, than to hold international conferences on tariffs, and trade treaties, and currency reform.”

O mundo havia sido hesitante em aplicar os princípios cristãos de economia e sociologia presentes na *Rerum Novarum* feita por Leão XIII. Para a Commonweal, sobre a aplicação econômica e social da *Rerum Novarum* o grande especialista era John Ryan, que defendia uma aplicação muito maior da Encíclica em todas as questões. Diz também que outro economista católico, o professor John Busteed, afirmou que mesmo na Irlanda, país de maioria católica e o país em que a população mais conhecia os ensinamentos católicos, a *Rerum Novarum* não era aplicada e era pouco conhecida, o que era de se estranhar pois esta continha uma doutrina econômica para católicos capaz de solucionar todas as questões e levar o mundo em direção à prosperidade.

No editorial do dia 19 de outubro de 1932, chamado “Diagnosing Unemployment”, a Commonweal afirma que a principal causa da insegurança das famílias naquele momento era o desemprego: “obviously it is the final calamity of nothing to do which, striking after all havens of refuge have been destroyed, does incomparable harm to men and those dependent upon them.” Para ela, uma civilização como a dos EUA prefere a auto-ajuda individual do que auxílios governamentais, mas pergunta se isto poderia ser aplicado numa sociedade industrial como a daquele momento. Era necessário algum tipo de apoio do governo. Diminuir as horas de trabalho e melhorar a distribuição de renda eram importantes, porém antes era necessário definir o que o desemprego causaria na sociedade, já que este afetava o bem estar das famílias como instituições: “Unless conditions change radically, its conception of economics is doomed. It cannot maintain an undistributed wealth while half of the people are sinking even beneath the level of the European proletariat.” Portanto, era chegada a hora da ação: “The time has come to think, to organize and to act. Sound social engineering on the basis of the known social facts is that for which every citizen who believes in the future of American institutions must speak and

work without flagging.” E citam aqui novamente as Encíclicas: “Here again the words of the encyclical are appropriate: “Unless human society forms a truly social and organic body, unless labor be protected in the social and juridical order, unless the various forms of human endeavor, dependent one upon the other, are unified in mutual harmony and mutual support, unless, above all brains, capital and labor combine together for common effort, man’s toil is bootless.” Aqui novamente defendem a necessidade de algo como o New Deal, que iria começar a surgir no ano seguinte.

3.2.2 A APLICAÇÃO DAS ENCÍCLICAS NA ECONOMIA AMERICANA

De acordo com a Commonweal no editorial “The New Reformation”, do dia 16/12/1931, o capitalismo estava falhando em aplicar estes princípios contidos nas Encíclicas. A grande maioria dos capitalistas naquele momento, mesmo que não considerassem o capitalismo moralmente errado, percebiam como este estava ou com princípios equivocados ou aplicando seus princípios de forma errônea: “that something is wrong somewhere, seems to be accepted by all save that group of diehards for whom the recurrence of panics and depressions, and the plagues of unemployment, with their accompaniments of human suffering, starvation, and social disorders ranging from passive misery to violent revolution, are unavoidable and inevitable, and as beyond the control of mankind as earthquakes or cyclones.”

Desde o início da crise, porém, começava a crescer uma grande consciência nas pessoas, um dos pontos positivos que haviam surgido. Muitos ricos começavam a não pensar apenas no lucro, mas também em desenvolver coisas boas para si e para a sociedade, utilizando seu intelecto, sua inteligência e sua vontade, tentando aplicar o que já haviam conseguido construir para o bem. Assim, o capitalismo era capaz também de produzir benefícios para a sociedade. Sobre as grandes doações dos mais ricos, a Commonweal afirma que “The purely cynical notion that the philanthropic gifts of multimillionaires are solely to be explained by the theory that in this way the wealthy intend to keep the plundered masses of society quiet and resigned, if not admiring and respectful, subjects of the oligarchs of mammon, is really quite too naive.” Muitos

capitalistas estavam “applying their high gifts of mind and soul to attempting to solve the general problems.”

Estes líderes capitalistas mais iluminados e que pensavam mais no social buscavam se basear nas opiniões de economistas profissionais e escritores de assuntos econômicos. A Commonweal diz que muitos destes economistas estavam espalhando ideias socialistas, mas que o socialismo e o capitalismo estavam naquele momento diminuindo suas diferenças, pois enquanto os capitalistas defendiam que o governo poderia começar a interferir mais na economia e ter empresas públicas, os socialistas começavam a defender mais que a interferência governamental e as posses publicas poderiam ser menores do que defendiam anteriormente. Ambos estavam concordando que “only a high degree of government regulation, not to say ownership, of the basic industries and public services can possibly succeed in getting the world out of its present mess. There is such a thing as state capitalism as well as state Socialism.”

A Commonweal propõe que os líderes e os economistas católicos utilizassem este momento para espalhar sua doutrina baseada na Igreja, pois este era um momento no qual seriam ouvidos. Os pensadores e os líderes católicos deveriam se unir:

“We shall even be more specific. We suggest that our Knights of Malta, that group which comprises many of the Catholic industrial and financial leaders, meet in a conference with such economists and social students as Professor McCabe, of Princeton, Dr. John A. Ryan, of the Catholic University, Bishop O’Hara, of the Rural Life Bureau, Mr. Frederick Hinkel, of the Central Verein, Mr. Michael O’Shaughnessy, Mr. John Moody, Professor Carlton Hayes, of Columbia, Mr. Thomas Woodlock, of the Wall Street Journal, and others, for the purpose of discussion and putting into effect a program of Catholic Social Action based upon the solid codperation of our practical leaders as well as our theorists. Such a program would be no mere sectarian enterprise. It would serve the best interests of the common weal. And it would be based upon individual effort. It would be a new Counter-reformation.”

Defendem aqui uma Contra reforma, contrária a visão revolucionária da esquerda e contra as reformas propostas pela direita.

A aplicação da DSC na questão industrial dos EUA iria auxiliar muito na resolução da questão econômica, como aparece no editorial do dia 15/02/1933, chamado *The Church and Economics*: “It is axiomatic for Catholics, at least, that our social problems cannot be solved unless the teaching of the Church is accepted and applied.” Sistemas como o comunismo, socialismo, fascismo e capitalismo pensavam os seres humanos como mecanismos físicos, enquanto as escolas de pensamento que pensavam os seres humanos como almas vivas procuravam outras soluções para as questões existentes, opostas a todas estas outras teorias. Para os editores da *Commonweal*, a resposta para tudo estava nas questões morais: “It has become increasingly evident to millions of Americans of late that moral issues are at the bottom of all really important social questions, whether economic or political.”

A solução para a *Commonweal* estava, portanto, em entender que as ordens econômica e moral estavam conectadas e dependiam uma da outra, e a Igreja Católica era quem conseguia fazer esta análise e propor soluções neste sentido. Com a chegada de Roosevelt ao poder e a implantação do New Deal, estes princípios começariam a ser postos em prática.

A *Commonweal* faz questão de esclarecer que a recuperação econômica deveria ser para todos, de todas as classes, como deixa claro no editorial do dia 31 de agosto de 1934 no qual realiza uma crítica a *Foreign Policy Association* pelo seu relatório intitulado *Paradoxes of World Recovery*, em que fala sobre a recuperação econômica do mundo. Para a *Commonweal* havia uma falta de conhecimento sobre o assunto de quem escreveu o relatório por afirmar que a pior parte da crise econômica havia sido em 1932, enquanto em 1933 e 1934 a economia do mundo começou a se recuperar. Essa recuperação econômica não estava afetando a maior parte da população mundial, por isso havia um paradoxo: “The world has recovered, at least in great part, from its vast economic slump, according to all the indexes, statistics, government reports, and similar data; yet “the vast majority of the world’s population” has not been affected by this great good. How is this paradox to be explained?”

A *Commonweal* se pergunta quem seria essa pequena minoria que estava se recuperando. Obviamente não seriam os trabalhadores das classes mais

baixas, então o “mundo” que estava se recuperando economicamente se constituiria apenas na pequena minoria mais rica? Um exemplo disto seria o caso da Inglaterra, que estava se recuperando, porém ao mesmo tempo o número de pessoas que recebia auxílio por pobreza aumentava: “In other words, they are no longer regarded as temporary unemployed persons, but as paupers, and permanently paupers.”

Portanto, para a Commonweal, uma verdadeira recuperação mundial era algo que ainda não estava ocorrendo, pois em todos os países industrializados a população em geral não estava se beneficiando da melhora econômica. A Commonweal afirma que só ocorreria uma verdadeira recuperação quando o poder de consumo do povo aumentasse. Esta era com certeza a raiz dos problemas econômicos. A solução proposta incluía, claro, a moral católica: “How these essential roots of the problem are to be treated is the problem of problems; but certainly those to whom Christian principles are realities must agree that until or unless the modern isolation of economic and political processes from moral and ethical truths is abolished, there can be no problem reached other than one which to Christian people must be everlastingly abhorrent.”

Para uma verdadeira recuperação econômica, não poderia haver nenhuma forma de ditadura econômica, como o comunismo, o fascismo, o hitlerismo, ou o capitalismo ateu. O momento previsto de Ação pelo Papa Pio XI estava chegando: “the world crisis is developing to its climax, and that the work for which Pope Pius XI has been raising up the world-wide forces of Catholic Action must at last begin in earnest.”

A Commonweal afirma que recebia cartas solicitando informações sobre a relação entre o socialismo e a DSC. Muitos católicos estavam em dúvida se deveriam se filiar ao partido socialista. Para este periódico, a questão precisava de mais reflexões, era “essential for Catholics to proceed with great prudence in this matter.” No editorial intitulado Socialism and Catholic Action, do dia 07/09/1932, escreve que muitos católicos estavam querendo se filiar ao partido socialista nos EUA pois não acreditavam mais nos partidos tradicionais e acreditavam que o partido socialista iria pôr em prática a reforma social proposta pelos Papas Leão XIII e Pío XI.

Não havia proibição formal para católicos entrarem no partido socialista, “Yet these facts in no way support a belief that the Church authorities have

approved, or could now approve, of Catholics being Socialists.” O socialismo estava dividido em dois naquele período: um lado mais tradicional desejando o conflito entre classes, com confisco de bens e revoluções. Esta vertente estava mais ligada naquele momento ao comunismo. O socialismo nos EUA naquele período estava dominado por uma outra vertente, definida como tendo “a philosophy of life, and the organization seeks to impart this philosophy to its followers. The philosophy is naturalistic in its basis. Neglect of religion and its utter lack of interest in religion is part of its philosophy.” Defenderiam um alto controle na vida do trabalho, porém em outros aspectos uma liberdade total: “In other words, the Socialist wants submergence of rights in economic life and unlimited rights in non-economic life.” Os católicos seriam o oposto: “Modified quasi-individual and quasi-social rights belong to a person both in economic and in non-economic life and in both spheres are to be organized and are to be, often, under governmental regulation.”

A questão principal era “that of social ownership.” Para os socialistas, deveria ser de posse pública as minas, florestas, energia, transporte, comunicação, etc, e a “administration is to be by boards on which the workers in the industries, consumers and technicians are to be represented.” Pío XI escreve que em alguns casos poderia sim ter public ownership de algumas indústrias, porém a maioria deveria ser privada. Esta seria uma das principais diferenças entre a DSC e o socialismo. Ryan é mencionado aqui, sua defesa em tornar públicas algumas indústrias em alguns casos: “As far as is known, no complete examination of this principle in the United States has been made by any Catholic authority, although a measure of public ownership was advocated by Dr. John A. Ryan as long as twenty-five years ago, and he recently advocated the government taking over key industries as a final resort in case of failure of these industries to bring us out of the depression.”

O sistema econômico defendido pela DSC teria toda a vida econômica organizada dentro de um sistema de guildas “in which all of the elements in every industry will be represented and in which property will be widely, though not equally, distributed. The guilds will represent separate industries, and these guilds will form a federation for the general planning and directing of economic life. Government action will be supervisory and auxiliary.” Para os editores, o programa católico é muito melhor do que o socialista, sendo mais coeso, mais

avançado e mais prático. Consegue evitar ao mesmo tempo o controle excessivo do Estado e o controle excessivo de uma minoria capitalista. Além disso, “it has the true philosophy of life in contrast to the false philosophy of Socialism.” Por todas essas razões, os editores dizem que os católicos não devem entrar no partido socialista. Ao invés disso, o que devem fazer é “prepare himself thoroughly in Catholic social teaching and in its application to American life.” Deve fazer parte da Ação Católica e difundir os ensinamentos da DSC, fazendo esta chegar ao governo. E completam afirmando que um católico “cannot be a true Socialist. The place for him to be, therefore, is where he belongs.”

Ryan recebe uma honraria e é nomeado um Monsenhor pelo Papa em um evento realizado na Catholic University of America, em Washington, DC: “Dr. Ryan’s own diocesan authority, Archbishop Murray, of St. Paul, preached the sermon at the ceremony of investiture. In the Willard Hotel, that evening, there was a banquet in honor of the new prelate.” No dia 22 de dezembro de 1933, em editorial intitulado “Monsignor John A. Ryan”, relata que o motivo desta honraria foi sua atuação em divulgar as Encíclicas nos EUA e mostrar sua aplicabilidade na economia, política e sociedade. A cerimônia contou inclusive com funcionários de alto escalão do governo, devido à importância de Ryan: “the Secretary of Labor of the United States government, Miss Frances Perkins, and Edward Keating, editor of Labor, took part with Monsignor Ryan’s colleagues of the Catholic University, Dr. Patrick J. Healy, and Dr. William J. Kirby, and with Reverend Francis J. Haas, director of the National Catholic School of Social Service and member of the National Labor Board, in paying tribute to the priest who has been for more than twenty-five years the outstanding leader of Catholic social reform in the United States.” Ryan recebeu esta honra do Papa Pio XI a pedido do Arcebispo Murray, pelo seu grandioso trabalho em levar a DSC para os EUA de maneira teórica e prática: “everybody knows that the work done at large, in the whole country, as author, lecturer and controversialist, by Dr. Ryan is included in the papal recognition, the papal approval, the papal honor.”

Houve um momento em que muitos católicos não falavam sobre Ryan por considerarem este radical, socialista, e que defendiam “a day to come when authority would silence him. On the contrary, it is all such voices of carping criticism that are now silenced forever.” O próprio Papa afirmou aprovar Ryan e

o elogiou. Algumas partes do discurso de Ryan naquela ocasião incluíram referências a tentativas de o silenciar, porém a CUA manteve sua liberdade:

“Most precious of all the advantages that I have enjoyed as a member of the university teaching staff was ample freedom of expression both within and without the academic walls. I am well aware that this freedom was not always financially profitable to the university. There was the case of the very rich Catholic who declared that he would not give the university a cent ‘while that dashed Socialist, Dr. John Ryan, is kept in the institution.’ There was the case of the agent of a great corporation who in the early part of the ‘delirious twenties’ offered the then Rector, Bishop Shahan, a very substantial check together with the delicate suggestion that I should be, in effect, muzzled. Whether the check was ever handed over, I do not know. What I can testify to is that no steps were taken to curtail my freedom. There were other instances of the same sort, but I do not feel disposed to recount them. Moreover, I have never felt any illwill toward the persons who made these unsuccessful attempts. They were the victims of their environment, of those days of industrial paganism which are now happily in eclipse. Let us hope that the eclipse will be not only total but permanent. In any event, I have abundant reason to be more than satisfied with my experiences, both as student and teacher, in the Catholic University of America.”

A carte do Papa para Ryan continha a seguinte parte: “The honor conferred on you by His Holiness, is a well-deserved recognition of your services to the Catholic University and in the fields of economic and social action. May God bless and preserve you ad multos annos.” Ryan utiliza aqui novamente a ironia para falar sobre seus críticos: “Some of them made more or less veiled allusion to days gone by when some of my co-religionists, more Catholic than the Pope, seem to have regarded my social teaching as not quite orthodox...” Ryan afirmou em seu discurso que sabia que não tinha nada a temer ao defender suas opiniões sobre as questões industriais, pois estava totalmente convencido de que “I was not departing from the teaching of the Church” Para ele, parar devido a oposição “from teaching the sound doctrine would have been to turn my back upon my plain duty, to apostatize from the truth.” De acordo com Ryan, a teologia

moral ensinava como se lidar de maneira inteligente e científica com os aspectos mais importantes da economia, e mostra que os padres têm a obrigação de pensar também nas questões econômicas: “The priest who discusses such questions as wages, strikes, profiteering, from the pulpit, is sometimes criticized because he does not confine himself to ‘preaching the Gospel.’ But moral theology assures him that this is preaching the Gospel. Both Pope Leo XIII and Pope Pius XI have declared it to be their right and duty to concern themselves with social and economic matters from the viewpoint of morals. And they have commanded bishops and priests to do likewise.” Assim surgiu nos EUA o Department of Social Action e a National Catholic Welfare Conference pelos bispos americanos: “During the thirteen years of its existence it has done more to make Catholic social teaching known and loved in the United States than all the efforts of individuals in preceding years since the days of Archbishop Carroll.”

Ryan confiava totalmente nos ensinamentos da DSC, na sua aplicação nos EUA e no fato de que esta traria todos os resultados positivos. Ele “wanted to give you a practical idea of the comforting, the glorious fact, that Catholic social teaching is sufficiently scientific, sufficiently fundamental, sufficiently radical, if you will, sufficiently adaptable, to meet all the needs of modern industrial society. I wanted also to demonstrate that the government of the Church assures sufficient intellectual freedom, sufficient freedom of speech and of writing, to enable any competent person to translate the general principles of our social teaching into concrete terms and applications.”

No editorial de 27/01/1932, chamado A League of Social Justice, fica claro como muitos líderes industriais e financeiros começavam a concordar com Ryan e davam-se conta de como o capitalismo causava uma desorganização na sociedade. Líderes católicos observavam líderes de vários setores compreenderem este fato. Já os economistas católicos e professores de ética católicos estavam “at last entering upon a time when the teachings of the Catholic Church, as laid down by Leo XIII and Pius XI, can be heard with attention—and, if heard, seriously studied—and, when studied, practically applied.” Era um momento que, devido à crise econômica, ao desemprego, e suas repercussões sociais, os ensinamentos da DSC estavam começando a fazer mais sentido para a sociedade da época. Então, para a Commonwealth, todas estas pessoas de diferentes áreas deveriam se unir para criar um programa nacional de ação social

católica. Muitos casos de sucesso estavam ocorrendo, como o National Catholic Conference on Industrial Problems, o Central Verein, o National Council of Catholic Women, e o National Council of Catholic Men. Estas organizações, “together with a large number of our leading universities and schools, have been working along these lines, and with an increasing measure of success.”

Porém, estas organizações estavam tendo menos sucesso do que poderiam ter pois poucos chefes católicos de indústrias estavam participando. A Commonwealth afirma positivamente que isto estava mudando rapidamente, com a National Catholic Converts League. Esta organização tinha cada vez mais adeptos e conseguia mostrar que “statesmen, editors, business men, and the body of the people generally, must recognize the fact that morality and ethics cannot be separated in practice from business and political affairs without serious damage being done to the structure of society.” O mundo estava do jeito que estava naquele momento devido a esta separação não ter ainda acabado: “Only the bringing together of what man has put asunder can restore social equilibrium, and adjust the peaceful order of society.”

Esta nova organização conseguia ter maior repercussão pois reunia “Scores of the best-known leaders of finance and industry, many non-Catholics as well as Catholics” que estavam “together with Catholic economists and teachers of ethics.” Para atingir o seu objetivo principal, iriam criar a League of Social Justice, para estudar e aplicar os ensinamentos do Papa Pio XI. Esta liga iria trabalhar sempre em cooperação com a National Catholic Welfare Conference, “whose general policy—being that laid down for all Catholics by our bishops in their joint Pastoral Letter of 1919, and their Reconstruction Program—will, of course, be followed”, e com todas outras organizações citadas anteriormente. Esta frase representa bem sua visão: “This meeting represents a good cross-section of American Catholicism, employers and employees, rich and poor, men and women of many callings in life, all devoted to the Church, all lovers of humanity, all desirous of making the spirit of Our Blessed Lord rule more and more over the hearts of men and over society.”

A Commonwealth reproduz o discurso completo do Apostolic Delegate to the United States, The Most Reverend Pietro Fumasoni-Biondi, que este deu na já mencionada National Catholic Converts League, em Nova Iorque, evento inspirado nas Encíclicas de Pío XI e que tinha como objetivo criar uma liga

nacional de justiça social. O discurso, intitulado *Social Order: an Address*, e publicado no dia 02/03/1932, fala sobre Mr. John Moody, homem de negócios que, de acordo com o Reverendo, pensava também no lado moral e espiritual: “It is encouraging when we see a man of Mr. Moody’s experience and antecedents so deeply convinced of the practical value of the Holy Father’s teaching.” Todos ali presentes tinham recebido uma cópia da Encíclica “On the Reconstruction of the Social Order.”, e afirma categoricamente: “Study that document.”. Para ele, esta Encíclica “It is not a mere exhortation to the practice of justice and charity, but a detailed and specific program, needing more than a few hours reading to be understood and mastered.” Seria o “pure gospel of Our Saviour, developed for the conditions of modern society by the highest and most experienced authority on earth.” Seu objetivo era mundial pois “it concerns nothing less than the reconstruction of the social”.

A Igreja não estava defendendo nenhum sistema econômico ou político especificamente, e sempre relacionava a economia e política com justiça, caridade, religião e liberdade: “Always the welfare of mankind comes first. Economic laws cannot be admitted as an excuse for injustice and inhumanity.” O Papa defendia uma economia estável e equilibrada, com um mundo dos negócios que segue os princípios de justiça e humanidade. Caso isto não acontecesse, chegaria a revolução: “Surely the present situation of the world demonstrates the need for the doctrine of Leo XIII and Pius XI.” As Encíclicas eram conservadoras, porém muitos denunciavam elas como sendo radicais ou revolucionárias: “It seeks not to destroy capitalism, but to root out the antagonism between capital and labor, which capitalism, as now practised, tends to foster. That is the central problem.” Para atingir estes objetivos, seria necessário algo a mais do que princípios econômicos. Os homens de negócios mais poderosos deveriam valorizar a paz econômica e mantê-la. Deveriam pensar no meio-ambiente, e utilizar suas empresas para o bem de todos, da nação, e do mundo. Cada trabalhador, por sua vez, “is bound equally by the same principles of justice and must be reasonable in its demands.” A classe trabalhadora, como mostrava aquele momento, poderia ser tão injusta, tirânica e cruel como a classe capitalista, também repudiando toda a lei moral.

O único caminho para a felicidade humana era a caridade, o respeito humano, e a irmandade: “Class antagonism is the demon that must be

exorcized.” O objetivo da Igreja “is the harmonious cooperation of all classes, the establishment of economic peace.” Este Reverendo acreditava que as ideias das Encíclicas iriam ser aprovadas pela maioria dos americanos, porém elas não eram muito difundidas. “These ideas harmonize with their best characteristics, their fairness, their humanitarianism, their democracy, their spirit of initiative, their opposition to Communism, their love of home, their love of liberty.” Estas ideias deveriam ser difundidas para todos os povos e países do mundo: “They are basically human and can be accepted by all who love justice and love their fellow man.” Uma ordem social justa iria trazer para os EUA uma recuperação em todos os sentidos, e para este Reverendo os EUA eram o lugar no mundo que estava mais no caminho certo, com abundância de recursos, classe trabalhadora com melhores condições, e com melhor distribuição de riqueza: “The present situation here is very bad, I know, but America does not know suffering as we of Europe know it, as the vast multitudes of Asia know it.” Seriam os EUA que iriam “lead the way to recovery. Your leaders will discover remedies for the present ills” Portanto, os EUA seriam o país onde as Encíclicas seriam aplicadas primeiramente, se tornando um exemplo de sua aplicação e seu funcionamento para o mundo.

A cura para a Grande Depressão seria o bom senso, a justiça e a caridade, já havendo mais energia e recursos para lidar com a depressão: “As there is enough for all in this country, and the main trouble has come because there is too much, surely the problem is not insoluble.” A Depressão Econômica teria um propósito, ensinando as pessoas a viver mais “within their means. It will teach them prudence in providing for their families. I am hoping it will turn many to God” Todos os católicos nos EUA deveriam “take a lively interest in this great question and become, so to say, social-minded.” Era missão dos EUA inspirar o mundo: “The whole world still looks to America in hope. Let not America fail the world; but the American nation, like every other, if it is to endure, will live only by the principles of justice and charity given to the world by Jesus Christ.”

3.2.3 A GRANDE DEPRESSÃO ECONÔMICA E OS NOVOS PROGRAMAS DO NEW DEAL

A Commonweal defende a visão de Ryan no editorial do dia 23/03/1932, “Wages as Investments”, ao afirmar que a grande depressão era diferente das outras depressões econômicas que existiram pois, pela primeira vez, havia propostas de planejamento econômico em grande escala para estabilizar as empresas e a indústria e prevenir o desemprego e suas consequências. Muitas dessas propostas vinham dos próprios empresários, o que não significava que viraram socialistas, mas sim que o mundo empresarial estava começando a reconhecer a necessidade de estabilização e regulações que aumentassem a capacidade de consumo da população em geral para manter a saúde econômica do país.

Até aquele momento, quando havia alguma crise econômica a resposta padrão era diminuir os salários e cortar custos. Alguns ainda tomavam estas medidas, mas estava começando a avançar a ideia de que cortar os salários nunca tinha o resultado desejado. Sempre acabava diminuindo o consumo em momentos que o país precisava justamente de um aumento deste. E para a Commonweal “It has become clear that the consumers who keep the wheels going are the masses of workers whose combined wages make up the great source of consumer demand.” Por isso os salários são na verdade investimentos na economia e indústria do país: “Prosperity depends upon sustained purchasing power in the hands of the workers whose wages the book calculates at two-thirds the income of the country.” Quando este poder de compra dos trabalhadores diminui, a produção perde seu equilíbrio e os trabalhadores perdem seu sustento.

A Commonweal, ao ver autores defendendo Hoover e suas medidas, além de parcela da população, afirma no editorial do dia 17/08/1932, chamado “The Permanent Problem”, que alguns dos motivos que levavam indivíduos a terem esta opinião eram ganhos recentes da bolsa de valores de NY, algumas fabricas e minas fechadas que estavam reabrindo, e maior contratação em alguns setores industriais. Quem pensava desta maneira “are of that type to whom the modern industrial system appears as the best ever designed by mankind—so fundamentally sound that, in spite of the shocks and dislocations of the last few years, it is certain to reestablish and maintain its normal efficiency now that the danger of further violent shocks has apparently quite definitely passed.”

Em alguns aspectos a economia realmente estava melhorando, o pânico havia passado, e os europeus estavam voltando a investir nos EUA. Porém, “even the remarkable recovery so far effected seems to be based less upon the financial and industrial realities than upon almost purely psychological motives.” Os salários continuavam baixos, assim como a produção. O que havia acontecido é que haviam saído de uma situação de pânico extremo para uma situação de depressão econômica. Os jornais que mostravam diariamente o ganho pessoal de algumas pessoas na bolsa de valores davam munição para elementos radicais do país, que viam o crescimento de Wall Street como sendo tudo que precisavam para provar que a economia estava saudável. De acordo com a *Commonweal*, os bons dados da economia divulgados eram devido ao crédito, com uma falsa sensação de crescimento econômico, e estavam pensando apenas em remediar dados a curto prazo sem pensar nas questões principais e do futuro. A questão principal, ignorada por Hoover, era o desemprego e suas consequências: “There is general agreement among those best qualified to judge the situation that efforts far greater than any which ever before have been put forth by the nation for the purpose of charity must be exerted promptly, or else no amount of Wall Street prosperity will save millions of American men, women and children from a vast calamity.” Aqui a *Commonweal* prenuncia o New Deal, afirmando a necessidade de um programa desta magnitude para resolver as questões da época. A verdadeira prosperidade viria quando todos tivessem empregados e com salários dignos, e enquanto isto não acontecia, deveria existir programas para auxiliar quem necessitasse. Demonstra aqui forte concordância com Ryan.

No editorial do dia 21/07/1933, chamado “Disordered Industry”, a revista escreve ser necessário através do New Deal colocar em prática uma nova concepção de sociedade, baseada no coletivo. Anteriormente, o foco nas empresas e na indústria estava muito no indivíduo por se acreditar que líderes inteligentes conseguiriam resolver sozinhos qualquer questão que aparecesse. Pouco se pensava no uso coletivo dos materiais e nas técnicas durante o estado anterior de *laissez-faire*, uma era “based upon the delusion that the world of industrial facts is responsible to human imagination. We looked upon great business men as if they were artists and spoiled them accordingly. They were paid fabulously well for their services, even as movie stars are paid now.”

A Commonweal elogia o plano de Roosevelt de utilizar o Industrial Recovery Act para colocar seis milhões de trabalhadores de volta a empregos até o Labor Day seguinte. No editorial “The President’s Plan”, do dia 04/08/1933, afirma que Roosevelt provavelmente iria conseguir dar empregos para todas essas pessoas, pois seus discursos no rádio estavam sendo muito bem aceitos, assim como seu plano econômico estava sendo abraçado por empresários de pequenas e grandes empresas, bem como por trabalhadores e líderes de organizações sociais: “The greatest effort ever known to solve the gigantic problem of unemployment in a democratic manner has been launched under the most favorable auspices. To pray through that best form of prayer, which is practical work, for the success of the gigantic plan, has become a patriotic duty.” Aqui podemos observar como para a Commonweal apoiar o New Deal e Roosevelt era uma questão também de patriotismo. Verdadeiros patriotas apoiavam o New Deal.

Este plano de Roosevelt seria muito importante e maravilhoso para o país, pois seriam na verdade aproximadamente 24 milhões de pessoas que iriam parar de depender da caridade pública e privada e poderiam voltar a se sustentar. O desemprego seria diminuído pela metade. Todos teriam que cooperar para juntos realizar esta promessa de Roosevelt, era uma questão nacional de patriotismo: “For at present there is no alternative to the enforcement of the act save abandoning national cooperation and returning to the devil-take-the-hindmost, every-man-for-himself type of industrialism, the failure of which has brought the nation to its present frightful condition—“the economic hell of the last four years,” as President Roosevelt not too strongly terms it.”

Isto não somente iria colocar milhões de pessoas de volta a trabalhar, mas também usaria em uma escala gigantesca verdadeiros princípios espirituais: “In this sense, the plan is powerfully religious. It is not vague, sentimental religiosity. It is a definite recognition and application of human free will.” Era se baseando nesta free will do povo americano que iriam sair da depressão financeira caso desejassem. As partes práticas econômicas do plano incluíam diminuir as horas de trabalho para um valor que respeitasse a dignidade humana, bem como a criação de um salário-mínimo justo, o que ia muito de acordo com as ideias de Ryan.

Para a Commonweal, Roosevelt havia deixado claro em seu discurso ao Congresso que as reformas econômicas de seu governo viriam acompanhadas de reformas permanentes do sistema social do país, como explica no editorial do dia 12/01/1934 “Reformation plus Recovery”: “To effect such a reformation was the mandate given to him by those voters who elected him.” Eram homens e mulheres dos dois partidos políticos que estavam unidos com o objetivo principal que estava simbolizado na expressão “The New Deal”.

A recuperação econômica viria acompanhada de grandes mudanças estruturais: “Not only recovery but true reformation is still his object.” E era importante deixar claro que “reformation is not revolution—certainly not in the violent or subversive meaning of that word—and, therefore, we believe that the people will remain where they have been since March 4, 1933, namely, solidly with and behind their leader, as the second phase of the Roosevelt reformation begins.”

O presidente estava tentando criar uma estrutura com melhores condições para resolver as questões da civilização moderna. Agora que os EUA estavam realmente conseguindo se recuperar economicamente, era hora de deixar claro que a recuperação não seria uma volta ao modelo antigo, mas sim uma grande reforma deste modelo anterior, “a permanent readjustment of many of our ways of thinking and therefore of many of our social and economic arrangements.”

Para a Commonweal não se deveria usar o termo “Reconstrução” da máquina econômica dos EUA, muito utilizado, pois “the goal cannot be the manufacture or improvement of this or that device, but rather—and solely—the right ordering of the vast complex of human relations which control the business aspects of life as they do all other aspects.” Defende no editorial do dia 03/08/1934, intitulado “The Mind of the Majority”, o importante papel da psicologia para a economia daquele momento: “And it is significant that most studious outsiders, after peering into the operation of this or that law, return to the matter of psychology, or state of mind. The great tide of hopefulness, of confidence, which has indubitably swept over the nation actually startles observers from other lands.” O grande apoio aos Democratas se dava muito pelo apoio a “the resurrection by Mr. Roosevelt of the trend toward progressive democracy

sponsored by Woodrow Wilson.” O progressivismo honesto e correto deveria guiar o futuro político e econômico dos EUA, ao invés do sistema industrial.

Existia um forte debate na época sobre o liberalismo e o individualismo, e de qual seria a posição da Igreja Católica neste assunto. Para os editores da *Commonweal*, porém, não havia dúvidas: O catolicismo e o liberalismo possuíam visões muito diferentes sobre o indivíduo e a sociedade. Para ela, o liberalismo nunca havia sido definido propriamente, sendo mais conhecido como o anti-autoritarismo. A *Commonweal* realiza uma reflexão sobre o que é autoridade no editorial do dia 20 de agosto de 1930, e em que aspectos o indivíduo é realmente dono de si e pode tomar todas as decisões de forma individual. Sua visão do que seria um liberal: “The liberal is normally a person who finds that he cannot square the rights to which he feels entitled with community desires, mandates and manifestos.” Um exemplo de como agiria um liberal em determinadas situações: “Seeking to investigate a problem, he is annoyed to find the Catholic Church putting a ban on certain writings having to do with that problem. Interested in “social experiments,” he may be distressed beyond measure to see the government putting the laboratory under lock and key.” Seria, portanto, uma visão negativa do liberalismo, pois o foco estaria somente nas vontades individuais, sem considerar as restrições que pudessem ser consideradas para resolver determinadas questões.

Distingue o liberalismo do catolicismo, o jeito correto de agir: “For his part, the Catholic is a person convinced that he cannot be sure of his rights—or of doing the right thing—without a sanction above and beyond himself.” Sem esta aprovação divina, o que eles chamam de “revealed truth, the promises and gifts of Christ, the virtue of reason, the rights of man”, levaria a “eventual individualization of the Catholic and his separation from the body of the faithful.” O liberalismo e o individualismo, portanto, distanciam o indivíduo de sua conexão com a comunidade espiritual.

3.3 QUESTÃO SOCIAL

3.3.1 O CORPORATIVISMO CATÓLICO COMO SOLUÇÃO PARA A QUESTÃO SOCIAL E PARA A RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES

Todas as questões e debates políticos e econômicos apresentados nas primeiras partes deste capítulo tinham como base a questão social que se apresentava neste momento, bem como nos debates sobre este assunto e nas soluções propostas que iriam efetivamente melhorar a qualidade de vida da população.

A Commonweal comenta sobre o surgimento da Conference for Progressive Labor Action no editorial “The Policies of Labor”, de 12/06/29, uma nova organização trabalhista progressista que tinha como objetivo defender os direitos dos trabalhadores e aumentar (ou iniciar) a atuação política destes. Pelo nome, a Commonweal afirma que previa como seria: “It will be active, energetic, aggressive.” O surgimento desta organização se deu devido a falha das anteriores e de diferentes grupos em defender as questões trabalhistas. A American Federation of Labor havia falhado em cultivar um sentimento de classe entre os trabalhadores, enquanto os comunistas estavam falhando em “understand American labor and its psychology.” Aqui critica muito os comunistas pois haviam “undermined the faith of the rank and file in the possibilities of the organized labor movement.” Os comunistas prejudicavam as causas trabalhistas, gerando críticas mais severas da população. Esta nova organização queria lutar para defender os trabalhadores e a causa trabalhistas, porém afirmavam veementemente sua oposição à terceira internacional.

A prosperidade não estava sendo dividida com os trabalhadores. A American Federation of Labor focava sua luta em conseguir a semana de cinco dias de trabalho, porém deveria ir além. Esta nova organização precisava, para a Commonweal, ter algo mais do que simplesmente culpar os comunistas pela falta de sucesso dos trabalhadores em conquistar mais direitos: “it is not easy to see how the progressives will accomplish much. Certainly it is difficult to fit in their program with the temper of America.” Esta nova organização dos progressistas pensava em conciliar os interesses do capital e do trabalho para o bem comum. Esta ideia de evitar conflitos entre classes pensando na cooperação entre elas, é o que, para a Commonweal, estava mantendo a força da AFL. Porém, os

Progressistas discordavam da AFL no fato desta ser não-política. Defendiam ações políticas dos trabalhadores pois os empresários estavam dominando totalmente a arena política, a qual necessitava de representação trabalhista: “Is it not of significance that every attempt to unify labor politically, even in the interest of a candidature, has failed?”

Para a Commonweal, quem deveria ter destaque na conciliação entre capital e trabalho era a Igreja. No editorial “The Apostolate of Labor”, de 18/09/1929, realiza uma análise sobre o que diz ser “the perennial problem which in all civilized countries is so important, namely, the relations between capital and labor: the ever-recurrent stress and strain between the rich and the poor.” Fala sobre a Sacred Congregation of the Council of the Catholic Church, uma proclamação sobre a relação entre trabalhadores e empresários, feita em Lille, parte industrial francesa. Critica os que acreditavam nas “deadly doctrines of Communism”, e afirma que os ensinamentos desta proclamação em Lille podem ser aplicados muito bem nos Estados Unidos como solução para as mesmas questões. Era uma região em que socialistas possuíam muito apoio dos trabalhadores e sindicatos, enquanto os empresários possuíam suas organizações. Era uma batalha entre os dois lados, na qual muitos trabalhadores abandonavam os ensinamentos da Igreja e começava a seguir o socialismo e suas aparentes soluções. Porém, muitos católicos conseguiam perceber que o verdadeiro objetivo dos socialistas era a luta de classes.

Surgiram então grupos que defendiam ao mesmo tempo os trabalhadores e os princípios católicos: “Catholic groups among the workers organized unions in which the activities necessary for the defense of their material interests might be coordinated and guided by the dictates of Catholic moral laws.” A mesma coisa ocorreu com os empresários católicos, criando seu próprio sindicato empresarial. Isto colocou em prática os princípios católicos dentro de organizações sindicais do trabalho e do capital, o que levou para a questão a aplicação dos princípios morais cristãos. Assim, a Igreja Católica elogiou muito os bispos do norte francês por proporem soluções para a questão social, e afirmou que gostaria de ver em todos os países industriais casos assim em que bispos viravam “labor missionaries”, “whose apostolate, besides protecting the population against the evil of indifference to the Socialist and Communist peril, will also testify to the maternal solicitude of the Church for the world of labor.

A Commonweal elogia muito este caso francês, um modelo para o mundo, em que os bispos se colocavam como grandes defensores das boas relações entre trabalhadores e empresários, propunham soluções para a questão social e evitavam assim uma maior proliferação do comunismo e do socialismo. Faz aqui uma previsão: “Serious students of economics and of social science see many things unnoticed by others which, if uncorrected, may lead to trouble or disaster.” Por isso a Igreja nos EUA deveria se preparar para, quando chegasse a hora, estar pronta para guiar com a Doutrina Social Católica as buscas de soluções e manter a paz entre as classes: “Our own bishops are like the bishop of Lille; they believe in the apostolate to labor; they urge, as in their magnificent pastoral letter, lay Catholics to acquaint themselves with such problems, and to apply Christian principles against the menace of Socialism, or that of godless material prosperity.” Aqui anunciam então o bispo que iria guiar a todos quando chegasse a hora nesta direção da DSC influenciando as questões políticas, econômicas e sociais: “We are happy, therefore, to be able to announce that the most prominent and useful American Catholic sociologist, Dr. John Augustine Ryan, who for twenty-five years or more has fought Socialism and championed Christian social justice, will soon begin, in our pages, a series of very important articles, which we commend to the earnest attention of our readers.” E assim Ryan e a Commonweal começam a preparar o terreno para todas as soluções que iriam propor depois da crise de 1929, no governo Roosevelt e no New Deal. Ryan seria, então, o “Apostolate of Labor”.

Sobre Ryan, ao comentar no editorial “The Bridge that must be Crossed”, de 13/01/1932, sobre a conferência anual da American Association for Labor Legislation, realizada em Washington, D.C, a Commonweal afirma que, da mesma forma que no ano anterior, o tema principal era o desemprego e o que ele estava causando na sociedade: “the relief of unemployment, and the growing destitution in city and country among men and women willing, and more than willing—almost desperately anxious—to work, but with no work to do.” Seriam questões como “the need of work, and the need for relief”. De acordo com os editores, os esforços que estavam sendo realizados pela iniciativa privada, pelo governo local, municipal e órgãos estatais não estavam tendo efeito, e somente iniciativas federais que abarcassem todo o país conseguiriam resolver a questão: “Surely it is high time that as a people we make up our minds to attack the

problem before us in adequate ways.” A questão principal, como já mencionado anteriormente, era o desemprego, suas causas, o que estava causando na sociedade, e auxiliar quem estava passando necessidades devido ao desemprego e seus familiares, assim como pensar em maneiras de resolver a questão de verdade. A solução não estava nem no capitalismo nem no socialismo, mas sim “a matter of sheer humanity and common sense.” É aí que entra a importância de Ryan. Era este quem estava liderando os esforços para mostrar a moralidade fundamental de auxílio governamental em casos em que as circunstâncias justificam tomar tais medidas.

É citado um discurso de Ryan sobre os auxílios necessários, em que este afirma que, caso os estados não conseguissem arcar com estas despesas, seria papel do governo federal fazê-lo: “If we are one nation, the needs of any part of our commonwealth are properly the concern of the whole.” Ryan afirma que a visão de que somente o meio privado poderia resolver estas questões é totalmente “doutrinária”, e que o ideal seria a visão enunciada pelo Papa Pio XI em sua encíclica: “If private resources do not suffice, it is the duty of the public authorities to supply for the insufficient forces of individual effort.” Uma das mais importantes atribuições do Estado seria auxiliar quem necessitasse de sua ajuda. Portanto, Ryan afirma que “The principles laid down by the Holy Father in these sentences may, I believe, be fairly applied to conditions today in the United States.” Seria a aplicação da Doutrina Social Católica das Encíclicas na política, economia e sociedade americana. Outro intelectual católico que concordava com esta visão de Ryan era John O’Grady, também da Catholic University, em Washington, D. C., “and one of the best-informed leaders of organized charity.” Arthur D. Gayer, da National Bureau of Economic Research, também concordava e afirmou que mesmo com muitos criticando planos estatais de auxílio “the truth was that a really adequate plan had never been tried.” Havia a necessidade de um plano federal que lidasse com a questão social de forma adequada. O presidente Hoover havia dito que iria usar os fundos federais para auxiliar a população quando precisasse, e a Commonwealth pergunta se este momento já não havia chegado, o que para ela é claro que sim. Precisava aparecer então um novo governo que visse este fato óbvio.

O apelo comunista, que estava conquistando espaço, fez surgir acampamentos comunistas citados pela Commonweal no editorial “Flirtations with Communism”, de 30/07/1930. Estes acampamentos eram “places where boys and girls are taught Bolshevik ideas to harden them for the revolutionary battles to come” e onde “politeness in general is regarded as bourgeois prejudice.” Porém, a propaganda comunista nas escolas ainda não estava tendo muito apoio: “the much heralded invasion of the schools by Communist propaganda, while potentially a menace, has by no means attained alarming proportions as yet.” Muitas greves convocadas por comunistas tiveram pouca adesão, porém ações devem ser necessárias para evitar uma maior adesão aos comunistas, vistas em algumas partes do país e aumentando devido ao desemprego. Mencionam também uma outra questão relacionada aos comunistas que os editores pensavam que o governo estava dando pouca atenção: o papel dos empresários americanos e a Amtorg Trading Corporation, que, de acordo com os editores da Commonweal, era uma agência comercial soviética operando nos EUA, que possuía como verdadeiros objetivos financiar e dirigir atividades comunistas subversivas nos EUA. Muitas empresas americanas estavam fazendo negócios com a Rússia soviética, pensando em lucro imediato, e estavam assim ajudando o sistema soviético a se estabelecer “not realizing, apparently, that the ultimate success of the Soviet system in Russia would inevitably destroy profit-making” E pergunta para os empresários: “Are our industrialists prepared to pay the price for the sake of present extension of their business in Russia?” Nesta coluna, afirma que “it remains true that Communism does in fact constitute one of the major problems of our times.” e que a solução para a questão comunista seria “true cooperation among the leaders of society. Then the ground would be cut from under the advancing armies of Communism”.

A Commonweal reflete sobre o motivo de não haver mais greves e mobilizações trabalhistas nos EUA, mesmo com a grande depressão, no editorial do dia 31/08/1932, intitulado “One Great Delusion”. Havia teorias as quais defendiam que os trabalhadores não faziam greves pois estavam sendo bem cuidados, enquanto outras teorizavam que o radicalismo estava se expandindo em segredo. A Commonweal discorda destes dois pontos de vista. Para ela, muitos desempregados estavam vivendo em condições horríveis, enquanto realmente as doações aumentavam, indicando que “this is still a Christian

nation.” Era igualmente equivocado que o comunismo estava se espalhando secretamente: Por mais que existissem comunistas “no credible evidence exists anywhere to show that the longsuffering poor have drifted farther from their traditional moorings than have the relatively rich.” Nos outros países acontecia algo similar naquele momento, em que a conciliação entre capital e trabalho continuava a ser respeitada na Alemanha e na Inglaterra, por exemplo. Greves e rebeliões eram mais comuns em momentos de crescimento econômico, em que os salários não subiam proporcionalmente com o aumento dos custos, e em que alguns capitalistas ficavam com a maior parte da riqueza, o que aconteceu nos EUA por exemplo entre 1902 e 1913.

O período da grande depressão era importante para a Commonweal pois estava mostrando para os trabalhadores que eles poderiam viver sem excessos que pensavam ser necessários, e que quando a depressão acabasse iriam lembrar deste período e usar seu salário de forma inteligente. Porém, “if coming years bring only a new pyramiding of riches in the hands of a few, if unemployment remains the horrible abyss of misery and helplessness it now is, if nothing better than the “law of supply and demand” rules the labor market, then there will be an unmistakable trend toward revolution.” De acordo com a Commonweal, era mentira que o capitalismo individualista definia os EUA, a Constituição defendia claramente a Justiça Social: “Whole decades of our national story are so rich in nothing as in private or public advance toward a better conception of the status and needs of labor.” EUA significavam “the endeavor to establish a community from which the castes of older Europe would be permanently banished.” Então, não poderiam ser criadas ali outros tipos de castas ainda mais opressoras, e o Estado deveria intervir fortemente para auxiliar quem precisasse, tendo a Igreja Católica como seu guia moral para tomar essas medidas.

Os trabalhadores sempre deveriam ter em conta que, ao se organizarem para exigir seus direitos, sempre deveria estar presente um sentimento de cooperação para auxiliar no progresso do New Deal, de Roosevelt e da Nação. Forças que apoiavam o conflito entre as classes, como os comunistas, tentavam colocar nos trabalhadores uma noção de conflito, porém havia esforços no sentido de manter a noção de cooperação entre as diferentes classes e grupos.

Um dos grupos que mais participava desta missão eram os cristãos, principalmente os católicos e os luteranos, que sempre tentavam praticar a verdade cristã e o amor em todos os seus relacionamentos. A mensagem do dia do trabalhador naquele ano, enviada pelo Federal Council of the Churches of Christ in America, falava sobre a questão social, abordando do ponto de vista da conciliação entre o capital e o trabalho. Estes eram momentos em que havia “general cooperation among Christian forces which is called for in every field where Catholics and Protestants may work together for the common good, without sacrificing their dogmatic principles.” No editorial “The Churches Cooperate”, do dia 25/08/1933, a Commonweal escreve que estes tinham como objetivo colocar em prática os ideais e os princípios da fé cristã que deveriam ser a base para construir um mundo melhor e mostrar que os ensinamentos econômicos de Cristo não eram expressos em termos técnicos, mas sim em valores éticos. Por isso eram mais permanentes, valorizavam todas as pessoas e viam valor nelas, valorizavam o amor e o pão, o abrigo e a segurança como bases da vida digna: “These teachings are recognized as striking at the very root of the exploitation of human life for profit, at the madness evidenced in gambling and stock speculation, at every attempt to acquire wealth without making any personal contribution to the common good.”

De acordo com a Commonweal havia grande discrepância entre os ensinamentos sociais de Jesus com as desigualdades provenientes do capitalismo individualista, sendo papel da Igreja guiar o mundo para um novo caminho: “That each movement may, under God, be guided and empowered toward a permanent and blessed contribution toward a more Christian civilization will be the devout prayer of every earnest Christian heart.”

A National Conference of Catholic Charities foi uma grande demonstração do valor de quando católicos se organizam com objetivos em comum, sendo reconhecida pelo público em geral como algo de grande contribuição. Ter esta apreciação vinda da sociedade em geral ajudava a Ação Católica, pois esta “flourish more vigorously in what may be called a climate, or atmosphere, of public recognition and appreciation of its value to the people as a whole.”

Todas as organizações católicas possuíam uma dupla tarefa, conforme a Commonweal no editorial do dia 20/10/1933, intitulado “Our Double Task”: “First of all, quite naturally and properly, it must promote its own special task, whatever

that may happen to be; secondly, it must try to cooperate with other groups, non-Catholic as well as Catholic, in all efforts meant for the common good.” Duas organizações que estavam fazendo isso eram a National Catholic Welfare Conference e a Catholic Rural Life Conference. Este tipo de cooperação fazia com que essas organizações fossem “inspired and strengthened by a common consciousness of their unity, on a national and also an international scale.”

Isto, para a Commonweal, era algo muito necessário naquele momento em que crescia o nacionalismo e o paganismo, o que exigia uma resposta unificada do Cristianismo. Para ela, era necessária uma “Crusada Moderna” internacional, contra também Estados pagãos como a Rússia Soviética e a Alemanha Nazista, que mesmo com sua concordata com o Vaticano estava cada vez mais pagã, e contra a Espanha e o México, contrários a Igreja. Os católicos deveriam ficar atentos, pois movimentos internos em outros países, como nos EUA e Inglaterra, favoráveis a estes países pagãos, tentavam se infiltrar em sindicatos e outras organizações para levar visões sociais contrárias a da fé católica: “The values which the Catholic religion has struggled to preserve for mankind—personal liberty, the rights of the individual and of the family, the spiritual treasures of charity and justice—are threatened by this invasion of modern paganism.” E os EUA seriam o lugar principal para esta batalha: “It may be that the central and decisive battle will be fought in America. If religion and democracy prove equal to the enormous task they now confront in this land, the influence of their victory will spread throughout the world.” E os católicos americanos teriam papel fundamental nesta batalha: “American Catholic Action faces the opportunity for heroic efforts. Our bishops are well aware of their mission as leaders of this greatest of all crusades. We, the laity, must not fail to follow them.”

Em relação a Wagner Bill, projeto de lei que tentava garantir o direito dos trabalhadores de se unirem em negociações e para reivindicações, a Commonweal afirma que os bispos da National Catholic Welfare Conference concordavam com este projeto. No seu editorial do dia 27/04/1934, intitulado “The Church Aids Labor”, diz que Igreja possuía esta posição pois a Encíclica Quadragésimo Anno sobre a reconstrução da ordem social, a base da Ação Católica, foi citada várias vezes em sessões do congresso em que debatiam esta lei: “As the National Catholic Welfare Conference is the Catholic hierarchy of the

United States, the action of its administrative committee, fully authorized to speak for the conference, comes as close to being the voice of the entire Catholic Church in this country as is possible.” A organização trabalhista beneficiaria também o capital, pois este deveria trabalhar conjuntamente para o bem estar comum da sociedade e para seus interesses mútuos. Os trabalhadores, porém, deveriam se organizar de maneira sensata e positiva: “Unions, embracing all groups of workers, should be governed by good sense. They should endeavor to distribute opportunity to the workers of every class. They should always seek competent and disinterested advisers, that their organizations may ever be characterized by sanity.” Os trabalhadores deveriam ter o direito de escolher seus representantes de cada indústria, sendo necessário também criar um tribunal industrial para mediar e arbitrar. O oposto disso seria o caos e a anarquia.

Era um momento em que estas medidas eram muito necessárias pois “of late there have been most disquieting symptoms of dangerous unrest in the relations between employers and the employed. The month of March had three times as many strikes as February. In February there were 78 strikes, involving about 56,000 workers, while in March there were 218 strikes involving 137,000 workers.” As relações internacionais dependiam das relações econômicas, que por sua vez dependiam das relações industriais, portanto a paz mundial só poderia ser alcançada quando os princípios morais fossem reconhecidos e respeitados: “if we are to solve the social crisis, the moral law must come before greed or stubbornness, whether of employers or employed.”

De acordo com a revista no editorial do dia 27/07/1934, “The General Strike”, ocorriam greves gerais em vários locais, como San Francisco e Portland. Estas greves possuíam uma “true nature of the deadliest peril among the many perils now confronted by our people. That peril is nothing other than the threat of class war.” Muitos trabalhadores estavam indo para um tipo de ação mais drástica do que antes, uma questão mais fundamental. Para a Commonwealth, novos líderes comunistas de extrema esquerda estavam organizando os trabalhadores para uma luta de classes. Existiam, porém, da mesma forma, líderes industriais de extrema direita que tentavam barrar qualquer progresso trabalhista: “Both these elements are responsible for bringing the nation face to face with the peril of the class war.”

O Papa Pio XI havia deixado claro em sua encíclica de dezembro de 1922, em que falava sobre a guerra mundial, que a guerra entre as classes havia infiltrado as nações e estavam influenciando a política, as artes, o comércio, tudo. Para Pio XI, este era o mal número um que deveria ser eliminado. Era a guerra de classes que teria levado às revoluções na Rússia, Alemanha, Itália e Espanha. Com o aumento das greves e protestos nos EUA, em um ambiente de conflitos classistas, a *Commonweal* se pergunta se os EUA estavam indo em direção a uma revolução maior como nestes outros países. Observando a situação das greves e protestos em San Francisco, que ela afirma que muitos repórteres diziam ter se tornado uma zona de guerra, acreditava que sim, era possível os EUA passarem por algum processo revolucionário maior devido a guerra de classes. Seria um erro para os trabalhadores utilizarem as greves daquela maneira: “That deadly weapon strikes too blindly and too unjustly at wholly innocent people to be legitimately used, and its employment will in the long run harm the unions more than the employers’ associations.” A solução era a arbitragem e o acordo entre as classes: “The class war is nothing but plain anarchy. The constituted authority of the whole people should have the power—as unquestionably it has the right—to bring both sides before it for reasonable arbitrament of their quarrels.”

3.3.2 AÇÃO SOCIAL CATÓLICA

A *Commonweal* comenta no editorial “America on Trial”, do dia 21/09/1932, sobre o que o jornal Protestante Christian Century, de Chicago, havia escrito sobre a alta da bolsa de valores que ocorria. Para ele, os cristãos não teriam nada do que comemorar caso esta alta na bolsa de valores não significasse uma maior recolocação no mercado de trabalho para muitos desempregados e uma real melhora na economia e na qualidade de vida do povo. A questão central era a qualidade de vida, inclusive dos trabalhadores: “We mean by “workers” not only those actually working, but also, of course, the blameless unemployed, inclusive of all the millions of American men, women and children who earn their living—or who are willing so to earn a living—by their labor, or by social services of all kinds for which, in the vast majority of cases, their remuneration is solely in wages or salaries.” Sobre os trabalhadores, dizem

que “without their labor and services—and without their buying power when that power is intact—our modern industrial society could not exist.”

Naquele momento, em que a imprensa estava mostrando uma recuperação econômica do país, as condições dos trabalhadores continuavam sem melhoras. Seus salários estavam diminuindo muito, desemprego aumentando fortemente. Havia um impasse: por um lado desejavam diminuir os salários dos trabalhadores. A noção de que a indústria moderna dos EUA, com sua produção em massa e mecanização, requeria altos salários e emprego pleno para funcionar estava sendo testada. Isso fazia a AFL começar a abandonar tentativa de ficar fora da política, e estava começando a mobilizar trabalhadores para criar um partido político. A *Commonweal* afirma ser necessário para os EUA aumentar muito suas políticas de auxílio para a população, a justiça e a caridade estavam necessárias para todos. O povo estava querendo trabalhar, cooperar, encontrar soluções, e caso isto não ocorresse, aconteceria a divisão de classes, então a solução seria o “socially regenerative power of Christianity.” E complementam: “Labor Day of 1932 is an historic date. May Catholic Action lead the way in making the history now in the making really consonant with Christian principles of social justice.”

Conforme a *Commonweal*, no editorial “Justice and Charity”, do dia 06/10/1933, ao falar sobre um encontro histórico de bispos em Nova Iorque, em que mais de 40 bispos estavam reunidos para participar de uma conferência da National Conference of Catholic Charities, esta conferência seria marcante para toda a Nação, pois os católicos nos EUA “are inseparably united with the body of the whole population.” A Igreja Católica, ao mesmo tempo que é universal, “is none the less a part of all national or racial institutions save only in such cases as that of Bolshevik Russia, where a vast nation is ruled by an absolute authority based upon and controlled throughout by an atheistic philosophy.” Para os editores, o papel da Igreja nos EUA era inquestionável: “It is not merely the part taken by the President of the republic, and by leading officials of the national government, in the Conference of Catholic Charities, which proves this fact; even more is it apparent in the concord and inter-relations which exist between the social teachings of the Church and the basic principles of the American nation.” Muitos americanos de outras religiões cada vez notavam mais a influência positiva dos ensinamentos católicos na sociedade americana, e esta National

Conference of Catholic Charities aumentaria isto ainda mais. Esta conferencia tinha como objetivo encontrar formas de prover comida e moradia para quem necessitava, e também para algo ainda maior. De acordo com os editores, iria mostrar o caminho para uma nova era de reconstrução social baseada na união, na caridade, uma reconstrução da sociedade baseada em Cristo, tendo em vista os ensinamentos da Encíclica Rerum Novarum de Leão XIII.

A manifestação prática disto na política estava vindo através do New Deal e de Roosevelt, que estavam sendo atacados. A Commonweal escreve sobre os editoriais de William Randolph Hearst em seu jornal e do New York Herald Tribune. Enquanto Hearst escreveu que o NRA era uma medida de justiça social, mas não naquele momento, que deveria ser feita depois da recuperação, o Herald Tribune escreveu que este era uma forma de estabilização da pobreza, e defenderam a volta ao individualismo e a economia ortodoxa. Compararam o New Deal ao comunismo Russo, afirmando que os comunistas controlavam os sindicatos nos EUA e estavam manipulando o presidente.

A conclusão desta conferência foi que a depressão econômica era um resultado da falta de caridade e justiça no sistema econômico, um sistema que não deveria ser resgatado, mas sim substituído por outro que colocasse como princípios básicos a caridade e a justiça, com a Justiça Social sendo um dos principais objetivos. A recuperação econômica deveria ser realizada através deste novo sistema econômico: "American Catholicism has spoken through its pastors and its leaders. Its voice will be heeded not only by its own followers, but by all men and women of good-will who put man above dollars, justice above the expediency of greed."

A Commonweal se defende no editorial "Catholics and Social Reform", de 25/03/1931, de uma acusação de defender um assistencialismo fácil feita por um leitor, como se essa estivesse escrevendo editoriais defendendo que a Igreja Católica deveria apenas doar roupas, comida, etc, para quem estava precisando, não entendendo a necessidade de lidar com as causas, somente com as consequências. A Commonweal obviamente discorda totalmente destas acusações, afirmando que "THE COMMONWEAL has continuously published articles by special writers, and editorial articles written by its own staff, chronicling, discussing, criticizing or commending the work of our Catholic sociologists, and sociological organizations, in this country and in Europe, in their

work of doing precisely what Mr. Wood properly thinks that Catholics should do, namely, dealing with the causes and not merely with the effects of our social problems.” Ora, me parece, como pesquisar do século XXI lendo os artigos da *Commonweal*, que este leitor não acompanhava este periódico, pois estudar as causas da questão social e propor soluções, incluindo econômicas, sociais e políticas, é um dos tópicos mais presentes em todas suas edições.

De acordo com a *Commonweal* o que estava tentando fazer no editorial criticado pelo leitor era lembrar que, mesmo discutindo as causas e propondo soluções, um dos pontos mais importantes é sempre a caridade pessoal, ajudando aqueles “victims who are starving, who are suffering, who are homeless or on the verge of being homeless,” tudo isso enquanto “the sociologists are collecting statistics, and the social planning commissions are drawing up their blue charts and reports, and the philosophers are quarreling over the question of what has caused our troubles, and what cure is theoretically the best.”

Sempre pensava em causas e soluções, além da caridade pessoal: “Yet today, as never before in our country for many years, do we still require the spirit of personal service,” A *commonweal* concordou com o leitor de que era necessário mais católicos pensarem sobre a questão social, suas causas e soluções, e menciona os esforços de John A. Ryan na direção do Social Action Department of the National Catholic Welfare Conference, escrevendo que seu trabalho está “gaining that support among Catholics, and that sympathetic attention on the part of the general public, which its high character and its combination of scientific method and technique with the guiding principles of Christian ethics, justly deserves.” A *Commonweal* diz que o trabalho de Ryan estava criando “fruitful results of the coming together of the representatives both of capital and of labor in an honest effort to deal with the realities of the situation facing society today.”

Outros jornais católicos, como *America* e *Catholic World*, e outros de vários lugares que estavam pensando sobre essas questões, são citados pela *Commonweal* em seu editorial de 06/03/1931, chamado “Father of the Poor”. Mencionam também o muito importante Reconstruction Program of our American Catholic Bishops, dos EUA, e os esforços que estavam sendo feito em Roma para celebrar o aniversário de 40 anos da *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, para “reanimate Catholic interest and participation in social problems throughout

the world.” A Commonweal comenta sobre a nova encíclica social de Pio XI, em que ele retoma e avança os ensinamentos da *Rerum Novarum*: “all efforts to form and apply practical programs of action shall move in the right direction, which is the direction clearly and unmistakably pointed out by the Pope.”

A Commonweal celebra o fato de o Papa afirmar o importante papel das associações empresariais e grupos para estudar e aplicar os princípios católicos na economia, juntamente com associações católicas de trabalhadores. Os EUA eram o local propício para estes experimentos, pois muitos católicos lá eram “captains of industry” De acordo com a Commonweal, a cristandade estava conclamando ricos e pobres, capitalistas e trabalhadores, Padres e leigos para agir, o que seria “a demonstration of the practical acceptance of the social obligations of Catholicism.” Isto mostraria que católicos americanos eram católicos praticantes e que trabalhariam com “all the other constructive forces working for the common good.”

A Commonweal afirma em seu editorial “Saving the Social Order”, de 26/06/1931, que o problema econômico tão presente naquele momento nos EUA se dividia em dois aspectos: o primeiro seria suas causas e curas. O segundo seria a questão social, “the matter of the immediate social effects of the main problem: the relief of the human misery, destitution, hunger (even starvation in certain places), sickness, malnutrition, despondency, and despair produced by unemployment.” Seria neste segundo aspecto que a Commonweal defendia que a Igreja Católica deveria colocar a maior parte de seus esforços, especialmente “during the winter months ahead of us.” Para isso, os católicos deveriam se organizar mais e de forma mais eficiente.

Porém, mesmo realizando todas estas ações sobre a questão social, era muito importante descobrir as causas e tratar a questão econômica e sistemática do que estava ocorrendo: “We cannot afford to neglect the study of the roots of the matter which now confronts us.” A chave para encontrar as respostas necessárias estaria na encíclica do Papa Pío XI “Reconstructing the Social Order”. A National Catholic Welfare Conference estava liderando este trabalho nos EUA. Seu departamento de ação social estava estudando atentamente esta encíclica e a difundido por todo o país. Ela tentava “translate the technical language of the papal document into straightforward, simple, every-day English,” tentando salvar o mundo do que os editores da Commonweal chamam de

“Socialistic or capitalistic slavery”. É interessante que aqui podemos notar como o capitalismo e o socialismo estavam no mesmo nível para os católicos, os dois escravizavam.

A solução para a questão social foi dada há muitos anos por Cristo, quando este disse para primeiramente buscarem o Reino de Deus. No editorial do dia 30/11/1932, chamado “Catholic Action Intensified”, a *Commonweal* defende que muitos estavam fora deste caminho e erravam ao buscar as soluções, pois estas só poderiam ser encontradas com as leis espirituais e morais de Deus: “There is, therefore, no one of the great problems of the world which is not essentially a religious problem.” A economia estava totalmente conectada com a religião, assim como a busca da paz mundial. A Igreja, seus líderes, e intelectuais deveriam transmitir esta mensagem para o mundo, e “The world may or may not heed, learn and apply the truth which it is the mission of the Church to teach: but nevertheless the work of the Church must continue, unaffected by success or failure.”

Elogiam, neste sentido, o aumento da Ação Católica que observavam. Líderes desta Ação Católica se reuniram em Washington para refletir e planejar os próximos anos. Pediram mais investimentos para a Catholic University em Washington, para esta poder continuar aumentando seus ensinamentos católicos. Discursos católicos no Rádio estavam se tornando mais frequentes. Em Pittsburgh ocorreu a National Conference of Catholic Men para pensar as questões e encontrar soluções, a National Catholic Industrial Conference ocorreu em Providence, Rhode Island, a National Catholic Alumni Federation fazia vários encontros em New York City, Notre Dame, Indiana, e Oakland, California, enfatizando como ocorreria progressos utilizando os princípios de Leão XIII e Pío X. Todos estes encontros apareceram na imprensa de diferentes vertentes. Portanto, “a hopeful and vigorous spirit is animating the ranks of those already enrolled in Catholic Action.” O objetivo dos próximos anos era “to maintain that spirit—and to multiply by many times the number of those dedicated to the crusade of Catholic Action.”

A Igreja estava conseguindo, mesmo em um momento de crise econômica, aumentar suas atividades beneficentes e sociais, como deixa claro a *Commonweal* no editorial do dia 30/11/1934, “The Church in Conference”: “the crisis has been a challenge to the Church which it has met by expansion, not by

contraction, of its energies.” Os “bishops desire all Catholics to realize that the strengthening and extension of the spiritual foundations of civilization is the paramount problem of the age. In full accordance with this main policy was their action in appointing a committee to draw up a plan for the establishment of a central office of the Confraternity of Christian Doctrine, under the administrative committee of the National Catholic Welfare Conference.” Seria fundamental para o momento ensinar os ensinamentos Cristãos, o tipo de conhecimento mais necessário, a verdade fundamental: “Both the National Council of Catholic Men and the National Council of Catholic Women report large increases in the number of affiliated societies. Space is lacking to enumerate the facts which prove the growth of the other departments, or to list their outstanding activities; but it is clear that the Church in conference feels itself vitalized by the progress of its work during the past year, and faces the new year with every evidence of faith in its further progress.”

Sobre a nova encíclica que o Papa iria lançar comemorando os 40 anos da *Rerum Novarum*, os editores da *Commonweal* afirmaram que esta teria uma “importance, the immediacy, the urgency, of the Holy Father’s summons to his flock.” No editorial “Father of the Poor”, de 03/06/1931, dizem que esta era a voz de Deus, através da Igreja, e através do Papa, que iria se espalhar pelo mundo. E esta era, “the voice of the Father of the Poor that speaks.” Seria a voz de Deus que, através da Igreja e da voz do Papa, estaria guiando as relações entre as pessoas de diferentes classes para buscarem harmonia baseada na Doutrina Social Católica. E eles afirmam que “Every word of the encyclical, summing up and advancing further the teachings of Leo XIII and his successors, is, in the words of Pius, uttered “particularly in defense of the poor and of the weak.” O objetivo era conseguir justiça, e uma justiça baseada na caridade e no amor, que seriam os princípios que guiariam os programas práticos na direção correta, “which is the direction clearly and unmistakably pointed out by the Pope.” E, de acordo com a *Commonweal* no editorial do dia 18/08/1933, todos sabiam “how desirous the Holy Father is to have the bishops and priests and the laity cooperate to attempt the realization of the great ideals set forth by him in his encyclicals.”

A Ação Católica no mundo estava conseguindo avançar, e cada vez atraía mais interessados. O motivo disso seria que “The Church is simple in this action.

It puts a plain program before humanity, It says, as it has been saying for nineteen hundred years, that man cannot serve both God and mammon.” E concluem que “Justice and charity are the weapons which the Church now holds out for humanity to grasp and use against the universal enemies of mankind. No other plan can bring the crisis to a solution that will be tolerable.”

Após a leitura e a análise dos editoriais deste período da revista *Commonweal*, pode-se afirmar que esta revista estava totalmente em sintonia com Roosevelt e o New Deal. Pensavam nestes como meios possíveis de aplicar a DSC nos EUA, como vimos ao longo deste capítulo. No próximo capítulo, vamos discutir as mesmas questões, porém do ponto de vista dos autores em suas colunas de opinião.

4 A DOCTRINA SOCIAL CATÓLICA NOS EUA ANALISADA NAS COLUNAS DE OPINIÃO DA REVISTA COMMONWEAL

Os autores que publicavam dentro da *Commonweal* abordavam muitas vezes os mesmos assuntos que a própria revista abordava nos editoriais, principalmente questões relacionadas à política, economia e a questão social. Porém, diferente dos editoriais, que obviamente possuem apenas uma opinião por se tratar do pensamento da revista, as colunas de opiniões dos autores possuíam as mais diversas. Muitas vezes concordavam com a revista, em outras discordavam.

John A. Ryan era o autor de maior destaque, sendo por isso o que mais aparece neste trabalho. Este possuía uma visão totalmente alinhada com a *Commonweal*, o New Deal, e Roosevelt. Além deste autor, serão analisados aqui outros com opiniões convergentes e divergentes sobre as mesmas questões, sendo trazidas neste capítulo as suas visões. Alguns destes eram leigos, outros faziam parte da hierarquia da Igreja, e serão apresentados à medida que forem sendo citados. É interessante observar a diversidade de profissões dos autores que escrevem para a *Commonweal*: Havia Padres, teólogos, economistas, advogados, artistas, escritores, políticos, entre outros, como será visto neste capítulo.

4.1 POLÍTICA

4.1.1 A RELIGIÃO CATÓLICA E SEUS PRINCÍPIOS NA POLÍTICA AMERICANA

Para muitos intelectuais católicos daquela época, os princípios católicos deveriam guiar as decisões políticas do país. Charles O. Rice¹⁷, em sua coluna do dia 12/05/1933 chamada “How Shall a Catholic Vote?”, ao mostrar a visão da geração mais jovem de católicos naquele momento, afirma ser dever dos católicos nos EUA fazer uma purificação geral nos políticos. Sua principal missão era ser o guia moral da nação: “Christianity as a practical, living force is the only solution of the economic, social and political problems of today. Catholic Action comes in right here.” E complementa: “I have already referred to the harm done by Catholic disregard of Catholic doctrines in political life, and of the good that could be done by regard for those doctrines.” Não seria necessário, para este autor, apoiar nenhum partido ou candidato, mas sim demonstrar os princípios católicos empaticamente e promovê-los, ao mesmo tempo em que se combatia a corrupção.

Para Rice, Roosevelt era o escolhido para guiar o povo americano de acordo com a moral católica, e o Congresso deveria auxiliá-lo nesta missão, uma missão global e conectada com os outros países. A civilização ocidental, a Cristandade, estava ameaçada pois não havia mais o vínculo comum de uma cultura baseada na religião entre elas. Isto levava a protestos violentos, uma amostra do que poderia ocorrer no mundo todo. Uma das causas era a corrupção financeira na política, tendo o Papa Leão XIII explicado que mesmo esta era apenas uma das formas em que aparecia a ganância. Os pobres das nações cristãs possuíam muita paciência, não escutando agitadores revolucionários comunistas e fascistas, o que continuaria ocorrendo enquanto confiassem que seus líderes podiam resolver suas questões e tentavam sempre ajudá-los.

¹⁷ Padre e ativista trabalhista, nasceu em Nova Iorque em 1908 filho de imigrantes Irlandeses. Grande ativista em causas sociais e dentro do movimento trabalhista. (HEINEMAN, 1999)

Frank Murphy¹⁸ é para a Commonweal um exemplo de político dos EUA que fazia justamente isso, estudar a Lei Moral Católica e aplicá-la dentro da prática política. Tendo sido prefeito de Detroit, utilizou a lei moral para governar sua cidade, o que diz ser o objetivo principal de qualquer governante. Baseou-se na encíclica “On the Condition of the Working Classes”, de Leão XIII, em que este diz como os líderes devem cuidar da comunidade e de seus membros, garantindo seu bem estar. Esta seria na verdade a razão da existência de governos. Para ele, o bem-estar social proposto por Leão XIII é muito mais do que coisas materiais: são seres humanos e suas almas, suas aspirações, cultura, saúde e felicidade.

Ao discutir sobre a utilização dos princípios católicos para reformas em seu próprio artigo do dia 19/05/1933 chamado “The Moral Law in Government”, o prefeito de Detroit diz que não é difícil de se entender como aplicá-los, o que precisavam era um maior esforço de ação: “We are prone to be vocal in defense of Leo’s mandate but we slur the action needed if we really mean that its light will reach into the remotest corners of despair.” Utilizando o exemplo de Detroit, diz que esta é “a city of destitution within a city that was five years ago the richest on earth in material things.” Então, os governantes deveriam primeiramente “succor their immediate wants first, and next, attempt a start, at least, in the direction of a constructive, permanent plan of rehabilitation.” Primeiramente deveriam auxiliar com caridade quem necessitava, para depois resolver questões com o que precisasse ser feito. Qualquer outro caminho seria “stupid and unthinkable”. Por seguir este caminho, o prefeito de Detroit lidou com “terrific criticism and opposition at first”. Depois, porém, “on the fringe of desperation themselves, most of the critical came to understand.”

Para este autor e prefeito “it is significant that critics of my welfare relief policies have come around recently to support government as well as personal responsibility for the care of the jobless.” Quando a Grande Depressão chegou em Detroit, começou logo a aplicar os princípios da DSC: “We marshalled the whole resources of our city to safeguard its people and put them in the way of hope and strenght.” O governo foi usado como instrumento para promover o bem

¹⁸ De acordo com Fine (1975), Frank Murphy foi prefeito de Detroit entre 1930 e 1933, tendo sido também governador de Michigan, Attorney General e juiz da Suprema Corte apontado por Roosevelt. Era Católico e filho de imigrantes irlandeses.

estar que a população precisava, o bem estar espiritual dependendo do seu bem estar econômico e social. Tentaram agir rapidamente para levar alimentos para quem precisava e criar abrigos. Sua visão sobre as questões daquela época: “How about a government’s duty when depression conditions force girls in some instances to work for a few cents a day, if they work at all— breaking their hearts, wrecking their spirit—when mothers in factories get less than carfare, when able factory hands, in their prime, are either workless altogether or earning less in a week than they formerly earned in a day?” E pergunta: “Are these things something for government to remedy or are they not?” Responde obviamente que “Of course they are!”, baseando-se sempre no papel dos governos proposto pelas encíclicas católicas.

Também se baseando nas encíclicas, o autor defende que o governo deve sempre mediar negociações no meio industrial, trazendo o caso de uma greve na indústria automobilística em Detroit na qual criou uma comissão imparcial, fez uma investigação e deu seu resultado para os empregadores e para os trabalhadores.

Os EUA e o mundo estavam entrando em uma era em que “we must study and perfect the means by which government may be put once more at the service of humanity.” E isto era uma questão de justiça social. Qualquer governante deveria sempre “translate the philosophy of Leo into action that will mean a safer and happier community of the present, and a community of the future in which social and economic tragedies are guarded against by wise planning and thoughtful administration in the people's interest.” Devem pensar e agir, fazendo políticas reais que mostrem isso, como maiores auxílios sociais, condições de trabalho, legislações sociais, hospitais para crianças, comida e dinheiro para desempregados, entre outros: “It is a high ministry, that of government. It is putting Christianity to work, and by that standard its success or failure will be measured.”

4.1.2 ELEIÇÕES, GOVERNO ROOSEVELT E A POLÍTICA PARTIDÁRIA

Um político que para a Commonweal estava realmente aplicando os ensinamentos das Encíclicas na política era Franklin Delano Roosevelt, por isso recebia grande apoio de grande parcela dos católicos americanos, desde sua candidatura. Charles Willis Thompson¹⁹ demonstra em sua coluna do dia 19/10/1932, intitulada “The Autumn of Discontent”, como a eleição presidencial americana de 1932 estava marcada principalmente pela questão social: “What will elect Roosevelt and Garner in November, if, as seems likely, they will be elected, is discontent.” Era um descontentamento generalizado em relação a “hard times”, “which are nation-wide and felt by everybody.” Para Thompson, Hoover era quem havia causado estes tempos difíceis e iria levar a vitória para os Democratas: “In addition, many who have never registered before are going to vote this time, and that can mean only one thing: they intend to get their revenge on Hoover.” Roosevelt, o candidato democrata, estava capitalizando com esta situação, mencionando-a em todos os seus discursos. Estava no caminho para receber inclusive muitos votos de Republicanos.

Oliver McKee Jr²⁰ escreve que Roosevelt fez, ao se tornar presidente, 900 ordens executivas, tendo sido o presidente que mais o fez em determinado período. Escreve em sua coluna do dia 23/11/1934 que isto era um recorde, que deveria ser normalizado para este autor “as times become better, the balance between executive and legislative again becomes normal.” Roosevelt era “the captain general of the recovery forces”, e havia decidido utilizar das ordens executivas para o bem da nação. Ele tinha “great popular prestige”, e poderia “accomplish much through personal leadership”, então fazia sentido que criasse muitas ordens executivas.

O autor diz haver grande crítica ao presidente pela quantidade de ordens executivas, sendo criticado também pelo seu poder e ações que estava criando. Porém, “the authority for Mr. Roosevelt’s orders will be found in the powers with which Congress invested him when it enacted the so-called emergency legislation.” Então, ele estava fazendo apenas o que o congresso já havia decidido que poderia fazer: “The authority granted was so sweeping in its range,

¹⁹ Charles Willis Thompson foi um jornalista e editor do New York Times, além de jornalista freelancer para outras publicações em Nova Iorque, Washington e Filadélfia. (NEW YORK TIMES, 1946)

²⁰ Jornalista, escreveu para diversos jornais e revista, além de construir carreira no Departamento de Estado e no exército americano. (BOSTON GLOBE, 1948)

and granted in terms so general that it provided the basis for executive action in many fields, widely diversified — monetary policy, relief, NRA, the budget, reform of veterans compensation, reorganization of federal government and the establishment of new bureaus, commissions and federal agencies, and so on.” Portanto, a autoridade dada para Roosevelt era tão grande e ampla que ele estava com o poder de realizar todas as reformas que gostaria e levar a econômica como desejasse. O congresso, porém, poderia tirar esta autoridade a qualquer momento, e as ordens executivas não eram totalmente sem supervisão, elas deveriam seguir regras e regulamentações, tendo que ser aprovadas pelo budget bureau e o attorney general.

Roosevelt conseguiu facilmente este aumento de autoridade pois tinha grande maioria no Senado e na Câmara, e devido ao grande impacto na sociedade americana pela Grande Depressão. Roosevelt e suas medidas “seemed to provide the only hope for a leadership that would carry the country out of the vale of darkness.” O congresso era seu para controlar, e os republicanos estavam com pouca influência, então Roosevelt estava livre para fazer o que queria: “As a matter of fact, many Republicans, confronted with evidences of the support given Mr. Roosevelt by public opinion, preferred to acquiesce in the New Deal program, an essential part of which was a vast reinforcement of the powers of the executive, than to court popular criticism by resorting to the tactics of obstructionism.” E complementa: “Mr. Roosevelt, in brief, received all the authority for which he asked, perhaps more, as the first New Deal Congress followed the leadership of the White House.”

Em janeiro do ano seguinte um novo congresso entraria com a missão de continuação. Os democratas, na eleição de 1934 para o congresso, ampliaram ainda mais sua maioria, criando uma “supermaioria” e solidificando ainda mais o poder de Roosevelt e do New Deal. Portanto “the recent elections have given convincing evidence that Mr. Roosevelt is still in the meridian of his personal popularity, that the public, as a whole, has still an abiding faith that under his leadership better days lie ahead, and that the New Deal label is still a gilt-edged asset for the aspirant for public office.” Para McKee Jr era fundamental que Roosevelt mantivesse este poder maior de autoridade para continuar fazendo tudo o que estava realizando.

4.1.3 OS MECANISMOS POLÍTICOS DO NEW DEAL E SUA CONSTITUCIONALIDADE

Sobre esta autoridade, George N. Shuster²¹ afirma em sua coluna do dia 28/12/1934, intitulada “Aspects of Authority”, que é proveniente de dois fatores, duas forças: uma classe média que perdeu suas economias e um grupo trabalhista que perdeu seus trabalhos, de um jeito que mostrava a indignidade da injustiça. Este autor defende fortemente o conceito de liberdade, e critica com igual intensidade Roosevelt e o New Deal, assim como o próprio povo americano por não pensar mais neste fator. Para ele, um crítico voraz do New Deal, era mentira que as novas formas de governo e economia com forte intervenção estatal seriam mais eficientes do que as existentes até 1928. E critica o que considera um uso errado das encíclicas.

Este autor pensa sobre o direito de liberdade, afirmando estar incrédulo como muitos pareciam não pensar mais sobre ele, tendo “genuine difficulty understanding the present indifference of many toward it”. Para ele, “Freedom was a treasure too sacred, it has demanded the ultimate heroism of too many good men, to have merited the slovenly ease with which it was recently squandered on riotous living.” O povo não estava mais sendo treinado para ser independente, se sustentar, auto-prover o que precisasse, pensar por si: “Much that was inherent in the ideal has been completely forgotten, as, for instance, the thought that the masses could be trained for personalist independence.” Mesmo com muitos acreditando que muitas pessoas não tinham capacidades para se sustentar, desenvolver seu lado intelectual e ter uma propriedade, existia antes um ideal de que era muito positivo treinar estas pessoas para isso, acreditavam que elas algum dia iriam conseguir, e para este autor “The recent past abandoned this job to propagandists for a materialistic, hedonistic Arcady.”

As massas estavam sendo enganadas. Os bancos haviam falhado, então o governo deveria ser o responsável pelo setor bancário. A bolsa de valores tinha falhado, então seria papel do governo controlar a bolsa de valores. A constituição estava sendo desrespeitada por Roosevelt e pelo New Deal, e “Industrial

²¹ Editor da Commonweal, já mencionado no Capítulo 2.

enterprise, once the fruit of personal vigor and skill, is henceforth to be regulated in accordance with the common good, and possibly through communal decisions.” Shuster diz não acreditar que um governo como o daquele momento tinha capacidade para fazer tudo o que estava querendo fazer: “Much that is being said and done quite officially savors frightfully of quackery; and it is no relief to be assured concerning these things by the principle that the New Deal of 1934 is infinitely superior to the “new economics” of 1928”. Diz também que “The spectacle of an all-powerful government is, under the circumstances, none too reassuring to a liberal.” Diz concordar sobre a importância de colocar um certo controle em grandes empresas, indústrias e corporações financeiras. Porém, afirma que a solução do New Deal era criar uma super-corporação acima destas outras, envolta de mistérios e que ninguém saberia o que ela estaria fazendo.

Para Shuster a questão mais importante era o uso das encíclicas, que estavam sendo utilizadas de forma equivocada. A “*Quadragesimo Anno*” não defendia em nenhum aspecto as propostas do New Deal: “The conception of the State there expounded differs not a whit from the creed of the orthodox American liberal.” Ela permite o uso do controle governamental para acabar com usurpações das liberdades individuais por indústrias, grandes empresas, e sua intervenção quando necessária em alguns casos. Porém, é totalmente focada no indivíduo, ela “stresses the inalienable title of the individual to the exercise of his normal functions, among which is ownership of stewardship over property.”) Ele diz, por exemplo, que em nenhuma passagem da *Quadragesimo Anno* aparece alguma defesa da nacionalização dos bancos. Para ele, toda a DSC seria na verdade feita para defender os indivíduos e sua liberdade, enquanto Roosevelt e o New Deal levavam os EUA para um caminho ditatorial. Era necessário “a widespread realization of what the Christian social attitude really is. We need to go to work at the bottom—which is Christian solidarity. We need to go to work at the top—which is Christian syndicalism.” Seria menos sobre o papel do governo, pois “liberty is the supreme treasure amassed by man.”

No seu artigo *Capitalistic Socialism*, de 07/12/1932, William C. Murphy, Jr. discorda fortemente desta noção defendida por Shuster, afirmando que o país estava se dando conta justamente da necessidade de uma maior intervenção estatal para auxiliar o povo. Comenta a fala do ex-senador James A. Reed, do Missouri, de que isto seria um “*Capitalistic Socialism*”, algo que iria continuar nos

EUA muito depois de já resolvida a Grande Depressão (o que sabemos hoje em dia que se confirmou). O que estava sendo criado era na verdade “a new theory and practice of government, probably more fundamental than any other change in the federal setup since the adoption of the Constitution itself.” Esta teoria e prática se constituiria em intervenção e investimentos governamentais muito fortes: “Back of that policy is a recognition, for the first time, that the federal government has a responsibility in the matter of insuring an opportunity for livelihood to ail citizens.” Para Murphy, a Grande Depressão havia criado um momento na evolução do governo federal americano, em que “the American people have undertaken to adapt their system of public affairs to fundamental and inexorable changes in social and economic conditions.” Esta nova evolução no governo causada pela Grande Depressão era diferente pois mudava a relação do povo americano com seu governo. Este autor afirma que a guerra civil, mesmo acabando com a escravidão, não modificou a base das funções governamentais. A única vez que tinha ocorrido uma mudança nesse sentido foi com a Eighteen Amendment, “an attempt to translate a sociological-religious concept into legislation.” Ela foi uma demonstração de que o “federal government was responsible for the moral welfare of the individual citizen.” Depois, com a Grande Depressão, estavam entrando em um momento em que o “federal government is also responsible for the economic welfare of the individual”.

Ryan²² fala sobre a concepção de Roosevelt dos princípios fundamentais e dos objetivos do New Deal em uma review do dia 10/08/1934, chamada “The President’s Reports”. Explica que, para Roosevelt, o New Deal é sim revolucionário, mas não por ser fascista ou comunista, mas sim por ser diferente do que existia anteriormente, sendo democrático em seu método, espírito e implicações. Os três pontos principais do New Deal seriam a abolição do controle social e econômico por um grupo de indivíduos pequeno e poderoso, uma guerra contra o crime junto com um esforço para aumentar os valores morais, e tornar mais justa a distribuição da riqueza e propriedades da Nação.

Para Ryan, Roosevelt demonstrava entender perfeitamente a importância da responsabilidade que deveriam exercer líderes governamentais e não governamentais naquele momento, em áreas como indústria, trabalho, finanças,

²² Padre e economista progressista, grande apoiador de Roosevelt, já mencionado no Capítulo 2.

entre outras. Estes líderes deveriam possuir códigos éticos melhores e mais efetivos e aplicá-los em seus respectivos campos: “Everything that the President recommends or demands in this chapter would come naturally and easily within the treatises on “legal justice” to be found in Catholic manuals of ethics and moral theology.” Para Ryan, fica muito claro qual o objetivo de Roosevelt em sua presidência com o New Deal: “This is social justice achieved through a better and greater security of livelihood for all the population, a distribution of wealth and income, wider opportunities and greater security of livelihood for all the population, a decent minimum of living conditions and more democracy in our industrial as well as our political institutions.”

Murphy Jr. diz em sua coluna do dia 05/05/1933, chamada “The New Deal in Action” que usavam a palavra revolução de maneira incorreta, pois o New Deal não usurpava o poder nem utilizava a violência para os princípios constitucionais: “What has happened and what is still happening is merely an overhauling of machinery—or, perhaps, the installation of new and presumably improved machinery.” Roosevelt estava sendo rápido em implementar suas reformas desde o momento em que entrou no poder, um momento em que o mundo via países como Itália, Alemanha, e Rússia virarem ditaduras. Nesses países que estavam virando ou já eram ditaduras, a democracia havia demonstrado fraqueza em realizar o que deveria ser feito.

O New Deal criava mecanismos dentro da democracia para realizar as reformas necessárias. Roosevelt havia recebido muitos poderes novos pelo congresso, que poderia tirar estes quando desejasse. Para fazer as reformas necessárias, Murphy defendia que o presidente precisava possuir poderes ditatoriais por algum tempo, como faziam na Roma antiga. O povo necessitava destas reformas, e o New Deal vinha como a resposta que precisava ser posta em prática: “What then is this new deal of which so much is heard? The answer is brief: the new deal is President Roosevelt himself.”

Ryan analisa a questão do NRA e sua constitucionalidade em sua coluna do dia 20/10/1933 intitulada “The NRA and the Constitution”. Muitos congressistas defendiam que o NRA “is the latest and most farreaching of a long series of congressional enactments which transfer to the federal government powers reserved by the Constitution to the states.”

Para Ryan as questões mais polêmicas do NRA e que geravam mais dúvidas sobre sua constitucionalidade eram a definição de um salário mínimo justo e de horas de trabalho máximas. O congresso conseguiu aprovar esta parte, que poderia ser considerada questões de cada estado, pois viu que era “a national emergency, the general welfare and the needs of interstate commerce.”

A maioria dos americanos esperava que caso o NRA fosse julgado pela Suprema Corte, que fosse considerado constitucional, pois além de realmente ser constitucional era muito importante para o povo. Ryan, assim como Roosevelt, interpretava a constituição de acordo com cada época e questão, analisando sua base e utilizando-a no contexto em que estavam. Ryan realiza uma forte defesa do NRA: “If the decision of the court should be unfavorable, the explanation will have to be sought in the social and economic opinions of the Justices rather than in essential principles of constitutional construction.”

Oliver McKee Jr., ao falar em sua coluna Left-Wingers do dia 10/08/1934 sobre o que chama de “The First New Deal Congress”, afirma que nunca um presidente dos EUA havia tido tanto controle sobre o congresso quanto Roosevelt: “And this control, in turn, finds its tap roots in the endorsement which the American people have given the Roosevelt policies, and in their confidence in his leadership.” Roosevelt havia recebido inclusive o voto da maioria dos Republicanos mais à esquerda, como Robert La Follette do Wisconsin: “It was Mr. Roosevelt, standard bearer of the New Deal, champion of the “forgotten man” and the prophet of a new social order, who received the bulk of the “discontent” vote.”

Porém, para McKee, ao entrar em seu segundo ano o New Deal estava despertando mais oposição vinda de grupos independentes. Mais de 9 milhões de pessoas ainda estavam desempregadas, continuavam existindo muitas questões sociais e econômicas para serem resolvidas, e Roosevelt havia combinado que ficariam em um caminho que não desagradaria os democratas mais conservadores, então por todos esses motivos muitos estavam pensando que o progresso feito pelo New Deal estava naquele momento sendo muito lento. Assim começavam a surgir Third Parties nos EUA, compostos por Republicanos mais à esquerda e Democratas mais à direita, e Roosevelt deveria garantir o apoio destes para ganhar as próximas eleições.

Também sobre o novo momento que o New Deal entrava, Elmer Murphy realiza uma interessante análise sobre a relação entre os deveres dos cidadãos para garantir o avanço do New Deal e a manutenção de seus direitos fundamentais. Escreve em coluna do dia 17/08/1934 intitulada The New Deal: ACT II que este já era bem aceito pela maioria da população, tanto de direita quanto de esquerda: “The issue is not to be drawn between rugged individualism and social justice, between private initiative and public regimentation, between planned economy and untrammelled growth. All that seems to have been pretty definitely decided in the first act of the drama.” Era um consenso o fato de que mudanças eram necessárias no sistema político, social, e econômico da Nação, para que a maioria da população tivesse também, assim como os mais ricos, oportunidades e qualidade de vida: “The issue, as it is developing, is, therefore, not the end to be attained but the method of attaining it.” E complementa: “All are agreed that, as the President expresses it, the United States should be kept “God’s country,” but there is a decided difference of opinion as to what kind of country God would have it.”

A questão, para este autor, não era mais sobre os objetivos econômicos e sociais do New Deal, estes já eram um consenso. Eram, em sua maioria, sobre os métodos políticos e econômicos de conquistar estes objetivos. A oposição discordava da grande burocracia colocada pelo New Deal e do grande nível de intervenção governamental. A frase “Social Justice” estava perdendo seu impacto político, pois muitos americanos estavam se dando conta de que ela não viria gratuitamente: “The philosophy of the opposition—the astute opposition—seems to be that social justice does not add to the resources or the productiveness of a people. Whatever it gives it must take. People cannot go on indefinitely taking something from society without putting something in.” Este é um dos autores críticos do New Deal e de sua política coletivista de auxílio social, acreditando que o que o Estado estava querendo proporcionar não iria de forma gratuita para a população: “If government, or the state, is to spend money in public works, the individual citizen must pay higher taxes.” Para ele “The real point at issue is to what extent are the people willing to surrender personal freedom of action to further collective ends?” Esta seria a questão principal que definiria a eleição de meio de mandato daquele ano. Além disso, a expansão dos

poderes políticos do Presidente e do governo Federal nos estados era outro ponto que os americanos, para este autor, deveriam ficar atentos.

4.2 ECONOMIA

4.2.1 DESEMPREGO: CAUSAS E SOLUÇÕES PROPOSTAS

Sobre o desemprego e as questões decorrentes deste tema, John A. Ryan escreve sobre a relação existente entre uma condição geral econômica saudável e o emprego em sua coluna do dia 02/10/1929, intitulada “The Senate Looks at Unemployment, I”. Esta é de um período em que as bolsas estavam caindo e iriam cair muito mais no dia 24 daquele mês, com a quebra da bolsa de Nova Iorque. Ryan diz ser positivo a ideia do senado de saber exatamente o número de desempregados, fazendo uma pesquisa em todo o país pela primeira vez, o que fez haver pela “the first time of fairly accurate knowledge concerning the number of wage-earners out of employment.”

Para Ryan, partes do que o senado falava era similar com o que os bispos falaram em seu Bishops’ Program of Social Reconstruction. Por exemplo, tanto os bispos quanto os Senadores pensavam ser fundamental que o Congresso fortalecesse o United States Employment Service. Este não iria aumentar o número de vagas, mas sim “reduce the cost and trouble of finding employment and employees, and enable both employer and employee sometimes to make better and more intelligent selections.”

Ryan fala da importância de organizar melhor as temporadas de emprego, pensando sobre os meses de maior produção para “distribute the amount of employment and production more evenly throughout the year.” Porém, dizia que “its benefits can easily be exaggerated. It does not, except possibly indirectly, increase the total of employment in any industry.” Porém, isto poderia flexibilizar a jornada de trabalho e reduzir os custos, podendo ajudar a diminuir depressões pequenas e sazonais. Ryan mostra que, neste momento de outubro, ainda não havia começado a crise de 1929: “For several years now we have had loud and positive and authoritative assurances that we are in the midst of great prosperity.”

O governo poderia auxiliar em períodos de depressão sazonal criando empregos em obras públicas.

Ryan critica senadores que ignoravam buscar soluções para o desemprego causado pela tecnologia, tocando apenas nos desempregos cíclicos e sazonais. Naquele momento antes da Grande Depressão, esta era a questão central do desemprego, o avanço tecnológico que causava desemprego e excesso de produção.

Ryan dá alguns exemplos de avanços na produção causados pela tecnologia: a produção industrial cresceu 39% entre 1919 e 1925, porém em 1928, mesmo com contínuo aumento da produção, o número de pessoas empregadas era menor do que em 1920 em muitas áreas. Muitas pessoas pensavam o desemprego como sendo algo de um momento de depressão econômica, mas não conseguiam ver que ele naquele momento estava ligado a prosperidade. Porém, Ryan indaga se era uma verdadeira prosperidade, neste caso ligada ao volume total da produção e com o aumento de salário daqueles que recebiam este. Havia evidencias de que o avanço tecnológico iria cada vez aumentar mais, junto com os salários de quem fosse receber, porém havia também cada vez um número maior de pessoas que eram descartadas pela indústria por não serem mais necessárias. Para Ryan, os empregadores haviam descoberto ser mais barato pagar muito para poucos do que pagar salários justos para muitos.

Por todas essas questões, Ryan chama este tipo de desemprego de crônico, afirmando neste momento que estimava ser em torno de 3 milhões o número de desempregados. Uma das causas principais era o excesso de produção, com os produtos não sendo vendidos na mesma velocidade. As teorias econômicas tradicionais diziam não haver excesso de produção pois todos os produtos acabariam por gerar demandas por outros produtos. Para Ryan, isso é na verdade somente um potencial de demanda, mas não algo certo. Todos com excesso teriam capacidade de consumir outros produtos, mas muitas vezes não queriam, enquanto muitos que gostariam não possuíam os recursos para comprar. Era necessário se pensar em qual tipo de sociedade industrial os EUA gostaria de ser, não sendo somente uma em que os ricos pensam somente em consumir cada vez mais e as massas não possuíam necessidades e confortos básicos.

Ryan examina as opiniões de economistas sobre o desemprego. Aprova o princípio de salários mais altos, custos baixos, e que a base dos consumidores no mercado eram os trabalhadores. Estes trabalhadores eram ao mesmo tempo produtores e consumidores, portanto aumentar seus salários significaria aumentar o poder de compra dos consumidores, algo desejável para os trabalhadores, para a indústria e para a sociedade: “A considerable proportion of business men have, since the war, become converts to this doctrine.” Ryan diz que anteriormente o consenso era de que o meio para a diminuição de custos seria a diminuição dos salários: “According to the new theory, it is still desirable to sell the largest possible quantity of goods at the lowest prices and with the lowest production costs, but it is not desirable nor necessary to obtain low costs through low wages.” Para vender os produtos, os salários precisavam proporcionar poder de compra: “Increased power to consume must be extended to the only class that possesses in large measure the unsatisfied desire to consume.” Isto iria curar a questão do excesso de produção e do menor consumo do sistema industrial: “Instead of seeking to arouse new wants in the jaded appetites of the rich and well-to-do, why not supply the proper and reasonable wants of the toiling masses?” As massas queriam e poderiam usar mais dos padrões necessários e de conforto de comida, roupas, habitação, etc. Aumentando o salário dos trabalhadores, através de um salário digno, estes iriam consumir muito mais. Seria uma reorganização racional do poder de produção e do consumo, que levaria também ao fim do desemprego crônico.

De acordo com Ryan, críticos iriam dizer que isto aumentaria o custo de produção. Sua resposta é de que isto pode ser evitado com uma melhor organização e utilização das fábricas e dos trabalhadores: “further increases are necessary before a large proportion of the working classes will have satisfactory incomes, and before their effective demand will be sufficiently enlarged to furnish an adequate market for the products of our industries.” Como muitos não iriam querer aumentar os salários, era necessária uma lei de um salário mínimo justo, algo praticamente impossível de acontecer. Portanto “The only practical methods now available are increased organization of labor and the economic, social and ethical education of the masters of industry and all other influential groups in our population.” Isto não era algo rápido, porém era eficiente e “After all, solid and

permanent progress comes slowly in every department of social life.” Este deveria ser o caminho seguido pelo governo e pelas instituições.

Na sua coluna “A Shorter Work Period”, do dia 23/10/1929, Ryan escreve que mesmo com o aumento do salário dos trabalhadores sendo a melhor solução para o desemprego crônico e tecnológico, outras soluções são importantes, como a diminuição das horas de trabalho. Ryan propõe duas possibilidades: na primeira os trabalhadores teriam menos horas de trabalho enquanto as máquinas teriam “full time”. Na segunda as máquinas também teriam redução de horas. A escolha seria dada pela demanda: “This arrangement can easily be substituted for the first whenever the demand warrants the larger use of machinery and plant. Full time for machinery and reduced time for the workers is evidently the more desirable arrangement, for it means not only more workers employed but a more economical use of capital.” Seria uma melhorar utilização das máquinas e da mão de obra humana, que iria conseguir diminuir o desemprego e aumentar o consumo: “For example, a plant might be operated for twelve hours a day, six days in the week, and yet employ no laborer for more than six hours per day or five days per week.”

Para Ryan isto inclusive já estava acontecendo, pois entre 1900 e 1925 o tempo de trabalho nas fábricas havia diminuído 15%, e cada vez mais fábricas diminuía para cinco dias de trabalho. Era mais fácil conseguir isto do que o aumento dos salários. Assim, a classe trabalhadora teria também mais tempo de lazer, podendo desenvolver mais o intelecto e a moral na vida. Primeiro é necessário ter tempo de lazer para depois aprender a usá-lo com sabedoria. A educação poderia auxiliar neste aspecto: “The elementary necessities and comforts and the material conditions of reasonable leisure and progressive mental and moral development ought to be placed within the reach of all the people, while the supply of useful and harmful luxuries should be kept down to a minimum.”

Hoover focava no consumo dos mais ricos e no desenvolvimento de novos luxos, o que para Ryan era uma demonstração da falta de intelecto e moral. Sobre “insatiable wants”, Ryan afirma que estas não combinavam com “industrial sanity, social well-being or desirable human life.”

O bem-estar industrial e os princípios de Justiça são harmônicos, e as Doutrinas do salário justo e outras ensinadas pelo Papa Leão XIII na Encíclica

On the Condition of Labor “would be the most direct, prompt and effective means of meeting the menace of chronic unemployment and of ensuring prosperity for our industries.” Isto seria fácil de resolver se “the masters of industry and of politics will devote to the problem a small part of the energies that they habitually spend in making and selling goods and in pursuing profits.”

George K. McCabe afirma, na sua coluna no dia 23 de julho de 1930, que “wages can be cut only at the risk of a strike, loss of morale on the part of the staff, or expensive and disturbing changes in the personnel.” Com a Depressão, havia uma maior pressão para maiores projetos sociais, o que iria elevar os gastos públicos: “the expenditure side of the budget seems likely to rise because of the pressure for social betterment projects like the Pensions Bill, federal aid roads and the construction of government buildings to relieve unemployment.” Para este autor, as dificuldades daquele momento na economia eram resultado das “unequal and delayed changes in different classes of prices.” Isto resultaria em “Deficient purchasing power”, com “a monthly deficit in purchasing power of \$160,000,000.” Os bancos estavam fechando, e havia um grande declínio na exportação, “20 percent so far this year”, principalmente para países como Brasil, Cuba, Austrália e Bolívia. Para ele “Until this situation is remedied all the President’s public works and all Mr. Lamont’s mirages will not pull us out of the slough of despond.”

Ao pensar sobre as medidas necessárias para uma melhor forma de auxiliar os desempregados pensando nos remédios industriais e sociais, Helen M. McCadden entra no debate defendendo que auxílio governamental, uma das soluções mais propostas, não iria resolver a questão, seria algo somente utilitário sem fundamentos econômicos ou éticos. Em sua coluna no dia 27 de agosto de 1930 intitulada “Insurance or Work”, escreve que era algo defendido por americanos inteligentes, e que mesmo assim diziam concordar neste aspecto com os socialistas: “Last, but not least, we mention the name of Dr. John A. Ryan, who has frequently voiced the opinion, these past several years, that such provision for hard times, although merely a palliative, would be a good one.” Ela diz, porém, que “Yet federal insurance for the unemployed is as far as ever from becoming a fact in the United States.” Havia inclusive muitos americanos do Partido Democrata contrários a esta proposta, pois sabiam que nenhum bem viria de construir um fundo governamental para auxiliar quem estivesse

desempregado. Eram poucos os argumentos favoráveis a tal medida: “They usually begin with the fact that there is a need for some sort of action to aid the millions who are now out of work, and to prevent a recurrence of the want which the present crisis has entailed.” Muitos países europeus estavam colocando isto em prática, com a justifica principal de que tais medidas melhorariam a vida dos necessitados e dos trabalhadores. A autora escreve, porém, que muitos políticos, homens de negócios e grande parte da classe-média e de profissionais tinham suspeitas sobre tais medidas governamentais, acreditando que estas “might be a little less helpful than prohibition.”

Era primeiramente uma afronta aos direitos dos estados, mas a questão era mais profunda. Seria uma medida econômica muito arriscada que faria empresas de seguro, por exemplo, falirem, pois ninguém mais iria querer contratar seguro privado sabendo do seguro-desemprego público. E nenhum economista iria defender um seguro para pagar o salário de alguém que fosse demitido. Os empregos podiam variar muito, com por exemplo mudanças tecnológicas, o que faria isto ser algo muito arriscado. Por isso as empresas privadas de seguro não tinham feito seguro-desemprego, somente outros tipos, o que comprovava que estes não eram um bom investimento para o governo.

Outro motivo econômico de que seguro-desemprego não funcionaria seria o argumento de que muitos na verdade, ao invés de utilizar o benefício depois de serem demitidos, iriam querer ficar sem trabalhar para coleta-lo. Seria não uma resposta ao problema mas uma continuação dele, fazendo com que pessoas que estivessem trabalhando e contribuindo com a riqueza do país tivessem incentivos para largar seus empregos e viver com o auxílio do governo, pago pelos contribuintes: “Furthermore, once they are out of work and are receiving government support for doing nothing, they are in no great hurry to find new positions.” Enquanto outros autores falam bem da Caridade, McCadden a critica, dizendo que “it can readily be seen that such insurance would really not be insurance at all, but charity—the detested dole—in a new and more silken disguise.” Seria também um erro sociológico, pois o paternalismo, ou o socialismo de Estado, não era algo comprovadamente bom para a sociedade. O Estado faria coisas que os indivíduos poderiam fazer caso fossem educados e incentivados para tal, o que iria melhorar suas capacidades moral e social. Ela concorda, porém, com Ryan na questão do aumento dos salários: “If it is objected

that the salary of the worker is too small for saving, then it is also too small for paying insurance, and the remedy lies in adjustment of wages.” Estado auxiliar de quem não estava trabalhando era algo “demoralizing both for those who are idle and for those who are carrying more than their share, in the meantime, by continuing to labor.”

Sobre as medidas econômicas adotadas por Hoover (e a falta delas) Ryan realiza uma crítica ao presidente na sua coluna do dia 03/09/1930, intitulada “Mr. Hoover and the Depression”. Ocorria uma grande queda nos números de aprovação de Hoover, decorrente da queda da bolsa de 1929 e suas consequências. Nada do que aconteceu foi culpa de Hoover, porém este estava perdendo popularidade pelas suas ações e omissões: “The things that he has done and the things that he has left undone since last November have shown that Mr. Hoover does not possess those superior qualities which were attributed to him during the presidential campaign and for some years previously.” Ryan diz que a expectativa positiva sobre Hoover durante a campanha presidencial foi “deliberately and systematically created by journalistic and political propagandists.” Muitos americanos estavam desiludidos com o presidente, este tendo mostrado não ser nem o grande economista que esperavam nem um grande líder, não possuindo os melhores princípios básicos. Ryan, como economista, analisa os discursos econômicos de Hoover, afirmando que estes eram superficiais, possuíam falácias e meia verdades: “no competent economist could avoid one of two conclusions: either Mr. Hoover was incapable of fundamental economic thinking, or he was trying to throw dust into the eyes of his audience.” Havia uma “economic weaknesses in the President’s attitude toward unemployment, farm relief and the Smoot-Hawley tariff act.”

Hoover iria manter os salários no valor que estavam, assim como poder de compra, o trabalho na construção privada e aumentar o trabalho na pública. Porém, Ryan diz que se estas medidas “have been carried far enough they would have ended the depression within a month or two.” Para ele “An economist who knew human nature would not have expected a general fulfilment of the promise to maintain existing wage rates. An economist who was fully acquainted with the facts would have realized that industries unable to utilize all their present capacity would not undertake to expand their plants.”

De acordo com Ryan, houve uma pausa na produção em muitas indústrias pela falta de demanda, porém existia uma demanda social, uma reserva de poder de compra, suficiente para comprar todos os produtos que eram produzidos. Porém, esta não era bem distribuída, pois os que gostariam de comprar mais não tinham dinheiro, enquanto os que tinham dinheiro não desejavam comprar mais produtos. O necessário seria “a redistribution of this social surplus, this reserve purchasing power.” Isto poderia ocorrer com assistência de caridade para os desempregados e das classes que recebem menor salário, e em uma maior escala com o seguro-desemprego. Todo este dinheiro viria dos mais ricos, o que seria para estes apenas uma pequena parcela: “Exactly the same principle and the same process are involved in the expenditure of public money for road building. In this case the social surplus is redistributed through taxation.” Ryan diz que isto era necessário pois não seria possível aumentar a produção sem aumentar o poder de compra da população. Algo que também contribuiria neste sentido seria a criação de empregos públicos, o que levaria mais renda para a população e aumentaria seu poder de compra. Seria necessário aumentar os impostos dos mais ricos, mas estes depois iriam receber mais do que estariam pagando pois com todas estas medidas toda a econômica iria melhorar e levar mais riqueza para a sociedade em geral. Para Ryan, “Not more capital but more consumption was the fundamental need.” Hoover estava indo ao contrário de todas essas medidas. Ryan diz que “it is only through increased taxation that the purchasing power of the community can be so redistributed as to bring relief from the industrial depression.”

Sobre Hoover, no dia 10/09/1930 com uma coluna intitulada “Mr. Hoover and the National Welfare”, Ryan inclusive afirma que este possuía falta de coragem e liderança, não se posicionando quando era necessário. “A Roosevelt or a Wilson would not have hesitated to speak out. Mr. Hoover remained silent.” Hoover “attempts to fit a principle to practical issues before he has taken the trouble to understand the principle. As a consequence his practical decisions are not infrequently erroneous and socially injurious.” Hoover havia feito uma injustiça econômica com suas indicações para a Suprema Corte, pois esta continuava a ignorar os Direitos Humanos, aumentando o poder dos economicamente mais fortes em relação aos que tinham menos dinheiro. A Suprema Corte possuía grande poder sobre decisões econômicas e na forma

como elas influenciariam na Justiça. Hoover parecia ignorar estas questões ao indicar juízes, e, para Ryan, o papel principal de um presidente era justamente realizar políticas que realmente melhorassem o bem-estar da população. Isso incluía questões como o desemprego, impostos, etc, assuntos que Hoover demonstrava não estudar, o que por sua vez o fazia não tomar as medidas corretas.

Para a *Commonweal*, Ryan era um dos principais especialistas que poderiam mostrar para os EUA e para o mundo de que forma a religião poderia ser aplicada na economia e na política, sempre baseados na moral. Uma nota dos editores na coluna de Ryan “High Wages and Unemployment” no dia 7 de janeiro de 1931 afirma que Ryan era “director of the social action department of the National Catholic Welfare Conference and professor of industrial ethics at the Catholic University of America” e um especialista e líder em mostrar como a Doutrina da Igreja Católica deveria ser aplicada nas condições de vida dos EUA: “His considered opinion on most pressing economic problems of the day is interesting for the sound analysis and clear counsels it expresses and for its demonstration of the Church’s beneficent alertness for the welfare of all men”.

Ryan critica economistas que defendiam não haver diferença se o poder de compra fosse distribuído, acreditando que os ricos tendo poder de compra maior iria constituir a demanda necessária para novos produtos, o que faria as indústrias produzirem mais e empregaria mais trabalhadores. Ryan defende o aumento do salário da maioria, que isto sim faria o consumo crescer, diminuindo o desemprego e aumentando a produção. Diz também que os mais ricos, depois de comprar bastante, investem a maior parte de seu dinheiro, “But investing simply means creating more machines, and a more capacious productive plant, thereby enlarging the volume of goods to be produced, while decreasing the proportionate demand for them.” A verdadeira causa da Grande Depressão não era o excesso de produção, mas sim o consumo menor do que o necessário: “In order to keep our industries going, it is necessary that the consuming power of those who would like to buy more should be increased. These are mainly the wage-earning classes.”

Ryan não acredita que com isso os preços iriam aumentar, porém caso isso acontecesse “Part of the higher prices would be paid by others than the wage earners and the others would continue to buy almost as much as before, because

of their ample purchasing power. The general fact of the situation is that our industries can produce sufficient necessities and comforts to provide more than a decent livelihood for all our people, and in addition are capable of turning out a vast amount of luxuries. 'The question before us is one of distribution.' Para Ryan If this redistribution of purchasing power cannot be effected in the present industrial system, then the system is vitally defective and the sooner we realize it the better." Ryan afirma categoricamente que se os salários não tivessem sido reduzidos, não teria ocorrido a Grande Depressão. Naquele momento, uma das soluções possíveis seria justamente aumentar os salários para assim aumentar o consumo e a produção industrial e econômica.

Uma das principais ferramentas para aumentar os salários e mantê-los altos eram, para Ryan, os sindicatos. Isto se dava pelo fato destes defenderem seus membros e acreditarem que a prosperidade industrial dependia do poder de compra de todos. Ryan diz, porém, que "The great limitation to the effectiveness of the unions with regard to high wages is, of course, the fact that they include only a small minority of the workers." Portanto, inicialmente, "Probably the most rapidly effective means of securing and maintaining high wage rates would be a shorter working day, or a shorter working week, or both. Reduction of working time would create a larger demand for labor and automatically bring about higher rates of remuneration."

Henry Sommerville elogia Ryan em seu artigo "Wages and Unemployment" no dia 25 de fevereiro de 1931, dizendo que este era "The master of social etichs whom i have followed as a humble student for a quarter of a century." Discorda de Ryan em alguns pontos, afirmando que a teoria deste sobre como diminuir o desemprego aumentando os salários poderia talvez ter uma validade geral, porém na Inglaterra não estava funcionando. John A. Hobson estava propagando esta teoria na Inglaterra fazia mais de 40 anos, "but he has admitted that it does not necessarily mean that one country, by itself, can raise its wage costs without reference to the levels of competitors." O Estado na Inglaterra estava pegando grandes partes das fortunas dos mais ricos para estimular o consumo da classe trabalhadora. Os salários aumentaram em 16% desde 1914, porém o desemprego continuava sem diminuir. Gráficos mostravam que o desemprego aumentava junto com o aumento dos salários, ao contrário do que Ryan previa. Mesmo discordando neste aspecto da teoria de Ryan,

Sommerville diz concordar com este em muitos aspectos e que Ryan tem muito a ensinar para todos, principalmente na questão moral e na sua relação com a economia: “Sooner or later England, and doubtless other countries, will learn that neither in politics nor in economics is there a solution of the social question. What we are now witnessing is the bankruptcy of a materialist civilization. The remedy is to be found in morals.”

Ryan agradece os elogios de Somerville sobre este e o considerar um guia e um professor em sua coluna do dia 25/02/1931 intitulada “High Wages Vs. Excessive Capital”, porém lamenta que este tenha deixado de lado “the sound doctrine that his writings generally exemplify.” Era bom que Somerville não tenha concluído com certeza que o aumento dos salários e a taxação dos mais ricos tenha causado o desemprego, porém acreditar que esta relação pudesse existir é para Ryan algo lamentável. Não havia nenhuma evidência deste fato e havia lugares, como a Alemanha, onde se diminuía os salários e ao mesmo tempo ocorria um aumento no desemprego.

Nos EUA somente 10% da indústria naquele período era de exportação, o que fazia ser pequeno o impacto de sua diminuição: “We are in a position to have any kind of industrial arrangements that we desire. If we want high wages and increased consumption by the masses, we can have those things regardless of foreign markets or foreign demand for our goods.” O caso britânico era completamente diferente, por isso não poderia ser usado como exemplo para os EUA. Ou seja, com certeza diminuir os salários não iria diminuir o desemprego.

Ryan discorda dos argumentos econômicos de Somerville, porém concorda com o final de sua coluna sobre a importância de aplicar a Moral em todos os aspectos, como na economia e na política. Afirma, porém, que “Only I would stress the fact that if we are to find a remedy in the requirements of morality, we shall have to do more than solemnly assert and reiterate that platitude. We shall have to apply the regulations of morality specifically, concretely and in detail to actual economic conditions and relations.” Querendo dizer que o que Somerville propunha não ia nessa direção, diz que no caso dos EUA para ele isso era algo muito simples de fazer.

William Everett Cram, em sua coluna intitulada “The Unemployment Puzzle”, do dia 11/03/1931, também entra no debate sobre o desemprego, criticando a ideia que estava sendo difundida, por Ryan e outros, de que a

população deveria consumir para diminuir o desemprego: “I read in daily papers and magazines again and again, that in order to put an end to unemployment and hard times, every one of us should spend lavishly whatever we have or can borrow.” Ele diz que “it is difficult to believe that until the year 1930, anyone ever conceived the idea of applying extravagance as a remedy for privation.” Para ele o crescimento econômico e do consumo sempre vem seguidos de quedas, depois volta a subir. O autor escreve achar estranho a quantidade de luxos e extravagâncias que acompanhavam este período de depressão econômica, diferente de outros. Aumentar os salários aumentaria também os custos, portanto defende manter os salários no nível que estão e diminuir as horas de trabalho para diminuir o excesso. Portanto, discorda da teoria de Ryan em grande parte, porém concorda com a diminuição das horas de trabalho. Comenta sobre casos de trabalhadores que estavam se recusando a trabalhar por valores menores, que antes eram considerados justos, afirmando que mesmo com o grande desemprego era difícil contratar. Aumentar os salários faria, portanto, os trabalhadores se recusarem a trabalhar por valores menores, o que por sua vez poderia contribuir também com o desemprego. Defende a diminuição das horas de trabalho, mas diz que “The proposed five-hour day would be ideal if it did not lead to the spending of the remainder of the day in idleness, as seems too often to be the case.” As horas de lazer deveriam ser bem utilizadas, concorda com Ryan neste aspecto também.

De acordo com John Marion Egan em sua coluna “Industrial Stabilization”, do dia 08/12/1933, antes do NRA o que existiam eram trabalhadores que aceitavam salários baixos simplesmente para comprarem o básico: “This fact had the effect of continuously disrupting wage levels and also all attempts to obtain industrial stabilization.” Como existia um labor surplus, podiam contratar pelo valor que quisessem.

O labor surplus estava começando a ser resolvido pelo NRA: “Probably over three million men have been eliminated from the ranks of the unemployed, and the number dependent upon public relief has been reduced from 4,800,000 families to 3,253,000 families. If these programs are supported by the plan proposed herein all of the depressing part of the remainder of the unemployed can be eliminated.” Ele apoia a Reconstruction Finance Corporation, e ao mesmo tempo diz que está precisa aplicar melhor seu dinheiro: “With their present

unplanned system of disbursing funds, the Reconstruction Finance Corporation and the other charitable agencies have spent billions which have accomplished much for the relief of suffering but scarcely anything to aid recovery.”

4.2.2 A APLICAÇÃO DAS ENCÍCLICAS NA ECONOMIA AMERICANA

De acordo com o bispo O'hara, em sua coluna do dia 13/05/1931, intitulada “Catholic Industrial Principles” um ponto positivo que viria com a grande depressão industrial era de que a população em geral, principalmente homens do ramo industrial, voltariam a valorizar a Justiça Social. Iria ser consenso a importância de se voltar à leão XIII e a seu plano completo e universal para as questões econômicas trazendo ao mesmo tempo a Justiça Social. Leão XIII é o “Pope of the working man”, tendo “after setting forth the social program of the Church, concludes by explicitly placing on the clergy, in union with their bishops, the task of persistent and energetic action in behalf of the laboring class.”

Para fazer isso de forma prática, eram necessárias ações educacionais, organizacionais e legislativas. Os pastores em centros industriais teriam a missão de explicar clara e frequentemente as leis Cristãs de Justiça e Caridade aplicadas para empregados e empregadores. Um dos principais pontos de como resolver as questões econômicas era primeiramente entender que as classes não são antagônicas, mas sim companheiras que devem se ajudar: “capital cannot thrive without labor, nor labor without capital.” Os trabalhadores nunca deveriam fazer protestos violentos e causar desordem. Os empregadores deveriam saber, por sua vez, que seus funcionários não são seus escravos, todos trabalhadores merecem dignidade e ser respeitados, devem proporcionar para seus funcionários tempo para lazer e familiares, não devem ser explorados fazendo trabalhos que não são adequados, e merecem salários justos: “These principles will be the staple of instruction by which the pastor will seek to educate his people to a Christian conscience in regard to the relations of employers and workmen.”

Seria necessário, porém, mais do que instrução e educação. Os pastores deveriam auxiliar os trabalhadores para que estes se organizassem e conseguissem defender seus direitos: “For freedom of contract, it is necessary

that the working men combine and bargain collectively with their employers, so that there may be some semblance of equality between the two contracting parties. The socalled American plan whereby the employer refuses to deal with labor collectively is, under a specious pretense of liberality, merely a hollow sham.”

Seria necessário, porém, mais do que sindicatos. Os pastores deveriam mostrar para estes trabalhadores unidos a importância da Lei Moral. Uma forma especial de cooperação que deveria ser feita seria através de cooperativas de créditos que iriam libertar os trabalhadores das garras de quem estava emprestando dinheiro, com taxas justas.

Também deveriam fazer campanhas para diminuir as horas de trabalho e acabar com o trabalho no domingo e durante a noite: “I recall that when the Industrial Welfare Commission of Oregon first entered a ruling prohibiting work for women in the department stores after six o’clock in the evening, many young women had for the first time in months a reasonable opportunity to go to church and hear Mass on Sunday morning.” O pastor deveria também pensar sobre as condições de vida dos trabalhadores, suas condições habitacionais, e promover um código de habitação adequada, e assim “Thus under the guidance of the principles enunciated by Leo XIII in his immortal encyclical, “Rerum Novarum,” the Catholic Church is seeking to establish the reign of social justice throughout the world of contemporary industry.”

R. A. McGowan²³ em sua coluna do dia 16/03/1934, intitulada “Guilds – Not NRA” critica as formas com que tudo isso estava sendo posto em prática com o NRA, mas sua crítica é diferente da crítica tradicional, que defendia uma não intervenção do estado nas empresas. McGowan afirma que o NRA falhava em possibilitar a representação correta para os trabalhadores. A encíclica do Papa Pío XI sobre a Reconstrução Social exigia algo a mais.

Este autor afirma que a máquina do NRA era composta somente por empregadores, o que levava a este não representar toda a indústria. Os empregadores estavam sendo organizados, mas isso era somente uma das

²³ Padre especialista na DSC, foi diretor do Departamento de Ação Social Católica da National Catholic Welfare Conference. Pensava principalmente sobre a relação entre o capital e trabalho e sobre as Encíclicas. Foi muito influenciado pelo pensamento de John A. Ryan. Quando este criou a National Catholic Welfare Conference, em 1920, McGowan era Diretor Assistente de Ryan. Roosevelt o nomeou para a Comissão sobre assuntos sociais relacionados à Porto Rico. (The Catholic News Archive, 1962)

partes. O controle estava presente para os donos das empresas e para os bancos: “After an earlier career of battling individualism American business entered the stage of concentrated wealth and power and lust for domination. A fringe of competition remained. The fringe grew deeper in the depression. Yet the man who figured that some 200 non-banking corporations and some 100 banking corporations dominate was probably correct. Furthermore, a handful of men were and are in control of these companies.” O autor diz que o Papa Pío XI descreveu como este tipo de situação levava a uma ditadura econômica, ao nacionalismo econômico, imperialismo dos banqueiros internacionais, assim como muitas vezes a queda de governos: “More specific to an economic régime, he said that still less than competition can such a condition guide economic life to the common good.”

O NRA para este autor representa uma tentativa inicial de lidar com estas questões, porém “Its touch has been light, its roar that of a dove.” Escreve categoricamente que “The truth is that nothing short of the full program of economic organization in Pius XI’s ‘Reconstructing the Social Order’ will make economic life serve the good of all.” Seria o NRA acrescentado de alguns outros pontos, em que a produção, distribuição, serviços e profissões são organizados como um todo entre si. Seriam unificadas e organizadas, controlando e dirigindo toda a vida econômica e suas diferentes partes, levando ao objetivo de trabalho e bem comum. A diferença entre como deve ser e como o NRA faz esta apontada neste parágrafo: “These organizations of the separate industries and professions are, it seems clearly, composed of employers’ associations and labor unions in city industry and of other types of lesser bodies in occupations not so divided between owners and non-owners. The NRA on the other hand unites only employers and organizes only industry and trade.” A encíclica chama essas organizações de guildas, seria o sistema de guildas que iria curar a sociedade baseado na Justiça Social e na Caridade Social, assim como na conciliação entre as classes, com todas trabalhando juntas pelo bem da nação e do povo.

Um ponto muito importante seria colocar os empregados juntos com os empregadores para ajudar na unificação e na organização das indústrias:

“Employees are interested in steady work at fair pay and not in cutting production and raising prices to obtain maximum profit. On the inside they can help the general public to get steady and large production at fair prices and can go far to make wages living wages and to fix both wages and hours at points that give steady work.” Outras sugestões das Encíclicas sugeridas pelo autor incluem “such as profit sharing, distribution of ownership, partnership and the degree of government ownership necessary.”

Estas guildas iriam garantir que, ao mesmo tempo em que fossem melhoradas as questões trabalhistas, como salários, horas de trabalho, etc, estariam garantidos também os direitos naturais como o de propriedade: “Certainly these rights will be limited to meet social needs; but that is of their nature. Certainly the natural right of ownership will then be not the inheritance of the few but normal to normal men; again that seems proper.” Se a economia não fosse organizada, isso poderia levar ao comunismo ou ao fascismo. Aqui podemos observar como para muitos intelectuais católicos a organização da economia era a base para evitar os extremos do comunismo e do fascismo.

Johannes Mattern²⁴, em sua coluna do dia 28/09/1934, intitulada “Thoughts on the New Deal”, mostra sua visão discordando dos fundamentos econômicos do New Deal, mas acreditando na sua defesa da moral católica. Para este autor, o New Deal possuía erros econômicos, porém acertava em colocar os princípios da DSC na economia, como a possibilidade de organização dos trabalhadores e dos empresários e da conciliação entre essas classes baseadas no sistema corporativo defendido na *Rerum Novarum*. Mostra como a oposição ao New Deal acreditava que, da mesma forma como os EUA conseguiram resolver crises passadas, iriam conseguir resolver aquela caso mantivessem a ordem das coisas, como elas funcionavam. O mercado iria se auto regular: “Nature, through its own laws, would take care of overproduction, of underconsumption, of faulty distribution, of unemployment, and of all the evils in their trail.” O New Deal, portanto, estava sendo um empecilho para a natureza poder agir.

²⁴ Foi professor de Ciências Políticas na Universidade Johns Hopkins.

Para este autor, a questão era que a moral não fazia parte do sistema anterior. Portanto, o New Deal estava ali para colocar a moral católica dentro do capitalismo. Além disso, para ele, diferente das outras crises, “our social structure has become more complicated: industry has become more intensified, trade and commerce more interdependent, the relations of employer and labor more strained.”

Entre os que apoiavam o New Deal, havia uma minoria que afirmava ser necessário pensar primeiro na recuperação econômica, depois nas reformas. Para estes, portanto, a recuperação poderia vir sem as reformas. Os criadores do New Deal, assim como a maioria dos seus apoiadores, pensavam diferente. Para eles, era necessária uma grande reforma que levaria à recuperação econômica: “But certain it is that the great majority of the supporters of the New Deal agree with its promoters in the demand for a deep-reaching regeneration of the spirit and practises of business.” Para o autor, “Hence the promoters of the New Deal proceed to guide, regulate and control the relations of business, labor and consumer as the basic units of our social structure.” O New Deal tinha como objetivo induzir as empresas a realizarem acordos com seus trabalhadores e consumidores, pensando no relacionamento mútuo entre todas as instâncias: “Such relations depend essentially upon prices charged and paid for goods produced and sold, services rendered, and wage paid to those producing goods and rendering services.”

Mattern acreditava que o New Deal funcionava na teoria. Porém, na prática beneficiava as empresas mais do que os trabalhadores e os consumidores. As empresas tinham as vantagens de organização mais fácil e poderosa, podendo utilizar esta organização para conseguir mais nos acordos. Conseguiram, assim, termos mais favoráveis para si em relação a preços, salários e horas de trabalho: “Labor, at best only partly organized, is weakening itself by the struggle over the closed and open shop, and for the recognition of the free union as against company union favored by business. The consumer is not and cannot be organized effectively as a class.” Roosevelt estava tentando resolver isso, auxiliando a criação de sindicatos trabalhistas e fortalecendo estes para terem voz mais forte nas negociações. Para os consumidores, Roosevelt criou órgãos governamentais para proteger seus direitos, como o Consumers’ Advisory Board e o Consumers’ Counsel.

Portanto, a relação entre capital e trabalho também envolvia o elemento do consumo e dos consumidores. Era uma analogia na arena econômica do sistema partidário e dos lobbys na esfera política: “According to this conception, prices, wages, hours and condition of labor are to be established in agreements formulated as the result of the free interplay of the dynamic forces of business, labor and consumers’ interests. Each will try to secure for its own side as much as possible, and the other will try to concede as little. The government will be the umpire in the game, nothing less and nothing more.” Para o autor, Roosevelt queria com isso colocar a moral dentro do meio empresarial e industrial, por isso concorda com esta missão e no New Deal, acreditando que este iria obter sucesso. Para isso, todos deveriam ter esta atitude de valorizar a moral, assim o New Deal poderia ser bem-sucedido para todos: “The demand of the hour transcends the need of recovery and reform, even that of a new social attitude; it calls for a reexamination of the concept and a reform of the practises of democracy.”

Para Ryan, como demonstra em sua coluna do dia 13/04/1934, intitulada “New Deal and Social Justice”, o New Deal era a aplicação da DSC dentro dos EUA. Do ponto de vista da reforma econômica, era um programa que tinha como objetivo trazer de volta os empregos para os desempregados: “That aim is obviously in close harmony with the demands of social justice.” As medidas tomadas pelo Congresso americano para diminuir o desemprego eram totalmente autorizadas pela Rerum Novarum, de Leão XIII, pois este sempre defendia fortemente o dever do Estado de intervir em situações como essa: “Hence the construction of public works and the reduction of the working week specified in the various industrial codes under the NRA, are in exact agreement with Catholic social principles.” Outra medida que ia de acordo com a DSC era a de fixar um mínimo salarial, que deveria ser justo e digno: “While the minimum rates actually set in the codes do not reach the level demanded in “Quadragesimo Anno,” they do recognize the ethical principle of a decent minimum as against a minimum fixed by “free” contract and the higgling of the market.” Outro objetivo do New Deal era acabar com a competição injusta, o que também ia de total acordo com a DSC, pois uma competição justa “means justice not only to competing business men but to the wage earners.” Outras propostas do New Deal que iam de acordo com a DSC eram a de limitar o lucro excessivo para

levar a uma melhor distribuição de renda, um dos princípios fundamentais da DSC, e a do artigo 7^a, que possibilitava a organização dos trabalhadores para negociar.

Em relação a reforma econômica, Ryan afirma serem necessárias reformas grandes para evitar novas crises: “Excessive investment, superfluous producing capacity and inadequate consuming power in the hands of the masses would again set in motion all the familiar phenomena which produce industrial recession.” Era necessário rejeitar o *laissez-faire*, o liberalismo econômico e o individualismo: “President Roosevelt and the most enlightened members of his Cabinet are aware of these implications, and they have frequently declared that an end must be made of unlimited competition and on domination.” O Papa Pio XI queria uma nova ordem jurídica e social em toda a atividade econômica com o espírito da justiça.

As organizações trabalhistas eram um grande avanço em direção as organizações propostas pelas encíclicas, porém precisavam de mais alguns avanços: “The principal additions required for this purpose would be full participation by labor in drawing up and administering the codes, and labor sharing in management, profits and ownership.” Para conseguir tomar todas essas medidas, a solução econômica seria aumentar os impostos dos mais ricos: “The activities and aims of the new deal point inevitably to heavy taxation of large incomes and inheritances. A considerable increase of taxes will be necessary to meet the interest on and amortization of the bonds issued to finance public works and the other expenditures of the Recovery Program.” Isto iria possibilitar os programas públicos, beneficiando toda a sociedade: “This proposal is in evident harmony with Catholic principles. As a fiscal measure, it complies with the well-known principle that taxes should be levied in proportion to ability to pay.” Para Ryan, “If all workers can be kept employed at good wages, general prosperity will be assured.” Este seria o melhor caminho para se obter a Justiça Social: “A better distribution through taxation and expenditure for employment on public works and institutions seems to provide in our society the most practical way of realizing the ends laid down by the Holy Father.”

O ponto principal, porém, ainda era outro: “The social order envisioned by the new deal resembles that demanded by Pope Pius XI in a still more fundamental way than has thus far been considered. It implies an economic

system that is neither individualism nor socialism.” Esta era a questão principal. Seria uma maneira de proporcionar o auto gerenciamento de todas as indústrias em um sistema corporativo: “In a word, this social order would provide a *via media*, perhaps the only possible *via media* between capitalism and Communism.”

4.2.3 AS CAUSAS DA GRANDE DEPRESSÃO ECONÔMICA E OS NOVOS PROGRAMAS DO NEW DEAL

Ryan explica sua visão sobre as causas da falência do capitalismo individualista, que não pensava também no social. Ele afirma em uma Book Review “De Profundis”, do dia 10/02/1932, que existiam “ millions of futile words on the depression released by thousands of financial and industrial leaders in the last two years.” Não havia nada mais para ser descoberto sobre a causa e a cura da grande depressão. Desde o início era obvio para Ryan que a causa era a tentativa da indústria de produzir sem pensar no consumo: “In other words, it has refused to give the working classes sufficient money to buy all the goods that it wanted to sell.” O remédio também era óbvio: “Equally obvious is the remedy: to redistribute consuming power in such a way that those who want to buy more will have the money to do so.”

De acordo com Ryan o plano de Hoover de expansão do crédito era inadequado, pois a depressão econômica não seria curada por manipulação do crédito: “neither credit nor confidence will revive industry unless the producers of goods can find purchasers; they cannot find purchasers until the millions upon millions whose purchasing power has been destroyed or curtailed come into possession of adequate purchasing power.” A principal forma de fazer isso, seria criar obras públicas que gerariam empregos para a população, aumentando assim o seu poder de compra.

Em sua book review “The Socialist Problem”, do dia 06/07/1932, Ryan critica o comunismo por acreditar que a guerra de classes iria levar a guerra geral e a ditadura. Para ele, deveria ser seguido o caminho da paz e democracia. Ao falar de economia, diz que a maioria dos programas com propostas para salvá-la controlando-a eram “not plans but incantations.” Alguns eram capitalistas de

sindicalismo, que mesmo que funcionassem por determinado período, não iriam trazer verdadeira prosperidade ou igualdade econômica. Este autor prefere planos que envolvam a utilidade pública ao invés do lucro privado, e para isso seria necessário posse coletiva de determinadas empresas e o controle de determinados aspectos da economia, mas com equilíbrio. Isso seria compatível com a democracia política e com a liberdade dos consumidores de escolherem seus produtos, assim como a liberdade dos trabalhadores de escolherem seus empregos, e com certeza seria melhor do que concentrar o capital e pensar somente no lucro. A ética da caridade da Igreja é incompatível com o foco somente no lucro do capitalismo, por isso defende a relação entre religião e economia e que o crescimento econômico e o bem-estar social dependem totalmente de suas bases religiosas.

Ryan criticou fortemente defensores das ideias econômicas de Hoover, que acreditavam que a grande depressão havia sido causada por fatores externos, sem pensar alguma relação com a economia dos EUA. Defendiam Hoover achando que o presidente fazia o que tinha que fazer. Ryan diz não entender como era possível alguém ter este pensamento, ainda mais com os dados econômicos de desaceleração e o desemprego aumentando. Em uma ocasião, ao responder alguém que defendia Hoover, Ryan respondeu, ironicamente, “No comment is necessary.” para Ryan o governo Hoover estava se distanciando cada vez mais das doutrinas da Igreja Católica, sejam elas econômicas, políticas ou sociais.

Pensando na reforma do capitalismo, Ryan diz na book review “The Question of the Hour” do dia 30/11/1932 que a causa principal da desmoralização econômica “is human greed, while the secondary causes are, mainly, abnormal production, speculation, and abuse of credit.” Este governo estava lidando de forma errada com a depressão econômica, acertando apenas em alguns pontos. O que as empresas realmente estavam precisando era de consumidores, não de crédito. Acredita que o capitalismo pode ser reformado adequadamente sem mudanças drásticas, e em um período relativamente curto: “The primary need is the redistribution of wealth so as to place buying power in the hands of those who will make a sufficient use of it to keep our industries going.”

Recomenda uma regra geral que serve para tudo: “Do unto others as you would be done by.” Diz sobre esta Golden Rule que “if a fraction of the effort were

exercised to apply the Golden Rule in their business relations that is spent in devising substitutes for it, universal happiness would prevail instead of continual injustice and misery.”

John Marion Egan diz em sua coluna do dia 20/07/1934, “The Case For Decentralization”, sobre o plano de Roosevelt, que este era muito abrangente e que estava tentando tomar medidas econômicas que poderiam ser diferentes em cada estado, por isso este autor defende a descentralização econômica: “true liberalism in government must necessarily support the Jeffersonian principle of decentralization, and that the recent history of congressional legislation shows that constitutional decentralization cannot be maintained without a strong, independent Supreme Court to hold the national legislature within its constitutional bounds.” A questão do desemprego internacional, que tomava proporções gigantescas, provava que, ao invés de grande ação nacional, o que o Estado necessitava eram limites constitucionais “not only to restrain the patronage-seeking national legislature from meddling in matters which can be handled more satisfactorily by the local governments and avoid strait-jacket restraints upon individuality and progress, but also to protect democracies from the usurpations of fanatical minorities, civil wars, and merciless oppression of other minorities during such periods.”

Novas medidas apropriadas para o novo momento do New Deal foram propostas por Michael O’Shaughnessy em termos de organização industrial. O’shaughnessy era o organizador e diretor da League for Social Justice, possuindo papel fundamental no movimento que desejava uma reconstrução da ordem industrial americana que incluísse também os princípios da Justiça Social. Sugere conselhos e sindicatos industriais para cada indústria.

O autor afirma em sua coluna do dia 24/08/1934, intitulada “The NRA and Prices”, que o governo possibilitou para todos os tipos de indústrias a possibilidade de eliminar a competição destrutiva, pagar salários dignos para seus trabalhadores, restaurar o poder de compra das massas, sem aumentar os preços para os consumidores. Porém, muitas empresas decidiram não cooperar, não dando para os trabalhadores e para o público o que deveriam receber: “Shortly after the law was passed, it became apparent that management of industry was unable or unwilling to curb their greed and selfishness and to assume their responsibilities and duties in a straightforward manner in the

partnership with government, to bring about self-government in industry with the assistance of the NRA officials.” A gerência das empresas tentava sempre novas formas de prejudicar a organização coletiva dos trabalhadores para negociar e aumentavam os preços para os consumidores sem justificativa. Portanto, para este autor, “We must return to the original proposition of self-government by industry under federal government supervision.” Assim, as gerências das empresas seriam forçadas a realizar suas responsabilidades para com a nação e o povo, realizando o desejo da concepção cristã de ordem industrial, ou seja, uma ordem baseada em preços justos e salários dignos. O preço justo dos produtos, para a concepção cristã, seria um preço que garantiria o salário digno dos trabalhadores e o valor necessário para os empresários viverem dignamente e manterem a economia, a produção, e a indústria se movendo.

Esse autor defende também o congelamento de preços dos produtos, afirmando que quem era contrário a este eram os individualistas que pensavam somente em alguns aspectos da economia e em suas carreiras políticas: “Prices must be determined either by human intelligence seeking to do justice as among producers and consumers, which is the ‘just price,’ or by Laissez-faire, in which capital sweats an unjust profit out of labor, which is the competitive price.” O capitalismo de Laissez-faire defende preços determinados pela demanda e pelo consumo, porém não era o que acontecia na prática nos EUA, onde os preços dos produtos aumentavam mais do que deveriam. Por isso era necessária uma intervenção estatal para o congelamento de preços. Como poucos podiam pagar os preços definidos de maneira a aumentar o lucro do capital, o consumo diminuía.

De acordo com O’Shaughnessy, o processo estava invertido. O que deveria determinar os preços dos produtos eram o salário justo dos trabalhadores, que garantisse o consumo destes. A demanda deveria regular o abastecimento: “The present economic instability is the result of too high wages for money and too low wages for human beings, which condition causes social insecurity and the instability of all property values.” Portanto, deveria ser modificada a forma do capitalismo, para fazer o preço das mercadorias serem baseados nos salários dignos dos trabalhadores. Os salários dignos para os empresários seriam aqueles que possibilitariam estes conseguirem continuar possibilitando a produção destas mercadorias.

Para tudo isto ser realizado, o autor sugere a criação de um super conselho de nove pessoas para cada indústria, composto por 3 representantes do capital, 3 representantes dos trabalhadores, e 3 representando a população geral: “The duty of this Super-council would be to determine the broad lines of policy to govern each of these major industries, to fix just prices for commodities, living wages for workers and fair wages for the actual capital employed in industry.” Um Supreme Council deveria ser criado com 3 membros de cada conselho, um de cada grupo, para fiscalizar de maneira geral todos os outros conselhos e garantir sua aplicação. Preços mínimos e máximos deveriam ser definidos pelos conselhos: “Maximum prices are to protect the consumer and minimum prices to prevent destructive competition, and the difference between the two will provide ample scope for private initiative to compete on superior quality and service.” Assim, a própria indústria iria se fiscalizar, ao invés do governo federal fazer isso, o que gerava críticas. A própria indústria, e todos os seus setores envolvidos, iriam se auto ajudar sabendo que seria para o seu próprio benefício. O objetivo principal desta empreitada seria “to adopt measures to curb our greed and selfishness and use our brains to rationalize the economic life of the nation on the firm foundation of social justice.”

John Ryan, em seu book review do dia 30/11/1934, intitulado “An Altered Liberal”, analisa o livro de David Lawrence, “Beyond the New Deal”. Para Lawrence, um defensor do capitalismo auto regulado sem intervenção, deveria ser proibida a organização de trabalhadores em sindicatos. Para ele, depressões econômicas nos EUA eram raras, uma das evidências de que o capitalismo sem intervenção era positivo. Ryan, porém, discorda desta afirmação, mostrando que desde 1790 houve 29 grandes depressões econômicas.

Para Lawrence, o New Deal estava atrapalhando a recuperação econômica, porém não apresentou nada que comprovasse esta teoria: “The author gives no indication that he has yet grasped the fundamental fact that we can neither get out of this depression nor avoid another depression without a large diversion of the national income from the richer classes to the masses who would spend the money for the products of industry and thus keep industry going.” Ryan critica este autor por não apresentar nenhuma outra solução ao New Deal.

Rawson L. Wood defende em sua coluna "The Union Program is Obsolete", do dia 23/02/1934, a existência dos sindicatos mas afirma discordar de muitas de suas reivindicações. Para este autor, dentro do New Deal havia muito controle governamental e intervenção do governo em várias áreas para criar o ideal de justiça social que o presidente desejava, e que realmente o *laissez-faire* sempre foi indiferente sobre este tema. Porém, seria uma incongruência que, dentro do New Deal, o valor dos salários fosse deixado para ser determinado pelo mercado:

"in this case the only attempt at regulation has been the fixing of minima which are expected to apply to only a small fraction of the wage-earning population. For the rest, the problem has been thrown back into the open market and left to the relative strengths of the unions and the employers to decide, with the famous clause 7a inserted to bolster up the bargaining power of the former."

Wood discorda dos que defendiam que ao fortalecer os sindicatos os salários iriam aumentar em algum momento: "It is true that isolated unions, such as the printers, boot and shoe workers, and the railroad brotherhoods, have done much toward improving the condition of their members." Porém "The simple fact is, however, that unionization can help the worker only as long as it remains partial and incomplete. The greater success the unions have in enforcing their demands, the less will be the gains of the workers." Ele justifica isso afirmando que, se os sindicatos conseguissem aumento de salários, os preços dos produtos seriam aumentados também: "Yet this is the logical extension of the union program, and its adoption as a satisfactory" labor policy by the administration shows that the problem has not yet been thought through."

Existiam duas soluções. A primeira seria controlar os preços para que o aumento dos salários fosse pago pelo lucro das empresas, o que seria arriscado pois poderia levá-las à falência. Um plano melhor, para este autor, consistia em taxar os grandes salários de maneira que cada empresa contribuísse com uma pequena porcentagem. Portanto "the union program is an unreliable weapon in

the struggle for a fairer distribution of wealth, and its limitations should be clearly realized by those now sponsoring it.”

James Blaine Walker, Jr critica a visão individualista presente nos Estados Unidos em sua coluna intitulada “American Coletivism”, afirmando que “For my part, the topic which more than any other causes my flesh to creep, is the use of that hoary, inept expression, ‘American individualism.’” Ele afirma que este termo é ambíguo e utilizado por políticos do Partido Republicano para descrever o que ele chama de “Republican abracadabra”, um meio fantasioso de “solving all social and political problems for which no practical solution is ready at hand.” Este autor define o individualismo americano como “a strong pioneer spirit of initiative, combined with a large proportion of personally defined liberty of action.” Este princípio acabou levando problemas para os EUA, pois o individualismo na produção gerou interpretações de que não seriam necessárias medidas estatais na economia: “one wonders whether radically changing economic conditions do not call for somewhat different qualities in the future.”

O autor defende então a substituição do individualismo americano para o coletivismo americano, pois este seria “the idea of attempting the stabilization of improved economic conditions by accelerating that trend toward extended group activity, already strongly manifest in business in the United States”, o que “provides a practical basis for greatly extended cooperation in the future.” Isto seria uma evolução natural da industrialização, o próximo passo consistindo em “the perfection of inter-company organization into coordinated groups for each industry through the media of these trade associations.” Era uma visão corporativista na qual o autor defende essas trade associations alegando que elas iriam melhorar as práticas comerciais e eliminar a competição injusta. “Any business man will be able to verify this.” Defende aqui a união de empresas em conglomerados maiores, e a cooperação entre diferentes empresas do mesmo setor, afirmando que todos os homens de negócios conhecem certamente diversos casos em que as condições industriais melhoraram devido à cooperação entre diferentes empresas ou das atividades de trade associations, afirmando que existia uma “tendency toward even greater activity of this kind.”

Uma outra visão sobre o individualismo é apresentada na Commonweal por Elmer Murphy em 1931 na sua coluna “The Vanishing Individual”. Este demonstra existir uma diversidade de opiniões dentro do meio católico sobre o

individualismo e sobre a interferência estatal. De acordo com este autor, após a Primeira Guerra Mundial, conhecida naquele momento como a Grande Guerra, os países começaram a pensar de forma mais coletiva, colocando os indivíduos em segundo plano. O autor escreve que “John Jones finds it more difficult to stand on his own feet as an honest, intelligent and industrious human being, a friendly neighbor, perhaps the father of a family.” Ele escreve também que “Perhaps the individual, with his back to the wall, has just begun to fight back”. É uma defesa do individualismo, que deveria também ser valorizado.

Murphy utiliza uma frase do Cardinal O’Connell em que este fala sobre os limites da interferência estatal, colocando em um lado o Estado que tenta aumentar sua influência e no outro o povo que tenta defender suas liberdades: “Over against the constant and universal tendency of the sovereign power in the state to enlarge its dominion and to invade the rights of its subjects stands another tendency just as universal, the tendency of the people to defend their liberties and to restrain the encroachments of their oppressors.” Isto seria, para o autor, uma luta para defender a democracia e as liberdades individuais: “Thus has an age-long strife ensued—the strife between democracy and despotism, between the freedom of the individual and the supremacy of the state.”

Para Murphy, a tirania pode aparecer de diversas formas e estar escondida: “Getting rid of tyranny has not been so simple a matter as decapitating a tyrant.” E complementa: “Absolute kings and princes have gone into the discard, but absolutism marches with confident tread.” No século XX, para este autor, o indivíduo estaria lutando batalhas econômicas, políticas e sociais: “On the economic side, he is struggling to escape becoming a cog in a vast industrial machine over which he has no direction or control. On the political side, the expanding state is reducing him to the level of a statistical unit. On the social side, his status is becoming fixed more by his membership in a group or class than by his individuality.” Voltando ao “John Jones”, ele diz que este está cada vez menos um homem crente e que se baseia nas palavras de Deus e nas suas recompensas, e mais um ser social, político e econômico que tenta se encaixar dentro do mecanismo colossal construído para dirigir o destino comum.

De acordo com Murphy, quem liderava esta completa supressão do indivíduo com o comunismo era a Rússia: “Men and women ceased, in theory, to be human beings able to think their own thoughts, do their own tasks, have

their own friends and pray to their own God in their own way.”. Os indivíduos haviam sido transformados em trabalhadores para a “nebulosa entidade” que era o Estado Soviético. O mesmo estava ocorrendo na Itália Fascista, em que o indivíduo havia perdido todos seus direitos e suas características próprias para ser somente parte do Estado Neo-Romano: “Italy did not go as far as Russia, but it followed the same road.” Os outros países europeus estavam seguindo o mesmo “political gospel”. Era mais leve que o comunismo russo, e levava mensagens acolhedoras, como por exemplo: “homeless were to be sheltered, the destitute fed and clothed and the idle protected against the threat of starvation.” Porém, o autor afirma que isso acabaria por levar ao fascismo e ao comunismo: “To say that it is the obligation of the state to feed and clothe its citizens is merely another way of saying that the citizen exists for the state.”

Os EUA, para o autor, é o país onde as liberdades individuais continuam mais fortes, graças à sua Constituição e à forte tradição política: “But it is under constant attack”. O Estado estaria cada vez mais supervisionando e dirigindo a vida dos indivíduos, incluindo sua alimentação, seu ambiente, entre outros aspectos, e afirmando para seus cidadãos que eles deveriam contar cada vez mais com o Estado e menos em seus próprios recursos e habilidades. “He is encouraged to believe that his lot is made more by external circumstances and less by his own effort. Drunkenness is a collectivistic, statistical crime, not an individual shortcoming.”

Albert A. Chevalier traz uma outra visão de individualismo em sua coluna do dia 20/04/1934, “Un-individuals or Persons”, afirmando que o comunismo tentava destruir na verdade a personalidade, não os indivíduos. Para ele, um indivíduo é somente um número, algo material, que tem sua função sendo parte de um todo maior: “In fact, the source of individualism is matter. Logically, therefore, no one but a materialist should think that individuality is the most important quality in man.” Ele diferencia indivíduo de personalidade, afirmando que esta “is that which makes a man a man, or, in other words, a rational and free creature. It is that which makes of man his own real self. It is that which makes a man more or less free and independent of material things, of his fellow man and of his own baser nature. It is that which makes of a man a Whole by himself.” Personalidade é o que faz as pessoas serem sagradas, é dela que vem as artes,

a ciência, o governo, a religião, etc. A personalidade deve ser o verdadeiro objetivo dos indivíduos, o que leva a dignidade para estes.

O comunismo tentava então destruir não o indivíduo, mas sim a personalidade. É um sistema que tentava destruir qualquer vestígio de personalidade nos indivíduos, dando o que deveriam ter de comida, roupas, luxos, e “What, therefore, should be the ultimate earthly ideal of the human race and of each individual? The development of personality. What should be the ultimate goal and, consequently, the ultimate norm of all earthly governments? ‘The guarantee to each individual of the free pursuit of life, liberty and happiness, or, in other words, of the possibility of developing his own personality.” Para atingir este objetivo, seria necessário tranquilidade financeira para todos, e o governo não pensava nisso até recentemente. Pelas condições existentes a partir da crise de 1929, o governo entra na arena econômica intervindo para possibilitar para todos a busca pela personalidade: “If it were to continue its ancient laissez-faire policy, human greed and modern natural tendency of wealth to concentrate itself more and more would destroy the common individual’s possibility of developing his personality as it should be developed.” O governo deveria intervir até o ponto em que garantiria a liberdade pela busca da personalidade para todos: “It is up to the state, therefore, to see to it that all individuals enjoy that nature-given right and duty to develop that germ of genius, that sacred spark, which every man has received in a greater or less degree.” É por este motivo que, ao invés de ser uma usurpação do Estado distribuir a riqueza de maneira legal, é na verdade uma obrigação. O Estado deve garantir que não vai acontecer de “the poor to be unlawfully exploited, in permitting any of its individuals to enslave even the lowliest personalities with financial meshes.” O governo deveria garantir eficientemente para cada indivíduo a busca pela personalidade, assim iríamos voltar a ver “that flowering of genius, of personality in painting, in sculpture, in music, in literature, in science, in religion, which at times in the past has made this world a really beautiful place in which to live, after all.” Seria necessário o governo remover obstáculos “and once more the human race will put forth those noble strivings toward its high goal.”

4.3 QUESTÃO SOCIAL

4.3.1 O CORPORATIVISMO CATÓLICO COMO SOLUÇÃO PARA A QUESTÃO SOCIAL E PARA A RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES

Gerhard Hirschfeld, em sua coluna “American Socialism”, do dia 30/11/1932, defende a criação de grandes programas, porém não caindo na ilusão do socialismo. Para este autor, o socialismo poderia ser bonito na teoria, mas na prática era diferente. Para ele “The socialist movement has assumed a significance in the political life of our nation which will not and cannot be denied.” O partido socialista era a representação política do movimento socialista, e existiam grupos como o Young People’s Socialist League, os quais tinham como doutrina a “gradual public ownership of railroads, communications and public utilities; compulsory unemployment compensation; social insurance; steeply increased taxes on the higher brackets, and so on.”

O partido socialista americano fazia parte de um movimento internacional, a Second International, e dizia possuir “a larger organization than all of the minor parties put together, a better leadership, a bigger press, more political experience, and a program which is adapted to the American situation.” O autor diz que podemos inverter esta parte e afirma que foi a situação americana que promoveu o socialismo, devido aos erros do capitalismo, sendo “The result of the masses’ repugnance to the existing order.” Para entender o socialismo é necessário estudar o contexto em que se desenvolve. De acordo com este autor, o capitalismo existe desde sempre, começando de forma primitiva, e depois de forma mais organizada, enquanto o socialismo até aquele momento não tinha história ou tradição para se basear. Era uma doutrina e uma teoria ainda não testada que desejava criar um modo muito bonito e diferente do existente. Desejavam igualdade, justiça econômica e social, assim como direitos políticos e civis. O autor diz que do ponto de vista moral a doutrina socialista é muito justificável, porém não é possível na realidade ser aplicada devido ao elemento humano do desejo material, no capitalismo representado pelo lucro, que por sua vez representa muito mais do que dólares ou centavos, mas sim uma representação de segurança, poder, prestígio, influência, independência, e também “considerations of family, of home or of leisure.”

Para este autor, o socialismo “has paid little or no attention to this particular working of the human element. Yet it is the controlling force in any sort of economic endeavor.” Alguém que procura emprego está procurando para cuidar da sua família, um novo carro, juntar dinheiro, etc. Há um equilíbrio necessário entre horas de trabalho e lazer, pessoas que ganham mais e trabalham mais, com pouco tempo para aproveitar outros aspectos da vida, enquanto outros ganham menos e podem trabalhar menos, conseguindo aproveitar mais esta. O ideal seria trabalhar menos e ganhar mais, podendo aproveitar a vida: “There is balance in this, and I have so far been searching in vain for a reflection of these varying degrees of satisfaction, material or spiritual, in the Socialist gospel.” O objetivo de conseguir mais dinheiro dos trabalhadores e dos empresários é o mesmo, a mesma motivação: “It is by this force of individual desire, whether it is for a living wage or a fortune, that the capitalistic structure could outlast the centuries.” O socialismo não considera esta parte. Sem considerar o indivíduo, não considera a natureza humana: “For if there is anything absolute and insuperable in this world, it is the truism of human nature, of faith in one’s own righteousness, and of individuality, regardless of whether the individual or the community is the beneficiary.” Isso tudo pode ser regulado, mas nunca negado. O capitalismo tenta agir sempre dentro do humanamente possível, enquanto o socialismo não, e por isso deveria ser aprimorado, não substituído.

Nicholas Berdiaeff²⁵ em sua coluna “Christianity and Communism” discorre sobre os perigos do comunismo para a civilização cristã. Este autor tem uma história interessante, tendo sido expulso da Rússia pelo Czar por ser socialista, tendo retornado depois da revolução somente para ser expulso pelos bolcheviques por não ser socialista o bastante. Para ele, o comunismo era um perigo não só para a Rússia, mas para o mundo todo, sendo necessário acordar a consciência cristã para lutar. Diz, porém, que o capitalismo também era um perigo que deveria ser combatido na mesma intensidade: “The criticism of Communism does not mean a defence of capitalistic interests.” O capitalismo é construído “on the basis of personal interests, of egoism, of merciless competition, which prostrates itself before the Golden Calf, before the power of Money.” coluna Christianity and Communism O comunismo, por sua vez, “rejects

²⁵ Filósofo e teólogo russo, de origem aristocrática. Para Lowrie (1960) era ortodoxo na teologia cristã, porém vanguardista em suas críticas ao marxismo e à burguesia.

God, rejects the absolute value of human personality, rejects the spirit and inner spiritual life, rejects life eternal and makes a god of our life here upon earth; when it teaches hatred and violence—it becomes profoundly antichristian and is imbued with the spirit of Antichrist.” O comunismo não foi o primeiro a ser assim, estava seguindo o caminho criado pelo capitalismo:

“Communism borrowed its godlessness from the bourgeois-capitalistic world, from the bourgeois philosophy of the eighteenth century. For a long time godlessness had already been poisoning the human souls of the civilized world. But very often it was hypocritically veiled. The godlessness of Communism is open and militant. The capitalistic world made use of God and of religion to further its own interests. Communism sees no advantage for itself in doing so. Therefore its godlessness is transformed into a persecution of religion.”

O único modo de vencer o comunismo seria com o verdadeiro Cristianismo: “real, vital Christianity, bearing fruit in actual life, newly vivified by a heroic spirit. Communism must call forth a creative reaction of true Christian being, of Christian self-sacrifice, Christian sincerity and earnestness.” Alguns aspectos do comunismo, porém, poderiam ser considerados corretos, até mesmo cristãos: “The falsehood of Communism lies not in its social-economic or political aspect, to which the attention of the frightened defenders of the existing social order is riveted. Here Communism has even got hold, though in a perverted manner, of a certain Christian truth.” O comunismo estava errado em “above all, in its spiritual essence, in the spiritual slavery, which it is offering to mankind. The rejection of God, a continuous, militant, final rejection, inevitably leads to the rejection of man. Both God and man are replaced by the coming social collective body.” Aqui o autor explica o motivo do Cristianismo não estar associado a nenhum sistema econômico, mas sim possuir as bases nas quais qualquer sistema econômico, político e social deve se basear: “Christianity cannot be contrasted with any kind of economic system, and there exists no economic system that would be binding for all Christians of all times and all countries. Social

order changes with time; it is built up by men. Only the spiritual foundations of society may be eternal.”

Sobre o papel da Igreja nas relações trabalhistas e direitos dos trabalhadores, a Commonweal defende a opinião de Frederick Lynch, grande defensor da paz social, sobre a posição de líderes trabalhistas sobre a religião e seu papel: “The status of religion in the world of economic and social facts is not clear, and there is certainly need for “the cultivation of mutual understanding.” Em sua coluna “Labor and the church”, Lynch comenta sobre um simpósio que reuniu 31 líderes trabalhistas de diversos países, como EUA, Grã-Bretanha, Bélgica, México e Japão, para debater a relação entre a Igreja e as massas. A conclusão do simpósio foi de que a maioria dos trabalhadores iria apoiar muito fortemente a Igreja se sentisse que ela estivesse no seu lado. Porém, para esses trabalhadores, não era o que estava acontecendo. Estes não viam a Igreja sempre concordando com suas reivindicações, o que para Lynch e para a Commonweal era uma posição correta por porta da Igreja. Para eles, a Igreja não deveria ficar no lado de nenhuma classe específica, como capitalistas, agricultores, trabalhadores, etc: “The church is supposed to be the home of all people, and the only time she can take the side of labor is when labor is the victim of some injustice or is working to rid industry of some abuse or is striving for a living wage.” O papel da Igreja seria o de conciliar os interesses das diferentes classes. Os trabalhadores nem sempre estavam certos em suas reivindicações: “It is not at all true that in the various industrial disputes labor is always right and capitalism always wrong.”

A Igreja sempre tenta estar junto com todos, melhorar as condições para todos. Muitos trabalhadores queriam que a Igreja fosse totalmente voltada somente para os trabalhadores e seus sindicatos. Esta frequentemente tentava melhorar as condições de vida dos trabalhadores e apoiar suas causas, muitas vezes sendo inclusive criticada por muitos que discordavam destas medidas: “For many years the Federal Council of Churches has been issuing a Labor Sunday message.” E complementa: “The National Welfare Conference of the Catholic Church has taken some very advanced stands in its pronouncements—and always in favor of labor.” Critica os métodos dos trabalhadores de tentar conseguir mais direitos, como greves, afirmando que “it is a fact that many close

observers of industrial changes believe that the churches have done more by their pronouncements and sympathy to win for labor its higher wages, its shorter hours, its improved conditions, its recognition than has labor itself with all its strikes and agitations.” Inclusive afirma que a melhor amiga dos trabalhadores é a Igreja: “One is a little surprised that so many labor leaders attack, or at least look with contempt upon, an organization which has been the best friend labor has had.”

Em sua coluna Lynch também comenta sobre a opinião muito diversa de líderes trabalhistas britânicos. Alguns elogiavam a Igreja por sua atuação política e social, enquanto outros diziam acreditar no papel da religião e de Cristo na questão social, mas criticavam a Igreja dizendo que ela não estava fazendo o que deveria. Havia ainda os comunistas e socialistas radicais, de diferentes países, principalmente soviéticos, que criticavam abertamente a tentativa da Igreja de influenciar a política e a sociedade. Para estes, “Religion is the enemy of all progress.”, “It is “the opiate of the people.” The world would be better off without it.” Afirmavam também que “It stands for the existing social order. It defends imperialism, war and economic injustice. It has no help for the people in the things that count.” Lynch afirma que estes ataques não eram somente provenientes de países como a Rússia, vinham também de dentro dos EUA. James P. Thompson, líder da I.W.W. nos EUA, afirmava que “This organization designed to praise God and help Him run the universe is known as the church. The established church has always been on the side of the rich and powerful...” O simpósio trabalhista revelou algo concreto: que os trabalhadores não entendem a Igreja, enquanto esta talvez não entenda os trabalhadores, e que a ação imediata mais importante a ser tomada é “the cultivation of mutual understanding.”

Esta falta de entendimento da Igreja sobre os trabalhadores levava, para muitos autores católicos, ao aumento do número de indivíduos que se sentiam atraídos por ideias comunistas. William Collins afirma em sua coluna “Radicalism and Labor”, de 09/04/1930, como esta lacuna, juntamente com o desemprego muito alto, levava os comunistas a conquistarem maior apoio. O comunismo “has a great appeal to the unemployed worker who has been left stranded and helpless by a cold-hearted industrial society.”

John P. Frey²⁶ faz uma defesa do papel da AFL e de seu papel dentro deste contexto em sua coluna do dia 30/03/1932, intitulada “The Federation of Labor: a Defense”. Esta é “as militant, confident and active as any organization in our country”. Daniel DeLeon, fundador do partido socialista trabalhista dos EUA, criticava a AFL por esta não apoiar realmente os trabalhadores, não tentar aumentar seus direitos e ter opiniões fúteis. O autor diz que as críticas de Daniel são a base para as críticas sobre a AFL, e que estas críticas eram destrutivas sem bases reais. Aqui podemos observar como a AFL era criticada tanto por pessoas de direita quanto de esquerda. Ela havia falado primeiramente sobre o fato do poder de compra dos trabalhadores americanos não aumentar proporcionalmente junto a riquezas criadas pela indústria. Era equivocado, para o autor, afirmar que a AFL apoiava a desigualdade na distribuição, pois ela defendia uma melhor distribuição de riquezas e tentava alcançar este objetivo, como mostra sobre os objetivos escritos da AFL: ““industry and commerce must suffer serious injury, unless the real wage, the purchasing power of wages, increased in proportion to industry’s increasing capacity to produce.” Para a AFL ocorreria um “economic disaster which was unavoidable, unless the consuming capacity of the mass of the people, 80 percent of whom were wage earners or their dependents, was maintained through the payment of economically sound wages.” Provas que comprovariam esta posição da AFL seriam “Speeches made at conventions of the American Federation of Labor in 1925, 1926, 1927, 1928 and 1929, the columns of the American Federationist, the official publications of the International Unions, the pages of the local labor press” que teriam “overwhelming evidence of the vigorous manner in which trade union leaders called attention to the economic unsoundness of the so-called prosperity, and to the menace to national stability which existed in the inflation taking place.”

Frey escreve que “The Census of Manufactures, gathered by the Federal Census Bureau, indicate that, in round numbers, the value of our manufactured products in 1923 was \$60,529,000,000, while in 1929 it was \$69,417,000,000. Este grande aumento na produção foi acompanhado por uma grande redução no número de trabalhadores nas indústrias, o que ocorreu também nos sistemas

²⁶ Líder trabalhista e sindicalista, anticomunista radical, acreditava que o governo não deveria intervir para melhorar as condições da classe trabalhadora. Desejava que os sindicatos fossem apolíticos. (FREY, 1918)

de transporte e na agricultura: “The impact of these rapid and revolutionary changes created problems which profoundly affected the trade union movement.” Ocorria também, além das máquinas, a substituição por mão de obra mais barata decorrente da imigração: “There was another condition making sound, practical trade union growth more difficult in the United States than in any other country. Immigration had flowed unchecked into the United States. Much of it had been artificially induced. As many of our American manufacturing corporations grew in size, they gave evidence of a strong desire to replace American workmen by those from central and southern Europe. In addition, steamship companies actively stimulated immigration because of the profit found in the third class passengers.”

De acordo com Frey, a imigração prejudicava a sindicalização e união de trabalhadores pois muitos destes imigrantes iam para os EUA de países com tradições e costumes conflitantes: “They had inherited prejudices which were racial and national, and in many instances religious animosities which had developed and crystallized over many hundreds of years. They brought these prejudices and viewpoint with them.” A maioria desses imigrantes ia para as grandes cidades e centros manufatureiros: “They were aliens in an alien land, they spoke an alien tongue. They sensed the exploitation which they were frequently subjected to, and for self-protection looked first to the leaders of their own race, and too frequently these leaders in turn selfishly exploited them for the benefit of politicians and industrialists.”

A AFL não tinha preconceitos, queria todos, e queria americanizar os imigrantes para serem trabalhadores e cidadãos americanos participantes dos sindicatos. Esta havia perdido membros também devido a críticas ideológicas, que já estavam sendo corrigidas com o trabalho de educação. Sobre as tentativas de diminuir os sindicatos, diz que “Shortly after the war a widespread, systematic effort to eliminate trade unionism from our principal industries was set into motion. One of the methods was the use of “yellow dog” contracts, an alleged form of contract between the employer and the workman, in which the latter, as the price of securing or retaining his job, pledged himself to refrain from any collective action with his fellow employees on matters affecting his term of employment or conditions of labor.”

Analizando a nova situação dos sindicatos com o advento do New Deal, Oliver McKee, Jr. em sua coluna "Labor and the New Deal", do dia 3/11/1933, afirma que as greves e as disputas trabalhistas lançavam uma sombra na indústria americana, enquanto esta passava pelo experimento cooperativo do New Deal: "granted by the new deal a bargaining position immeasurably stronger than it ever enjoyed before, and with the federal government for the first time in its history committed to a national labor policy, organized labor has nevertheless placed difficulties in the path of the Roosevelt administration as serious as those which it has faced in bringing some of the major industries under the NRA codes."

Para o autor, Roosevelt estava comprometido em criar e manter a paz industrial, o que ficou ainda mais claro em seu discurso no memorial de Samuel Gompers em Washington. O presidente falou naquela ocasião, no dia 7 de outubro daquele ano, que existiam radicais tanto nos grupos trabalhistas quanto nos de empresários. Porém, acreditava que a maioria nos dois grupos concordava em acreditar na paz entre as classes no trabalho conjunto para o bem da nação. "The overwhelming majority of the workers understand, as do the overwhelming majority of the employers of the country, that this is no time to seek special privilege, undue advantage, or personal gain, because of the fact of the crisis." Para Roosevelt, nunca antes um governo havia feito uma interferência tão grande para garantir a paz entre as classes, como ele com o NRA e o New Deal. McKee afirma que "Enlarged buying power is the keystone of the Roosevelt recovery arch, an expansion that must be both speedy and of substantial volume." Aqui podemos ver claramente uma das ideias principais de Ryan sobre a recuperação econômica, a noção de que era muito necessário aumentar o poder de consumo da população em geral.

McKee, ao mesmo tempo que defende o direito de organização e greve dos sindicatos, afirma que estas prejudicavam o plano econômico de Roosevelt e o New Deal: "When five hundred, one hundred or even ten men go on strike, whatever the cause, community purchasing power is reduced by that amount, and there is a neutralization also of recovery efforts in other fields." Além disso, as greves prejudicavam os avanços nas relações trabalhistas, pois criavam conflitos entre as diferentes classes "and by impairing, if not destroying, the spirit of teamwork on which the success of the NRA so largely hinges. President

Roosevelt and his general staff have had good reason, therefore, for their concern over these labor conflicts.”

Os trabalhadores deveriam entender que muitos empresários, mesmo apoiadores do New Deal e de um salário digno, no momento estavam passando por uma crise, portanto não tinham como pagar os valores que consideravam justos. Isto viria depois da recuperação econômica. Um dos principais avanços do New Deal e do NRA em relação aos sindicatos, além de garantir o direito de negociar de maneira organizada, foi o grande aumento do número de membros destes: “These groups have made large gains in membership since the Recovery Act was placed on the statute books. The United Mine Workers of America, for example, has added 250,000 members to its rolls, and President William Green, of the American Federation of Labor, has placed at 1,300,000 the gains for the year, and has fixed his membership goal at 25,000,000.”

É fundamental entender o novo lugar dos trabalhadores e sindicatos no New Deal, o qual “guaranteeing to labor, as it does, the right to organize and to collective bargaining through representatives of its own choosing.”

Porém, ao mesmo tempo que Roosevelt e os membros de seu governo garantiram o direito dos trabalhadores de realizar greves, estas não deveriam ser utilizadas levianamente. Elas levariam os trabalhadores a apoiarem a extrema esquerda ou a extrema direita, e a opinião pública para o contrário deste. Seria uma sabotagem econômica e social. Para Mckee, os trabalhadores não precisavam utilizar a greve, pois estariam muito melhores utilizando os mecanismos corporativistas do New deal, criados para garantir o direito de todos: “Labor not only sits with industry in the preparation of the codes, but under the NRA a system of industrial courts has been set up before which labor can submit its grievances.”

Para Mckee “Labor has moved forward to a new place of power in American society, and through the NRA it has been given the machinery for attaining national labor standards.” Porém, junto com o poder vinham responsabilidades, as quais os líderes trabalhistas deveriam perceber para o povo e a nação: “For there is a danger that this power will be abused, and a fair balance between all groups of American people is essential if we are to be a happy and not a divided household.”

Com o New Deal, muitas das reivindicações dos trabalhadores estavam sendo atendidas:

“Hearing on some of the codes have thrown much light into the dark corners of American industry; they have directed public attention to the evils of child labor, to the demoralizing effects of the sweat-shop, to man’s inhumanity through the payment of starvation wages, and long hours in the factory or shop. Thanks to the minimum wage and other provisions of the recovery codes, most of these evils will be eliminated, and labor henceforth can look forward to vastly improved working conditions and labor standards.”

Havia cada vez mais cooperação entre trabalho e capital, ótimas demonstrações de trabalho em equipe, reconhecimento pelos empresários dos direitos de organização dos trabalhadores, e destes de que seu bem estar dependiam da prosperidade dos que lhe concederam trabalho. A parceria industrial era a chave que abriria a porta para a prosperidade para ambos os grupos.

Para John Gilland Brunini²⁷, em sua coluna “Labor’s Last Weapon”, do dia 10/11/1933, quando Roosevelt decidiu iniciar o New Deal, baseado no princípio da DSC de construir uma nova ordem baseada na cooperação entre o capital e o trabalho, era de se esperar que o início deste projeto traria conflitos trabalhistas. Assim, os trabalhadores precisaram protestar inicialmente para garantir que os direitos garantidos com o NRA fossem aplicados: “For the National Recovery Act gave new life to organized labor. Today wage earners are flocking into unions. Calm judgment is sometimes lost in this rush toward immediate organization, and very definitely the strike has on certain occasions been used to promote unionization, or recognition of a union, or both.” Este autor concorda com Mckee ao dizer que, mesmo que as greves sejam possibilitadas e positivas em alguns casos, devem ser reduzidas ao mínimo para não prejudicar

²⁷ Escritor Católico que abordava temas como Catolicismo Americano, política, economia, entre outros. (JOHN GILLAND BRUNINI PAPERS, ACESSO EM 14/08/2014)

a união das classes. Para Brunini, ninguém deveria impedir o funcionamento normal de nenhuma indústria.

Para isso ser possível, o NRA criou um Labor Mediation Board nacional, bem como versões estaduais. Eram organismos que possuíam representação igualitária de capital, trabalho e do público geral, com o objetivo de ser um órgão mediador de conflitos. Brunini traz o exemplo do LMB de Nova Iorque, que “through its mediatory offices strikes in thirty industries involving nearly 200,000 workers had been settled. Five strikes, affecting 16,500 workers, then in progress were being arbitrated.” Para ele, “a new psychology of cooperation was rapidly being developed.”

De acordo com Brunini existiam divisões dentro dos sindicatos e os líderes trabalhistas tentavam coibir a presença de comunistas e seus ideais dentro deles. Inclusive, as greves eram algumas vezes utilizadas justamente para este objetivo: “In one instance union leaders implied that it had been necessary at once to act through a strike in order to prevent left wing agitators from obtaining control of the workers.” Isto estava relacionado com um discurso do líder da AFL “which aligned anew the American Federation of Labor against communistic organizations. For he declared that the federation must continue, as it has in the past, as “the recognized all-embracing spokesman for American labor” and that there will be “no room in the United States for any other labor movement.” Seria, portanto, uma divisão dos movimentos trabalhistas, um capitalista e o outro comunista e socialista.

Sobre as greves, “every means should be assembled to prevent them.” Os trabalhadores estavam recebendo benefícios que nunca haviam recebido antes, e em troca deveriam cooperar com a indústria em todas as maneiras: “In the terms of its solution of internal problems, as much as in its victories under the NRA, will its future history be written.”

Ryan analisa o livro *People at Work*, de francês Perkins, secretária de trabalho do governo Roosevelt, sobre os problemas que a máquina industrial de produção em massa havia criado na sociedade, principalmente sobre a questão social. Diz em sua review do dia 24/08/1934, intitulada “The Status of Labor”, que Perkins acreditava que por se tratar de uma depressão econômica neste modelo industrial, era diferente das depressões econômicas de outros tempos e por isso necessitava de soluções diferenciadas: “She discusses labor in colonial times,

the problems created by the slums in our great cities, labor in the Great War, the rise of scientific management and mass production, the industrial developments between the Great War and the great depression, the emergence of vast unemployment and the principal elements of the National Recovery Program.”

O livro trata também de temas como o desemprego cíclico e crônico, lazer, auxílio desemprego, e justiça social. Para a autora, a causa da depressão industrial era uma má distribuição do poder de consumo e somente uma melhor distribuição iria criar uma recuperação econômica e estabilidade. Podemos observar aqui como ela também concorda com o Ryan. Ao longo da minha pesquisa observo como realmente muitos naquela época eram influenciados pelo seu pensamento, direta e indiretamente: “This means higher wages and shorter hours for labor and larger returns for the farmers.” Ryan chega a afirmar que este livro de Perkins era um dos melhores livros para mostrar para a população em geral a questão social da época e as melhores soluções propostas.

4.3.2 AÇÃO SOCIAL CATÓLICA

Seumas O’Brien²⁸, na sua coluna do dia 19/01/1934 chamada “Henry Ford and Romantic Cork”, dá um exemplo de o que acontecia em cidades quando não havia intervenção estatal e a indústria podia fazer o que bem entendesse na Irlanda, mais especificamente em Cork. Demonstra como, em sua opinião, indústrias como as fábricas de Ford podiam transformar cidades, em alguns casos prejudicando-as, como foi o caso de Cork: “Cork, we are told, was built by the Danes and destroyed by Henry Ford.” Ele afirma que a ordem capitalista chegou em Cork substituindo a anterior, levando embora a Ópera, museus, etc. Seu avô era vizinho do avô de Ford, e que era “strange, indeed, that the grandson of one neighbor should try to destroy with speed what the grandson of the other neighbor would save with leisure.” O que havia destruído tudo isso teria sido a

²⁸ De acordo com Hughes (1986) O’Brien era um artista Irlandês nascido em Cork, tendo emigrado para os EUA onde trabalhou como artista, professor e colunista.

nova fábrica da Ford em Cork: “Gone is the famous race course, one of the best in the world. An automobile factory—The Ford Plant—now stands in its place.” Esta fábrica teria alterado toda a cidade, da qual a pista de corrida de cavalo fazia parte e era muito importante: “A grim joke on the racing fraternity, as indigenous to the soil as the potato or yellow turnip. They loved the horse more than they loved themselves or their neighbors.” Os cavalos eram parte importante da cidade e dos seus moradores: “To them the horse was everything. When the horse went, they went. Gone too are the race course celebrities, the “trickies,” characters all.”

O autor diz desejar que Ford retire sua fábrica de Cork e devolva a pista de corridas, devolvendo assim tudo que viria junto, fazendo a cidade voltar a ser o que era: “Gone are the Anglo-Irish aristocracy and the tradition they fostered, the inebriate, the bird catcher, the old-time longshoreman, and the coal porter—bulwarks of an ancient city. Gone is the tall hat and the grand manner of the impecunious.” Cork era maravilhosa do jeito que estava, e “Deficiency experts have tried to improve Cork, but to improve it would be to ruin it.” There is a grand casualness and air of leisure about Cork people even when they are in a hurry.”

O que deveria ser feito, portanto, seria retirar a fábrica da Ford de Cork, retirando assim todos os indícios da industrialização moderna, e levar Cork de volta para o seu modelo tradicional de sociedade e economia, restaurando assim mais características verdadeiras da cidade, conectada com seu modelo econômico tradicional.

O que acontecia em Cork, na Irlanda, ocorria também em muitos lugares ao redor do mundo. Maurice Wormser²⁹, em sua coluna “Relief for the Unemployed”, do dia 09/03/1932, diz que muitos ainda não tinham se dado conta do tamanho da massa de desempregados e da sua condição. Era um fenômeno sem precedentes que ainda não estava na consciência da nação americana. Este autor e jurista fala sobre esta questão para trazê-la para a consciência da nação e propor soluções. A civilização ocidental iria se auto destruir com o desemprego crescente e a questão social decorrente dele, ignorar isto seria algo sem sentido. Ele sugere um fundo de 5 bilhões de dólares para auxiliar os necessitados e aumentar os empregos da população. Cita Ryan dizendo que

²⁹ Advogado e professor nascido em 1887 na cidade de Nova Iorque. (WORMSER, 1931)

este falou no La Follette Sub-committee sobre condições econômicas que existiam entre 9 e 10 milhões de desempregados, com uma perda salarial anual de 10 bilhões de dólares.

Era uma calamidade nacional, ignorada por muitos. O governo federal deveria agir e prover empregos para os desempregos, assim como auxiliar os necessitados. Os empregos públicos gerados deveriam ser de “school construction, road improvement, the elimination of all railroad grade-crossings, necessary public buildings, Mississippi flood control, reforestation, the improvement of river and lake navigation, slum clearance, and the building and maintenance, above all else, of great parks and recreational centers, so that the children of today may be given the same chance to enjoy life that you and I had twenty-five to fifty years ago.”

Havia desnutrição assolando o país, incluindo em crianças, e seria papel do governo nutri-las. Utiliza aqui as Encíclicas de Pío XI e fala sobre o que Al Smith defendeu sobre a necessidade de um ditador temporário para resolver a situação dos EUA. Todos deveriam se ajudar naquele momento: “who can reasonably find fault with employing the credit of this great nation for the purpose of safeguarding the health, happiness, even the lives, of the vast army of the workless?” Durante a guerra mundial, por exemplo, quando pararam de construir, os donos de imóveis não podiam recusar pessoas em suas propriedades, e estas pagavam um aluguel justo e razoável. Deveriam fazer isso neste momento também: “This avoided widespread suffering and grave hardship. These laws were sustained by the highest courts of both the state and the nation.” Isso iria “solve possibly a most important social problem of our era, the frightful conditions incidental to the congested slum districts in our great cities.”

Evoca uma famosa frase de Woodrow Wilson de 1923 em seu artigo “The Road Away from Revolution,” afirmando que ocorria um ‘blindly feeling after its reaction against what it deems the too great selfishness of the capitalistic system.’ A civilização ocidental teria que ser redimida espiritualmente. Deveríamos ajudar os pobres e necessitados, e isto, além de ajudar a questão social, iria evitar o radicalismo extremo.

Um exemplo de auxílio para pobres e necessitados foi dado por Herbert Reed em sua coluna “A Refuge of the Jobless”, do dia 16/03/1932. Este escreve

sobre o St. Christopher's Inn, perto de Garrison, subindo o Mount of Atonement, onde estavam os Franciscan Friars of the Atonement. Este local ajudava desempregados a conseguirem empregos, os alimentava, dava refúgio, comida, etc, os treinava para depois poderem voltar para as outras partes do mundo. De acordo com o autor, era um local que colocava na prática a já mencionada caridade cristã. Calmo, tranquilo, em que os desempregados e outros necessitados iam as vezes para uma refeição, as vezes para uma noite de sono, "drawn only by the certainty of food and shelter and the prospect of work." Se baseava nas palavras de Saint Francis, e o Father Paul James Francis, o Father General, continuava mantendo esta tradição e este sentimento. Sobre quem buscava ajuda neste local, o autor diz que "baffled men, suffering an economic distress and a battering of the fighting spirit that is taking its toll even in social ranks far above those from which they come." Eles atendem "any and all comers, without prejudice of creed, sect, race, nationality or color." Em dez anos cinquenta mil pessoas dormiram neste local, em 1930 foram distribuídas mais de 118 mil refeições. Uma curiosidade é que quem entrasse ali para pedir refúgio era recomendado a "shuts his past behind him—his struggles and his defeats. He need not speak of them, and seldom does. Not a question is asked. True life stories are here in plenty, but they are stories that never will be told." Possuíam vários tipos de entretenimento: "At night there is entertainment in plenty by extremely local talent, there is the solace of tobacco, there is a chance to read, and a radio of very capable home construction keeps ex-wanderers in touch with the outside world, and adds to the comfort and cheer of the place." Afirma que "One Brother Christopher has found so much peace and happiness in the life that he has so journeyed here twenty-two years, and looks good for many more."

Dorothy Day³⁰ afirma em sua coluna do dia 11/01/1933 chamada de "Real Revolutionists" que, enquanto fazendeiros estavam sendo recebidos em Washington de braços abertos, as marchas dos desempregados famintos estavam sendo reprimidas com força policial. Esta força estava sendo utilizada para expulsar da sua fazenda um fazendeiro, sua esposa e suas duas crianças, que resistiam com armas. Fazendeiros em Washington estavam protestando contra esse tipo de expulsão, exigindo auxílios, e caso não conseguissem iriam

³⁰ Jornalista e ativista, conhecida por seu anarquismo católico no qual unia seu ativismo com sua fé. (VANCE, 2006)

utilizar a “United and direct action”. Caso não recebessem ajuda, iriam se unir para exigir seus direitos.

Para Dorothy Day, “The farmers’ gathering was a happening of far more revolutionary significance than that of the hunger marchers.” As marchas dos desempregados famintos eram organizadas por comunistas, que treinavam esses desempregados para repetir slogans comunistas, mesmo estes não sendo. Enquanto os fazendeiros, que não eram comunistas, tinham suas fazendas e o que ganhavam delas, estando mais inclinados a utilizar a violência para defender suas terras. Então, nesta conferência em Washington os fazendeiros queriam conseguir uma temporária pausa nas expulsões e confiscos das fazendas. Fariam o que fosse necessário para isso: “pledged themselves to go to the aid of any farmer in their county who was being menaced with dispossession.” Falavam frases como ““I’ll defend my farm with shotguns,” e “The farm is mine and I’ll fight for it!”

A autora considera que “these farmers are American radicals in the truest sense of the word.” Votavam no Partido Republicano, tendo nesta eleição votado no Partido Democrata, não hesitariam em “pledge themselves also to “united action” in the case of strikes and labor troubles in the towns near their farms, and this action in the form of mass gatherings and moral pressure has been brought to bear in the mining regions of Minnesota. ‘The farmers have also cooperated with the striking miners in Illinois.” Primeiro iriam tentar conseguir ajuda do governo; caso fosse necessário iriam fazer greves e outras ações conjuntas. Haviam se unido a marcha dos desempregados famintos ao observarem que os dois estavam indo para Washington, pois assim ficariam mais fortes: “They are industrial workers and we are farmers, and our cause is the same.”

Mostrando como a questão social estava conectada com a economia, discordavam do que Washington estava dizendo sobre o excesso de produção: “They tell us here in Washington to raise less crops—there is all this talk of surplus. And then we go through cities and see soup lines and starvation and realize that at home we have pigs we can’t sell, wool we can’t market and crops rotting in the ground. We have got to find some way to get this food to these starving workers.” Os fazendeiros se aproximavam dos trabalhadores industriais, possuindo simpatia mútua e auxiliando um nas causas do outro: “This same relief work went on in southern Illinois during the strike this fall in the coal regions. The

striking miners went out to the farms and helped bring in the crops and received payment in kind, which they put into a common fund of food for the needy in their mining towns.” Eles se viam como os verdadeiros patriotas: “The bankers, the insurance men, the railroad men, —these are the real traitors,”

Day escreve na sessão “communications”, do dia 22/02/1933, afirmando que os fazendeiros não se importavam de ter comunistas nas convenções e em seus movimentos, desde que fossem “bona fide farmers.” O que não queriam presentes eram o que chamavam de ““Thirteenth Street Communists,” in other words, New York radicals from the central headquarters of the Communist Party at 799 Broadway (Thirteenth Street).” Dorothy Day escreve que apenas 5% na convenção eram comunistas. Porém “A minority in Russia accomplished a revolution and a minority is still in control. So this 5 percent of Communists working among the farmers may be more dangerous than the 95 percent believe, especially since a propagandist with means and ability is helping them and since the 95 percent are accepting his help.”

Ryan afirma em sua coluna “Are We on the Right Road?”, do dia 12/10/1934, que a justiça social era a questão fundamental de seu tempo, sendo a proteção de todos os direitos naturais e a promoção do bem estar do povo como um todo. Para ele, Roosevelt havia abraçado esta causa em seu governo. Dizer que os princípios americanos tradicionais estavam sendo violados era na verdade uma tentativa de legitimar o laissez-faire, algo repudiado pela consciência moral: “The ethical aspect of any practise or policy is more pertinent and more fundamental than the economic or the political aspect.” A principal política do governo Roosevelt consistia na “regulation of industry for the benefit of the weaker classes and for the common good.” Podemos observar aqui como a política econômica de Roosevelt estava conectada com a questão social: “Evidently this objective is morally right, for it expresses the main purpose of government.” Promover o bem estar social da população era algo que inclusive estava escrito no preâmbulo da Constituição dos EUA para justificar sua existência. Na Declaração de independência dos EUA, diz Ryan, uma das frases mais famosas da História já mostra isso: “We hold these truths to be self evident: that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain inalienable rights, that among these rights are life, liberty and the pursuit of

happiness; that to secure these rights governments are instituted among men which derive their just powers from the consent of the governed.”

Para Ryan, aí estava muito claramente a missão principal do governo, assim como nas encíclicas sociais, e Roosevelt estava realizando na prática exatamente isso com o New Deal. Conforme aparece muito claramente na encíclica *On the Condition of the Working Classes*, de Leão XIII:

“When there is question of defending the rights of individuals, the poor and badly-off have a claim to especial consideration. The richer class have many ways of shielding themselves, and stand less in need of help from the State; whereas the mass of the poor have no resources of their own to fall back upon, and must chiefly depend upon the assistance of the State. And it is for this reason that wage earners, since they mostly belong to that class, should be specially cared for and protected by the government.”

Estes são os “Forgotten Men” de Roosevelt, apenas com uma nomenclatura diferente.

Muitos defensores do Laissez-faire criticavam Roosevelt pois acreditavam que os princípios deste sistema econômica estavam sendo violados pelo presidente: ““So much the worse for our traditional principles and the Bill of Rights”, ironiza Ryan. Estes princípios já eram imorais desde o início, porém antes não causavam grandes danos pois os EUA eram uma sociedade agrária e com muita terra, sendo necessária pouca regulação econômica: “The weak enjoyed a considerable measure of actual opportunity and could find alternative ways of making a living.” Porém, com a forte industrialização do final do século XIX e início do século XX, a maioria das pessoas passou a morar em cidades, receber salários e trabalhar em indústrias. Eram trabalhadores que “If they are to come into actual enjoyment of their natural rights to a fair share of the bounty of the earth and a decent livelihood from our immense natural and artificial resources, they must have the protection of the government through the regulation of industrial contracts, processes, conditions and relations.” Por este

motivo os princípios tradicionais de competição ilimitada, liberdade individual ilimitada e o laissez-faire deveriam ser abandonados: “These are the reasons why the federal government must step in and exercise powers that it has never exercised in the past.”

Ryan diz que “Dishonest critics have occasionally asserted and more frequently insinuated that some parts of the recovery legislation ignore and set at naught the Bill of Rights. Probably some of these reactionary fault-finders would not recognize the Bill of Rights if they met it on the street. Probably some of them do not know what it is or where it is to be found.” A maioria dos direitos civis da constituição eram os direitos naturais, portanto mesmo sem a constituição já estariam garantidos. O New Deal, ao regular contratos e proibir algumas práticas, ou diminuir horas de trabalho, por exemplo, estaria para muitos tirando a liberdade individual de contrato. Contudo, estas decisões eram importantes para o bom funcionamento da sociedade e para garantir a liberdade e os direitos de todos, por isso não seria tirar a liberdade de ninguém. Como diz Leão XIII “Whenever the general interest of any particular class suffers or is threatened with injury which can in no other way be met or prevented, it is the duty of the public authority to intervene.” Ryan escreveu que nunca antes as políticas do governo federal seguiram tanto a ordem ética e eram tão baseadas nas concepções e convicções da ordem moral e da justiça social.

A Commonweal e seus autores escrevem frequentemente mostrando casos de sucesso de ação social católica, em que colocam em prática os ensinamentos da Doutrina Social Católica. Mary Kolars afirma, em sua coluna “The Newark Guild”, do dia 23/07/1930, que muitos casos deste tipo de Ação estavam surgindo por todos os Estados Unidos, muitas vezes despercebidos pela mídia. Ela comenta sobre o trabalho social organizado pela diocese de Newark, chamado de Mount Carmel Guild, mostrando seus objetivos e métodos que “have a tremendous practical effect far beyond the frontiers of the diocese and even the visible boundaries of the Church.”

Esta corporação, criada pelo Right Reverend Thomas J. Walsh³¹, “actively fused two almost unmanageably big ideals.” Estes ideais, de acordo com a autora, são as ciências sociais, baseadas em fatos científicos, e ideais religiosos

³¹ Primeiro Arcebispo da nova Arquidiocese de Newark e Doutor em Teologia. (DELOZIER, 2011)

católicos. Seria uma união entre o material e o imaterial. Muitas ações sociais de caridade possuíam fraquezas e dificuldades, e, para a autora, “there is an increasingly generous admission that the Catholic approach, at its best, combats this weakness most successfully.” A solução católica seria “the proper balance between the corporal and the spiritual.” A autora admira muito o bispo de Newark e seus trabalhos justamente nesta direção, dizendo que “His career is a continuous record of anticipating the vital needs of his people, and meeting them with a practicality that is compounded of vision and courage.” Ele criou primeiramente a Mount Carmel Guild em Buffalo, depois em Trenton, e estava começando a criar em Newark.

Era uma corporação totalmente feminina, com 36 centros e 35.000 mulheres trabalhando, todas treinadas pelo Bishop Walsh. Cada unidade possuía sub-comitês ou departamentos para temas sociais importantes, como por exemplo americanização, boys club, Catechetical instruction, empregos, legal aid, literatura, música, social centres, entre outros. Havia vários, que eram colocados em práticas quando a comunidade desejava. Os que estavam sempre em operação universal eram os de Americanização, Catechetical instruction, social inquiry, vacation schools and physical relief. Esta corporação era um exemplo para muitos católicos, colocando em prática a Doutrina Social Católica: “We are fortunate, as contemporaries, in being able to watch the mobilization of that purpose, and in coming under the spell of its example.” E completa: “We are fortunate, as Catholics, in the legitimate pride we can feel in this commanding achievement of one of our spiritual leaders.”

Georgiana Putnam Mcentee escreve sobre as corporações católicas da Inglaterra em sua coluna “The Catholic Social Guild”, 18/02/1931, afirmando que o mundo todo estava tentando resolver a questão social causada pela industrialização, pelo desemprego e pela crise econômica. Ela procura, então, inspiração no modelo britânico: “the Catholic Social Guild of Great Britain will furnish inspiration and guidance.”

Esta corporação católica britânica surgiu em 1909 na Inglaterra para resolver a questão social e combater o socialismo crescente. Para a autora, até aquele momento na Inglaterra havia grande ignorância entre os católicos sobre os princípios sociais ensinados por Papas e teólogos: “The outlook of the great body of Catholics was parochial and their contribution to the alleviation of human

misery generally took the form of indiscriminate almsgiving.” Portanto, “It was to bring knowledge, organization and breadth of vision into the Catholic social movement in Great Britain that the Catholic Social Guild came into being.” Seu objetivo principal era ensinar a Doutrina Social Católica e aplicá-la na solução dos problemas sociais. Para isso, a corporação produziu diversos livretos numa série chamada “Catholic Studies in Social Reform,” que incluíram materiais como “Destitution and Sugested Remedies,” ‘Sweated Labor and the Trade Boards Act,” “Housing” and “The Church and Eugenics.” O texto principal foi produzido por Monsignor Parkinson, o primeiro presidente da corporação, e chamado de “A Primer of Social Science.” Foi muito elogiado pela mídia não católica, o New Statesman, por exemplo afirmou que é “perhaps the best small, cheap introductory primer for economic and political science that is now on the market.”

Suas atividades primariamente eram realizadas com grupos de estudos. Existiam grupos para trabalhadores, estudantes universitários, empresários, e dedicados ao lazer: “Sometimes these groups, which meet in parish halls or homes of members, are guided by a tutor who is a specialist in a given subject.”

A autora critica o fato de que muitos católicos não viam necessidade de aplicar a religião na economia e na política, assim como para resolver os problemas sociais. Ela critica esta visão de que os religiosos não precisavam estudar temas como economia, por exemplo: “Occasionally well-meaning but not well-informed Catholics have failed to see the need for such instruction in economics and sociology under Catholic auspices.” Muitos estudantes estavam estudando temas como economia e sociologia guiados por uma vertente marxista, e os católicos deveriam fazer um grande esforço para mostrar a sua visão. Mesmo criticando o socialismo e o comunismo, “it was accused by some Catholics of Socialistic leanings.” Como muitos outros católicos ao redor do mundo que pensavam a questão social, como o Padre John A. Ryan, estes católicos britânicos também precisavam frequentemente se defender de ataques. Ela afirma que os católicos britânicos procuraram a opinião de teólogos importantes sobre este assunto, que afirmaram que o socialismo denunciado nas encíclicas era somente o “universal and absolute Socialist Communism which seeks to suppress all private property as being wrong or at least anti-social in itself.” Então, parece que o socialismo só seria um problema nesta visão em casos em que o direito de propriedade deixa de ser respeitado.

A autora também realiza uma crítica ao laissez-faire dos EUA, afirmando que “the same great Pontiff who condemned Communism denounced economic liberalism as well.” Os católicos nos EUA deveriam então aplicar seus ensinamentos para mostrar para a sociedade americana que o caminho correto não é nem o liberalismo econômico nem o comunismo, mas uma terceira alternativa: “there is a widespread need for the dissemination of Christian social principles with their intelligent application to concrete circumstances. Catholics can help greatly by giving increased support to such agencies as the National Catholic Welfare Conference, the Catholic Conference on Industrial Problems, the Central Verein, and the Catholic Association for International Peace.” Ela realiza também um chamado para a ação social católica, utilizando uma frase de um padre britânico: “Father Martindale on the occasion of the Guild’s coming of age used words of his compatriots which are equally applicable to us: “We Catholics have been lazy in the matter of knowing about things. It is so much easier to contribute to decorate a shrine than to learn the facts about social conditions in even one parish in even our home town.” É um chamado para a ação: os católicos deveriam se envolver mais em questões políticas, econômicas e sociais.

Após a leitura e a análise das colunas de opinião deste período da revista *Commonweal*, pode-se afirmar que estas demonstram uma variedade de opiniões sobre os assuntos abordados, algumas em total sintonia com Roosevelt e o New Deal, outras discordando destes. Enquanto alguns autores viam, assim como a revista, estes como meios possíveis de aplicar a DSC nos EUA, outros pensavam sobre eles como empecilhos para isso. Após este capítulo, na conclusão, farei uma análise mais aprofundada sobre os editoriais do capítulo 3 e das colunas de opinião deste capítulo.

CONCLUSÃO

Como vimos no capítulo 1, a questão social era uma questão importante e corrente nos EUA de princípios do século XIX em um contexto de modernização. Surge assim uma nova ordem social com uma nova relação entre capital, trabalho e Estado, na qual o sindicalismo passa a ter papel fundamental sendo um ator político valorizado. Era um momento em que as novas grandes empresas, as novas organizações sindicais, e o novo modelo de Estado que ia surgindo tentavam entender os novos modelos de relação entre eles e o que isto significava para cada uma destas classes. Ao mesmo tempo que surgia a possibilidade de uma maior e melhor organização trabalhista, os trabalhadores eram desencorajados por um governo com princípios corporativistas de realizarem greves. Estas iriam na contra mão da política de conciliação de classes do governo Roosevelt e do New Deal. Sendo assim, são criados novos órgãos justamente com o objetivo de promover o diálogo e a conciliação entre as classes, como o National Labor Relations Board. Assim, acontece uma grande diminuição no número de greves durante os primeiros anos do New Deal. Ao mesmo tempo, são realizadas novas ações de auxílio social para quem necessitava, com a implementação de grandes programas como o Social Security, que mudam a forma como os americanos se relacionam com seu governo, continuando nos dias atuais. Roosevelt valorizava o consumo da classe trabalhadora, acreditando que este era fundamental para o crescimento da economia, portanto também realizava ações neste sentido. Seu objetivo era estabilizar a indústria com lucros para os empresários e promover o salário digno para os trabalhadores.

Tudo isto levou a intensos debates na sociedade sobre política, economia e a questão social, debates que envolviam diferentes setores e classes da sociedade americana. Um dos principais grupos sociais presentes nestes debates, como já referido no capítulo 2, foram os católicos.

Vimos no capítulo 2 que os intelectuais católicos entraram fortemente no debate sobre a questão social devido à grande imigração de católicos que iam

para aquele país. Chegava assim, como vimos, a recatolização aos EUA, um país protestante. Devido ao importante problema social que havia neste momento, devido a industrialização, modernização, e trabalho precário, muitos imigrantes católicos viviam nestas condições. Assim, a Igreja passa a ter um papel importante nestes debates.

Os católicos não eram, porém, um grupo com apenas um tipo de pensamento. Existiam católicos de direita, de esquerda, e de centro, apoiando candidatos com diferentes ideologias. Ao mesmo tempo, podemos observar naquele período uma grande afinidade da maioria dos católicos com Roosevelt e o New Deal, apoiando fortemente suas medidas. O principal expoente desta vertente era o Padre progressista John Ryan.

O debate católico era realizado principalmente nos periódicos, tais como a *Commonweal*, a *Catholic Worker* e o *Social Justice*. Estes periódicos eram meios nos quais os católicos podiam ser eles mesmos, afirmando suas opiniões em espaços onde não sofreriam preconceito pela sua religião que, como vimos, era alvo de protestantes mais conservadores, incluindo a Ku Klux Klan.

O principal destes periódicos, a *Commonweal*, possuía debates fortes sobre estas questões, como fica claro ao analisar seus editoriais e colunas de opiniões.

Após a leitura e análise dos editoriais deste período da Revista *Commonweal*, apresentados no capítulo 3, pude concluir que esta revista estava totalmente em sintonia com Roosevelt e seu projeto de governo. Pensavam em Roosevelt e no New Deal como meios possíveis de aplicar a DSC nos EUA.

Em relação à Política, apoiavam fortemente Roosevelt desde sua candidatura, como deixam claro nos editoriais nos quais elogiam os discursos de campanha do então candidato, sempre levando em conta a utilização da religião nestes. Após a eleição de Roosevelt como presidente, mostram sua visão deste como alguém que iria liderar o país para o rumo certo, rumo este claramente guiado pela Igreja Católica. Defendem Roosevelt em relação à ataques feitos por veículo de comunicação contrários ao presidente e pela oposição do partido Republicano. É curioso ler os editoriais em que defendem uma ditadura temporária de Roosevelt e suas justificativas para isso, comparando com os editoriais nos quais criticam o autoritarismo e o totalitarismo.

Sobre a aplicação dos princípios católicos na política, podemos observar nos editoriais como a *Commonweal* realmente acreditava que estes deveriam ser o guia espiritual de todos os políticos, sejam eles católicos ou não, pois assim iriam os levar a tomar melhores decisões baseadas na moral e na justiça cristã.

Sobre assuntos econômicos, fica claro o entendimento da revista de que a DSC das encíclicas deveria guiar todas as decisões econômicas nos EUA, possuindo a chave para o verdadeiro progresso. Este seria não apenas para alguns, mas para toda a população. Defendem, para isto, pontos específicos como salários dignos, horas de trabalhos justas, intervenção estatal nas empresas e na indústria, e uma maior organização dos setores em um modelo corporativista baseado no corporativismo católico.

O entendimento em relação a causa da crise econômica consistia na sua crença de que esta se deu devido ao pequeno poder de consumo da classe trabalhadora, que desejava consumir porém não possuía o capital para isso. A solução, portanto, seria aumentar os salários de maneira que esta classe pudesse consumir de maneira sustentável. Quem possuía maior capital, não desejava consumir em uma medida que iria melhorar a economia, além do fato de que colocavam seu dinheiro em investimentos que não levavam a uma maior produtividade e consumo.

Dentro da categoria “Questão Social”, o que mais se destaca nos editoriais da *Commonweal* é a importância desta questão e de encontrar soluções para esta através da caridade cristã, da justiça social e da moral católica. Destacam que tudo isto viria somente com a conciliação entre as classes, não havendo espaço para conflitos entre estas. Greves deveriam ser evitadas, pois iriam atrapalhar esta relação. A *Commonweal* destaca também a Ação Católica que, de acordo com esta, começa a crescer depois do início da crise financeira. Diversos casos deste tipo de Ação são relatados pela revista em seus editoriais, em que grupos católicos, sempre guiados pela DSC, realizam ações de caridade social.

Após a análise das colunas de opiniões selecionadas, pude observar como realmente era grande o debate dentro do meio católico naquele período envolvendo todas as questões analisadas. Além disso, o interesse deste grupo sobre estes assuntos era muito grande, e continua sendo.

A maioria dos autores selecionados para análise concordavam com Ryan, a Commonweal, o New Deal e Roosevelt, acreditando que este presidente iria guiar os americanos para um caminho que acreditavam ser o defendido pelas Encíclicas Sociais. Por isso, apoiavam fortemente o presidente e sua missão. Concordavam com as medidas econômicas que Roosevelt tomava e com as medidas do New Deal, incluindo o aumento dos salários, a diminuição das horas de trabalho, maiores auxílios governamentais, distribuição de renda, entre outros. Um dos pontos principais para estes autores era a valorização pelo presidente e pelo New Deal da relação positiva entre as diferentes classes, para evitar assim conflitos e a escalada de extremos, tanto de direita quanto de esquerda. Valorizam também, como a Commonweal, a Ação Católica baseada sempre na Justiça Social e na Moral Católica.

Porém, havia também um grupo expressivo de autores e colunas na revista que possuíam uma visão diferente. Para estes, Roosevelt e o New Deal atrapalhavam a retomada da economia e tentavam modificar a Nação de forma a retirar desta suas reais características, como a liberdade e o individualismo. Defendiam uma menor intervenção do governo em todas as áreas, principalmente na economia, pois era o mercado que deveria guiar as ações neste sentido. Deveriam ser poucos os auxílios governamentais, pois estes iriam atrapalhar a retomada dos empregos, com muitas pessoas aceitando apenas receber dinheiro do governo sem trabalhar.

Esta vertente concorda com Ryan, Roosevelt, o New Deal e a Commonweal na necessidade de aplicar os ensinamentos da Encíclicas, porém possuem um entendimento muito diferente destes documentos. Para eles, uma análise mais detalhada indica uma valorização do indivíduo, que estaria sendo diminuído pelos programas sociais do New Deal. A caridade e os auxílios da Ação Católica não poderiam ser no sentido de acomodar as pessoas e retirar delas sua individualidade.

Ao concluir esta pesquisa, considero que foi muito positiva aplicação da metodologia selecionada. Utilizar a Análise de Conteúdo proporcionou um melhor entendimento sobre os debates da época, as questões abordadas, e as diferentes posições existentes. Cada uma das etapas, ao serem aplicadas, pareciam que se complementavam naturalmente às etapas anteriores deste método.

Roosevelt, o New Deal, Ryan, os outros atores católicos, bem como a Commonweal e os outros periódicos católicos, foram muito importantes durante aquele período de grandes debates nos EUA. É interessante observar como estes debates continuam atualmente, alguns exatamente iguais, outros de maneira diferente. Temas como desemprego, intervenção estatal, desigualdades, capitalismo, comunismo, entre outros, continuam sendo sempre debatidos nos EUA de hoje em dia, em uma época de grandes paixões e polarização política. Entender os debates apresentados neste trabalho auxiliam no entendimento sobre os debates atuais, pois mostram como eles, na verdade, estão totalmente conectados com as questões das décadas trabalhadas aqui.

REFERÊNCIAS

- ABREU, LUCIANO ARONNE DE; HENRICH, NATHALIA . Catholicism and Social Policy. *Historical Reflections-Reflexions Historiques*, v. 49, p. 7-25, 2023. (ISSN: 0315-7997)
- ANDREWS, Gregg. **Shoulder to Shoulder?** The American Federation of Labor, the United States and the Mexican Revolution 1910–1924. Berkeley: University of California Press, 1991.
- ALMEIDA, Paulo. **A economia internacional no século XX**: um ensaio de síntese, *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 44, n. 1, p. 112-136, 2001
- AZEVEDO, Cecília. Imigração e identidade nacional nos EUA: notas sobre um debate. *Dimensões*, n.19, Vitória, Ufes, 73-94, 2007
- BAAZ, Mikael; LILJA, Mona y VINTHAGEN, Stellan: *Researching Resistance and Social Change: A Critical Approach to Theory and Practice*. Rowman & Littlefield International, Londres - Nova Iorque, 2017.
- BAUM, Matthew & KERNELL, Samuel. Economic Class and popular support for Franklin Roosevelt in war and peace, *Public Opinion Quarterly*, v, 65, p. 98–229, 2001
- BARBOSA, Marialva Carlos. Meios de Comunicação e História: elos visíveis e invisíveis. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo. 31 maio a 02 de junho de 2007.
- BARZOTTO, Luciane. Responsabilidade Social e a Rerum Novarum. *Rerum Novarum - 126 anos*, Porto Alegre, p. 35-41, 2017.
- BERNSTEIN, Peter L. *The Power of Gold: The History of an Obsession*. New York: John Wiley, 2000.
- BEZERRIL, Simone da Silva. IMPRENSA E POLÍTICA: Jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão.2011, In: II Simpósio de História do Maranhão oitocentista, UEMA. (anais do II Simpósio de História do Maranhão oitocentista): 2011. Publicado em: <http://www.outrostempos.uema.br/anais/pdf/bezerrill.pdf>, acesso em: 06 de março de 2017.
- BERCOVICI, Gilberto. *Constituição e Estado de exceção permanente: Atualidade de Weimar*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.
- Bernstein, Irving. *The Lean Years: A History of the American Worker, 1920–1933*. Baltimore, MD: Penguin, 1966.
- BERNANKE, Ben. *Essays on the Great Depression*. Princeton, NJ: Princeton, 2000
- BURNS, James. *Roosevelt: The Lion and the Fox*. New York: Harcourt, Brace and World, 1956.

- BRANDES, Stuart D. American Welfare Corporatism, 1880–1940. The University of Chicago Press, Preface, 1984.
- BRODY, David. Steelworkers in America: the Non-Union Era, New York: Harper and Row, 1960.
- BROGAN, Hugh. The Peguin History of the United States of America, Peguin Books, 1985
- BRODERICK, Francis. Right Reverend New Dealer: John A. Ryan. New York: The Macmillian Company, 1963.
- BYRNE, Julie. The Other Catholics: Remaking America's Largest Religion. Columbia University Press, 2016.
- CABRERA, Guadalupe & RAGLAND, Ruth. **Workers, parties and a “New Deal:”** A comparative analysis of corporatist alliances in Mexico, and the United States, 1910–1940, Labor History, v. 57, n. 3, p. 323-346, 2016
- CARTY, Thomas. A Catholic in the White House? Religion, Politics, and John F. Kennedy’s Presidential Campaign. Palgrave Macmillan, New York, 2004.
- CAMERON, Rondo. World Economic History. Oxford: Oxford University Press, 1989
- CASHMAN, Sean. America in the Gilded Age: from the death of Lincoln to the rise of Theodore Roosevelt. 3rd ed., New York: New York University Press, 1993.
- CERTEAU, Michel: La invención del cotidiano. México D.F., Universidade Iberoamericana, 1996.
- COMMONWEAL. Disponível em:
<<https://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/serial?id=commonweal>>
- COHEN, Jeffrey. Presidential Rhetoric and the Public Agenda, American Journal of Political Science, v. 39, p. 87–107, 1995.
- COLE, Wayne. Roosevelt and the Isolationists. Lincoln: University of Nebraska Press, 1983
- CONWAY, M. Catholic Politics in Europe 1918-1945. London: Routledge, 1997.
- CUSHMAN, Barry. Doctrinal Synergies and Liberal Dilemmas: The Case of the Yellow-Dog Contract, 1992 Sup. Ct. Rev. 235 (1993).
- CHARTIER, Roger. A Força das Representações. Editora Argos, 2011.
- CHANDLER, Jr., Alfred D. e GALAMBOS, Louis. “The Development of Large-Scale Economic Organization in Modern America”, The Journal of Economic History, v.30, n.1, p.201-217, 1970.
- CHINNICI, J. P. Spiritual capitalism and the culture of American Catholicism. U.S. Catholic Historian, 5(2), 131–161, 1986.
- CLEMENTS, Robert. The Commonweal: The Williams-Schuster Years, 1924– 1938, Ph.D. diss., University of Notre Dame, v. 71, n.2, 1972

- CLEMENTS, Austin. The Franco Way: The American Right and the Spanish Civil War, 1936–9. *Journal of Contemporary History*. v. 57, n. 2, p. 341–364, 2022.
- CRIMMINS, Timothy. *Commonweal Catholics*, The South Atlantic Quarterly, 1972.
- DAVIS, Keneeth. *America's Hidden History*, New York: Harper's, 2009.
- DISTASI, Lawrence. *Una storia segreta: The Secret History of Italian American Evacuation and Internment During World II*, Heyday Books, 2001.
- DOUTHAT, R. *Divided by God*. New York Times, 2012.
- EMERY, Edwin. *The Press and America: An Interpretative History of the Mass Media*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1972.
- EVERDELL, William. *Os primeiros modernos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- GIMENES, Gabriela. *Estados Unidos e América Latina nas páginas do Chicago Tribune: Pan-americanismo e Exposição Universal de Chicago (1889-1894)*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH-USP, 2016 (mimeo).
- FISHER, Irving. *Booms and Depressions: Some First Principles*. New York: Adelphi, 1932.
- GALBRAIGHT, John Kenneth. **1920. O colapso da bolsa**: anatomia de uma crise. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1972
- GIMENES, Gabriela. **A Exposição Universal de Chicago (1893)**: reflexões sobre o lugar dos Estados Unidos no mundo na virada do século XIX para o XX, *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 22, p. 147-181, 2017
- GERSTLE, Gary e FRASER, Steven (orgs.). *The rise and fall of the New Deal order, 1930-1980*. Princeton: Princeton University Press, 1989
- GORDON, Colin. *New Deals. Business, labor, and politics in America, 1920-1935*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994
- GRABAN, Marcin. *The Labor Issue in the USA in the First Half of the 20th Century. The Contribution of the Catholic Church to Its Solution*. *Annales. Ethics in Economic Life*, Poznan, v. 20, n. 7, p. 131-48, 2017.
- GROSS, James. *The making of the National Labor Relations Board. A study in economics, politics and the law*. Albany: State University of New York Press, 1974
- GRUBER, Jacob W. *A Conscience in Conflict: The Life of St. George Jackson Mivart*, New York: Columbia University Press for Temple University, 1960, p. 60–92.
- HARDMAN, Francisco. *Trem Fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HENESSEY, James. *American Catholics: A History of the Roman Catholic Community in the United States*. Oxford University Press, 1983.
- HERSHEY, Marjorie. *Party Politics in America*, Upper Saddle River: Pearson Education, 2013.

HOBBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991. SP: Cia. Das Letras, 1995

IGREJA CATÓLICA. Documentos de Leão XIII (1878-1903). São Paulo: Paulus, 2005.

JACKSON, Ben. Social Democracy. In: FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman; STEARS, Marc (Org.). The Oxford Handbook of Political Ideologies. Oxford: OUP Oxford, 2015.

JANIEWSKI, Dolores. From Labor Rights to the Right to Work: Constituting and Resisting Social Citizenship, 1932–1953, *Journal of Policy History*, v. 34, n. 3, p. 371-402, 2022.

KAUFMAN, Bruce. WAGE THEORY, NEW DEAL LABOR POLICY, AND THE GREAT DEPRESSION: WERE GOVERNMENT AND UNIONS TO BLAME?, *ILR Review*, v. 65, n. 3, p. 501-532, 2012

KEMP, Joseph. Vote CIO and get a Soviet America. Nova York: Constitutional Educational League, Inc., 1944.

KENNEDY, David. M. What the New Deal Did. *Political Science Quarterly*, v.124, p. 251-268, 2009.

KENNEDY, David. Freedom from Fear: The American People in Depression and War, 1929–1945. Oxford University Press, 1999.

KOERNER, Andrei. O reino social de Cristo e a constituição orgânica da nação: das encíclicas de Leão XIII ao pensamento católico brasileiro do início dos anos trinta, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 71, p.489-510, 2020.

KICKERBOCKER, Brad. "Anti-Immigrant Sentiments Fuel Ku Klux Klan Resurgence". *The Christian Science Monitor*, 2007.

LEWICKI, Z. Historia cywilizacji amerykańskiej. Era konsolidacji 1861–1945. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe Scholar, 2012.

LIMONCIC, Flávio. Os inventores do New Deal: Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930. Rio de Janeiro: mimeo, 2003. (Tese de Doutorado)

LORANT, John H., Technological Change in American Manufacturing During the 1920's, *The Journal of Economic History*, v.27, n.2, p. 243-246, 1967

KOLAKOWSKI, Leszek. Religion, If There is No God ... on God, the Devil, Sin and Other Worries of the So-called Philosophy of Religion. Oxford: Oxford University Press, 1982.

LOUIS, Paul: Histoire du Socialisme en France (1789-1945), Paris, Marcel Riviere, 1946, (4ªed.).

LUCA, Tania. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

- MAYEUR, J. M. Des Partis catholiques á la démocratie chrétienne - XIXe - XXe siècles. Paris: Armand Colin, 1980
- MARJOLIN, Robert: L'Évolution du Syndicalisme aux États-Unis, Paris, Librairie Felix Alcan, 1936.
- MILLS, Wright: A Elite do Poder, Rio, Zahar, 1962.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MOURA, Carlos André Silva de. Histórias Cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica. Lisboa: ICS, 2019
- McCartin, Joseph A. The Struggle for Industrial Democracy and the Origins of Modern American Labor Relations, 1912–1921. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1997.
- MCGREEVY, John. Catholicism and American Freedom: A History. W. W. Norton & Company, 2004.
- MCGERR, Michael. **A Fierce Discontent:** The Rise and Fall of the Progressive Movement in America, 1870-1920, New York: Free Press, 2003.
- OHANIAN, Lee. What—or Who—Started the Great Depression? Journal of Economic Theory, v. 144, n. 6, p. 2310-35, 2009.
- PASETTI, M. L'Europa Corporativa — una storia transnazionale tra le due guerre mondiali. Bologna: Bononia University Press, 2016
- PAVUK, Alexander. Evolution and Voices of Progressive Catholicism in the Age of the Scopes Trial, Religion and American Culture: A Journal of Interpretation, Winter, v. 26, n. 1, p. 101-137, 2016.
- PASTORINI, Alejandra. A categoria “questão social” em debate.” São Paulo: Cortez, 2004.
- PERLMAN, Selig: A Theory of the Labor Movement, Nova York, August M. Kelley, 1949 (1ª ed.: 1928).
- PESAVENTO, Sandra. Exposições Universais: Espetáculos da modernidade no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.
- PETERSON, Florence: Sindicatos Operários Norte-Americanos, Rio, Agir, 1953.
- PIEHL, M. Breaking Bread: The Catholic Worker and the Origin of Catholic Radicalism in America. Philadelphia, PA: Temple University Press, 1982.
- POSTEL, Charles. **The Populist Vision.** New York: Oxford University Press, 2007.
- PLOTKE, David. Building a Democratic Political Order: Reshaping American Liberalism in the 1930s and 1940s. New York: Cambridge University Press, 1996
- ROBERTS, N. Dorothy Day and the Catholic Worker. Albany: State University of New York Press, 1984.

- RODRIGUES, L. Trabalhadores, sindicatos e industrialização [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009
- STARR, Martha. Consumption, Work Hours, and Values in the Writings of John A. Ryan: Is it Possible to Return to the Road Not Taken? *Review of Social Economy*, Washington, DC, v. 66, n. 1, p. 7-24, 2008.
- STEINFELS, Peter. Introdução. In: *The Editors of commonweal magazine, Commonweal Confronts the Century: Liberal Convictions, Catholic Tradition*, New York: Touchstone, 1999.
- SCHLERETH, Thomas. Columbia, Columbus and Columbianism. *The Journal of American History*, v. 79, n. 3, 1992.
- SCOTT, James: *Los dominados y el arte de la resistencia*, Tafalla, Txalaparta, 2003
- TAYLOR, F. *Princípios da Administração Científica*. São Paulo: Atlas, 2012
- TEBBEL, John and ZUCKERMAN, Mary Ellen. *The Magazine in America, 1741–1991*, New York: Oxford University Press, 1991
- TOMLINS, Christopher. *The state and the unions. Labor relations, law, and the organized labor movement in America, 1880-1960*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- TRACHTENBERG, Alan. *The incorporation of America: culture and society in the Gilded Age*. New York: Hill and Wang, 1997.
- TRUMAN, Tom. *Catholic Action and Politics*, London: The Merlin Press, 1960.
- VIEIRA, R. M. & HIDAKA, R. K. *Formação de quadros intelectuais orgânicos na psicologia industrial nos EUA do início do século XX: Aspectos políticos, econômicos e ideológicos*, HOLOS, v.1, 2019.
- VIDAL, Camila. Políticas extremadas: polarização partidária e questões sociais nos Estados Unidos (1936-2012), *Revista Sociologia Política*, v. 26, n. 65, p. 81-104, 2018
- WHITE, Joseph. *The American Catholic Historical Association: A Centennial Appreciation, 1919–2019*. Catholic Historical Review, Washington, 2019
- WOODS, Thomas F. Jr. *The Church Confronts Modernity*, New York: Columbia University Press, 2004.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br